

**Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Mestrado em Antropologia Social**

***Enviado especial à ...: uma análise antropológica da cobertura da
imprensa brasileira das guerras na ex-Iugoslávia (anos 90)***

Andréa Carolina Schwartz Peres

Orientador: Prof. Dr. Omar Ribeiro Thomaz

**Campinas
2005**

ANDRÉA CAROLINA SCHVARTZ PERES

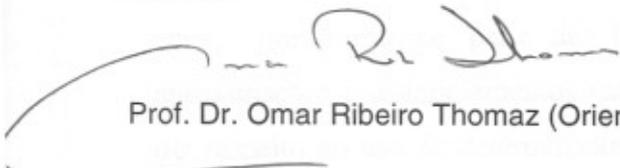
UNIDADE	
Nº CHAMADA	
EX	
TOMBO	
PROJ.	
RECIBO	
DATA	
Nº CRD	

**ENVIADO ESPECIAL À...: UMA ANÁLISE ANTROPOLÓGICA DA
COBERTURA DA IMPRENSA BRASILEIRA DAS GUERRAS NA EX-
IUGOSLÁVIA (ANOS 90)**

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Departamento de Antropologia do
Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Estadual de
Campinas sob a orientação do Prof.
Dr. Omar Ribeiro Thomaz

Este exemplar corresponde à
redação final da Dissertação
defendida e aprovada pela
Comissão Julgadora em
03/05/2005

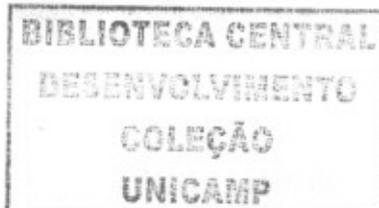
BANCA


Prof. Dr. Omar Ribeiro Thomaz (Orientador)

Rita de Cássia Lahoz Morelli
Profa. Dra. Rita de Cássia Lahoz Morelli

Heloísa Buarque de Almeida
Profa. Dra. Heloísa Buarque de Almeida

Maio/2005



FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

Peres, Andréa Carolina Schwartz

P415e Enviado especial à...: uma análise antropológica da cobertura da imprensa brasileira das guerras na ex-Iugoslávia (anos 90) / Andréa Carolina Schwartz Peres. - - Campinas, SP: [s.n.], 2005.

Orientador: Omar Ribeiro Thomaz.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Imprensa. 2. Iugoslávia, Guerra da, 1991-1995. 3. Kosovo, (Sérvia) - História - Guerra. 4. Jornais brasileiros. I. Thomaz, Omar Ribeiro II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

(Sfm/ifch)

Palavras-chave em inglês (Keywords): The press.
Yugoslavia, War of, 1991-1995.
Kosovo (Serbia) - History - War.
Brazilian periodicals.

Área de concentração: Cultura e poder.

Titulação: Mestre em Antropologia Social.

Banca examinadora: Omar Ribeiro Thomaz
Rita de Cássia Lahoz Morelli
Heloisa Buarque de Almeida

Data da defesa: 03 de maio de 2005

RESUMO

A desagregação da antiga República Federativa da Iugoslávia e as quatro guerras que então se sucederam – as guerras na Eslovênia, na Croácia, na Bósnia-Herzegóvina e no Kosovo – foram objeto da mídia em todo o mundo, inclusive no Brasil.

Nesta dissertação, analiso a cobertura dessas guerras pela imprensa escrita brasileira, particularmente a realizada pelos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, tendo em vista algumas hipóteses iniciais de pesquisa: (a) há uma mudança significativa na abordagem dos conflitos do período da guerra fria para o período seguinte, pós-guerra fria, que abandona progressivamente um vocabulário predominantemente “estratégico” por um crescentemente “culturalista”; (b) a imprensa passa a enfatizar supostas diferenças ontológicas entre as populações em conflito, afirma a existência de nós x eles, e aponta para uma crescente naturalização e apolitização dos conflitos; (c) a imprensa atualiza uma tradição discursiva de representação dos Bálcãs. Para tanto, procurei compreender o modo como funcionam os jornais, como se dá a produção da notícia e como trabalham os jornalistas, particularmente, os enviados especiais brasileiros que foram à ex-Iugoslávia fazer a cobertura.

Ao longo da pesquisa, constatei a existência de um discurso sobre as guerras na ex-Iugoslávia recorrente na imprensa. Uma etnografia da imprensa – a leitura sistemática dos principais jornais, a compreensão da dinâmica do jornalismo internacional, a realização de entrevistas com os enviados especiais às diferentes guerras na ex-Iugoslávia – acabou não apenas por confirmar parte das hipóteses esboçadas como demonstrar uma série de aproximações e distanciamentos entre o jornalismo e a própria antropologia, quer no que diz respeito ao uso de determinados conceitos, quer, sobretudo, na forma como imprensa acaba por reproduzir determinadas categorias constitutivas da alteridade.

ABSTRACT

The disruption of the former Federal Republic of Yugoslavia and the four following wars in Slovenia, Croatia, Bosnia-Herzegovina, and Kosovo, were on the news worldwide including Brazil.

In this dissertation, the written press coverage of these wars in Brazil is analyzed, particularly the coverage by the *Folha de S. Paulo* and *O Estado de S. Paulo* newspapers, based on some initial hypotheses: (a) there is a significant change on the approaches of these conflicts from cold war period to the next period, post-cold war, which abandons progressively a strategic vocabulary, for an increasing culturalistic one; (b) the press starts to emphasize supposed ontological differences among the populations in the conflicts, ratifies an existence of an *We versus Them*, and indicates an increasing naturalization and apoliticization of the conflicts; (c) the press updates a discursive tradition of representation of the Balkans. For that, I tried to understand the way the written press works, how the news are produced and how the journalists operate, particularly, the Brazilian correspondents that visited the former Yugoslavia to cover the war.

Throughout the research, I noticed the existence of a recurring rhetoric in the press about this wars. An ethnography of the written press – a systematic reading of the main local newspapers, an understanding of the international journalism dynamics, and the interviewing of Brazilian correspondents sent to these different wars – not only ended up confirming part of the hypothesis presented before, but also demonstrating similarities and differences between the journalism and the anthropology itself, some of them related to the use of certain concepts, and others, moreover, related to the way the press reproduces certain categories of alterity.

Dedico este trabalho à Clarita Schwartz,
minha mãe

AGRADECIMENTOS

A todos aqueles que possibilitaram a realização da pesquisa, em especial à minha família, pelo apoio e incentivo.

Ao pessoal do Arquivo do Estado, especialmente ao Anderson, à Débora e à Maria Rita.

Aos jornalistas Paulo Nogueira, Marcos Guterman, Mário Magalhães e João Carlos Assumpção.

Aos nossos enviados especiais à ex-Iugoslávia, com os quais pude conversar longamente e fui extremamente bem recebida: William Waack, Leão Serva, Marcelo Spina, Fernando Costa Netto, André Fontenelle, Rogério Simões, Rebeca Kritsch, Kennedy Alencar e Sylvia Colombo.

Ao Sr. Armando Tridapalli, que fez a digitalização do microfilme e design gráfico final do cd-rom e concebeu a indexação dos arquivos.

Ao meu pai, José Peres, pela atenção sincera, na reta final, e ao meu irmão, Marco Peres, pela ajuda e inspiração, em vários momentos.

À Maria Fátima dos Santos, pelos conselhos biblioteconômicos.

À Eni, à Fernanda, à Kristina, à Maria do Carmo, à Ayumi, pelos cuidados.

Ao Daniel, pelo carinho e companhia.

A toda a turma do mestrado em Antropologia Social da Unicamp e àqueles do doutorado em Ciências Sociais que eu tive a oportunidade de conhecer e trabalhar junto; em especial à Nashieli, pelo apoio durante a pesquisa, e ao Gábor, pela revisão e conselhos finais.

Às professoras Rita Morelli e Heloisa Buarque de Almeida, que fizeram parte de minha banca de qualificação. Suas arguições clarearam o caminho que faltava para conclusão desta dissertação.

E, em especial, ao professor Omar, que me orientou nesta dissertação e que vem me orientando desde 1999.

Agradeço ainda à Capes, pela bolsa concedida, e à Unicamp e ao Departamento de Antropologia do IFCH, pela oportunidade e acolhimento.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	3
Preâmbulo.....	3
Apresentação	4
Universo da pesquisa.....	5
Notas metodológicas	7
Justificativa.....	11
PARTE 1. NOTAS SOBRE JORNALISMO INTERNACIONAL	13
CAPÍTULO 1. História da imprensa de guerra.....	15
CAPÍTULO 2. Notas sobre imprensa e jornalismo internacional no Brasil.....	31
Paisagens jornalísticas	34
Como o noticiário é feito.....	44
A Iugoslávia e a imprensa	53
PARTE 2. COBERTURA DA IMPRENSA E AS GUERRAS NA EX-IUGOSLÁVIA	57
PRÓLOGO. Para uma história da região	59
CAPÍTULO 3. Década de 80	73
Na Iugoslávia.....	78
CAPÍTULO 4. Década de 90 – as guerras	87
Croácia e Eslovênia.....	87
Bósnia-Herzegóvina	102
Kosovo.....	133
PARTE 3. A PROPÓSITO DE FECHAMENTO.....	167
CAPÍTULO 5. A guerra em imagens: fotografias	169
CAPÍTULO 6. Os sérvios na cobertura	177
CAPÍTULO 7. Enviado especial à...: o jornalista como autor.....	195
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	233
BIBLIOGRAFIA.....	237
ARTIGOS CITADOS	245
FILMES CITADOS	267
JORNAIS PESQUISADOS	269
ANEXOS.....	273
1. Cd-rom.....	273
2. Abreviações utilizadas.....	275
3. Mapas	277

INTRODUÇÃO

Preâmbulo

“Assim que o sangue respingou, os ódios acumulados em séculos tomaram impulso. A ONU pode fazer longos comentários sobre quão inadmissível é a mudança de fronteiras pela violência, mas nenhum povo balcânico jamais as viu mudar de outro modo” (Henry Kissinger, 1992).

“A Bósnia era um país pequeno, multiétnico. Seu povo defendia o direito de viver junto, da mesma forma civilizada que viveu durante séculos. Sempre houve casamentos interétnicos lá. Se fossem dividir a Bósnia e a Herzegovina em regiões étnicas, a linha divisória passaria dentro dos quartos de dormir” (Ejup Ganic, 1993).

“De um militar do Quênia trabalhando para a ONU na Bósnia, sobre as manifestações de racismo de sérvios contra ele: ‘Não sei por que os sérvios não gostam dos negros. Eles são os negros do mundo, hoje. São odiados pelo mundo todo’” (Leão Serva, 1993).

“Num outro front (...) Acompanhado por guia militar, caminha-se em silêncio 50 metros por uma trincheira estreita (...). Esse caminho frio, úmido e tenso leva até várias guaritas subterrâneas. (...) Numa delas encontrei o soldado Jasmin, 37 anos (...). Ele contou que do outro lado, alguns de seus inimigos mortais são ex-amigos de Sarajevo, de sair, beber e se divertir. Nesses dias difíceis eles já não se vêem, mas aos gritos, ainda conversam sobre suas famílias, sobre a vida. (...) Estão separados pela guerra e apostam quem vai morrer primeiro” (Fernando Costa Netto, 1994).

“Ao visitar Belgrado no ano passado, perguntei aos meus anfitriões, todos eles intelectuais antibelicistas, se os Estados Unidos poderiam fazer alguma coisa para melhorar a situação na Bósnia. Responderam-me que não havia nenhum grande problema geopolítico a ser resolvido, que se tratava de um bando de gangues bem armadas e lideradas por chefes sanguinários. Cada uma dessas gangues age por si só, tem seus próprios fornecedores de

armas baratas e ultramodernas. Formam alianças frágeis entre si, ditadas sempre por necessidades passageiras. Nenhuma visa a algo além de pilhagens e estupros para seus soldados e contas bancárias na Suíça para os chefes. Identidade étnica e ideologia têm pouco lugar, a não ser para fins de recrutamento” (Richard Rorty, 1996).

“Neste conflito, não estamos lutando por territórios, mas por valores. Por um novo internacionalismo no qual a brutal repressão de grupos étnicos inteiros não mais seja tolerada. Por um mundo onde os responsáveis por esses crimes não tenham onde se esconder” (Tony Blair, 1999).

“Pobre Kosovo, essa província de beleza incomparável, de campos de papoulas vermelhas, florestas de vegetação abundante e fortalezas medievais no topo de montanhas majestosas, transformou-se num território arrasado pela guerra. Kosovo virou campo de batalha, um lugar onde a separação entre a vida civil e a militar foi apagada, primeiro pelas tropas sérvias e depois pelas bombas da Otan” (Elaine Lafferty, 1999).

“Descobrir como as coisas aconteceram não é o mesmo que descobrir porque elas aconteceram” (*A normal life*, depoimento de Linda Gusia, 2002).

Apresentação

O território da antiga República Federativa Socialista da Iugoslávia, de 1945 a 1991, era formado por seis repúblicas (Sérvia, Montenegro, Bósnia-Herzegóvina, Macedônia, Croácia e Eslovênia) e duas províncias autônomas (Kosovo e Voivodina, pertencentes à Sérvia), região que compreende os territórios atuais da Sérvia e Montenegro, Kosovo, Voivodina, Bósnia-Herzegóvina, Macedônia, Croácia e Eslovênia.

Testemunhamos na década de noventa do século XX, quatro guerras neste território, que levaram a desagregação da Iugoslávia. Em 1991, a guerra estourou na Eslovênia e na Croácia e, em 1992, na Bósnia-Herzegóvina. Na Croácia, apesar da guerra ter acabado em 1992, sua conformação territorial final só se resolveu em 1995, ano em que o acordo de Dayton pôs fim também à guerra na Bósnia. Por último, em 1998, confrontos entre milícias sérvias e o Exército de Libertação do Kosovo ganham repercussão internacional, a Otan

(Organização do Tratado do Atlântico Norte) intervém em 1999, com bombardeios, para pôr fim ao conflito, constituindo assim a guerra no Kosovo.

Embora a secessão da Macedônia não tenha sido marcada por um conflito de tipo bélico, ocorreram alguns enfrentamentos entre macedônios e a significativa minoria albanesa existente no território (que surgiram uma e outra vez na imprensa).

Tais conflitos foram exaustivamente divulgados pela mídia, tanto no mundo, como no Brasil. Rádio, televisão, jornais, revistas, internet (na guerra do Kosovo) cobriram dia-a-dia o desenrolar dessas guerras e transmitiram aos seus leitores, ouvintes e espectadores, muitas vezes em primeira mão, uma idéia do que estava acontecendo. Imagens das guerras fundiam-se a depoimentos diversos, a opiniões de jornalistas, de especialistas e de intelectuais, e a transmissão dos últimos acontecimentos ou negociações políticas internacionais acerca dos conflitos. Mas podemos afirmar e esperamos demonstrar que, apesar desta “avalanche” de informações, as explicações do que estava acontecendo resvalavam freqüentemente para um senso comum e para um conjunto de interpretações que, dificilmente, podiam traduzir o que se sucedia.

Universo da pesquisa

Centrando-me na imprensa escrita, particularmente nos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*¹, tenho como proposta analisar como foi essa cobertura e que idéia do que acontecia lá foi para nós transmitida. Não pretendo, portanto, encontrar uma resposta definitiva para “as guerras na ex-Iugoslávia”, nem creio que isso seja possível, menos ainda, a partir de uma imprensa distante desses territórios².

¹ A escolha dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* se deu por simples razões: são dois dos maiores e mais importantes jornais do Brasil, pude acompanhar mais de perto e tive maior facilidade de acesso às edições anteriores. Além disso, no que tange à imprensa brasileira, o noticiário internacional não ultrapassa muito o colocado por estes dois jornais. Cf. KUCINSKI, 1998; LEITURAS..., 2000; MOREIRA, 1996.

² Sem ter realizado um trabalho comparativo com a imprensa de outros países, embora tenha recorrido a sua leitura muitas vezes, não é impecioso supor que a imprensa de países como a França, a Alemanha, a Grã-Bretanha, a Itália, ou os Estados Unidos, tenha sido mais sofisticada no tratamento dado às guerras na ex-Iugoslávia. E por vários motivos, entre os quais destacamos uma maior tradição da formação de jornalistas especializados em conflitos ou em territórios específicos, a existência de uma maior disponibilidade de material para a formação quer do jornalista, quer de um público leitor, e um marco institucional situado, formado por “especialistas” nos Bálcãs ou no que se denominou de “Europa Oriental”. A proximidade dos países europeus citados com a zona do conflito e a lembrança de guerras anteriores que tiveram lugar na Europa certamente muda a sensibilidade daquele que se refere à guerra. Destacamos ainda a singularidade que pode ter o que foi produzido pelos meios de comunicação de países limítrofes, ou daqueles que, como a Rússia ou a Turquia, reivindicam relações históricas com distintas regiões e populações da antiga Iugoslávia.

Meu conhecimento sobre a ex-Iugoslávia é resultado de um universo de leituras que não se reduz apenas à imprensa, mas a uma certa bibliografia especializada (particularmente em inglês e francês), entre livros e artigos, à qual tive acesso nos últimos anos. Foram tais leituras que me possibilitaram elaborar as hipóteses desta dissertação e que me possibilitam afirmar que predominam, ainda hoje, duas grandes linhas discursivas sobre as guerras na ex-Iugoslávia. Uma que justifica tais guerras a partir de uma *cultura* específica destes povos e particular destes territórios – tal *cultura* teria sido abafada temporariamente pelo regime socialista (o qual, ironicamente, com essa asserção, é duplamente negado, já que, além de ter criado “artificialmente” países, não teria deixado legado algum³). Outra que, olhando para o conflito como algo extrínseco e não meramente intrínseco aos povos e ao território em questão, busca respostas nos processos históricos e na política, rebatendo assim, o suposto estereótipo utilizado para explicá-lo.

A primeira destas justificativas para o conflito esbarra em uma noção de cultura criticada pela antropologia, pois essencialista e naturalista. Tal noção não atenta para a dinâmica própria às culturas e não atenta para os processos históricos. Pretendo mostrar aqui que foi em torno desta noção particular de cultura que se constituiu o discurso hegemônico sobre as guerras na ex-Iugoslávia.

Deste modo, o que proponho fazer é uma etnografia de textos, um tipo em particular, os produzidos e veiculados pela imprensa brasileira. Meio que, apesar de estranho à antropologia, não deixa de, por momentos, aproximar-se dela de modo paradigmático, na medida em que pretende, através de seu *enviado especial*, reivindicar um *ter estado ali*, que a qualificaria para descrever e explicar um determinado povo, ou um determinado evento; e na medida em que termos de uso freqüente nas ciências sociais, como “cultura”, “história”, “religião”, “etnia”, são constantemente mobilizados pela imprensa para dotar de inteligibilidade tais situações e, ao meu ver, de legitimidade as análises jornalísticas.

Neste sentido, cabe pensarmos ainda a relação entre os campos de atuação jornalístico e o acadêmico/científico (as ciências humanas, especificamente). E creio que um diálogo fecundo entre as ciências sociais e históricas e outros campos de conhecimento

³ Como veremos na parte 2 desta dissertação, muitos dos artigos sobre os conflitos que saíram na imprensa afirmavam que as nações constituintes da ex-Iugoslávia tiveram suas essências “congeladas” durante os 50 anos que durou o regime socialista, ou melhor, durante os 40 anos em que Tito governara a República Federativa Socialista Iugoslava.

é imprescindível para a análise da cobertura, para a análise dos conflitos e para a análise das próprias fronteiras entre as diversas áreas do conhecimento.

Notas metodológicas

Tendo em vista a cobertura realizada pelos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo* das guerras que ocorreram no território da antiga Iugoslávia⁴, elaborei algumas hipóteses iniciais de pesquisa, hipóteses estas que me levaram a delimitar as décadas de 80 e 90 do século XX, o período de tempo por mim pesquisado⁵.

Primeira hipótese. Teria ocorrido uma mudança de abordagem dos conflitos do período da guerra fria para o período seguinte, pós-guerra fria. No primeiro momento, teríamos o uso de uma terminologia mais estrategista, em contrapartida a um vocabulário mais culturalista, no segundo momento. Deste modo, as guerras na ex-Iugoslávia, de início, marcariam bem esta transição, se consolidando, com o tempo, sob parâmetros étnicos-culturais apenas. (Cabe sublinhar que “estratégia” pressupõe política, deste modo, durante a guerra fria, os conflitos teriam sido estratégicos e políticos porque o que estava em questão era o “equilíbrio” político e militar entre as duas grandes potências, Estados Unidos e União Soviética).

Segunda hipótese. A partir da constatação de que existe uma diferença quase ontológica entre um *nós* aqui e um *eles* lá que a mídia (mas não só) corroboraria continuamente, podemos observar que tal diferença é construída a partir de noções e conceitos de cunho fortemente antropológico, utilizados de modo engajado, pois atrelados a um universo simbólico/categorico de representação dos povos em questão (diferentemente, portanto, da antropologia, ou das ciências sociais, que, justamente, visa desconstruir categorias,

⁴ Considero o território da “antiga Iugoslávia”, o território referente à República Federativa Socialista da Iugoslávia, fundada pelo Marechal Josip Broz Tito em 1945 e formada pelas seis repúblicas (Sérvia, Montenegro, Croácia, Bósnia-Herzegóvina, Macedônia e Eslovênia) e pelas duas províncias sérvias (Kosovo e Voivodina). Vou me referir a este território, muitas vezes, apenas pelo termo “ex-Iugoslávia”. Cabe ainda lembrar que, em fevereiro de 2003, o nome oficial da federação formada pela Sérvia, Montenegro, Voivodina e Kosovo, este, sob administração da Organização das Nações Unidas (ONU), passou de República Federativa da Iugoslávia, para união da Sérvia e Montenegro, estas com direito de votar a independência daí a três anos.

⁵ Quanto aos eventos posteriores ao fim da guerra do Kosovo, em 1999, estes não serão tratados aqui, apesar da importância de muitos deles, como a derrubada do presidente iugoslavo Slobodan Milosevic e seu encaminhamento ao Tribunal Penal Internacional em Haia, os confrontos entre albaneses e macedônios ocorridos em 2001 na Macedônia, e outros. Mesmo tendo acompanhado a cobertura até os dias de hoje, não pretendo nesta dissertação esgotar o assunto e acredito que o período de 1981 a 1999 foi suficiente para as questões que procurei desenvolver.

desnaturalizá-las). Deste modo, os *outros* (que estão *sempre* em guerra) são definidos a partir de sua pertença a uma “etnia”, “raça” ou “cultura”, de sua adscrição religiosa (*eles* são “fundamentalistas”, “fanáticos”), ou de seu lugar no *tempo* (*sempre* estiveram em conflito; são grupos que não podem *conviver*). Assim, tudo indica que a imprensa, mais do que descrever os fatos (a guerra, o conflito), acaba por naturalizá-los, despolitizando-os, e noções e conceitos altamente problemáticos, como os citados acima, ganham um caráter explicativo em si, cujo efeito é tranqüilizador: se *eles* são assim e sempre foram assim, não há nada a fazer.

Terceira hipótese. A forma como os artigos de imprensa utilizam as noções de “etnia”, “nação”, “religião”, “história” e “cultura” seria a reedição de uma já antiga tradição discursiva de representação dos Bálcãs.

Após a pesquisa exaustiva do que foi publicado sobre os Bálcãs nos últimos vinte anos nos dois jornais citados, tive dúvidas em muitos momentos quanto a essas hipóteses iniciais, que me orientaram. Contudo, acredito que elas, em grande medida, se confirmaram, ao mesmo tempo em que exigiram um trabalho muito mais cuidadoso e sofisticado do que o imaginado inicialmente.

O material é, certamente, muito diversificado e se confirmamos na imprensa tais hipóteses, muitas vezes e significativamente, podemos encontrar sua negação: saio deste trabalho muito mais humilde na relação estabelecida com a imprensa (e com os jornalistas) logo no início. Mantê-las, no entanto, exigiu um trabalho de organização e seleção do imenso material jornalístico, algo não muito diferente do que o antropólogo faz quando, ao chegar das atividades de pesquisa, se vê às voltas com o caderno de campo e com a necessidade de recortar e interpretar a realidade. Coube assim, fazer aqui uma revisão exaustiva das questões apontadas acima e, mais do que isso, apontar contradições, paradoxos e atentar para a pluralidade e heterogeneidade do material, que, a princípio, pensávamos ser mais homogêneo.

Quanto à condução da pesquisa, a primeira etapa foi em grande medida ocupada pela leitura dos jornais, sua análise e a elaboração do dossiê de imprensa⁶.

Na pesquisa em arquivo, houve uma metodologia de trabalho bem simples⁷. Enquanto duraram as guerras, li quase tudo que foi publicado pelos dois jornais, em outros momentos, me permiti não pesquisar algumas datas – a partir de bibliografia historiográfica, organizei uma cronologia baseada em “acontecimentos importantes” na ex-Iugoslávia (reuniões, manifestações, crise econômica, bombardeios, etc.) e, como a minha hipótese sobre o vocabulário da guerra fria era um tanto aleatória (não tendo como foco nenhum conflito específico), a minha pesquisa da década de 80 se deu de acordo com esta cronologia. Em relação aos períodos pós ou entre-guerras, períodos curtos mas sem muita notícia sobre a ex-Iugoslávia, constatei que não havia necessidade de ler os dois jornais, deste modo, ou intercalava momentos lendo um com momentos lendo outro, ou, como o *Estadão*⁸ possuía um caderno de internacional maior que o da *Folha*, muitas vezes me deixava guiar por ele. Deste modo, quando saía algo sobre a ex-Iugoslávia no *Estadão*, eu pesquisava também a *Folha*, ou vice-versa, e freqüentemente dava certo: olhava um pouco antes e um pouco depois da data que saiu a matéria em um dos jornais e via que coincidia com a pauta do outro. No final da pesquisa, acabei lendo um pouco mais o *Estadão*: sem contar alguns jornais pesquisados na internet, principalmente da *Folha de S. Paulo*, foram 4380 dias de jornais pesquisados, 2106 dias de jornais da *Folha*, e 2274 dias de jornais do *Estadão*. Em alguns momentos, houve falha no arquivo, ou seja, durante um período de tempo não havia um dos dois jornais no arquivo, nestes casos, optei pelo jornal que lá havia. Dei sorte, se esta falha ocorresse em momentos “quentes” das minhas guerras, talvez tivesse trocado de arquivo por um tempo.

Este modo de pesquisar, exaustivo, me possibilitou, contudo, vislumbrar alguns dados que, caso contrário, continuariam como suposição, por exemplo, sobre a guerra na

⁶ O dossiê de imprensa está anexo em suporte cd-rom e é formado por três arquivos em PDF: um de artigos, outro de fotografias, outro de charges, que foram publicados pelos dois jornais analisados (exceto a charge 22, publicada pela revista *Veja*). Para maiores informações sobre como foi feito o cd-rom, ver Anexo 1, no final desta dissertação.

⁷ A pesquisa foi toda realizada no Arquivo do Estado (São Paulo, SP). Pude encontrar neste arquivo um acervo quase completo da *Folha de S. Paulo* e d'*O Estado de S. Paulo* (pelo menos do período que me interessava), relativamente bem conservado, e com possibilidade de acesso ao jornal inteiro, pois como não havia nenhum banco de dados que possibilitasse a pesquisa por assunto, cada jornal foi por inteiro folheado. A relação dos dias de jornais pesquisados encontra-se no final da dissertação, no tópico “Jornais pesquisados”.

⁸ Me referirei muitas vezes à *Folha de S. Paulo*, por *Folha*, e ao *O Estado de S. Paulo*, por *Estadão*. Apesar d'*O Estado de S. Paulo* auto referir-se por *Estado*, simplesmente, opto por denominá-lo *Estadão* como forma de diferenciá-lo da palavra Estado, muito utilizada na dissertação; além disso, a denominação *Estadão* é ainda muito utilizada para designá-lo.

Bósnia, era comum ouvirmos que Susan Sontag escrevera bastante sobre a guerra na Bósnia, sim, ela pode até ter escrito bastante, mas aqui, muito pouco saiu nos jornais. Ou sobre o jornalista Leão Serva, que foi para a Bósnia e, inclusive, escreveu um livro sobre Sarajevo, sim, mas ele não passou nem uma semana na cidade. Inúmeros exemplos neste sentido poderiam ser citados.

Paralelamente à pesquisa de campo, levamos a cabo a leitura de bibliografia específica. Trabalho este que, pela sua complexidade de vieses de análise, se mostrou impossível de ser aqui exaurido; isto porque a pesquisa como um todo, a partir das hipóteses elencadas acima, apontava para várias frentes de análise, dentre elas: como alguns conceitos são pensados pela antropologia e utilizados pela imprensa; como se dá a constituição dos campos jornalísticos e antropológicos⁹ e a relação entre eles; como se dá metodologicamente a interface da antropologia com a história, a comunicação, o direito internacional, a semiologia, a epistemologia, a filosofia, etc.; por fim, como, na própria antropologia, os temas “etnicidade”, “identidade”, “nacionalismo”, “representação”, “mito”, “cultura”, “mídia”, dentre outros, são trabalhados. Deste modo, ao longo da dissertação, escolhas bibliográficas tiveram que ser feitas, e caminhos possíveis para a análise do material foram deixados de lado.

Por fim, como a proposta era pensar as representações mobilizadas pela imprensa jornalística na análise e descrição dos conflitos ocorridos na ex-Iugoslávia, tentei, primeiramente, ler os jornais de forma a menos corrompida possível. E pensar a mídia, ou melhor, a imprensa escrita, não como desinformante, distorcedora de fatos, manipuladora, quarto poder, mas como a produtora de algo, ela também a produtora de um conhecimento e a difusora de informações. Sabemos que a mídia participa ativamente de processos de desinformação ao fazer análises equivocadas, sabemos também que, em muitas situações, ainda hoje, ela é manipulada e manipuladora. Mesmo assim, e justamente por isso, tentei ler os jornais sem tomar partido. Minhas perguntas eram apenas: o que eles estão dizendo? E, neste sentido, que conhecimento de mundo eles estão produzindo?

O conseqüente posicionamento crítico foi possível quando realizado o mesmo caminho em direção ao que as ciências humanas, em especial, a antropologia e a história, já produziram sobre a região, tanto no que se refere à natureza dos conflitos, quanto às suas

⁹ Para o aprofundamento da noção de *campo*, ver Bourdieu (1994, 1996, 1998).

relações com o que podemos chamar de “questão nacional”, “identidade étnica” e “nacionalismo”, e quanto a um suposto modo “orientalista” de representação dos Bálcãs e dos povos balcânicos.

Assim, dividi esta dissertação em três partes. Na primeira parte, discorro sobre a imprensa, de modo geral; a subdividi em dois capítulos: o primeiro capítulo é uma introdução à imprensa de guerra, onde faço um pequeno histórico sobre as coberturas de guerra no mundo e no Brasil, e o segundo capítulo trato da imprensa brasileira e da imprensa mundial, especialmente, suas “paisagens jornalísticas” e os dois jornais que escolhi trabalhar, além de fazer um gancho com a cobertura das guerras na ex-Iugoslávia. A segunda parte é sobre a cobertura dos conflitos, onde faço também alguns apontamentos sobre a história e as guerras na ex-Iugoslávia. Ela está dividida em uma introdução, com foco mais historiográfico, e dois capítulos, um sobre a década de 80 e outro sobre as guerras na década de 90. A terceira parte reúne alguns itens da cobertura que dizem respeito às décadas de 80 e 90 e ao jornalismo de modo geral, por isso optei fazê-la à parte. Ela está dividida em três capítulos, o primeiro sobre as fotografias, o segundo, sobre a posição ocupada pelos sérvios na cobertura, e o terceiro, sobre os enviados especiais brasileiros. Acrescento ainda as considerações finais, onde pondero as minhas hipóteses face à análise da cobertura, e três anexos, o dossiê de imprensa, em formato cd-rom, mapas para orientar o leitor em relação a cidades e regiões citadas no decorrer da dissertação e as abreviações aqui utilizadas.

Justificativa

Cabe ainda justificar o porquê destes conflitos e não de outros. Justificativa esta que se confunde ao próprio tema da dissertação e a minha trajetória pessoal em direção a ele. A idéia deste tema nasceu de um grupo de discussão e acompanhamento dos acontecimentos no Kosovo e os bombardeios da Otan à ex-Iugoslávia, em 1999¹⁰, que então causaram a indignação de todos; tal como o ataque dos EUA ao Iraque, mais recentemente. Resolvi me aprofundar no assunto e ingressei no programa de mestrado em Antropologia Social da Unicamp, em 2002, com a intenção de realizar a tarefa que aqui proponho. O interessante é

que, no momento do meu ingresso no programa de mestrado, dois temas pipocavam no cenário internacional, os atentados do “11 de setembro” ao World Trade Center e ao Pentágono, nos Estados Unidos, e os ataques deste ao Afeganistão, com o propósito de depor o regime Taleban ali instalado. Diante desta conjuntura internacional, o meu tema de pesquisa foi por muitos, inclusive na entrevista de admissão ao programa, questionado. E ainda o é até hoje. E foi questionado da seguinte forma: por que não o Iraque? por que não o terrorismo internacional? por que não a questão palestina? por que não o Afeganistão? Ou seja, por que não algo mais atual!? Justificando-me... digamos que fui “vítima” da mesma situação que leva as pessoas a fazerem este tipo de pergunta, vítima da imprensa e dos temas “quentes” do dia. Interessei-me pela questão iugoslava naquele momento porque ela veio a mim através dos meios de comunicação e talvez também por isso, tenha chegado ao meio acadêmico.

Este episódio me mostrou, contudo, que a academia não está imune a este tipo de informação, não está e nem deveria estar, na medida em que busca se manter atualizada – por diversos meios, inclusive os de comunicação – e na medida em que se posiciona criticamente em relação às informações divulgadas pela imprensa, que é o que eu espero fazer aqui.

Convido a todos, então, a adentrarem nesse mundo. Um mundo que já passou, década de oitenta, década de noventa... tão próximas, mas já tão longe de nós, tão distantes de tudo. Assim como a Iugoslávia, que nem sequer existe mais.

¹⁰ Formado por alunos do curso de graduação em Ciências Sociais da Universidade de São Paulo (USP), sob coordenação do Dr. Omar Ribeiro Thomaz, professor, pesquisador do Cebrap e orientador desta dissertação.

PARTE 1. NOTAS SOBRE JORNALISMO INTERNACIONAL

CAPÍTULO 1. História da imprensa de guerra

Considero importante este pequeno capítulo sobre a história da imprensa de guerra por um único motivo, tal história nos diz muito sobre a própria história da imprensa e como esta se configurou nos moldes que a conhecemos hoje.

Tratarei esta questão a partir de um tópico principal, referente à censura, e muito do que direi aqui é baseado no livro de Phillip Knightley, “A primeira vítima: o correspondente de guerra como herói, propagandista e fabricante de mitos, da Criméia ao Vietnã” (1978), e em outros dois, mais recentes e voltados ao foto-jornalismo, o de John Taylor, “Body Horror” (1998), e o de Susan Sontag, “Diante da dor dos outros” (2003).

Cabe salientar, contudo, um aspecto um tanto problemático desta bibliografia por mim utilizada. Ela é europeia e norte-americana, caracteriza portanto uma imprensa que não é a brasileira. No entanto, de algum modo, como veremos no capítulo seguinte, tomamos de empréstimo esta história, ao basearmos nossa cobertura de guerra principalmente nos despachos das agências internacionais de notícias e grande imprensa internacional. Neste sentido, se ela não nos diz respeito diretamente, ela chega a nós desta maneira.

Phillip Knightley considera William Howard Russel, do jornal britânico *The Times*, o primeiro correspondente de guerra. Não que não tenham existido outros correspondentes, durante muito tempo eram os próprios soldados que enviavam as notícias da guerra, mas foi a cobertura de Russel, da Guerra da Criméia (1854-1856), que “assinalou o início de um esforço organizado para contar uma guerra à população civil da pátria empregando os serviços de um repórter civil” (1978, p. 8).

Russel não cobrira apenas a Guerra da Criméia, cobriu também, dentre outras, a Guerra Civil Norte-Americana, a Guerra Franco-Prussiana, a Comuna de Paris e a Guerra Zulu de 1879. Assinalando assim, tanto o esforço citado acima, apontado por Knightley, como caracterizando o ofício do “repórter de guerra”, ou seja, a “coleção” de coberturas de guerras e o prestígio que a acompanha. Mesmo não tendo estado em tantos lugares, o fato de ter *estado lá* dificilmente não é acompanhado por um certo orgulho do jornalista, como

veremos em relação aos nossos próprios, principalmente aqueles que cobriram de Sarajevo, a guerra na Bósnia¹¹.

Desde então, um vocabulário específico já caracterizaria a cobertura dos combates, constituindo o que Knightley chama de “clichês de guerra”. Assim, dos “garbosos britânicos” e “inimigos terríveis russos” sob uma “chuva de morte”, na época de Russel, chagamos aos nossos contemporâneos (mas nem tanto assim), “eixo do mal”, “terroristas”, “conflitos étnicos”, “ataques cirúrgicos”, “danos colaterais”, etc.. São termos que, por si só, quando não nos “explicam” a guerra e os acontecimentos, ao menos, nos possibilitam imaginá-los.

E os inimigos são deste modo definidos, não apenas pelos países em guerra, mas também pelos seus correspondentes de guerra. Isto pois, a neutralidade em relação às partes em conflito nunca foi muito bem-vinda quando eram os “nossos” soldados que lá lutavam (salvo algumas exceções, mais recentes, todavia). Por este motivo, na Guerra da Criméia já se esboçava uma “censura militar”, aplicada definitivamente a partir da Guerra contra os bôeres, nos últimos anos do século XIX. Tinha o intuito de fazer com que a cobertura jornalística, dentre outros motivos, não abaixasse o moral das tropas e nem fizesse com que a opinião pública do país envolvido se voltasse contra a guerra e contra o próprio país.

Pensando hoje em dia, mesmo sem uma censura oficial, muitos jornalistas americanos, acompanhando os seus batalhões de guerra no Iraque, em 2003, tiveram uma atitude pró-americana. Rogério Simões¹², por exemplo, cita o caso da recruta Jessica Lynch, supostamente seqüestrada e ferida pelos iraquianos, em abril de 2003, e resgatada heroicamente, por forças especiais norte-americanas, de um hospital em Nassiriah. A operação de resgate das forças especiais foi toda filmada e Jessica Lynch transformada em heroína nacional. Pouco tempo depois, descobriu-se que tudo não passara de uma grande encenação. Nas palavras de Simões:

¹¹ Em artigo recente da *Folha de S. Paulo* sobre a homenagem da Fundación Nuevo Periodismo Iberoamericano ao jornalista Clóvis Rossi – “repórter, correspondente internacional e colunista” – e seus 41 anos de carreira, o jornal afirma: “Clóvis Rossi, 61, tem 41 anos de profissão. Acompanhou o golpe de Estado no Chile (1973), a Revolução dos Cravos em Portugal (1974) e a redemocratização da Espanha (1977). Em 2001, ganhou o Prêmio Maria Moors Cabot, da Faculdade de Jornalismo da Universidade de Columbia (EUA). Em 2002, recebeu o Prêmio Ayrton Senna de jornalismo político” (CLÓVIS..., 2004, p. A6). Ou seja, dos 41 anos de carreira do jornalista, o jornal opta por apresentá-lo nas vezes em que ganhou prêmios, sendo reconhecido publicamente, e, principalmente, nas vezes em que *esteve lá*.

¹² Rogério Simões é jornalista e foi enviado especial da *Folha* à Croácia durante a guerra na Bósnia, em 1995. A citação a seguir é parte de entrevista concedida a mim por e-mail, em novembro de 2003.

o episódio da recruta Jessica Lynch, no Iraque, é emblemático: os americanos venderam seu resgate como um episódio heróico, o que depois foi comprovado ter sido um bom trabalho de marketing para elevar o moral das tropas americanas e da opinião pública nos Estados Unidos.

Diferentemente da Guerra do Vietnã, onde, se de início os americanos a apoiavam, a divulgação pela imprensa de corpos de soldados americanos mortos e de massacres abomináveis, em uma guerra que paulatinamente deixava de fazer sentido, invertera a opinião pública e abaixara o moral das tropas.

A imprensa, portanto, desde meados do século XIX, já era vista como uma espécie de “quarto poder”, como se costuma denominá-la, com influência significativa na opinião pública e na política do país: e daí a existência seja de uma censura militar oficial, seja de uma autocensura “patriótica” (mais condizente com regimes democráticos).

Na Guerra Civil Norte-Americana, cinco anos após a Guerra da Criméia, já era bem maior o número de correspondentes cobrindo a guerra¹³ e, no campo tecnológico, o telégrafo tomou o lugar da correspondência (que até então, viajava de navio), acelerando definitivamente a divulgação dos acontecimentos internacionais. O telégrafo, no entanto, pode ser comparado ao telefone ou computador nas guerras da ex-Iugoslávia: se, por um lado, ele facilitava o envio da notícia e aumentava a velocidade da transmissão, por outro, ele limitava especialmente o jornalista, que tinha que se manter relativamente próximo à máquina para poder fazer a transmissão enquanto a notícia ainda estivesse “quente” (ou seja, enquanto ela ainda fosse novidade)¹⁴.

O telégrafo favoreceu também, um novo estilo de relato jornalístico, segundo Knightley, mais incisivo e com o máximo de fatos reunidos, e inaugurou neste momento as perguntas respondidas no lide¹⁵, “quem, o que, como, onde, quando, porque”.

Outra questão bem freqüente nos meios jornalísticos, já neste período, é a do furo jornalístico, ou seja, do acontecimento ou informação importante coberto por um único veículo de comunicação. Porém, segundo vários dos jornalistas que eu conversei, aqui no

¹³ Natali (2004) afirma que foram 150 os correspondentes na Guerra Civil Norte-Americana, Knightley (1978) afirma que foram 500.

¹⁴ Hoje, os jornalistas têm a disposição o telefone satelital, caso os telefones celulares não “peguem” nos lugares de conflito, e o videofone, solucionando assim o problema da localização do correspondente durante a cobertura.

¹⁵ Segundo o Manual Geral da Redação, da *Folha*, lide é o “Aportuguesamento da palavra inglesa ‘lead’, que em jornalismo significa o início de qualquer texto. Há dois tipos básicos de lide: o noticioso, onde devem ser respondidas as questões básicas de qualquer fato (quem, o que, quando, onde, como e por que) e que não deve exceder seis linhas, e o não factual, onde o mais importante é conduzir à leitura de todo o texto” (1987, p. 155). Em um Manual (2001) mais recente do jornal, a definição de “lide” não difere muito desta, embora seja menos rigorosa em relação às “questões básicas” que *devem* ser respondidas.

Brasil este não é tão fundamental no noticiário internacional, pois não é praticamente possível – a notícia vem de fora e serve igualmente aos vários jornais brasileiros. Hoje em dia mais ainda, dada a existência de meios de comunicação bem mais rápidos do que a imprensa escrita, na realidade, quase todos: televisão, rádio, internet...

No final do século XIX, ainda, ocorre um grande *boom* na imprensa, inclusive no Brasil, caracterizado pelo avanço tecnológico tanto para a impressão, como para a transmissão da informação. Paralelamente, reformas educacionais e o aumento no índice de alfabetização fazem com que aumente também o número de leitores de jornais e revistas.

Tal período foi denominado por Knightley de a “Idade do Ouro” para o jornalismo de guerra. Compreendido entre a Guerra Civil Norte-Americana e a Primeira Guerra Mundial, os conflitos que ocorreram neste momento não envolviam diretamente os Estados Unidos ou a Grã-Bretanha, assim, os correspondentes destes países, favorecidos pelo desenvolvimento tecnológico e pela tranquilidade política em seus países, iam atrás dos conflitos com “sede de combate e aventura [e poucos pareciam preocupados em] defender a verdade e a compaixão” (KNIGHTLEY, 1978, p. 58-59), resumindo este período:

Para os leitores em Londres e Nova York, batalhas distantes, em lugares estranhos, devem ter parecido irreais, e o estilo da reportagem de guerra da Idade de Ouro – no qual os canhões chamejam, a artilharia troveja, a luta encarna-se, o general é bravo, os soldados valentes, e suas baionetas trabalham rápido contra o inimigo – só fazia aumentar a ilusão de que tudo era uma história emocionante de aventuras. Certamente, quando seu próprio país estava envolvido, como a Grã-Bretanha na África do Sul, a atitude do correspondente de guerra e de seus leitores era radicalmente diferente. Depois, os primeiros passos de propaganda interna, que deveria tornar-se uma arma tão poderosa na Primeira Guerra Mundial, e a histeria patriótica que varreu a Grã-Bretanha, tiveram uma forte influência sobre a reportagem de guerra (KNIGHTLEY, 1978, p. 81).

A Primeira Guerra Mundial, para Knightley, deveu então a sua continuidade, particularmente, a um rigoroso sistema de mentiras emparelhado à censura aos meios de comunicação. A propaganda de guerra foi pela primeira vez sistematizada, os correspondentes de guerra estavam nela envolvidos e os próprios donos de jornal, conforme a sua atuação, recebiam status e poder. Isto na Grã-Bretanha, especificamente. Mas a imprensa ali não diferia muito da imprensa nos demais países em guerra. Por exemplo, na França, os correspondentes foram proibidos de irem até o *front*, na Alemanha, instaurou-se *pools*¹⁶ oficiais de imprensa, na Rússia houve forte censura, etc.. Para citar um exemplo,

¹⁶ O *pool* de imprensa foi o meio encontrado por jornais e revistas, no século XIX, para produzir mais notícia com um custo menor. Neles, alguns jornalistas ou equipes produziam material jornalístico para muitos órgãos de imprensa. Nasceu

somente com o fim da guerra que as pessoas foram ter real conhecimento da dimensão das baixas sofridas e foi, conseqüentemente, a partir deste momento que os jornais passaram a ser questionados pelo público leitor, quanto à veracidade dos fatos que noticiavam.

Para além da propaganda e censura de guerra, norteadoras dos acontecimentos relatados ou não pela imprensa, foi na Primeira Guerra Mundial que a fotografia foi oficialmente proibida, apenas alguns fotógrafos militares eram liberados para tirar fotografias e, mesmo assim, sob forte censura. Antes disso, geralmente desenhistas eram os preferidos no *front*.

E havia também o gosto em noticiar as atrocidades perpetradas pelo inimigo, ou seja, as atrocidades cometidas pela Alemanha, tida como a encarnação do mal absoluto, em contraposição ao bem, os aliados. No entanto, após a guerra, nenhuma atrocidade alemã foi confirmada. Desde então, o relato ou a omissão de atrocidades consolidara-se como *locus* privilegiado da propaganda de guerra – como veremos no decorrer do tempo e em “nossas” guerras na ex-Iugoslávia.

Tão logo a Primeira Guerra Mundial acabou, começou a guerra do ocidente contra o “bolchevismo russo”. A Revolução Russa pegou os correspondentes estrangeiros, na Rússia, desprevenidos. Ninguém acreditava que a Rússia abandonaria a guerra e faria a sua própria revolução, e durante dois anos ninguém acreditou que os comunistas se manteriam no poder. Com a intervenção dos aliados contra o “Perigo Vermelho”, o anticomunismo tornou-se fanático. A maioria dos correspondentes britânicos ou dos países aliados era anti-bolchevique, diferenciavam assim, o “verdadeiro povo russo” dos bolcheviques e evitavam falar em suas matérias dos soldados que não voltaram da Primeira Guerra Mundial, permanecendo no *front* russo, sob péssimas condições de vida e de morte. Exageravam as vitórias, e minimizavam suas derrotas.

As últimas coberturas na Rússia e da Primeira Guerra Mundial apontaram para o fracasso dos correspondentes de guerra em fazer uma boa cobertura. Tal fracasso foi percebido e a resposta a ele veio de um novo modo de fazer jornalismo, nascido nos Estados Unidos, que “acreditava que o público deveria ser informado de todas as facetas da luta e seus efeitos sobre o indivíduo. O objetivo do correspondente em novo estilo era noticiar com verdade e objetividade” (KNIGHTLEY, 1978, p. 216). Apesar de muitos

daí a idéia de se formar agências de notícias (NATALI, 2004, p. 30). Como veremos no decorrer do capítulo, os *pools*

acreditarem na impossibilidade deste tipo de cobertura – verdadeira e objetiva – estes preceitos são até hoje uma espécie de meta do jornalismo. Após a Segunda Guerra Mundial, o jornalismo brasileiro passa a se pautar em grande medida pelo jornalismo norte-americano, em um primeiro momento, por este jornalismo que busca as facetas do acontecimento e a objetividade, a partir dos anos 60, pelo *new journalism*, no qual o repórter iria, ele mesmo, viver a notícia, participar do evento, e depois relatá-lo “cena por cena, diálogo, pontos de vista e detalhes importantes” (MANUAL..., 1987, p. 155), espécie de romance ou narrativa literária, embora real, não fictício.

De 1936 a 1939, ocorreu a Guerra Civil Espanhola, que causou comoção geral e contrapôs, para além dos seus motivos imediatos, duas “ideologias” de mundo, uma democrática e republicana, apoiada pela União Soviética, e a outra fascista, comandada pelo General Franco e com apoio de Hitler e Mussolini. Os correspondentes se comprometeram à causa republicana, muitos, inclusive, pegaram em armas. E não apenas eles, jovens do mundo inteiro, independentemente de sua nacionalidade, foram lutar na Espanha. Devido a essa simpatia aos republicanos, muitas atrocidades cometidas por eles não foram divulgadas pela imprensa, faltara objetividade na cobertura.

É desta guerra a famosa fotografia de Robert Capa, “A morte de um soldado republicano”, que retrata o exato momento em que o soldado cai morto. Até hoje há quem diga que esta fotografia foi forjada, ou encenada.

Segundo Susan Sontag (2003), a partir da Guerra no Vietnã, tais tipos de fotografias – posadas, encenadas ou forjadas –, em grande medida devido à concorrência da televisão, estariam fadadas a desaparecer. Porém, não foi isso que vimos no caso Jessica Lynch, citado acima. E Marcos Guterman, editor-adjunto do caderno Mundo, da *Folha de S. Paulo*, comenta, contrariando Sontag, que muitas das fotografias hoje em dia, apesar de não serem inventadas, podem ser encenadas e tendenciosas. Ele cita como exemplos¹⁷ as inúmeras fotografias de crianças palestinas passando na frente do grande muro que vem sendo erguido por Israel na fronteira com a Cisjordânia, geralmente tiradas por fotógrafos árabes; ou ainda, sobre a guerra na Bósnia, segundo ele, era muito comum, em dias que não

foram muitas vezes oficialmente instrumentalizados para uso político e propagandístico.

“acontecia” nada (“um ou dois mortos apenas”), fotos de soldados saltando ou posando com a sua arma, certamente a pedido do fotógrafo. E cita, por fim, os personagens que se fazem notícia, pois sabem que irão ser fotografados se conseguirem criar um fato (o próprio segundo ataque às torres gêmeas no 11 de setembro, em Nova York, foi calculado para acontecer “ao vivo”, diante das câmeras). Em suas palavras, são destes modos que situações que não eram tão dramáticas se tornam dramáticas; não que o fotógrafo manipule a foto, ele manipula a situação da foto. O editor, portanto, segundo Guterman, deve perceber quando a foto é encenada, seja pelo fotógrafo, seja pelos que querem ser fotografados, e, se for o caso, não publicá-la.

Na Segunda Guerra Mundial, a censura obedeceu a regras semelhantes às da Primeira Guerra Mundial. Por exemplo, na Alemanha, o diferencial era a ausência da censura prévia. Correspondentes de países neutros eram aceitos e se o que escrevessem não agradasse às autoridades, eram expulsos do país; paralelamente, muitos correspondentes alemães foram recrutados para servirem na Divisão de Propaganda do Exército Alemão. Do lado Aliado, predominavam a censura e boletins oficiais da guerra (dificilmente comprováveis pelos jornalistas). A Rússia, por sua vez, não divulgava o número de baixas e a maior parte das notícias provinha de fontes oficiais, que possuíam também interesses propagandísticos. Em qualquer um dos lados, os jornalistas estrangeiros eram suspeitos de espionagem.

A imprensa era considerada, portanto, “parte do esforço de guerra”, não havendo separação entre a imprensa de guerra e a propaganda do governo. Os Estados Unidos, por exemplo, esconderam da população norte-americana a real gravidade do ataque japonês a Pearl Harbor até o final da guerra – o objetivo oficial da censura era não transmitir informações comprometedoras ao inimigo e preservar o moral das tropas (objetivo não-oficial).

A guerra, não diferentemente das anteriores (ou posteriores), foi acompanhada por uma grande dose de desumanização do inimigo. Assim, os americanos, por exemplo, gostavam de divulgar as atrocidades japonesas, mas omitiam as suas próprias. Atrocidades

¹⁷ Em entrevista à autora, realizada no dia 10 de novembro de 2003, na sede da *Folha de S. Paulo*, em São Paulo (SP).

americanas como o comércio de “troféus” adquiridos na guerra, que variavam de orelhas a ossos japoneses (utilizados como corta papel), ou o “hábito” de arrancar dentes de ouro, dentre outras¹⁸, eram pouco ou nem eram noticiadas. Neste sentido, concluímos rapidamente que não há, e nunca houve, qualquer monopólio étnico da barbárie, como quiseram, muitas vezes, fazer-nos acreditar, em relação às guerras “balcânicas” ou “africanas” (entretanto, ainda termos que sublinhar tal fato, como se ele não fosse óbvio, nos mostra a força deste imaginário).

Na guerra da Argélia, o governo francês que deu o tom do noticiário. Os jornalistas que tentavam dizer a verdade eram hostilizados, expulsos ou presos. Foi uma guerra sangrenta, brutal e racista. E para tanto, a França impôs censura e repressão, intimidou os correspondentes e ameaçou os jornais de serem suspensos ou punidos financeiramente. A guerra foi colocada nos termos: “bravura francesa” (civilização) contra o “barbarismo rebelde”.

Neste período, as muitas guerras ou conflitos “menores” que aconteciam ao redor do mundo, eram caracterizados, em grande medida, pela polarização básica da Guerra Fria, que determinava quem eram os inimigos/comunistas e quem eram os aliados. Veremos em exemplos tais distinções no capítulo três da dissertação.

A Guerra no Vietnã começou logo após a Guerra na Coreia, e ambas foram transmitidas sem censura oficial. John Kennedy, então presidente dos Estados Unidos, não impôs censura, mas fez forte campanha de relações públicas para divulgar sua versão da guerra e incentivou o bom tratamento oficial dado aos jornalistas no Vietnã. Deste modo, muitos correspondentes tornaram-se, voluntariamente, máquinas de propaganda, mas muitos puderam contar a “real história da guerra”.

Mais uma vez, a guerra se fez a partir da desumanização do inimigo; segundo Knightley (1978, p. 188), inflamando “sentimentos nacionalistas, racistas, ou ambos”. Assim, todos os vietnamitas eram os “Charlie Congs” e os americanos os matavam, fossem eles do sul ou do norte, e mutilavam seus cadáveres. Matar vietnamita era dar “tiro ao peru” e isso era aceito e, de bom grado, noticiado pela imprensa. Até que houve o massacre de My Lai, em março de 1968, quando soldados americanos mataram 500 civis desarmados e tal feito foi registrado pelo fotógrafo Ronald Haeberle (apesar de ser divulgado apenas um

¹⁸ Cf. KNIGHTLEY, 1978.

ano depois, pelo jornalista Seymour Hersh, da agência noticiosa norte-americana Associated Press). A opinião pública começou a mudar. Segundo Sontag (2003, p. 56-57), “[Foi necessário] o relaxamento da censura durante a primeira guerra em que houve cobertura feita pela TV, para compreender o impacto que fotos chocantes podiam produzir no público doméstico. Na era do Vietnã, a fotografia de guerra tornou-se, como norma, uma crítica à guerra”.

A televisão surge neste momento como o meio de comunicação mais “inoportuno” da época, transmitindo imagens terríveis da guerra; no entanto, não era possível avaliar em que medida ela auxiliava em sua compreensão e nem definir seu papel, pois, se nesse momento ela ajudou a abalar o moral e mudar a opinião pública, no início da guerra seu papel foi o inverso, estimulando e dando apoio à guerra no Vietnã.

A censura voltou a penetrar nos campos jornalísticos na Guerra das Malvinas (ou Ilhas Falklands). Apenas dois fotojornalistas foram autorizados pela Grã-Bretanha a cobrir o conflito e nenhuma transmissão foi autorizada para a TV.

Após esta guerra e com a intervenção militar americana em Granada, em 1983, a mídia americana começou a reclamar de sua exclusão das coberturas. O Pentágono montou uma convenção para pensar no assunto e pôs em prática os *pools* de imprensa, onde alguns funcionários do governo teriam a função específica de reportar para a imprensa os acontecimentos da guerra. Ou seja, sem censura, com divulgação do desenrolar da guerra, principalmente no que tange o âmbito militar, mas, certamente, com o direcionamento e manipulação do que seria noticiado:

“Handling the media” in the Falklands campaign, and the similar experiences of the United States in Grenada in 1983 and in Panama in 1989, ensured that the bureaucracy for representing war was in place by 1991¹⁹. Governments and military organisations had learned how to incorporate news professionals into the armed forces, thus setting up a high measure of control without the need to invoke legislation. By 1991 it was clear that press freedom was not in danger as long as the industry complied with the pool system and also policed itself (TAYLOR, 1998, p. 172).

Seria, nos termos de Taylor, uma pré-censura ou uma pré-edição do noticiário de guerra. E foi deste modo também que a Guerra do Golfo foi transmitida.

¹⁹ Na Guerra do Golfo.

Aliás, a Guerra do Golfo seria a primeira guerra transmitida “ao vivo” para o mundo todo, pela CNN²⁰. Segundo Arbex Jr., tal tipo de transmissão “consagrou, definitivamente, a ‘espetacularização’ da notícia” (2000, p. 10). E uma guerra “asséptica”, sem cadáveres ou sangue no noticiário, confirmava-se ser uma guerra “limpa”, legitimando assim os motivos “humanitários” dos bombardeios. Tais motivos, por sua vez, ainda segundo ele, não foram construídos apenas durante a guerra,

Durante seis meses, entre agosto de 1990 e janeiro de 1991, a mídia despejou sobre o mundo pilhas de filmes, montanhas de fotos e quilômetros de textos em que se via a “face humana” de soldados americanos indo para a guerra (despedindo-se da família, da namorada, dos filhos, etc.), tendo como contrapartida imagens exóticas do “Oriente”, como feiras de camelos na Arábia Saudita, mulheres totalmente cobertas por véus e juvenzinhos islâmicos armados até os dentes com poderosas metralhadoras e granadas (2000, p. 79)²¹.

Os oficiais americanos fomentaram, portanto, a divulgação das imagens da guerra que lhes interessavam, ou seja, imagens tais como as citadas por Arbex Jr. e “imagens da tecnoguerra: o céu, acima das pessoas que morriam, repleto de rastros luminosos dos mísseis e bombas – imagens que ilustravam a absoluta superioridade militar americana sobre o inimigo” (SONTAG, 2003, p. 57). E proibiram, por exemplo, a divulgação aos telespectadores americanos de um filme comprado pela rede NBC de televisão, que depois *optou* por não exibi-lo; este filme mostrava “o destino de milhares de recrutas iraquianos que, depois de fugirem da capital do Kuwait no fim da guerra, no dia 27 de fevereiro, foram bombardeados exaustivamente com explosivos, napalm, bombas radioativas de urânio empobrecido e bombas de fragmentação” (SONTAG, 2003, p. 57).

Os cem mil iraquianos, pelo menos, que morreram na Guerra do Golfo – entre soldados mal armados e civis – foram relegados ao esquecimento pelo governo e mídia norte-americanos, assim como na atual guerra contra o Iraque, onde, novamente, eles tampouco aparecem, pelo menos, os mortos pela guerra...

Paralelamente, se pensarmos que até recentemente, a autocensura se dava em torno de um eufemismo patriótico, hoje em dia, temos junto a esta, a autocensura do “bom gosto”, do “decoro” e da “decência”. Podemos, portanto, mostrar fotografias terríveis, até o

²⁰ A CNN (*Cable News Network*), rede de televisão norte-americana, tinha acesso ao satélite KH11, que possibilitava a transmissão ao vivo das imagens da guerra. Cf. ARBEX JR., 2000.

²¹ Esta frase, para além de seu conteúdo, não nega a origem jornalística de seu autor, exagerada que é, em termos imagéticos – “pilhas”, “montanhas”, “quilômetros”, poderiam ser tranquilamente substituídos por apenas um único

ponto em que o bom gosto nos permita, ponto este que varia conforme o lugar sobre o qual se fala, nas palavras de Sontag, “quanto mais exótico ou remoto o lugar, maior a probabilidade de termos imagens frontais completas dos mortos e agonizantes” (2003, p. 61). Sontag nos chama a atenção para o fato de que, durante a década de 90 do século XX, a Bósnia e o Kosovo ocuparam tais lugares exóticos, em termos de atrocidades – o anacronismo, todavia, podia ser explicado: diziam que “os Balcãs, afinal, nunca fizeram de fato parte da Europa” (SONTAG, 2003, p. 62).

Tendo isto em vista, pode parecer ingenuidade minha mas, na medida do possível, tanto a guerra na Croácia, como a guerra na Bósnia-Herzegovina, tiveram uma boa cobertura, com repórteres espalhados em várias frentes da guerra e circulando entre elas, mostrando muitas vezes o absurdo das ditas posições “étnicas”. Assim, pensando na afirmação de Sontag citada acima, esta cobertura pode ter sido favorecida pelo fato dos Balcãs serem sim Europa²² e, portanto, beneficiários de grande espaço no noticiário internacional das mídias em geral. Mas pode ter sido favorecida também pelo fato de os Balcãs não serem tão Europa assim (ou não terem relação direta com os Estados Unidos), o que permitiu que não acontecesse o que aconteceu em conflitos onde os Estados Unidos estavam envolvidos, como no Golfo, em 1991 e 2003/2004, ou no Afeganistão²³, em 2001, ou seja, o desaparecimento de corpos, a autocensura do bom gosto e a “censura” oficial, com a condução do noticiário pelos *pools* militares de imprensa – *pools* estes que marcaram presença nos bombardeios aéreos da Otan contra a ex-Iugoslávia, na guerra do Kosovo, ou seja, quando novamente os Estados Unidos estavam envolvidos. Kennedy Alencar²⁴, por exemplo, sobre a manipulação da informação pela Otan na guerra do Kosovo, afirma que,

Como qualquer instalação militar do mundo, jornalistas não podiam andar livremente pela base de Aviano, na Itália, para entrevistar os pilotos que bombardeavam a Iugoslávia. Era praticamente

adjetivo (“muitos”, por exemplo). E a frase é contundente, não deixa brechas para questionamentos ao nos fazer *estar lá*, com Arbex Jr., vendo também estas imagens.

²² Cabe sublinhar, desde já, que o próprio termo “Balcãs” trai a naturalização do conflito. Isto porque, “Balcãs” não pode ser confundido com o território da antiga Iugoslávia, muitos outros países fazem parte desta região (a Península Balcânica) e não estiveram em guerra, muito menos, por esse motivo. Por outro lado, acredito que Sontag, ao dizer que os Balcãs não são vistos como parte da Europa, está, justamente, dialogando com as análises generalistas que tomam a região como região cultural de conflitos. (Veremos na parte 2, em maiores detalhes, como há uma tradição discursiva que informa este imaginário generalista sobre os Balcãs, no qual, a Iugoslávia estaria inclusa).

²³ Guerra travada pelos Estados Unidos contra o Afeganistão em retaliação aos ataques do 11 de setembro de 2001 ao World Trade Center e ao Pentágono, em Nova York e Washington; pois, supostamente, o regime Taleban, afegão, estaria dando cobertura a Osama Bin Laden e ao grupo terrorista Al Qaeda, responsabilizados pelo ataque aos EUA.

²⁴ Kennedy Alencar é jornalista e foi enviado especial da *Folha* à Iugoslávia para cobrir a guerra do Kosovo, em 1999.

impossível submeter todas as informações dos briefings em Bruxelas²⁵ a checagens independentes. Não havia tropas da Otan em Kosovo, nem jornalistas estrangeiros podiam viajar sozinhos por lá. (...) No fim da guerra, os danos que a Otan dizia ter imposto ao III Exército iugoslavo se revelariam menores do que alardeara Jamie Shea, o porta-voz da aliança (1999, p. 122).

Testemunhamos, contudo, em 2004, uma avalanche de “evidências” – fotografias feitas pelos próprios soldados – de prisioneiros iraquianos sendo torturados e humilhados por soldados norte-americanos, que, muitas vezes, apareciam rindo ao lado deles. Tais fotos, de prisioneiros nus, obrigados a tocarem-se uns aos outros ou a fazerem posições sexuais, ameaçados por cachorros, sofrendo violência física, etc., na prisão Abu Ghraib, em Bagdá, causaram espanto no mundo inteiro e aumentaram as críticas à guerra norte-americana no Iraque (suspeitas de torturas recaem também, há algum tempo, sobre a base militar norte-americana de Guantánamo, em Cuba, que “abriga” suspeitos de terrorismo). Todavia, apesar do moral abalado e da oposição mundial aos Estados Unidos e à doutrina da ação preventiva de seu presidente, George W. Bush, testemunhamos também, a punição destes “sádicos” soldados: a responsabilidade pelas atrocidades foi então individualizada (e não, nacionalizada, questionada politicamente, como talvez deveria ter sido), os “culpados” estão sendo julgados e certamente serão punidos, o assunto foi deste modo resolvido.

Percebemos assim, tanto em relação aos Bálcãs, como em relação aos Estados Unidos, que há uma paisagem externa que determina o que são e como são divulgados os fatos. Ou seja, há ainda uma instância “global”, poderíamos dizer, que mede até que ponto horrores na mídia são permitidos, e tal instância remete tanto a grandes poderes atuais, como Estados Unidos e Europa, como aos dois grandes poderes do século XX, Estados Unidos e Rússia, como veremos no decorrer da cobertura sobre as guerras na ex-Iugoslávia.

No entanto, algumas histórias particulares às guerras na ex-Iugoslávia, por exemplo, mostram que os fotógrafos e jornalistas na Iugoslávia, se não sofriam uma censura oficial, externa à guerra, uma censura interna, nacional e pouco divulgada se fazia presente. Um exemplo marcante disso se refere à foto de um homem sendo morto com um tiro na cabeça por um sérvio, em maio de 1992, em Brcko²⁶, na Bósnia. Esta foto saiu na *Folha* e no *Estadão*, e em jornais do mundo todo. Quem a tirou foi Bojan Stojanovic, um fotógrafo de

²⁵ Os *briefings* são informes oficiais à imprensa e Bruxelas é onde se localiza a sede da Otan. Durante a guerra no Kosovo, muitos correspondentes internacionais cobriram a guerra de Bruxelas, a partir destes *pools* oficiais e *briefings* da aliança atlântica.

²⁶ Foto “Barbárie na guerra” (*Folha de S. Paulo*, 9 maio 1992, p. 1-1*), anexa em cd-rom “Fotografias” (fotografia 35).

Belgrado (pelos nossos jornais ficamos sabendo apenas que a foto é da agência de notícias Reuter). Após fazer esta fotografia, Stojanovic foi preso e quase assassinado por autoridades sérvias. Foi libertado e viajou para Amsterdã, para receber o prêmio que ganhara pela fotografia. Em Amsterdã, novamente, foi capturado por dois sérvios croatas e escapou pulando de um carro em movimento²⁷.

Tais fotografias têm também suas conseqüências. Fotografias de um campo de detenção sérvio em Trnopolje, feitas por Ed Vulliamy, do jornal britânico *The Guardian*, e imagens do mesmo dia, da rede de televisão britânica ITN (*Independent Television News*), em agosto de 1992, conduziram a analogias, no mundo inteiro, com os campos de concentração nazistas, que os autores, segundo Taylor (1998), não tinham intenção de insinuar – outras fotos que impossibilitavam tal comparação, simplesmente não foram divulgadas pelos demais jornais e emissoras de televisão. Além disso, também não tinham intenção alguma de causarem mais mortes: após estas matérias, nove prisioneiros de Trnopolje foram mortos pelos sérvios por terem falado com os jornalistas.

A própria imprensa iugoslava influenciou ativamente na guerra – quando não colaboravam, os jornais, revistas e estações de rádio e televisão, independentes, eram muitas vezes fechados pelo governo ou submetidos a multas e taxaões, o que inviabilizava a sua continuidade. Deste modo, a imprensa oficial sérvia e a que restara foram muito utilizadas para atizar o nacionalismo sérvio e unir a população sérvia e montenegrina contra o “separatismo” croata, esloveno, muçulmano e albanês, a favor da Iugoslávia unida e do mito de Kosovo enquanto berço da nação. Além disso, na guerra do Kosovo, durante os bombardeios da Otan, os repórteres foram proibidos de entrar na província, exceto algumas idas estratégicas à região programadas pelo governo sérvio aos lugares destruídos pelos “erros da Otan”. E mesmo nas guerras anteriores, os repórteres lidavam cotidianamente com o perigo de serem alvejados e com as dificuldades de locomoção causadas pelos postos de controle dos lados em luta.

Para concluir, cabe sublinhar que, para além dos valores verdade e objetividade, e para além dos efeitos da “autocensura” no jornalista, este tem, cada vez mais, como princípio, a responsabilidade e a ética, no seguinte sentido: se o jornalista defende uma

²⁷ Cf. TAYLOR, 1998, p. 35

posição ou opinião, que ele a assumia pessoalmente, e aí temos o lugar do comentarista ou do cronista nos jornais; entretanto, esta posição deve ser condizente com valores democráticos e humanitários. Ou seja, para algumas questões, como o genocídio, por exemplo, não existe neutralidade possível, não existe uma outra opinião, e isso se reflete no jornalismo. O exemplo que vimos de Abu Ghraib concorda com essa questão; por mais que a sua solução tenha recaído, em última instância, sobre a “pessoa física”, e por mais que as grandes mídias evitem pôr muito sangue em suas páginas – já que a fronteira entre a “verdade” e o “sensacionalismo” é tênue quando o assunto é sangue –, tais torturas foram, mesmo assim, divulgadas. Ou seja, aturamos até certo ponto o desrespeito aos direitos universais do homem. E até certo ponto, também as mídias o aturam hoje em dia. Deste modo, existiria atualmente um pacifismo globalizado, pois universal, que caracterizaria a opinião pública em relação a todo e qualquer conflito no mundo.

Brasil

Na Segunda Guerra Mundial foram enviados os primeiros repórteres brasileiros para cobrir um conflito internacional. Tais jornalistas acompanharam a Força Expedicionária Brasileira, cobrindo a guerra basicamente do lado brasileiro (Aliado) do conflito, na Itália. Dentre eles, estavam Joel Silveira e Rubem Braga.

Contudo, o auge da imprensa internacional e rede de correspondentes brasileiros coincidiu, paradoxalmente, com a ditadura militar de 64 no Brasil. As editorias de internacional, comparativamente às demais, não foram tão visadas pela censura, e acabaram sendo favorecidas neste período. Deste modo, a Guerra do Vietnã teve uma particularidade por aqui: os jornalistas sabiam que se posicionar contra ou a favor da guerra era uma forma de se posicionar politicamente em relação ao regime militar no Brasil²⁸ – algumas vezes, artigos contrários à guerra eram censurados devido a este motivo especificamente.

José Hamilton Ribeiro é o mais famoso correspondente brasileiro que cobriu a guerra no Vietnã. Diz ele que procurava uma fotografia perfeita para sua matéria, para a revista *Realidade*²⁹, e a encontrou, de si próprio, quando pisou numa mina e perdeu uma

²⁸ Sobre a cobertura da guerra no Vietnã pela imprensa brasileira, ver Biagi (1996, 2001).

²⁹ A revista *Realidade*, de notícias variadas – ciência, esporte, política nacional e internacional, etc. – da década de 60, publicada pela Editora Abril, de São Paulo (SP), marcou o jornalismo brasileiro, com textos polêmicos, grandes reportagens e fotos de qualidade até então inigualável.

perna – a fotografia foi tirada pelo fotógrafo japonês Shimamoto, que fazia a cobertura com ele. São em momentos como esse, que o jornalista vira a notícia. Até hoje, ele é lembrado por ser o jornalista que perdeu a perna na Guerra do Vietnã.

Cito apenas estes dois exemplos. Infelizmente o Brasil não tem uma tradição de jornalismo internacional e nem de pesquisa sobre jornalismo internacional brasileiro, o que dificultou muito escrever um capítulo específico sobre este assunto, mesmo sendo os correspondentes internacionais muito respeitados por aqui, tanto os que residem ou que passam algum tempo fora, como os que são chamados para fazer alguma cobertura e, por ventura, acabam cobrindo uma ou outra guerra.

CAPÍTULO 2. Notas sobre imprensa e jornalismo internacional no Brasil

Quase não havia noticiário internacional nos primeiros jornais brasileiros, no começo do século XIX. As notícias, quando chegavam, chegavam de navio, com muitas semanas de atraso, e as “nossas” elites, os únicos alfabetizados e politizados do país na época, preferiam assinar publicações estrangeiras, francesas principalmente.

Todavia, inicia-se no final do século XIX uma nova fase da imprensa, caracterizada por um começo de industrialização, com o aperfeiçoamento do equipamento gráfico e dos métodos de comunicação. O telégrafo se instala no Brasil e os trens a vapor tornam mais rápida a circulação de notícias. A imprensa torna-se atrativa e logo, o principal veículo de anúncios. Podemos considerar que a partir daí, e em todo o século XX, a imprensa no Brasil se modernizou, ao menos graficamente (com o desenvolvimento tecnológico da impressão dos jornais e a evolução do design), e se especializou conforme o público e assuntos.

Toda essa modernização, entretanto, se fez concomitantemente com a necessidade cada vez maior de anúncios e a dependência cada vez maior do mercado. O campo jornalístico é, assim, definido ambigualmente, por um lado ele tem um compromisso com a verdade e com a informação, por outro lado, tal verdade e informação estão amarradas aos mecanismos publicitários de se obter receita, que vão da venda de jornal até o próprio conteúdo do que é noticiado e que deve ser, minimamente, “atraente”. Veremos em “Paisagens jornalísticas”, logo adiante, como isso influencia a produção e difusão de notícias.

Neste capítulo pretendo, antes, apresentar rapidamente a *Folha* e o *Estadão*, para a seguir, analisar como são feitas e noticiadas as coberturas jornalísticas internacionais.

O *Estado de S. Paulo* foi comprado por Júlio Mesquita em 1891. Antigo *Província de São Paulo* (de 1875), teve o nome alterado por ocasião da proclamação da República. A *Folha de S. Paulo*, por sua vez, foi fundada como *Folha da Manhã* em 1921, pela empresa *Folha da Manhã S.A.* Em 1961 mudara seu nome para *Folha de S. Paulo*. Ambos

continuam ainda sob o comando de suas famílias fundadoras, a família Mesquita, do *Estadão*, e a família Frias, da *Folha*. E hoje são dois dos maiores jornais do Brasil³⁰.

Pela leitura de seus textos institucionais (disponíveis em seus sites na internet)³¹, percebemos que tanto a *Folha* como o *Estadão* possuem uma imagem de si bem semelhante. Ambos se dizem independentes, valorizam suas reformas gráficas e editoriais e valorizam também o “jornalismo crítico” e a “informação séria”. O primeiro se diz moderno, plural, atento a seus leitores, oferece, portanto, “conteúdo on-line”; o segundo se diz tradicional, comprometido com a verdade, e também, atento a seus leitores, que buscam a seriedade do jornal. Paralelamente, para os seus leitores, ou mesmo jornalistas, quando se fala destes dois jornais, fala-se frequentemente de suas simpatias e posições políticas, igualmente baseadas nas oposições tradicional/moderno, conservador/progressista, ou em apoios ocasionais a determinados candidatos em época de eleição. Tais posturas, entretanto, jamais seriam explicitadas nas páginas destes jornais.

Ao contrário de vários jornais do mundo todo, onde os posicionamentos políticos são sabidos e divulgados abertamente ao público leitor – por exemplo, nas últimas eleições presidenciais norte-americanas, o *The New York Times* escreveu um editorial conclamando as pessoas a votarem em John F. Kerry, candidato do Partido Democrata, contra a reeleição de George W. Bush, do Partido Republicano; todos sabem nos Estados Unidos que o *The New York Times* apóia o Partido Democrata – no Brasil, nunca veremos acontecer algo semelhante. Os jornais brasileiros, pelos menos os grandes jornais, se dizem apartidários em termos de política nacional e costumam adotar uma postura aparentemente crítica em relação a ela.

Lendo jornais, percebemos, contudo, alguns elementos mais pontuais que poderiam distingui-los um do outro. Neste sentido, a leitura da *Folha*, neste sentido, pode ser considerada uma leitura mais fácil que a do *Estadão*, que utiliza um vocabulário e uma forma de escrita mais rebuscados, com textos mais longos, geralmente (mas isto vem

³⁰ *O Globo*, *O Jornal do Brasil* e *O Dia* (mais popular), do Rio de Janeiro, o *Correio Braziliense*, de Brasília, e o *ZeroHora*, de Porto Alegre, são também grandes jornais, mas não acredito que superem o *Estadão* e a *Folha*. Não possuo dados precisos, nem critérios para avaliar tais dados, pois, muitas vezes, ser o mais respeitado ou influente (entre os intelectuais, ou entre os jornalistas), não significa ser aquele que vende mais ou que possui a maior tiragem, logo, uma outra pesquisa neste sentido teria que ser realizada.

³¹ Texto institucional da *Folha de S. Paulo*, “O jornal mais influente do país”, disponível no site <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/conheca/>> (acessado em 7 de agosto de 2004) e texto d’*O Estado de S. Paulo*, de Júlio de Mesquita Neto, disponível no site <<http://txt.estado.com.br/inst/inst.html>> (acessado no dia 10 de agosto de 2004).

mudando, com as recentes reformas editoriais e gráficas do jornal); o *Estadão* possui também (ou possuía, na época das guerras) um caderno de internacional maior do que o da *Folha*.

Por outro lado, percebemos muitos outros elementos que os aproximariam um do outro. No que nos diz respeito, ou seja, em relação aos conflitos na ex-Iugoslávia, ambos cobriam mais ou menos os mesmos fatos e os seus conteúdos e explicações diferiam muito pouco em um ou em outro jornal. Talvez durante a guerra no Kosovo, em alguns momentos, tenha havido uma diferença sutil em relação à postura da *Folha*, radicalmente contra os bombardeios da Otan à Iugoslávia, e à postura do *Estadão*, contra mas não radicalmente contra, tendo realizado uma cobertura mais equilibrada nesse sentido³².

Veremos ao longo deste capítulo, que eles se assemelham ainda na forma como organizam a cobertura internacional, na pauta que escolhem para o dia e no propósito que possuem, que é, basicamente, nos manter informados acerca do que acontece, seja nos trazendo informações variadas, seja nos transmitindo fatos, seja auxiliando, quando possível, na compreensão destes; e se assemelham na forma de publicar o noticiário: por meio de notícias factuais, entrevistas, editoriais, artigos de opinião, artigos assinados ou não, fotografias, anúncios publicitários, charges, infográficos, tabelas, diagramas... variando de acordo com a opção editorial do dia.

Paralelamente, existem também os diferentes tipos de leitores para cada tipo de jornal. Em linhas gerais, existem jornais mais populares, que priorizam alguns determinados tipos de notícias, como política nacional, celebridades, artigos policiais, e jornais mais “elitizados”, como esses dois com os quais trabalho, que talvez em alguns temas se aproximem dos jornais “mais populares”, mas, além de serem mais caros que os primeiros, tentam não ser sensacionalistas, possuindo menos artigos policiais e menos artigos sobre celebridades, dedicando maior espaço à política nacional, internacional e economia, e elaborando cadernos de cultura sofisticados, publicados aos sábados e, principalmente, aos domingos, edição considerada a mais nobre do jornal³³.

Natali (2004) chama a atenção ainda para o leitor específico de noticiário internacional, em suas palavras,

³² Cito em tópico específico sobre o Kosovo um editorial de cada jornal, onde é possível notar esta diferença (ver página 145 da dissertação).

Devemos nos lembrar que o leitor da editoria Internacional faz parte de um segmento minoritário e mais bem informado do leitorado (...) esse leitor tem um grau de exigência para com o seu jornal que deve ser respeitado por meio da obediência a certos princípios como o pluralismo de fontes às quais damos a palavra, e o apartidarismo (2004, p. 55).

Feitas essas considerações iniciais, passo agora aos tópicos do capítulo: “Paisagens jornalísticas”, “Como o noticiário é feito” e “A Iugoslávia e a imprensa”. Outras diferenças entre ambos os jornais serão apontadas no decorrer da dissertação.

Paisagens jornalísticas

Um primeiro aspecto fundamental em relação ao noticiário internacional da *Folha de S. Paulo* e d’*O Estado de S. Paulo* é que este é independente do que acontece no Brasil. Por exemplo, morreu Ayrton Senna, impeachment do presidente Fernando Collor de Mello, massacre no Carandiru – ou seja, momentos de grande comoção nacional ou importância política, com intensa cobertura jornalística – nada disso interfere ou interferiu no tamanho do caderno ou na cobertura jornalística internacional. Mas, imune aos acontecimentos no Brasil, ele não o é aos acontecimentos no mundo: como os “distúrbios raciais”³⁴ nos EUA, em abril e maio de 1992, que logo tomaram a manchete, o editorial e um lugar de destaque no caderno Mundo e Mais! (da *Folha*) no começo da guerra na Bósnia; ou mesmo, a Guerra do Golfo, em 1991, concorrente maior da Iugoslávia no início dos conflitos. Ou seja, a pauta do noticiário internacional é elaborada a partir do que acontece de “mais importante” no mundo, e não no Brasil. E é sobre o que acontece de “mais importante” no mundo que tratarei neste tópico. Antes, cabe apresentar quem são os jornalistas que cobrem *in loco* estes acontecimentos.

Tais jornalistas são os correspondentes internacionais, que trabalham, seja para uma agência de notícias, seja para um jornal ou agência local, seja para um grande jornal de reconhecimento internacional; no caso do Brasil, são os enviados especiais quando algo “acontece”, ou correspondentes que residem no exterior e que cobrem tudo o que diz

³³ Segundo Rebeca Kritsch, em entrevista à autora, no dia 25 de outubro de 2003. Rebeca Kritsch é jornalista e foi enviada especial à Bósnia, em 1996, pelo *Estadão*.

³⁴ “Após a absolvição dos policiais que espancaram o motorista negro Rodney King, começa em Los Angeles uma onda de saques, vandalismo e disparos a esmo que fazem 58 mortos e centenas de feridos”. In: FOLHA de S. Paulo, 29 abr. 1992. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/almanaque/mundo90.htm>>.

respeito ao país onde estão afixados (e seus arredores), podendo enviar artigos tanto para editoria de internacional, como para a editoria de economia, esporte ou cultura.

Na terminologia de Hannerz (2004), os correspondentes internacionais podem ser *long-timers* ou *spiralists*; um termo mais comum, no entanto, seria “expatriado”, que, jornalisticamente falando, é aquele que reside fora de seu país de origem e trabalha para alguma mídia de seu país como correspondente internacional. Hannerz diferencia tais correspondentes em “long-timer” e “espiralista” para distinguir o primeiro, que é fixo em um país, seria o nosso Gilles Lapouge ou Reali Júnior, há décadas correspondentes do *Estadão* em Paris; do segundo, que passa períodos de tempo em determinado lugar, mudando freqüentemente de país ou voltando para o seu país natal, como, por exemplo, os enviados especiais da *Folha* para a ex-Iugoslávia, que eram correspondentes, ou em Londres, ou em Paris, ou em Berlim, geralmente jovens jornalistas selecionados para passar seis ou nove meses no exterior como correspondentes.

Na entrevista com o jornalista William Waack³⁵, perguntei sobre as vantagens de uma maior ou menor permanência do jornalista em um mesmo lugar, ele me disse:

Tem momentos que você chega e você consegue retratar numa janela uma realidade, ou então você passa lá 10 anos da tua vida. Não há uma regra fixa, em princípio quanto mais tempo você fica num lugar, mais conhecimento e mais domínio dos detalhes você tem, em compensação, você perde o olho para aquilo que interessa à audiência que está longe, que está fora.

Os jornalistas que cobrem o noticiário internacional podem ser ainda, enviados especiais, *stringers* ou *free-lancers*. Os enviados especiais são aqueles que cobrem o acontecimento ou evento; são enviados especificamente para a cobertura. O *free-lancer*, ou frila (em português), é o jornalista que trabalha informalmente ou por serviço temporário, é autônomo, muitas vezes sem contrato, pode vender reportagens avulsas ou ser contatado por estar no lugar certo, na hora certa. O *stringer*, por sua vez, pode ser considerado um frila, mas seria uma espécie de frila fixo; o jornal sabe que ele está lá, deste modo, quando o jornal precisa de uma matéria ele a solicita ou, quando o *stringer* faz uma matéria, ele a envia para o jornal, que sabe o que esperar dele, podendo comprá-la ou não. Por exemplo, um determinado jornal estrangeiro tem apenas um correspondente no Brasil, na cidade de São Paulo, este correspondente, ao invés de viajar para o Rio de Janeiro ou para Brasília se

houver algo importante para cobrir nestas cidades, ele contata o *stringer* para que ele faça a reportagem, ou seja, há uma relação anterior deste, com o jornal. O frila teria menos vínculo, seria mais independente. (Todavia, hoje em dia, temos uma deformação do termo. As empresas não querem, muitas vezes, contratar funcionários e demoram a efetivar alguém. Existem portanto muitos “frilas” nas redações de jornais trabalhando tal como os demais funcionários, mas sem vínculo empregatício).

De acordo com Marcelo Spina³⁶,

a maior parte dos jornalistas trabalha como correspondentes *no momento*, quer dizer, enquanto aquele país, aquela localidade está sendo notícia (...) [pois] poucas mídias podem se permitir a ter correspondentes permanentes em algum lugar (...). Mesmo a mídia brasileira já teve muito mais correspondente, como a Folha e o Estadão, e Veja, que tiveram correspondentes em Nova York, Washington, Paris, Londres, Berlim... Hoje não tem mais, hoje às vezes tem um, no máximo... (...) No máximo nos Estados Unidos, em Washington, Nova York, e eventualmente algum em Londres, ou tal. Mesmo assim, às vezes não são exclusivos, como já foram. Hoje em dia são free-lancers também. Como eu já fui (...).

Em relação ao que é publicado pelos jornais, foi possível notar durante a pesquisa e por algumas informações colhidas da etnografia de Hannerz sobre correspondentes internacionais (2000, 2004), que existe uma hierarquização de assuntos que determina o que é e o que não é publicado pelos jornais e que está relacionada ao que aconteceu, de quem se fala e de onde se fala.

Assim, fatos bastante noticiados variam, podendo ser acontecimentos políticos, golpes, eleições e coroações, algum acidente natural, terremotos, inundações, erupções vulcânicas, massacres, fome, encontros de cúpula, reuniões de organismos internacionais, guerras, acordos de paz³⁷.

Porém, me chamou a atenção durante a pesquisa, o fato de que, apesar da desgraça ser notícia, não necessariamente o lugar onde teve mais mortos ou mais refugiados é o que tem maior espaço no jornal. Cabe aqui citar dois exemplos interessantes. Primeiramente, me impressionou muito o pequeno espaço dado pela imprensa ao genocídio em Ruanda e o espaço quase nulo dado ao genocídio no Burundi, na primeira metade da década de 90. Por outro lado, também me impressionaram os grandes artigos, manchetes e fotografias sobre a

³⁵ Em entrevista à autora, realizada no dia 8 de outubro de 2003. William Waack foi enviado especial do *Estadão* à Croácia e à Eslovênia, para cobrir as guerras nestas repúblicas, em 1991.

³⁶ Em entrevista à autora, no dia 5 de abril de 2004. Marcelo Spina é jornalista e esteve na Bósnia, em 1992, e na Bósnia e na Croácia, em 1995, para cobrir a guerra na Bósnia.

³⁷ Cf. HANNERZ, 2000, p. 112.

Albânia, em 1991, relatando a grave crise econômica e política pela qual ela passava e o conseqüente êxodo albanês, principalmente para a Itália. Um desses artigos falava em dez mil refugiados do país (MAIS..., 7 mar. 1991, p. 7) que buscavam asilo na Itália ou cruzavam clandestinamente o Adriático. Concomitantemente, a guerra na Croácia não havia oficialmente começado mas, em uma pequena nota de canto de página constava: “20 mil sérvios fogem da Croácia em 1 dia” (20 mil..., 6 mar. 1991, p. 10). O lugar de onde se fala, portanto, exerce influência significativa na “gravidade” do acontecimento. E, neste caso, vemos claramente a diferença entre um problema (aparentemente) local, como na Croácia, e um problema que pode ser internacionalizado, como o fluxo de refugiados albaneses para a Itália.

Quanto às pessoas noticiadas e celebridades, estas estão relacionadas, muitas vezes, também aos lugares “mais importantes” ou a modismos, os quais, mesmo o noticiário internacional não está de todo livre. Alguns exemplos como o caso extraconjugal do então presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, com sua estagiária Monica Lewinski ou, a vida privada da princesa Diana, culminando em sua trágica morte, dentre outros, podem ser citados.

Por fim, quanto aos lugares mais noticiados, percebemos que existem realmente alguns que predominam na imprensa, ajudando a definir o que é “mais importante” e quais são as principais paisagens jornalísticas.

Podemos afirmar que hoje em dia grande parte do noticiário internacional se concentra no Oriente Médio (Israel/Palestina e Iraque), nos Estados Unidos e em algumas partes da Europa. A Rússia, em si, não aparece sempre, mas continua como zona de influência para detecção de possíveis problemas maiores em alguns lugares do globo (o que explica, em parte, a grande repercussão nos noticiários das eleições presidenciais ucranianas mais recentes³⁸, e a grave preocupação em relação a tomar qualquer atitude mais drástica em relação à Sérvia durante as guerras na ex-Iugoslávia, como veremos). A China,

³⁸ Em novembro de 2004, Viktor Yushchenko foi derrotado nas eleições presidenciais ucranianas, mas como o pleito foi considerado fraudulento, a população foi às ruas reivindicar novas eleições. Yushchenko é visto como pró-ocidente e seu opositor, Viktor Yanukovych, é visto como parceiro da Rússia e do presidente russo Vladimir Putin, ex-membro da KGB, considerado centralista e conservador... É uma longa história, mas o que devemos nos ater aqui é que tal história ocupou páginas inteiras do jornal por dias e fazia tempo que nenhuma história tinha mais espaço nos jornais do que a guerra no Iraque ou o conflito na Palestina; e mais tempo ainda, que a Ucrânia não chamava para si, a atenção do mundo.

por sua vez, começa a se destacar enquanto “grande país emergente”³⁹, e a América Latina freqüentemente aparece, talvez apenas por nos dizer respeito. A África e certas regiões da Ásia, no entanto, são, na maioria das vezes, relegadas ao esquecimento.

São os lugares mais centrais também que, por serem mais centrais, possuem maior número de correspondentes das agências de notícias – o que implica uma certa “seleção natural” do que é escolhido para a publicação, dado o maior número dos artigos que chega aqui pelos despachos das agências e jornais internacionais. Quero dizer, chegam muito mais e melhores artigos de lugares que têm ampla cobertura da mídia do que de lugares que aparecem uma vez ou outra, quando algo muito grave acontece.

Hannerz (2004), a partir da sua pesquisa com correspondentes internacionais, permanentes ou não, desenha esta paisagem onde as notícias “acontecem”, que não difere muito das localidades onde os jornais do Brasil já mantiveram correspondentes, e onde se localizam os principais escritórios e sedes das agências norte-americanas e européias de notícias: ou seja, nos Estados Unidos, principalmente Washington e Nova York, e na Europa, Londres, Paris, Bruxelas, Roma, Viena, Berlim (em Bonn, antes da unificação alemã) e Moscou.

Fora dessas localidades, em um tipo ideal proposto também por Hannerz (2004, p. 52), existem bases consideradas boas para localização dos jornalistas na América Latina, África, Oriente Médio, Ásia e Oceania, são elas: na América do Sul, em Buenos Aires e no Rio de Janeiro; na América Central, na Cidade do México; na África, em Johannesburg ou Cape Town e em Nairóbi; no Oriente Médio, em Jerusalém e no Cairo; na Ásia, no sul, em Delhi, no sudeste, em Bangkok, na China, em Pequim e em Hong Kong, e no Japão, em Tóquio; e na Austrália, em Sidney. Como manter este tipo ideal custa muito caro, geralmente há o uso de agências e jornais locais, *stringers* e “pára-quadistas” (ou “firemen”, que seriam os nossos enviados especiais). Existe, neste último caso, a ajuda dos *fixers*, utilizados pelos correspondentes ou enviados especiais quando estes caem de “pára-quadistas” em um lugar que, muitas vezes, nunca estiveram antes. Os *fixers* “são pessoas que arrumam entrevistas, que conhecem já pessoas, personagens...” (Marcelo Spina, em

³⁹ Expressão utilizada por Vinicius Mota, editor do caderno Mundo, da *Folha de S. Paulo*, em palestra sobre jornalismo internacional, proferida na Fiam (Faculdades Integradas Alcântara Machado), no dia 15 de setembro de 2004, em São Paulo (SP).

entrevista à autora⁴⁰), não são jornalistas, mas pessoas do lugar, que possuem, portanto, um “maior entendimento” da situação e contatos na região, podendo ser contratados, também, como tradutores ou motoristas.

Neste sentido, além das questões “o que acontece”, “onde acontece”, “com quem acontece”, temos ainda uma quarta questão, que diz respeito ao conteúdo sobre o qual se fala. Geralmente, tudo o que se fala na mídia tem como fonte principal de pesquisa e informações a própria mídia. Muitos jornalistas que conversei durante a pesquisa me disseram que antes de irem para algum lugar fazer alguma cobertura, se informavam sobre este lugar pela mídia – jornais e revistas principalmente, e por livros, geralmente escritos por correspondentes. Hannerz (2004), em sua pesquisa, também notou isso, e afirma que, quando um correspondente veterano deixa o país onde está estacionado e é substituído por um novo correspondente, normalmente o novo correspondente vai se informar sobre o país a partir dos artigos que o correspondente anterior escrevera, e também, a partir das próprias pessoas do lugar, ou dos *fixers*, que, por sua vez, compartilham de uma certa estrutura local interpretativa, já de antemão estabelecida. O conhecimento de senso comum possui assim uma rotatividade: da população para os correspondentes, para as suas matérias, para o novo correspondente, que então se manterá informado pelas matérias do correspondente anterior e pela população local. Para Hannerz, tal mecanismo preserva o que ele chama das “story lines” existentes (os próprios jornalistas, por vezes, usam esta denominação).

Story line, ou seja, “linha da história”, é uma espécie de mote a respeito do assunto sobre o qual se fala (ou se escreve), que dá coerência à história e organiza e simplifica a narrativa jornalística. Hannerz (2004) cita, por exemplo, o conflito árabe-israelense como a *story line* de uma cobertura em Jerusalém. Outro de seus inúmeros exemplos é sobre David Remnick, correspondente em Moscou no final da década de 80. Remnick contou a Hannerz que, por ocasião do conflito em Nagorno-Karabakh, criara uma tecla de atalho em seu computador que escrevia ““a disputed mountain enclave within Azerbaijan, inhabited mostly by ethnic Armenians”” (HANNERZ, 2004, p. 218), expressão que utilizava quase todos os dias em seus artigos. Não apenas Remnick escrevia esta pequena frase, mas, como veremos, muitos jornalistas da época.

⁴⁰ *Op. cit.*.

E, para além daquilo que se fala ou do conteúdo específico de cada matéria, a *story line* é também o que fica de cada evento, o que lembramos a respeito dele. Seria, digamos, o lado mais sincrónico da cobertura, o que permeia os motivos de noticiar algo, que está além e aquém do que se noticia.

Contudo, em uma análise mais crítica, e menos naturalista desta terminologia e deste modo de escrever a notícia, chegamos à conclusão de que tais discursos, mais do que linhas da história, são discursos hegemónicos, que implicam modos de abordar determinado assunto e determinados sujeitos da história e que, no caso da ex-Iugoslávia, nortearam muito do que foi dito a seu respeito. Resvalam assim para o senso comum, que cabe ser superado. Este seria o pano de fundo das nossas notícias.

Quanto às notícias propriamente ditas, a mais comum, às diversas mídias, é a notícia quente (ou *hard news*), que são, nas palavras de Hannerz, “unique events, temporally highly specified, with consequences that insist on the attention of newspeople and their audiences” (2004, p. 31). Certamente, na imprensa escrita, a notícia quente nunca é tão quente como em outras mídias, principalmente a internet, mas o termo serve a ela da mesma maneira. A notícia quente geralmente é um relato factual⁴¹ e de grande destaque no noticiário internacional (não só internacional, mas do noticiário como um todo). Ela é a notícia sobre o que aconteceu, como, onde, quando e porque (parafraseando o que seria o lide).

Um outro tipo de notícia, voltando às terminologias utilizadas por Hannerz (2004) (mas não só por ele), são as “feature stories”, que seriam outras histórias de destaque no jornal como, por exemplo, as grandes reportagens dos jornais de domingo ou algumas das reportagens de nossos enviados especiais. Hannerz as opõe às notícias quentes do dia, em suas palavras, “feature stories can be news of difference, of people thinking, acting, or living in some unfamiliar way” (2004, p. 32). Muitos jornalistas utilizam o termo “fria” para designá-las, é uma matéria, portanto, que pode esperar. São tais matérias que, segundo Hannerz, tornam mais complexos, as pessoas e os lugares, e que, por isso, diferentemente das notícias factuais, os tornam mais duráveis.

⁴¹ A diferenciação entre relatos mais e menos factuais diz respeito ao modo de abordar determinada temática ou opinar sobre ela. Artigos mais opinativos e explicativos podem ser considerados não-factuais ou menos factuais, artigos mais narrativos e dramáticos, relacionados ao dia-a-dia, mais próximos da pessoa noticiada, podem ser considerados menos factuais, e artigos que enumerem acontecimentos ou descrevam decisões políticas e/ou militares, podem ser considerados

Para além das grandes reportagens, existem ainda outras reportagens factuais, nem tão grandes, e os “sides” de alguma cobertura, que mostram um outro lado do que aconteceu, um desdobramento, uma curiosidade, um relato de “interesse humano”, ou algum aspecto que se relaciona com o país do jornal, no caso, o Brasil. Nas palavras de Marcos Guterman⁴²:

Como o próprio nome diz, *side* é uma matéria que não é a principal, é uma matéria secundária, que está sempre ao lado da matéria principal, que dá um toque ali mais pessoal, divertido ou mais dramático para uma narrativa que é diferente... por exemplo, se você tem um atentado terrorista na Arábia Saudita no domingo tal, aí o noticiário principal conta “morreu tantos, como foi...”, isso é o noticiário principal, o *side* é a matéria do desespero, do sofrimento, dos corpos dilacerados, que é uma narrativa bem mais dramática e tal.

Tais matérias estão relacionadas, portanto, ao grande evento, ou a uma matéria maior.

Existem, por fim, as pequenas notas. São factuais e não têm destaque. Encontram-se na parte inferior da hierarquia das notícias mais ou menos importantes que analisamos aqui, geralmente vêm publicadas nos cantos das páginas do jornal.

Sublinho ainda que tais caracterizações não são auto-excludentes, uma matéria quente, por exemplo, geralmente contém muito da *story line* do conflito, e pode trazer uma entrevista realizada pelo correspondente, ou algo que ele testemunhara, não necessariamente naquele dia.

Posto isso, já sabemos como as notícias são feitas, quais são feitas, e que espaço dos jornais é a elas destinado. Cabe tratar agora de mais um assunto para nós relevante, relacionado com o que indiquei no início deste capítulo.

Ocorreu e vem ocorrendo, nos últimos anos, uma diminuição da paisagem jornalística, que se deve, em grande parte, a uma crise econômica generalizada que impede que jornais, mesmo os de grande porte internacional, mais ainda os jornais brasileiros, possuam uma rede extensa de correspondentes no exterior, o que possibilitaria que mais regiões do mundo fossem mais e melhor cobertas (as grandes agências internacionais são as que possuem, ainda, uma ampla rede de correspondentes espalhados pelo globo).

os mais factuais. Sublinho, entretanto, que tal distinção se dá em um plano formal, na tentativa de diferenciar tipos de artigos, e não de diferenciar seus graus de realidade.

⁴² Editor-adjunto do caderno Mundo, da *Folha*, em entrevista à autora, *op. cit.*.

Hannerz (2004) salienta que, devido ao problema da falta de dinheiro, a organização das mídias vem seguindo um modelo cada vez mais orientado para negócios e lucro, o que torna o serviço do correspondente, além de caro, desvantajoso para os negócios da empresa jornalística. Somado a isso, muitos jornais estão encontrando uma “saída” para a crise financeira, unindo-se a grandes conglomerados empresariais, outros, como no Brasil, vêm formando ou se unindo a grandes empresas de comunicação e recorrendo à ajuda do Estado. À crise financeira, acrescenta-se assim, uma crise de credibilidade; nas palavras do jornalista Fernão Mesquita (2005, p. A16),

como o público pode levar a sério, para nos fixarmos na versão francesa desse fenômeno, um jornal “socialista” patrocinado pelo barão de Rothschild (o Libération) e os seus dois concorrentes, o Figaro e o Monde, hoje propriedades de dois grupos econômicos focados na indústria de armamentos?

Por outro lado, os jornalistas continuam a fazer o seu trabalho, independentemente do dono da empresa, e o fato do jornal ser vendável ou não, está, em grande medida, ainda relacionado com a confiabilidade mínima que ele deve manter com o seu público leitor, que faz com que a mercantilização da informação não seja levada ao extremo ou que tal relação seja, ao menos, dissimulada. Neste sentido, poderíamos supor que não seria a informação mercantilizada, apenas a renda jornal administrada diferentemente e por outros campos, mais ligados ao mercado, que à informação. É uma situação perversa e perigosa, mas não é novidade e caracteriza o campo jornalístico há tempos, possui tendências controversas e não resolve a crise financeira pela qual os jornais vêm passando.

Pensando agora especificamente os jornais brasileiros, cabe atentar para o fato de que, no início da década de 80, os cadernos internacionais dos jornais eram maiores e também o número de lugares noticiados (apesar da recorrência dos países “centrais” e mais “ricos”). Isso foi mudando paulatinamente, não dá para especificar quando exatamente. Arriscaria três explicações. Uma primeira, seria o fim da guerra fria. Uma segunda, seria a crise econômica mundial da imprensa (que dá continuidade ao que eu disse até agora). E a terceira (indiretamente relacionada), as melhorias gráficas dos jornais.

Assim, em primeiro lugar, com o fim da guerra fria e, conseqüentemente, o fim da polarização EUA/URSS e do perigo iminente do que poderia ser a maior de todas as guerras, é evidente a diminuição de lugares cobertos pela imprensa internacional; embora tanto a Rússia como os Estados Unidos continuem sendo determinantes para a pauta

internacional, como vimos nos casos do Iraque, Afeganistão e Ucrânia. Muitos países perderam portanto a sua strategicidade e, neste sentido, deixaram de ser importantes e de serem noticiados, principalmente na África e na América Latina, onde diminuiu significativamente a quantidade de matérias (apesar dos jornais brasileiros tentarem relegar a esta última, um pouco de espaço). Além disso, os conflitos hoje estão mais distantes (real e figuradamente) dos grandes centros, já que não há mais uma estrutura interpretativa, como era a guerra fria, que os aproxime do público leitor, facilitando sua inteligibilidade⁴³.

Em segundo lugar, a crise econômica no Brasil acarretou para os jornais: a diminuição de correspondentes no exterior, a diminuição de enviados especiais para cobrir eventos diversos e a diminuição de papel (que ainda é importado), levando à diminuição do número de páginas do jornal, inclusive, de internacional. Alguns fatores concorreram para essa crise. Em primeiro lugar, a inflação e o endividamento dos jornais, e daí, a redução de gastos em dólar (correspondentes e papel). Paralelamente, com o desenvolvimento de outros meios de comunicação, mais televisão e mais internet, a principal fonte de renda do jornal em um país democrático, ou seja, a publicidade, se dispersou, hoje há menos propaganda (por incrível que pareça) nesses jornais de circulação diária, menos propaganda e menos anúncios nos classificados, aumentando assim, o custo do jornal. Por fim, com a diminuição generalizada da receita, tivemos a diminuição do poder aquisitivo das pessoas, levando a um menor número de assinaturas e compradores esporádicos, o que contribuiu para diminuir ainda mais o número de anunciantes, já que o jornal precisa vender para ter anúncios, que são a sua fonte principal de renda. Os jornalistas se confortam em dizer que não são somente os jornais brasileiros que estão em crise, é uma crise mundial e “até” a Globo está em crise⁴⁴.

Sobre o futuro da imprensa escrita, em face às outras novas mídias e à mentalidade comercial das empresas jornalísticas, Ruy Mesquita, diretor do *Estadão*, tem uma posição otimista; cito um trecho de entrevista sua, publicada pelo seu jornal:

Os jornais que são atingidos pelo (...) processo de “murdochização”, – a mentalidade empresarial de Rupert Murdoch, que transformou o tradicional *Times* de Londres em tablóide – não terão vida longa.

⁴³ Creio não ser possível afirmar ainda, se o terrorismo internacional (apesar de não ser novidade na história) está ou não assim se configurando atualmente, enquanto estrutura interpretativa de conflitos.

⁴⁴ Cf. entrevista realizada com Marcos Guterman, *op. cit.*, e com Paulo Nogueira, editor de “Internacional” do jornal *O Estado de S. Paulo*, no dia 4 de novembro de 2003, na sede do *Estadão*, em São Paulo (SP). A TV Globo é a maior rede de televisão do Brasil, para não dizer da América Latina, e uma das maiores do mundo.

Só sobreviverão, no futuro, os jornais que se tornarem leitura indispensável de certos setores da sociedade – os empresários, os intelectuais, os políticos – sem a pretensão de concorrer em termos de números de circulação com as audiências da internet ou mesmo da televisão. Ninguém lê jornal para se distrair ou se entreter. Lê para se informar, para se atualizar, para, enfim, melhor se preparar para vencer na vida, para exercer plenamente a cidadania (2005, p. A13).

Por último, apesar de não terem sido transformados em tablóides... tanto a *Folha de S. Paulo* quanto *O Estado de S. Paulo* sofreram reformas gráficas consideráveis neste período (década de 90). Com o desenvolvimento de tecnologias mais leves, com a concorrência de meios de comunicação mais “velozes”, e com o intuito de tornar a leitura mais fácil, ágil e agradável, as fotografias passaram a ocupar todas as páginas do jornal, a largura do jornal diminuiu e o texto extenso deu lugar a uma “filosofia” do “dizer mais com menos”, a partir de linguagens visuais (que seria a “arte” do jornal: quadros informativos ou “boxes didáticos”, gráficos, mapas, esquemas) que agilizam a transmissão da mensagem. A página se reconfigurou: grandes destaques a notícias mais importantes e pequenas notas a algumas notícias “menores”, ambas, todavia, com textos e parágrafos mais curtos e letras maiores.

Alguns números desta crise. Taylor (1998) afirma que desde 1981, a venda de jornais caiu 20% e a propaganda diminuiu muito. Marcos Guterman, em entrevista⁴⁵, afirma que, com a crise, o pessoal da editoria de Mundo foi reduzido em 30% nos últimos anos. E Renato Gianuca (2005), jornalista, resume bem o contexto internacional:

os jornais e revistas vêm perdendo, ano a ano, em tiragem e circulação. Este fenômeno atinge indistintamente países pobres e ricos. Nos últimos dez anos, a circulação paga da mídia impressa, nos Estados Unidos e na Europa Ocidental, caiu cerca de 20%. Jornais importantes como o *International Herald Tribune* tiveram perdas de mais de 4% em suas vendas em 2003; o *Financial Times*, de 6,7%. A circulação global dos jornais e revistas da Alemanha, nos últimos cinco anos, caiu 7,7%; na Dinamarca, 9,5%; na Áustria, 9,9%. Até no Japão, onde há o maior consumo mundial de periódicos, a circulação caiu 2%. O próprio *Le Monde Diplomatique* retrocedeu em 12% na sua circulação em 2004. A repercussão direta dessas quedas se dá nas redações: mais de dois mil jornalistas perderam seus empregos nos Estados Unidos, entre os anos 2000 a 2004. Também afetadas, as principais agências internacionais de notícias reagem como a Reuters, que anuncia agora a demissão de 4.500 funcionários.

Como o noticiário é feito

⁴⁵ *Op. cit.*.

Os artigos do nosso noticiário internacional são baseados em grande medida nos despachos das agências internacionais de notícias.

As três maiores agências de notícias do mundo são: a France Presse, a Reuters e a Associated Press. Suas histórias remontam a meados do século XIX, quando jornalistas começaram a montar equipes de reportagens para produção de notícias, o que era bem mais vantajoso economicamente para os jornais que as publicavam. A pioneira delas, de acordo com Natali (2004), é a Agência Havas, precursora da Agence France Presse, criada por Charles Havas em 1835, na França. A Havas começou fazendo serviços de tradução das notícias publicadas pelos diversos jornais europeus, até resolver criar suas próprias equipes de jornalistas. Um de seus jornalistas, Paul Julius Reuter, alemão, fundaria a Reuter em Londres, em 1851 (só recentemente denominada “Reuters”). A Associated Press, por sua vez, nasceu de um *pool* formado por seis jornais de Nova York, em 1848. É dela, em 1858, a primeira transmissão de um despacho pelo “cabo telegráfico transatlântico. O texto, para uso dos jornais americanos, trazia 48 palavras e se referia a uma rebelião contida na Índia contra os ingleses” (NATALI, 2004, p. 31). No Brasil, D. Pedro II inaugurou a ligação por telégrafo Brasil/Europa em 1874. Três anos depois a Reuters-Havas, empresa que reunia as agências Reuter e France Presse, instalaria sua sucursal no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro⁴⁶.

As agências, mais do que outros veículos de imprensa, se caracterizam assim, pela necessidade de transmitir notícias o menos partidárias possíveis, para que elas sirvam, de fato, a diversos lugares do mundo. Entretanto, não é sempre que esta postura predomina, como vimos no capítulo anterior e em “paisagens jornalísticas”.

Além das agências de notícias, contamos ainda com os grandes jornais internacionais e com uma modesta rede de correspondentes, alocados em grandes centros da Europa e dos Estados Unidos, e que possuem um acesso maior à grande imprensa internacional e ao debate acerca dos acontecimentos nestes países (a grande imprensa internacional além de possuir um maior número de correspondentes no exterior, possui em seus países de origem um maior número de analistas “internacionais”, diferentemente que no Brasil, onde, de acordo com Paulo Nogueira⁴⁷, estes são mais escassos).

⁴⁶ Cf. NATALI, 2004.

⁴⁷ Paulo Nogueira, em entrevista à autora (*op. cit.*), justifica tal fato por uma suposta tendência de países grandes como o Brasil se voltarem excessivamente para si mesmos.

Paulo Nogueira nos chama atenção ainda⁴⁸, para a internet. Em suas palavras, a internet “é uma fonte super legal de pesquisa porque você tem a infinito, você tem *sites* oficiais, você faz buscas (...). Por exemplo, na guerra do Afeganistão, o Taleban tinha um *site* deles lá, a gente entrava no *site* do Taleban, (...) tem a possibilidade de ver a fonte direta, isso é muito legal”. Natali (2004) vai além e diz que, graças à internet, os redatores das editorias de internacional são hoje bem menos dependentes dos despachos das agências e jornais internacionais, podendo complementá-las com informações de *sites* e entrevistar por e-mail especialistas de outros países, o que há alguns anos atrás não era possível – devido ao custo de um telefonema internacional, à dificuldade de encontrar tais especialistas, ou ao tempo maior que seria despendido em uma pesquisa como esta. Por fim, além destes meios, contamos ainda com os esporádicos enviados especiais, que tratarei também em capítulo específico na parte 3 desta dissertação.

As fotografias e os artigos “internacionais” chegam assim, a cada segundo, via satélite, aos terminais de computador dos jornais. A cobertura da guerra no Kosovo já foi acelerada por esse meio e pela internet. Anos antes, ao invés de chegar por satélite, as notícias e fotografias chegavam por telex. Grande espaço das instalações do jornal era destinado às máquinas de telex e seus rolos infinitos de papéis. O processo era o mesmo, lia-se as notícias e elaborava-se então a pauta do dia.

A pauta, elaborada pelo pauteiro, no caso da *Folha*, ou por redatores, no caso do *Estadão*, são assuntos, previamente selecionados e hierarquizados, que vão concorrer entre si para conformar a edição de internacional do dia. Tais assuntos, ou agenda do dia, muitas vezes, já vêm sugeridos pelas agências de notícias, que, segundo Marcos Guterman⁴⁹, podem “martelar num mesmo assunto”, enviando maior quantidade de fotografias e notícias.

Tanto a *Folha de S. Paulo* como *O Estado de S. Paulo* usam (e pagam) os serviços da Agence France Presse, francesa, da Associated Press, americana, da EFE, espanhola e da Reuters, inglesa. *O Estado de S. Paulo* se utiliza ainda dos serviços da DPA (Deutsche Presse-Agentur), alemã, e da Ansa (Agenzia Nazionale Stampa Associata), italiana. No

⁴⁸ Em entrevista, *op. cit.*.

início da década de 90, e na década de 80, tínhamos ainda a UPI (United Press International), americana, e era freqüente o uso pelas agências e jornais internacionais, das agências e jornais oficiais dos países socialistas, como a Tanjug, iugoslava, freqüente também na cobertura das guerras, a Tass, soviética – hoje em dia cita-se muito a Interfax, russa –, a BTA, búlgara, e jornais como o Pravda, do Partido Comunista (PC) soviético, o Guangming, chinês, o Granma, do PC cubano, etc..

As fotografias do período pesquisado, com poucas exceções, eram das agências France Presse, Associated Press e Reuters. E, independentemente de como eram realizadas, chegavam (e ainda chegam) aos jornais do Brasil separadas dos artigos. É o editor aqui quem monta a notícia, artigo mais fotografia, o que nos dá maior liberdade de analisá-los separadamente.

Até 2003, os jornais não citavam o nome do fotógrafo. Quanto ao texto, a *Folha*, até começo de 1991, quando seu caderno de internacional chamava-se “Exterior”, trazia em uma observação, no início do caderno, a relação das agências e jornais internacionais utilizados, até 2000/2001⁵⁰ assinava apenas “das agências internacionais”, hoje em dia ela assina “DA REDAÇÃO” e embaixo do artigo, “Com agências internacionais” (não as especificando) e/ou os jornais utilizados. O *Estadão*, até 1997/1998⁵¹ assinalava o lugar de onde vinha a notícia e trazia no índice a relação das agências de notícia e jornais internacionais utilizados no noticiário, depois, passou a enumerar, embaixo do artigo, as agências e/ou os jornais utilizados. Isso quando são vários, quando o artigo é de uma agência apenas, ele vem assinado logo abaixo do título com o nome da agência, podendo ou não, conforme o caso, trazer o nome de seu autor, tanto na *Folha*, como no *Estadão*. O mesmo acontece com os jornais internacionais utilizados na cobertura.

Os despachos dos jornais estrangeiros (que a *Folha* e o *Estadão* possuem direitos de publicação integral ou pagam por matéria utilizada) funcionam como os das agências e dos correspondentes internacionais. Eles vão chegando aos terminais de computador, são analisados primeiramente e depois hierarquizados e selecionados, ou não.

Não necessariamente os artigos entram inteiros na edição do dia. Na maior parte das vezes, eles servem de base para o artigo do redator, que procura eliminar opiniões

⁴⁹ Em entrevista, *op. cit.*

⁵⁰ Não foi possível precisar a data exata.

⁵¹ *Idem.*

tendenciosas e posicionamentos políticos, freqüentes, de acordo com as entrevistas por mim realizadas, nos artigos de agências e jornais internacionais. Deste modo, o que o redator escreve é um novo texto, o mais imparcial possível (segundo o jornal) e, muitas vezes, aprofundado com outros materiais que ele pesquisa ou entrevistas que ele realiza do próprio jornal.

Quanto ao noticiário das guerras na ex-Iugoslávia, os artigos que o compunham, quando mais de um, geralmente seguiam um determinado padrão.

Havia a notícia propriamente dita. Normalmente um apanhado de diversas agências internacionais (Associated Press, Reuters, EFE, France Presse, Ansa e DPA). Elas eram bem factuais, consistiam na descrição dos acontecimentos. No caso da Bósnia, por exemplo, falava de possíveis negociações internacionais, combates em alguns lugares, tantos mortos e feridos, e assim por diante, segundo tais e tais fontes. Algumas vezes, o jornal selecionava um artigo específico de determinado jornal, como o *The New York Times*, por exemplo, ou mesmo de uma única agência específica, neste caso, o artigo podia aparecer com autoria.

Havia o artigo do correspondente internacional. Por exemplo, Reali Júnior, correspondente do *Estadão* em Paris, ou ele fazia uma análise dos acontecimentos, ou ele falava da repercussão da guerra na França, ou mesmo, nos mantinha informados acerca do debate público e intelectual que ocorria lá naquele momento. E assim foi com todos os correspondentes dos jornais, estivessem eles em Paris ou Washington. Tais artigos eram selecionados tal como os das agências internacionais, podendo ou não entrar na pauta do dia.

Muitas vezes os jornais se posicionavam nos editoriais, lugar onde a opinião do jornal é explicitada. Artigos com autoria compunham também o noticiário em outras seções de opinião, como “Tendências e Debates” (na *Folha*) e “Espaço Aberto” (no *Estadão*), onde escreviam diplomatas, jornalistas, políticos, escritores, intelectuais, geralmente brasileiros; aos estrangeiros eram destinados, na maioria das vezes, espaços nos cadernos de internacional ou nos suplementos de cultura, principalmente aos domingos.

E, em alguns momentos, havia o enviado especial. Alguns exemplos recentes: em 11 de setembro de 2001, Sérgio Dávila, da *Folha de S. Paulo* estava em Nova York e cobriu o atentado; para o Afeganistão, logo depois, foi o Kennedy Alencar pela *Folha* e o Lourival Sant’Anna e o Roberto Lameirinhas pelo *Estadão*; para o Iraque, em 2003, foi o Sérgio Dávila e o Juca Varella, pela *Folha* também; em Madri, 11 de março de 2004, Clóvis Rossi, da *Folha*, cobriu o atentado. Podemos notar que a *Folha* é a grande “mensageira” de enviados especiais. O *Estadão*, ao meu ver, prefere investir em mais jornais internacionais, dando mais espaço para comentadores estrangeiros, principalmente do *The New York Times*, embora Paulo Nogueira, editor de Internacional, de *O Estado de S. Paulo*, acredite que “é sempre bom mandar alguém (...) porque você tem um material diferenciado (...), mesmo que seja durante cinco dias, é melhor do que nada”⁵².

Na época das guerras na ex-Iugoslávia, tais enviados especiais foram escolhidos muitas vezes ao acaso, os motivos variando da proximidade geográfica à proximidade de parentesco. Por exemplo, nas guerras da Eslovênia e da Croácia, Fernando Gabeira e William Waack, ambos correspondentes em Berlim (proximidade geográfica) foram enviados especialmente a Liubliana e depois a Zagreb⁵³, e na guerra do Kosovo, Kennedy Alencar foi o enviado especial, ele é casado com uma eslovena (parentesco). No entanto, nas entrevistas individuais muito deles alegaram outros fatores. William Waack, por exemplo, afirmou que foi enviado à Iugoslávia pois “era o repórter do Estadão com mais quilometragem, traquejo e conhecimento deste tipo de cobertura” e tinha acabado de vir da Guerra do Golfo, tendo “umas quatro ou cinco guerras na carteira” (informação verbal)⁵⁴. Já Leão Serva, correspondente em Londres na época, sempre teve “vontade” de cobrir uma guerra⁵⁵.

O enviado especial, a partir da minha leitura, tanto transmitia as notícias da guerra quanto, principalmente, trazia ao leitor o relato da guerra, a crônica de guerra. Sérvios, albaneses, eslovenos, croatas, muçulmanos, ganhavam assim, nomes e histórias de vida.

⁵² Entrevista à autora, *op. cit.*

⁵³ Não consegui confirmar se Fernando Gabeira esteve ou não, como enviado especial, em Zagreb, mas certamente foi ele o encarregado de escrever, de Berlim, sobre a guerra que lá ocorria. Fernando Gabeira foi o único enviado especial com quem eu não consegui conversar, cheguei a ir à Brasília para uma reunião com ele, a reunião foi esquecida. Liguei e mandei e-mail, não obtive resposta. Consegui enviar um questionário pela secretária e pedi uma resposta definitiva, ela me disse depois que, infelizmente, ele não poderia ajudar em minha pesquisa.

⁵⁴ Entrevista com William Waack, *op. cit.*

⁵⁵ Entrevista com Leão Serva, realizada nos dias 5 e 11 de novembro de 2003. Leão Serva é jornalista e foi enviado especial da *Folha* para cobrir a guerra na Bósnia.

Veja o relato de William Waack em “População tenta fugir da guerra” (5 out. 1991, p. 8*⁵⁶):

O último anúncio de um acordo na guerra civil iugoslava encontrou ontem à tarde Tina Perenkovic e suas três vacas no meio do asfalto, andando por uma estradinha 50 quilômetros ao sul de Zagreb. O resto que ela conseguiu salvar da guerra cabia no reboque de um trator: dois porcos, um carneiro, uma coelha com sua ninhada de cinco filhotes, várias trouxas de roupas e algumas panelas. O marido ficara para trás, morto por uma granada, e a casa queimou na madrugada, durante outro bombardeio na região de Glina (...).

Geralmente o enviado especial fazia as três coisas: relato dramático do cotidiano da população civil na guerra, tentativa de interpretação da guerra e relato dos últimos acontecimentos.

Assim, nas guerras na Croácia e Eslovênia, tanto a *Folha* como o *Estadão* enviaram repórteres às zonas do conflito. Nas guerras na Bósnia e no Kosovo, *O Estado de S. Paulo* não enviou ninguém, mas geralmente trazia em suas páginas artigos de enviados especiais de vários jornais estrangeiros. O que o difere consideravelmente da *Folha de S. Paulo* que, pelo que pude ler, além das agências de notícias internacionais, em menor quantidade que o *Estadão*, publicava na época notícias de menos jornais estrangeiros e dava a eles menor destaque. Jornais como *The Independent*, *USA Today*, *Libération* e, às vezes, um *Le Monde*, um *Financial Times* e um *El País* eram os publicados pela *Folha*, só recentemente que este jornal ampliou o seu leque de direitos de publicação, incluindo o *The New York Times*, por exemplo. Já o *Estadão* publicava frequentemente artigos de jornais e revistas como o *The New York Times*, o *The Washington Post*, o *The Guardian*, o *The Times*, a *Newsday*, o *Los Angeles Times*, a *Der Spiegel*, a *L'Express*, a *Newsweek*, etc., mas, em compensação, quase não enviou jornalistas seus às guerras na ex-Iugoslávia. Esquemmatizando:

A *Folha de S. Paulo*, para cobrir a guerra na Eslovênia, enviou o então jornalista Fernando Gabeira, na época correspondente da *Folha* em Berlim, e publicou alguns artigos seus sobre a Croácia, de Berlim, e alguns artigos seus sobre o Kosovo, como articulista de *Ilustrada*, caderno de cultura do jornal. Depois, para cobrir a guerra na Bósnia, foi o Leão Serva, correspondente em Londres; em dois momentos diferentes, no primeiro para cobrir

⁵⁶ A partir deste momento, no decorrer de toda a dissertação e na referência dos artigos citados no final, utilizarei o asterisco para todo o artigo que estiver anexo em cd-rom (Anexo 1), no arquivo “Artigos.pdf”. Utilizarei o asterisco mais adiante, também para as fotografias e charges anexadas.

Sarajevo e a guerra propriamente dita, em 1992, no segundo, em 1993, para cobrir um suposto plano de paz que seria assinado em Bijeljina⁵⁷, área sérvia da Bósnia. Em 1995, quase no final da guerra na Bósnia, dois brasileiros que trabalhavam nas forças de paz da ONU foram seqüestrados pelos sérvios, mais dois repórteres foram os enviados: André Fontenelle (correspondente em Paris) e Rogério Simões (correspondente em Londres). Em 1996, Lúcia Martins⁵⁸ (correspondente em Londres) cobriu as eleições municipais na Sérvia. Na guerra do Kosovo, a *Folha* enviou Kennedy Alencar, então editor da seção “Painel” do jornal. Alencar cobriu a guerra de Belgrado, e em alguns momentos, quando foi possível, viajou para o Kosovo. Após a assinatura da paz, ele ficou no Kosovo e cobriu o retorno dos refugiados. Terminou sua cobertura novamente em Belgrado. Por fim, Sylvia Colombo (correspondente em Londres) foi enviada à Macedônia, em 1999, para cobrir os campos de refugiados durante os bombardeios da Otan.

O Estado de S. Paulo, por sua vez, priorizou menos os enviados especiais nessas guerras. William Waack, então correspondente em Berlim, fez a cobertura das guerras na Eslovênia e Croácia, em 1991⁵⁹. Durante a guerra na Bósnia, Marcelo Spina, que já havia estado em Sarajevo anteriormente, cobriu a crise dos reféns em 1995. E por fim, Rebeca Kritsch cobriu as primeiras eleições livres da Bósnia pós-guerra em 1996.

Gilles Lapouge, correspondente do *Estadão* em Paris, durante todo esse tempo cobriu da França os acontecimentos na ex-Iugoslávia, trazendo, digamos, sua opinião sobre o que estava acontecendo, além da cobertura dos acontecimentos propriamente dita. Paulo Sotero, idem, correspondente em Washington, cobriu freqüentemente as negociações de paz nos EUA durante as guerras da Bósnia e do Kosovo, analisando a posição dos EUA em relação ao conflito. Reali Júnior, também de Paris, cobriu principalmente a guerra do Kosovo.

A *Folha*, por sua vez, trabalhou com repórteres como Norton Godoy e Nelson Ascher, por exemplo, que escreviam artigos críticos, e com vários correspondentes

⁵⁷ O plano Vance-Owen previa a divisão da Bósnia-Herzegóvina em dez províncias semi-autônomas. Os muçulmanos e os croatas já haviam assinado, só faltava os sérvios assinarem. Acreditava-se que esta reunião sérvia, em Bijeljina, poria fim à guerra na Bósnia.

⁵⁸ Como seus artigos não faziam referência à guerra, optei por não entrevistá-la. Dois dias de sua cobertura, 22 e 25 de dezembro de 1996, estão anexos em cd-rom.

⁵⁹ William Waack também cobriu a guerra no Kosovo em 1999 para o canal de televisão *GloboNews* e alguns artigos seus saíram publicados, no mesmo período, na revista *Época*, da Editora Globo (São Paulo, SP).

“espiralistas” ou bolsistas⁶⁰ (além dos próprios enviados especiais que continuaram, enquanto correspondentes, cobrindo o conflito), dentre eles, Margarethe Born, de Berlim (em 1991), Osvaldo Peralva, de Praga (em 1991 e 1992), Clóvis Rossi, de Madri (em 1992), Carlos Eduardo Lins da Silva, de Washington (de 1993 a 1995) e Mariana Sgarioni, de Paris (em 1999, por ocasião das conversações de Rambouillet para pôr fim ao conflito no Kosovo).

Alguns correspondentes de jornais e agências estrangeiros que cobriram tais guerras marcaram presença na *Folha* e no *Estadão*. Para citar alguns deles: dos jornalistas que saíram na *Folha*... Tony Barber (*The Independent*) esteve em Zagreb durante a guerra da Croácia, e depois continuou a cobrir de Londres a guerra da Bósnia. Mark Heinrich (da Reuters) cobriu a guerra na Bósnia. Um artigo dele também saiu no *Estadão*. Robert Fisk, (*The Independent*) cobriu Bósnia e Kosovo, até hoje vários artigos seus saem publicados na *Folha*. Marcus Tanner (*The Independent*), cobriu a guerra da Bósnia e do Kosovo, principalmente de Belgrado. Didier François (*Libération*) cobriu a guerra do Kosovo, do próprio Kosovo e da Macedônia. Estes foram os correspondentes que mais saíram na *Folha*, não foram os únicos, diversos outros também foram publicados, mas com apenas um ou outro artigo. Não é possível, nem cabe a mim neste momento, traçar aqui qualquer perfil sobre eles.

No *Estadão*, os correspondentes de jornais estrangeiros que tiveram mais espaço no jornal foram: Ian Traynor (*The Guardian*), cobriu a guerra da Bósnia, esteve em várias cidades. Stephen Engelberg (*The New York Times*) cobriu Croácia, Eslovênia e Bósnia. John F. Burns (*The New York Times*), cobriu Bósnia. Roy Gutman (*Newsday*), também cobriu Bósnia. Chuck Sudetic⁶¹ (*The New York Times*), também Bósnia. Por fim, Steven Erlanger (*The New York Times*) fez uma ampla cobertura da guerra e do pós-guerra do Kosovo, cobrindo do próprio Kosovo e da Iugoslávia.

Ricardo Bonalume Neto da *Folha* e Roberto Godoy do *Estadão*, enquanto isso, mapeavam os combates, as estratégias, os armamentos, os cercos, os enclaves, as ações da Otan, etc..

⁶⁰ A *Folha* selecionava, por concurso interno, aqueles que iam ser correspondentes “bolsistas” no exterior por algum tempo. Não sei dizer se é este o caso dos correspondentes que cito na seqüência, mas foi o caso de muitos dos enviados especiais às guerras na ex-Iugoslávia.

Existia ainda a preocupação maior em, além de divulgar os acontecimentos, fazer um aprofundamento crítico em relação às várias questões que permearam o noticiário sobre as guerras na ex-Iugoslávia. Mas, longe de suprirem nossa necessidade maior de explicações e compreensão, em meio a tantas notícias, tais análises acabavam sendo mais uma fala.

Por fim, sublinho que fiz aqui este levantamento geral de nomes, para mostrar *em nomes*, a diversidade de artigos que fizeram parte da cobertura.

A Iugoslávia e a imprensa

O conjunto de hipóteses, apresentado na introdução desta dissertação, a respeito do modo de explicar as guerras na ex-Iugoslávia, não é novidade. Frequentemente frases soltas eram ditas sobre tais coberturas e quase toda a bibliografia sobre as guerras e sobre a história da região utilizadas nessa dissertação remete, em algum momento, à cobertura jornalística, “estereotipada e superficial”. Meu propósito aqui, portanto, para além de frases soltas ou citações, é trazer para o debate tais artigos, deixar que eles respondam ou não a tais críticas. Cito a seguir alguns autores e críticas frequentes a respeito da cobertura.

Com referência às interpretações mais comuns feitas sobre os conflitos iugoslavos, Ivekovic (1997) acredita que estas são geralmente deturpadoras da realidade social. Primeiro, por imputarem as causas de tais enfrentamentos a grandes autores e às relações internacionais; segundo, por sofrerem de um revisionismo histórico, onde o discurso nacionalista vem acompanhado de suas reconstruções políticas do passado; terceiro, por serem frutos de manipulações historicistas; quarto, por imputarem características imutáveis às culturas (*culturas da paz* ou da *violência*, por exemplo); por último, por serem conseqüências da manipulação dos agentes estatais de acordo com os “interesses nacionais” (econômicos, políticos, estratégicos).

Segundo ele, tais interpretações normalmente estão presentes na imprensa, onde “o rótulo jornalístico de ‘conflito étnico’ desvia a atenção da historicidade específica dos acontecimentos atuais e do caráter político contemporâneo da relação entre identidade coletiva e autoridade política” (1997, p. 50).

⁶¹ Chuck Sudetic escreveu o livro “Blood and vengeance: one family’s story of the war in Bosnia” (1998), que intercala as histórias da Primeira e da Segunda Guerra Mundial, com a guerra na Bósnia e com a história da família Čelik, bósnia,

Além de Ivekovic, outro conjunto de autores como Edward Said (1990), Homi Bhabha (1998), Silvia Montenegro (2002), apesar de não estarem pensando especificamente o caso iugoslavo, caracterizam a imprensa como difusora de estereótipos, estereótipos estes, parte do discurso ocidental sobre o “Outro”, como um todo.

Gábor Basch, igualmente, afirma que os

conflitos da Bósnia, da Croácia e do Kosovo foram, crescentemente, interpretados pelos meios de comunicação como o resultado de um ressurgimento de “ódios ancestrais”, explicação que naturaliza o “conflito étnico” como uma das características principais da região e que, de certa forma, também acaba legitimando o regime anterior, que supostamente teria solucionado os conflitos e ódios nacionais. Além disso, referências a “ódios ancestrais” e “conflitos étnicos” que seriam inerentes à região dos Balcãs, representam uma saída culturalista, que explicaria os conflitos em função de uma suposta incompatibilidade ou antagonismo entre culturas. A região passa a confundir-se com o conflito e a guerra. Sem querer negá-los, creio que é fundamental lembrarmos que também deparamos nos Balcãs longos períodos de paz, reciprocidade e convivência (e exogamia) (2003, p. 92).

Ou ainda:

“Muitas foram as interpretações da guerra que se seguiu à proclamação da independência da Croácia entre 1990 e 1991. Enquanto a imprensa internacional se baseava num ‘modelo étnico’ para traduzir o conflito, que se travaria entre ‘sérvios’ e ‘croatas’, dois povos *essencialmente* diferentes e cujo *ódio*, até então silenciado e controlado pelo regime socialista, seria ancestral, na Sérvia, o início do conflito foi interpretado na linguagem socialista, ou seja, tratava-se de uma ‘guerra de libertação nacional’, onde as forças da Jugoslávia instituída pelos *partisans* de Tito durante a Segunda Guerra Mundial lutavam contra separatistas croatas (Grandits & Pomitzer, 2000 : 136-7)”⁶².

Não quero “lavar as mãos” do jornalismo, mas o seu papel em generalizações é mais sutil do que poderíamos de fato, à primeira vista, comprovar. Lendo jornais, fica essa imagem, passada pelas citações acima elencadas; mas, como isso é possível se, olhando de perto o material de imprensa, analisando-o sistematicamente, vemos de fato, muitas outras interpretações sobre essas guerras? Vemos que o regime socialista não é legitimado, mas sim, visto muitas vezes como um totalitarismo que impôs um sistema nacionalista que não funcionou, a prova disso são os próprios conflitos atuais. Vemos também que a exogamia aparece constantemente nos relatos dos enviados especiais e correspondentes internacionais, preocupados com a situação dos filhos mestiços, ou mesmo, como cansamos de ouvir citadas durante a cobertura, falas de pessoas que, lamentando a guerra, exclamavam “mas éramos vizinhos!”. Enfim, cito essas constantes na cobertura para me

expulsa de Srebrenica durante a “limpeza étnica” da cidade, em 1995.

⁶² GRANDITS, POMITZER, 2000 apud BASCH, 2003, p. 111.

contrapor a algumas generalizações muitas vezes precipitadas de intelectuais, mas também para concordar com elas. A pergunta que fica é, se a imprensa traz ao leitor um material heterogêneo, e não meramente culturalista, por que é a interpretação culturalista que predomina no imaginário do leitor ou, no nosso imaginário? Tem a ver com aquele que lê? Ou, tem a ver com a forma de organizar o noticiário? Ou, tem a ver com o efeito amnésico do jornalismo, onde as explicações mais simples são também as mais memoráveis? Por fim, por que as explicações culturalistas seriam também as mais simples?

Espero, nesta dissertação, conseguir mostrar um conjunto de falas heterogêneas na imprensa, mas deixar claro, conforme minhas hipóteses, o predomínio de um discurso hegemônico.

Um primeiro ponto que adianto aqui é que a heterogeneidade de falas na imprensa só me foi perceptível durante o trabalho de campo, ou seja, durante a leitura sistemática realizada, leitura esta que não existe no dia-a-dia. Não se lê jornal sistematicamente, o jornal é lido sim, trivialmente, quase como um entretenimento, feito para nos situarmos em relação aos últimos acontecimentos e ser jogado fora, no lixo. Jornal velho é lixo, e não outra coisa. O problema é que além de lixo, ele é material de consulta didática muitas vezes, além de formador de uma suposta opinião pública.

PARTE 2. COBERTURA DA IMPRENSA E AS GUERRAS NA EX-IUGOSLÁVIA

Nesta parte, intercalo a história das guerras na ex-Iugoslávia e as minhas leituras de jornais; para isso, sublinho momentos importantes para uma compreensão mínima da história e outros que tiveram maior repercussão na imprensa. Para além dos fatos, cito artigos que vão na direção de minhas hipóteses iniciais de pesquisa, outros que vão em direções contrárias e outros que apontam para novos caminhos de reflexão.

Dividi esta parte em três momentos: no primeiro, “Prólogo”, faço uma pequena introdução histórica sobre a região da ex-Iugoslávia, e nos outros dois, dialogo com o material de imprensa. No capítulo 3, “Década de 80”, chamo a atenção para um momento pré-guerra na Iugoslávia e também para o fim da guerra fria, e no capítulo 4, “Década de 90 – as guerras”, trato especificamente das quatro guerras que então se sucederam: Eslovênia, Croácia, Bósnia-Herzegóvina e Kosovo.

Cabe sublinhar que utilizo os nomes aqui, tanto os de lugares como os de pessoas, como saíram nos jornais e nos poucos livros nacionais sobre a região ou que estão traduzidos para o português, deste modo, (salvo exceções) não utilizo os diacríticos do servo-croata (ć, č, š, ž) e, no caso do Kosovo, particularmente, não utilizo os nomes em albanês (onde o próprio “Kosovo” seria “Kosova”).

PRÓLOGO. Para uma história da região⁶³

O território da ex-Iugoslávia possui, nas palavras de Noel Malcolm (1994), uma tradição de grande “diversidade racial”. Ele exemplifica isto nos levando até o início da era cristã e a seus supostos primeiros habitantes, os ilírios, e cita conseqüentemente uma variedade de “tribos” que por lá teriam passado, incluindo os godos, os romanos, os ávaros, os hunos... chegando finalmente ao século VI ou VII, quando se deu a invasão eslava dos Balcãs. Enfim, tudo isso para afirmar que não é possível estabelecer quais foram os primeiros habitantes das terras balcânicas, mas que estes, certamente, não foram os eslavos. Não nos compete discutir aqui tal ancestralidade, apenas sublinhar que a reivindicação pela autoctonia foi um elemento recorrente tanto nos estudos históricos/nacionalistas locais, desde o século XIX (lingüísticos, arqueológicos, etc.), como nos movimentos nacionalistas posteriores, que buscavam, com este objetivo, relações de descendência e ancestralidade, e sinais de diferenças e semelhanças entre os eslavos⁶⁴ e entre estes e outros povos da região.

Tendo isto em vista e para a compreensão mínima destas reivindicações e dos parâmetros a partir dos quais elas se estabeleceram, cabe fazer aqui uma pequena revisão histórica.

Sérvios e croatas, de início, eram nomes de duas destas tribos eslavas que teriam aportado nos Balcãs nos séculos VI ou VII da era cristã. Os sérvios teriam se instalado na região chamada Raska, onde atualmente é o Kosovo, e em parte de Dioclea, atual Montenegro, onde ficaram sob a influência ortodoxa de Constantinopla (império bizantino); e os croatas teriam se instalado na costa adriática, onde ficaram sob a influência católica de Roma. Em linhas gerais e bem simplificadamente, foi daí que os católicos passaram se identificar com os croatas e os cristãos ortodoxos com os sérvios.

Segundo Hammel (2000), nos séculos X e XI, houve o desenvolvimento de aristocracias feudais na Bósnia, na Sérvia e na Croácia, ainda sob domínio bizantino

⁶³ Este pequeno histórico foi elaborado a partir de dados dos seguintes livros e/ou artigos, principalmente: BAX, 2000; BASCH, 2003; BOTEV, 2000; DENICH, 2000; DESPALATOVIĆ, 2000; GLENNY, 1996; HAMMEL, 2000; JUDAH, 1997; MALCOLM, 1994, 1998; MURŠIĆ, 2000; PETROVIĆ, 2000; THOMAZ, 1997. Para a localização das regiões que trato aqui ver mapas em Anexo 3, no final da dissertação.

⁶⁴ A própria categoria “eslavo” pode ser considerada um destes sinais diacríticos, visto que já foi objeto de disputa quem eram os eslavos e qual a comunhão entre eles, não só na península balcânica, mas entre russos, poloneses, tchecos, etc. (Cf. BASCH, 2003). Não obstante, podemos considerar, dentre os “eslavos” que habitam a região ex-iugoslava, os muçulmanos (eslavos), os croatas e os sérvios, que falam o servo-croata (com variações dialetais apenas), os eslovenos, que falam o esloveno, e os macedônios, que falam o macedônio. Os sérvios e os macedônios usam o alfabeto cirílico.

(exceto a Croácia, que foi, por um breve período, independente). Após este período, nos séculos XII e XIII, os croatas passaram para o domínio húngaro e a dinastia Nemanjic, na Sérvia, substituiu os bizantinos. Logo, esta dinastia se transformou em reinado, unindo tribos dispersas em um único povo, o povo sérvio, e consolidando a Igreja Ortodoxa Sérvia como uma igreja autocéfala (baseada em Pec, no Kosovo), fortemente ligada ao poder e à política do Estado. Após quase dois séculos de reinado, a dinastia entrou em decadência.

A invasão dos otomanos coincide com este momento, quando, segundo Malcolm (1998), a Sérvia encontrava-se já dividida em vários principados, um deles, o do Príncipe Lazar, cultuado até os dias de hoje como o grande herói sérvio da Batalha de Kosovo de 1389, e quando a região mais poderosa dos Bálcãs era a Bósnia, então governada pelo Rei Stephan Tvrtko, que chegou a ser coroado Rei da Bósnia e da Sérvia e que lutou juntamente a Lazar, na Batalha de Kosovo, contra o avanço otomano. Somente após dois séculos de avanço, que a Bósnia e a Sérvia caem definitivamente sob domínio otomano; Hammel (2000) data este período da Batalha de Maritsa, em 1371, até a tomada de Belgrado, em 1521, e chama a atenção para a região da *krajina*, entre a Croácia e a Bósnia, que foi sendo, a partir de então, ocupada por refugiados do sul, que fugiam do avanço otomano. Muitos cristãos, principalmente ortodoxos, e muitos valacos (povo pré-eslavo que continuou habitando os Bálcãs, sendo, muitos deles, assimilados ou convertidos ao cristianismo ortodoxo), migraram para a Krajina (cuja tradução é “fronteira”). Passaram a habitar esta região, antes predominantemente católica, formando então uma fronteira militar (muitas vezes a serviço dos habsburgos, em troca de privilégios), e introduzindo, além da nova religião ortodoxa, um novo dialeto eslavo à configuração lingüística local. A Krajina atinge a sua parte mais ao norte quando os otomanos avançam até a Eslavônia, recuando logo a seguir devido a ofensiva contrária dos habsburgos. A fronteira militar se estabeleceu assim, em áreas da Eslavônia e atual região da Krajina, que passou a ter, desde então, população predominantemente sérvia (com a vitória croata em 1995, na guerra na Croácia, milhares de sérvios deixaram a região).

Até o século XVIII-XIX, a religião configurou a base da classificação dos grupos sociais nos Bálcãs e, conseqüentemente, a base sobre a qual se dava a administração do império; e, apesar de não ter havido conversão forçada ao islamismo neste período, existiam vantagens consideráveis para os que adotassem a religião muçulmana. Ao mesmo

tempo, contudo, a igreja cristã ortodoxa tinha considerável liberdade (muitos mosteiros ortodoxos nos Bálcãs foram construídos sob o domínio otomano) e sofreu menos neste período que a igreja católica, considerada, devido aos Habsburgos, a principal inimiga. Os impostos e taxações variavam, portanto, conforme a religião. Sendo assim, devido às taxações (cada vez mais pesadas) que incidiam sobre os não-muçulmanos, os homens se convertiam, mas suas mulheres se mantinham cristãs; o cripto-cristianismo se manteve desta maneira nos Bálcãs até o século XVIII, quando houve um declínio na tolerância religiosa. O sistema *devşirme*, em que crianças cristãs eram levadas para Istambul e então convertidas e treinadas como janissários (soldados do império), também influenciou significativamente nas conversões ao islamismo, era um sistema vantajoso para o império e para a população local, que tinha a possibilidade de, deste modo, ascender socialmente ou ganhar privilégios.

Em relação aos muçulmanos hoje nos Bálcãs, cabe salientar que não houve uma colonização massiva turca, foi basicamente a população local que se converteu. Um argumento comum para o maior número de muçulmanos serem bósnios e albaneses baseia-se no fato de que estes não possuíam uma religião forte quando o império por lá aportou, no século XV; a Igreja Bósnia (cristã, mas tida como herege) já havia declinado, e os albaneses sempre foram mais ligados a um código moral – baseado no Kanun de Lek Dukagjin, principalmente (princípio de honra pessoal, que regula vários aspectos da vida) – do que a um código religioso. Contudo, tanto os muçulmanos da Bósnia, como os muçulmanos albaneses, são ainda hoje bastante secularizados.

No começo do século XIX, os sérvios conseguiram autonomia do império (após as rebeliões contra os turcos, seguidas de acordo e autonomia; a primeira rebelião, de 1804, liderada por Karadjordje, e a segunda, de 1815, liderada por Obrenovic – ambas as famílias oscilaram no poder até 1903, quando o último Obrenovic foi morto). Foi um momento de grande turbulência, com revolta de pashas⁶⁵ na Bósnia e na Albânia, revolução grega, guerra russo-turca, guerra turco-austriaca, rebelião de janissários, etc.. No intuito de se modernizar, preceitos ocidentais e civilizatórios entraram em voga, os otomanos acabaram assim com o exclusivismo religioso, levando ao fim, os privilégios da população muçulmana, modernizaram também o exército, acabando com os janissários, e tentaram

⁶⁵ Termo para o governador otomano de um território ou outro oficial de alto escalão (Cf. MALCOLM, 1998, p. 430).

centralizar o poder. Deste modo, para além da luta contra os otomanos, o que tivemos neste período, foi a luta de senhores contra a centralização do poder otomano e pela manutenção de seus próprios poderes e privilégios. Paralelamente, os cristãos principalmente – pois os muçulmanos temiam ser expulsos ou mortos nos novos possíveis Estados cristãos⁶⁶ –, influenciados por idéias nacionalistas, começaram a pregar a criação de novos Estados nacionais, sendo normalmente, contra o império otomano e contra os governantes locais⁶⁷.

O império otomano, embora estivesse decadente já há algum tempo (por isso também a tentativa de modernização), manteve-se nos Bálcãs até ser derrotado na Primeira Guerra Balcânica, em 1912. Da Bósnia-Herzegóvina, ele saiu ainda antes, em 1878, quando, no Congresso de Berlim, ela passou para domínio da Áustria-Hungria (mantendo-se a soberania otomana). Em 1908, a Áustria-Hungria anexa a Bósnia-Herzegóvina, para indignação tanto dos sérvios como dos muçulmanos da Bósnia, levando a população a se revoltar também contra os habsburgos.

Com relação às outras regiões e povos da ex-Iugoslávia, nestes séculos que os otomanos dominaram os Bálcãs, os montenegrinos nunca capitularam, mas sempre cercados pelos impérios (otomano e habsburgo), foram mantidos neutros e com vida independente, a aproximação com a Sérvia se deu apenas em 1912, antes disso, a relação identitária entre sérvios e montenegrinos era devida apenas à religião cristã ortodoxa. Dubrovnik (cidade croata com longo histórico de autonomia e independência) manteve-se, ao longo dos séculos, relativamente independente. Os croatas conseguiram alguma autonomia, sob o império austro-húngaro, a partir de meados do século XIX. A Dalmácia, região da Croácia, possui uma longa história dominada, seja por venezianos, seja por habsburgos, e até pela França. A Eslovênia se conheceu como Estado, pela primeira vez na história, apenas em 1945.

Vemos assim, concordando com Maria Todorova (1997) – que rebate as análises que vêem os Bálcãs como um “barril de pólvora”, um “cadinho” de etnias, religiões e nacionalidades, com tradição de conflitos seculares e imemoriais –, como a clivagem nacionalista passa a predominar nos Bálcãs justamente quando este começa a europeizar-se, ou seja, a ocidentalizar-se e a modernizar-se, implicando racionalismo, secularização,

⁶⁶ Apesar de já ressentirem a nova política modernizadora otomana.

⁶⁷ O século XIX foi também o século de um maior nacionalismo lingüístico, quando Vuk Karadzic, sérvio, e Ljudevic Gaj, croata, padronizam suas línguas, Karadzic publica também a maior coleção, até então, de canções épicas sérvias.

industrialização, formação de uma burguesia e outros novos grupos sociais e, principalmente, o triunfo do Estado-nação europeu como forma normativa de organização social. Segundo Todorova ainda, as nações emergentes dos Bálcãs, no intuito de afirmar suas identidades, tentaram delinear limites entre elas e seus antigos governantes, conformando-se a partir de uma retórica nacional baseada no discurso dominante europeu, incongruente ao princípio imperial e fundamentada na etnicidade específica destas nações, ou seja, língua e etnia, sendo assim, “what we are witnessing today, wrongly attributed to some Balkan essence, is the ultimate Europeanization of the Balkans” (1997, p. 13).

Costuma-se datar, portanto, no século XIX, a nacionalização das relações entre os povos dos Bálcãs e a procura por sinais diacríticos que ora os diferenciavam, ora os aproximavam uns dos outros⁶⁸. Conflitos existiram ao longo do tempo, mas segundo clivagens diversas, que não meramente as étnico-nacionalistas ou religiosas.

A configuração moderna dos Estados nacionais nos Bálcãs começou assim a se delinear e foi reconhecida nos acordos de paz pós-Primeira Guerra Mundial, com a criação do “Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos”, uma monarquia constitucional – e um Estado paralisado⁶⁹ – sob a dinastia sérvia dos Karadjordjevic, deposta durante a Segunda Guerra Mundial. E não foi apenas a Iugoslávia que ganhou seus contornos atuais, a partir do crivo nacionalista, uma série de fronteiras estatais foram então redefinidas; alguns povos surgiram neste momento como escolhidos para assumirem os novos Estados e outros ganharam o estatuto de minorias (ARENDDT, 1989, p. 303). Tal critério norteou os Estados que então surgiram e também, aqueles que assim se conformaram pós-queda do Muro de Berlim e esfacelamento das grandes repúblicas federativas socialistas, como a URSS e a Iugoslávia.

Feita esta introdução histórica, de dez séculos! em algumas linhas (que nos diz muito sobre a própria questão colocada nesta dissertação, onde, inclusive nós, para adentrarmos os conflitos da década de 90, somos levados a retroceder séculos e séculos no tempo, tamanha é a força simbólica da “história” antiga na fala sobre os conflitos contemporâneos), podemos avançar mais um pouco.

⁶⁸ Os movimentos de unificação sul eslava, nascentes também neste momento, era um modo de fazer frente tanto ao império otomano, como ao império austro-húngaro.

⁶⁹ Cf. JUDAH, 1997.

Apresento antes algumas questões teóricas e historiográficas que ajudaram na elaboração de nossas hipóteses. Elas respondem, em parte, porque retrocedemos tanto no tempo para chegarmos até aqui, e dizem respeito à existência de uma tradição discursiva em relação aos Bálcãs de modo geral, que foram fundamentais para o tipo hegemônico de abordagem dos conflitos da década de 90.

Recorro, portanto, aos trabalhos de Maria Todorova (1997) e Larry Wolff (1994) que, partindo da interpretação decisiva de Edward Said (1990) sobre o orientalismo, não tratam apenas da “realidade” dos Bálcãs, da Europa do Leste ou do Oriente, mas procuram rever como o “Ocidente” *inventou* e *imaginou* estes lugares, produzindo uma “imagem congelada” destas paragens, e como essa imagem foi se configurando ao longo da história até os dias de hoje.

Imaging the Balkans (1997), de Maria Todorova, como o próprio título diz, é um “imaginar” os Bálcãs, mas não em suas paisagens e “culturas”, e sim, em como ele tem sido imaginado, concebido, entendido e interpretado. Em um período que vai do século XV ao século XX, Todorova nos faz refletir sobre relatos de viajantes, diplomatas e missionários (italianos, franceses, alemães, russos, ingleses e americanos), sobre textos jornalísticos e acadêmicos, e sobre relatos e literatura dos próprios “povos balcânicos”. Esboço aqui, em linhas gerais, um pouco de seu pensamento.

Em primeiro lugar, o termo balcanização, tal como o conhecemos hoje, que significa fragmentação de unidades políticas em unidades menores, foi cunhado no pós-Primeira Guerra Mundial, justamente quando a criação da Iugoslávia foi o oposto disso (a partir do relato de viajantes, é possível constatar que não havia, anteriormente, conotação negativa para o termo).

No período após a Segunda Guerra Mundial, durante a guerra fria, o termo “balcanização” começou a ser utilizado de forma genérica para perpetuar senso de desgraça e desonra entre as pessoas, ao mesmo tempo em que racionalizava e legitimava o poder de dominação ocidental, caracterizando deste modo os países africanos saídos do jugo do imperialismo franco-britânico. “Balcanização” começou também a se destacar no contexto das relações internacionais, virando sinônimo de insegurança no mercado financeiro, corrupção e letargia, e passou a ser visto como um *melting pot* perigoso e sinônimo de desumanização, desesteticização e destruição da civilização. Entretanto, em relação a

região dos Bálcãs, ele caiu em desuso, sendo utilizado, para algumas regiões (comunistas) dos Bálcãs, o termo Leste europeu, e para outras, o mais neutro e preferível naquele momento, *South-Eastern Europe*. “Balcânico” e derivados entram em voga, novamente, com o esfacelamento da República Federativa Socialista da Iugoslávia.

Para entendermos tal taxionomia, devemos ter em conta que até finais do século XVIII, as populações dos Bálcãs eram chamadas de otomanas ou cristãs turcas, e os Bálcãs, de *Volksmuseum* (Museu de Povos) da Europa; a opinião dos viajantes, por sua vez, oscilava assim entre o encantamento e (mais raramente) a rejeição. Havia a percepção dos Bálcãs como uma entidade geográfica e cultural distinta da Europa e tais viajantes funcionavam como jornalistas, moldando a opinião pública e expressando-se de acordo com a visão dominante de seu tempo, gostos e preconceitos.

No século XIX, dois modelos próximos de percepção, que informavam atitudes de classe, acabaram prevalecendo: o aristocrático e o burguês. O modo aristocrático identificava-se com os governadores turcos e foi dominante até metade do século XIX, o modo burguês, por sua vez, era contra o aristocrático, e foi o que impôs os estereótipos mais prejudiciais aos Bálcãs, rejeitando os otomanos, “contrários ao progresso”, e instaurando a nova dicotomia entre o progressivo e o reacionário, o avançado e o atrasado. Ambas as visões se aproximavam, no entanto, pelo eurocentrismo e pelo desdém aos camponeses, ainda em grande número nesta época. No século XIX, a dicotomia cristão/muçulmano deixa de ser, portanto, tão relevante e a dicotomia entre progresso e atraso entra em vigor.

No início do século XX, todo o acúmulo de conhecimento sobre os Bálcãs foi então categorizado e internalizado em forma de estereótipo, isto em decorrência de uma série de turbulências que acometeu a região neste momento: confusão na Macedônia, o assassinato do rei da Sérvia, Aleksandar Obrenovic, em Belgrado⁷⁰, crise na Bósnia com anexação do território pela Áustria-Hungria, as Guerras Balcânicas e, por fim, o assassinato do Arquiduque Francisco Ferdinando e de sua esposa em Sarajevo por Gavrilo Princip, sucedido pela Primeira Guerra Mundial. Em face de um momento de superioridade das potências imperialistas européias e relativa paz na Europa, a região passou a ser vista como violenta e politicamente agitada. Além disso, não podemos esquecer que este período

caracterizou-se também pelo forte racismo e pela ciência a serviço da estética, quando estudos sobre mestiçagem, pureza racial e suas implicações culturais atingiram um ápice, culminando nas futuras políticas de eugenia e limpeza ou purificação racial, e quando as teorias evolucionistas/progressistas juntaram-se às teorias racialistas, sendo os Bálcãs exemplo vivo de atraso e degeneração racial, dado a sua população misturada e miscigenada.

No entre-guerras se deu o período subsequente de internalização do estereótipo e de frases feitas que passaram a classificar o balcânico em face do Oriental e em contraposição ao Ocidental. Deste modo, se o Oriental caracteriza-se pela sujidade, passividade, ódio às mulheres, intriga, ineficiência, falsidade, oportunismo, preguiça, supersticiosidade, letargia, lentidão e incompetência burocrática, o balcânico, por sua vez, é tudo isso e ainda mais: é cruel, grosseiro, instável e imprevisível. Já o Ocidental caracteriza-se pela limpeza, ordem, autocontrole, força de caráter, senso de lei, justiça e eficiência administrativa.

Após a Segunda Guerra Mundial, aparece mais um novo demônio, o comunismo. Mas, dado o não-alinhamento da Iugoslávia com a URSS e a existência da Grécia democrática e da Turquia não-comunista, durante a guerra fria, como vimos, “Bálcãs” e “balcânico”, enquanto termos ofensivos, mantiveram-se fora do vocabulário político e jornalístico ocidental, prevalecendo sua significação geográfica. Com o fim da guerra fria e derrocada dos Estados comunistas da Europa do Leste, os Bálcãs são focos de uma nova onda de ofensas ligadas à “balcanização” face à consolidação definitiva do capitalismo e da fé cristã, ou seja, as bases material e moral, os sistemas econômico e ético, significando, justamente, a total não-europeinidade dos Bálcãs e a impossibilidade civilizatória da região.

Nas palavras de Todorova (1997, p. 137), os conflitos da década de 90 foram descritos

as if the mountaineers of seventeenth century have reentered the political stage of the late twentieth unmarked by any change... Balkan violence is more violent because its archaic, born of clan societies, whose archaic forms reveal the disharmonic clash between prehistory and the modern age.

Por fim, a negação do império otomano é feita frente ao ideal dos Estados nacionais europeus de homogeneidade religiosa e étnica, que os Bálcãs não possuem e que a Europa

⁷⁰ A defenestração do rei Aleksandar Obrenovic e a mutilação de sua esposa, a rainha Draga, em 1903, são vistas como “estilo” eslavo, racial e primitivo de assassinato.

atingiu em nome da democracia, mas pagando um alto preço, moral e humano, do qual não se fala: homogeneizaram-se através da “balcanização” que eles próprios, segundo Todorova, imputam ao Outro da Europa, os Bálcãs. Entretanto, para ela, hoje as minorias balcânicas e as antigas zonas de contato pedem políticas próprias, já que os nacionalismos balcânicos buscaram identidades lingüísticas e religiosas homogêneas, impedindo diferentes línguas e religiões de se integrarem. Este percurso proposto por Todorova nos revela assim, não a negação dos conflitos atuais, mas sim, como e porque eles vêm sendo equivocadamente compreendidos.

Larry Wolff (1994), por sua vez, aborda o Leste europeu como um todo, no qual os Bálcãs estariam incluídos. Para ele, até o Iluminismo, a divisão da Europa se dava entre norte e sul, o sul sendo as terras bárbaras. Com o Iluminismo, este eixo se deslocou para o leste, ou seja, para as terras que faltavam ser descobertas e para onde foram os viajantes e filósofos do século XVIII: Rússia, Polônia, Bálcãs otomano, Boêmia, Criméia e Hungria. Desde então, a Europa do leste passou a ser definida pela ambigüidade – em relação às certezas do oriente (definido pela oposição às também certezas do ocidente). O Leste europeu estaria desta maneira entre o Oriente e o Ocidente, entre a barbárie e a civilização.

Larry Wolff sublinha o fato de que inventar não é criar algo que não existe, e sim, eleger prioridades e escolher determinadas características, em detrimento de outras, para escrever e inscrever o lugar. No caso do Leste europeu, esta invenção baseou-se no “entrar”, “possuir”, “imaginar”, “mapear”, “endereçar” e “povoar”. Entrar e possuir, para ele, foram aspectos da experiência do viajante do século XVIII, sugestivos da maestria sexual e intelectual da Europa sobre o Leste europeu. Mapear e imaginar, diferentemente de exemplos da ciência e da fantasia, estariam correlacionados, pois foi a partir da imaginação fantástica dos homens do Iluminismo, que a Europa do leste foi mapeada. Endereçar foi o que os filósofos do Iluminismo fizeram, ao se corresponderem com os monarcas locais, que buscavam modelos de civilização para si mesmos, ou com o próprio povo, como o fez Rousseau, em relação aos poloneses; deste modo, além de se mapear terras, escreveu-se também os povos, “povoou-se” o Leste europeu, levando, nas palavras de Wolff, “new dimensions and disciplines in social theory, and pioneered the analytical possibilities of modern ethnography, anthropology, folklore, and racial science” (1994, p. 360). Inventar o

Leste europeu fez com que o Oeste europeu fosse então também inventado, em contraposição ao seu outro, sob o parâmetro da “civilização”.

Tendo em vista tais análises, pretendo mostrar como elementos do “Balcanismo” ou “Orientalismo” estão presentes na cobertura das guerras na ex-Iugoslávia e em seus processos de classificação e categorização do “outro”, quando tudo aquilo que os Bálcãs representavam em termos de nome e adjetivações, ganham novamente significado concreto.

Voltando à história. A Iugoslávia socialista formou-se a partir dos mesmos territórios da Iugoslávia monarquista, ou seja, da união das repúblicas da Macedônia, Montenegro, Bósnia-Herzegóvina, Sérvia, Croácia e Eslovênia, e das duas províncias, Voivodina e Kosovo, que, dado a existência de uma minoria significativa de húngaros e albaneses (apesar de maioria numérica no Kosovo) e devido à ideologia nacionalista nascente, nunca tiveram estatuto de república⁷¹.

A República Federativa Socialista da Iugoslávia é assim fundada e reconhecida após a Segunda Guerra Mundial, com a vitória dos *partisans*, guerrilha comunista liderada por Tito, contra o Eixo (principalmente Alemanha e Itália), contra os chetniks (milícia de maioria sérvia e monarquista, liderada por Draza Mihailovic)⁷² e contra os ustashas (movimento pela independência da Croácia, de maioria croata e fascista)⁷³.

Bratstvo i Jedinstvo (Fraternidade e Unidade) torna-se o lema do presidente Tito⁷⁴ para a Iugoslávia. Sob este lema, Tito conseguiu manter a Iugoslávia unida e em relativa harmonia, embora o tenha feito a partir de arranjos constitucionais de tendências cada vez

⁷¹ Os irredentismos húngaro e albanês sempre foram foco de atenção e receio por parte da República Federativa da Iugoslávia, e mesmo, se pensarmos hoje em dia, da política internacional frente à formação de dois possíveis novos e grandes Estados na Europa centro-oriental. Basch (2003, p. 8) nos lembra que “irredentismo” foi, primeiramente, “a doutrina política do nacionalismo italiano, que depois da unificação da Itália reivindicavam a anexação de territórios de língua italiana ainda não ‘liberados’ do domínio austriaco”.

⁷² “Chetniks” foi o nome de um movimento nacionalista sérvio fundado no século XIX e, segundo Malcolm (1994), designava bandidos que lutaram na história antiga sérvia. O termo foi reutilizado na Segunda Guerra Mundial e, como veremos, novamente na década de 90.

⁷³ “Ustasha” significa “Insurreição”, nome do Partido Nacionalista Croata, liderado por Ante Pavelic, que governou o Estado Independente Croata (NDH, ou *Nezavisna Država Hrvatska*), fundado na Segunda Guerra Mundial como Estado fantoche nazista, que englobava grande parte da Bósnia. Termo também reutilizado na década de 90.

⁷⁴ Josip Broz Tito nasceu em Kumrovec, na Croácia, então parte do império austro-húngaro, no dia 25 de maio de 1892, ele era filho de croata com eslovena. Na Primeira Guerra Mundial lutara no Exército austro-húngaro, quando foi tomado como prisioneiro pelos russos. Com a Revolução Russa, ele foi libertado e passou a ter contato com os comunistas. Volta à Iugoslávia e se filia ao Partido Comunista. Com a invasão da Iugoslávia pelos alemães, Tito organiza a guerrilha comunista *partisan*, de resistência.

mais descentralizadoras e nacionalizantes (quando não, por políticas repressivas) que, de algum modo, e por algum tempo, serviram para equilibrar a relação entre as repúblicas e controlar o poderio sérvio (maioria numérica na Sérvia e grande minoria nas demais repúblicas). Dizem que o medo de uma invasão da União Soviética colaborou bastante para a manutenção deste *status quo* (Tito e Stalin romperam em 1948, mudando consideravelmente a política de Tito em relação ao comunismo e em relação a questão nacional e religiosa na Iugoslávia).

As pessoas na Iugoslávia, se identificavam então, como sérvios, croatas, albaneses, húngaros, eslovenos, macedônios, montenegrinos, e variadas minorias, e a população muçulmana da Bósnia se identificava ainda como sérvia ou croata, apesar de se diferenciar destas duas em termos históricos; deste modo, no primeiro censo iugoslavo pós-guerra, “muçulmano” era, oficialmente, apenas uma religião e os muçulmanos que se consideravam eslavos se identificavam muitas vezes como muçulmanos de nacionalidade sérvia ou croata (poucos não declaravam a nacionalidade). Na década de 50, eles já tinham a possibilidade de se identificar nestes censos como “Iugoslavos não nacionalmente declarados”. (Cabe sublinhar que estas categorias de identificação referiam-se à religião e à nacionalidade e eram estabelecidas pelos censos – e não, declaradas espontaneamente pelas pessoas).

A partir da década de 60, Tito adota a política de maior descentralização, levando ao aumento da afirmação das identidades republicanas⁷⁵ e à possibilidade da população muçulmana da Bósnia, já no senso de 1961, poder se identificar como “muçulmana” enquanto grupo nacional; em maio de 1968, é então oficializado o “M” maiúsculo para a sua grafia (tal como se escreve o nome das demais nações da Iugoslávia). A luta pelo reconhecimento dos “Muçulmanos” enquanto nação, diferentemente de movimento religioso, foi liderada por comunistas e muçulmanos secularizados, que reivindicavam que a identidade muçulmana na Bósnia fosse, justamente, não-religiosa. Mas, paralelamente ao movimento nacionalista secular muçulmano, houve neste momento um aumento no

⁷⁵ Reformas constitucionais, a partir da década de 60, começaram a dar maior autonomia para as províncias e repúblicas iugoslavas. No Kosovo, foram permitidos o uso da bandeira albanesa, universidades em albanês, etc.. Tais reformas atingiram o seu ápice com a Constituição de 1974, quando o status das províncias se aproximou quase totalmente do status das repúblicas: possuíam, a partir de então, representantes na presidência iugoslava e constituição próprias, dentre outras coisas.

interesse de muitos muçulmanos bósnios pelo islamismo⁷⁶, em parte devido à política de não-alinhamento do próprio Tito, que levava a um maior contato da Iugoslávia com países islâmicos.

É deste período também a adoção dos termos *narod* e *narodnost* pela Iugoslávia, o primeiro para povo ou nação com Estado, escrito com inicial maiúscula; e o segundo para nacionalidade, ao invés de minoria nacional, escrito em inicial minúscula. *Narodnost* englobaria todos os povos sem nação da Iugoslávia, utilizado, por exemplo, para referenciar os albaneses do Kosovo e, ao mesmo tempo, distingui-los dos albaneses da Albânia – neologismo para minoria nacional, com propósitos de neutralizar sua conotação de inferioridade⁷⁷.

O que aconteceu então, para que a Iugoslávia se acabasse em guerras? Nas palavras de Denich (2000), uma sucessão de eventos substituiu o antigo consenso por um modelo de oposição interétnica. Enumero aqui alguns deles.

Tito morreu em 1980, sem conseguir sanar uma grave crise econômica⁷⁸ que abatia a Iugoslávia, e deixando todas as repúblicas, incluindo as duas províncias autônomas (Kosovo e Voivodina), com forte autonomia e liberdades, a partir de então, do tabu socialista em relação ao nacionalismo, este, cada vez mais manipulado pelas mídias e partidos comunistas locais, que, com propósitos políticos, passaram a pensar e votar cada vez mais segundo linhas nacionais.

Paralelamente, desde 1981, os sérvios vinham reclamando e se manifestando contra maus tratos no Kosovo e contra a crescente “albanização” (cultural e demográfica) da província. A Eslovênia e a Croácia começam então a apoiar os albanos-kosovares, contra o

⁷⁶ Alija Izetbegovic, futuro presidente da Bósnia, escreve então a “Declaração Islâmica”, considerada anticomunista. Ele e mais treze pessoas são presos em 1983 por advogarem contra o comunismo e pregarem um Estado muçulmano na Bósnia. Segundo Malcolm (1994), Izetbegovic nunca advogou por um Estado teocrático bósnio.

⁷⁷ “Sérvios”, “Croatas” e “Muçulmanos” no Brasil, tais como quaisquer nacionalidades, são escritos em letra minúscula, diferentemente que na nomenclatura oficial iugoslava. Seu caráter político e distintivo de nações e minorias nacionais talvez não fosse nem sabido, acostumados que somos com a grafia em maiúscula das nacionalidades, comum a tantos países. Opto nesta dissertação em escrever também em minúscula, além de ser o modo correto em português, a nomenclatura oficial é política e não ortográfica, deste modo, prefiro não ter que escolher entre nações e minorias nacionais.

⁷⁸ A crise econômica levou à hiperinflação, ao desemprego, à falta de bens essenciais de consumo (como café, gasolina, óleo, carne), a blecautes, piora na saúde e na educação, etc., e desacreditou a capacidade de administração econômica do regime socialista.

nacionalismo sérvio (que era como tais manifestações costumavam ser interpretadas). E, de fato, em 1989, as duas províncias – Voivodina e Kosovo – têm suas autonomias revogadas; elas voltam então para o domínio da Sérvia, que já tem como líder, Slobodan Milosevic, que passa a pressionar a Iugoslávia por uma política cada vez mais centralizadora. Em resposta, a Eslovênia declara sua soberania.

A declaração de soberania eslovena, conseguintemente, explicita e acelera o processo de nacionalização das demais repúblicas iugoslavas, embora, segundo Muršič (2000), possa ser vista neste momento, muito mais como uma resposta à atitude centralizadora da Sérvia, do que nacionalista em princípio.

Todavia, o fim do comunismo no Leste europeu, as eleições livres e multipartidárias locais na Croácia e na Eslovênia, vencidas por partidos nacionalistas e anticomunistas, paralelamente à inflexibilidade da Sérvia e sua recusa em acatar a descentralização política e a democratização da Iugoslávia, levam às declarações de independência da Eslovênia e da Croácia, configurando-se assim o estopim do confronto armado.

Logo, a guerra seria inevitável, e todos teriam que assumir um lado na luta. Havia duas opções apenas, vencer a guerra e sobreviver, ou perder a guerra e ser destruído enquanto entidade étnica ou nacional (PETROVIĆ, 2000).

Levando em conta esse histórico e os fatos que a partir de então se seguiriam, e considerando tanto os artigos de grande destaque nos jornais como as pequenas notas de canto de página, posso afirmar que a imprensa brasileira, particularmente os dois jornais aqui analisados, acompanharam tais fatos que levaram ao conflito e, nas palavras de Denich, à “oposição interétnica”, embora tenham feito, por vezes, graves confusões históricas, que corroboraram para as análises primordialmente etnicistas e culturalistas sobre o conflito. Veremos a seguir.

CAPÍTULO 3. Década de 80⁷⁹

Como uma das minhas hipóteses era pensar a guerra fria face às “guerras quentes” da década de 90, geralmente classificadas como “étnicas”, “raciais” ou “religiosas” pelos grandes veículos da imprensa (e por um certo senso comum que vai da academia a diferentes grupos formadores de opinião, certamente informados pela mídia), e como não queria pensar a relação imprensa/guerra como algo do tipo, “estourou o conflito, saiu no jornal”, iniciei a pesquisa um pouco antes, em meados da década de 80, buscando uma data ou outra a partir de 1981, quando aconteceram vários tumultos no Kosovo⁸⁰.

Neste período, a grave crise econômica mundial foi sentida não apenas na Iugoslávia, mas também, em outros países socialistas da Europa Oriental, Balcãs⁸¹ e União Soviética, contribuindo para suas crises políticas e derrocadas finais no fim da década de 80, início da de 90. A imprensa, na medida do possível, transmitia o que acontecia, isto pois, como nos lembra Hobsbawn (1999), os momentos finais da União Soviética e a derrocada do “socialismo real” em todos os países da Europa oriental foram imprevisíveis aos olhos de quem vivia aquele período. Na imprensa, vários exemplos dessa imprevisibilidade podem ser apontados, para citar apenas um deles, pouco antes de Nicolae Ceausescu, presidente e ditador da Romênia, ser preso e fuzilado, a imprensa continuava noticiando a Romênia como um dos únicos países comunistas “ortodoxos” (no sentido de radical, ditatorial, fechado), que restavam e sem perspectiva de abertura. O interessante é que afirmações deste tipo, neste momento, eram por demais perigosas, já que poucos meses antes o mesmo poderia ter sido dito sobre a ex-República Democrática Alemã.

⁷⁹ Cabe deixar claro que, a partir deste momento, tratarei de fato da cobertura, deste modo, muitas das minhas referências (devidamente citadas) serão de artigos de jornal, com o quais dialogo criticamente neste e nos próximos capítulos.

⁸⁰ No começo de 1981, protestos estudantis por melhores condições na Universidade de Pristina foram violentamente reprimidos pela polícia, as manifestações então se generalizaram, operários, fazendeiros, membros albaneses do Exército e da polícia uniram-se aos estudantes e somaram aos protestos de cunho sócio-econômico, slogans nacionalistas. A resposta às manifestações veio em forma de repressão, tanques nas ruas, estado de emergência, toque de recolher, prisões, violência – tais fatos, no entanto, segundo Malcolm (1998), tiveram pouca divulgação na imprensa iugoslava.

⁸¹ No período socialista, a Iugoslávia não era citada na imprensa enquanto “Leste europeu”. Talvez por ser não-alinhada à União Soviética (como era o Leste europeu) pertencia a outro bloco na “organização” do mundo, juntamente com vários países da África e da América Latina. Utilizo, neste momento, o termo “Balcãs” para designar a Iugoslávia e a Albânia e com o intuito apenas de localizar tais países no globo.

Acompanhamos então o fim da guerra fria e o desmanche do socialismo (não intencionalmente iniciado) na abertura (*glasnost*) e reestruturação (*perestroika*) de Mikhail Gorbachev, na União Soviética. Acordos de desarmamento começaram a ser feitos e também noticiados. Movimentos dissidentes (como o comitê sindical “Solidariedade”, da Polônia) e os próprios dissidentes (como Milovan Djilas⁸², da Iugoslávia) começaram a ser notícia no mundo e nos países da “cortina de ferro”. Críticas a Beria, Kruschchev e Stalin, e “exames de consciência” da URSS sobre as atrocidades outrora cometidas pelo regime socialista, começaram a ser divulgados.

Para citar alguns fatos deste período, apenas em 1989, a União Soviética deixou o Afeganistão; o Solidariedade foi legalizado na Polônia e Tadeusz Mazowiecki (um de seus líderes) eleito primeiro-ministro; a Hungria removeu a “cortina de ferro” (a cerca eletrificada) que a separava da Áustria e abandonou o comunismo; alemães orientais começaram a sair em caravana da República Democrática Alemã (RDA), pela Hungria, sem serem reprimidos; o Soviet Supremo aprovou emenda para o fim do partido único; a RDA abriu a fronteira com a Tchecoslováquia; a Polônia abandonou o comunismo; o líder comunista búlgaro, Todor Jickov, renunciou; caiu o Muro de Berlim; em manifestações na Romênia, Nicolae Ceausescu foi primeiro vaiado, depois deposto e fuzilado. E em 1990, Lech Walesa, um dos fundadores do Solidariedade, já seria o presidente da Polônia e a Rússia se declararia soberana. O fim da União Soviética viria logo a seguir, em 1991.

Ao colapso paulatino da União Soviética e à diminuição do poder central do Partido Comunista Soviético, pedidos por maior autonomia e depois por independência passaram também a ser ouvidos, primeiro nas repúblicas bálticas, Estônia, Letônia e Lituânia, e a seguir, em outras repúblicas soviéticas, como a Armênia, a Geórgia, a Ucrânia, a Bielorrússia, a Moldávia.

Tais manifestações, nacionalistas ou independentistas, e outras que se seguiram em diversos países, incluindo a Iugoslávia, levaram a um postulado que, a partir de então, seria muito recorrente para muitos países comunistas europeus, que é o de que, com o fim do “manto” do comunismo, ou, neste caso, com o “clima de liberalização” de Gorbachev, “reivindicações de caráter étnico” ou nacionais passaram a *reaparecer*, estavam apenas

⁸² Milovan Djilas, falecido em 1995, foi braço direito de Tito até romperem em 1954. Desde então foi preso diversas vezes e seus livros proibidos na Iugoslávia. Sua principal crítica ao regime comunista era que este criava uma nova classe

sufocadas pela ditadura comunista – na época de Tito, entretanto, ninguém questionava na grande imprensa mundial a possibilidade ou não do Estado iugoslavo. A Iugoslávia, assim como a União Soviética, era um fato, apesar de constantes as repressões a dissidências nacionalistas. Além disso, a comparação fácil entre as duas repúblicas federativas socialistas escondia o fato de que ambas trilham caminhos distintos no comunismo e no pós-comunismo. Garde (1994) fala da opção da Rússia em sair da federação soviética, e não em se impor às demais repúblicas, como fez a Sérvia (o que teria que ser melhor analisado, embora a diferença entre ambos os processos de fragmentação nacional, seja notável); ou mesmo, as características de ambas as federações quando comunistas: a URSS, muito pouco federativa, a Iugoslávia, com unidades federativas fortes e autônomas.

Apesar do contexto “revolucionário” da época, o fim do comunismo não era, portanto, o único assunto na pauta internacional jornalística: conflitos “étnicos”, “nacionalistas”, “religiosos” já estavam na ordem do dia. Nos Bálcãs, eram vistos como potenciais e já aconteciam esporadicamente no Kosovo, entre as populações de *origem sérvia* e de *origem albanesa*⁸³, como veremos logo adiante. Em outras partes do mundo apareciam na forma de movimentos separatistas, disputas territoriais, reivindicações de cunho religioso ou nacionalista, além dos já tradicionais “grupos terroristas” e “fundamentalistas islâmicos”. Ou seja, o idioma nacionalista, étnico ou religioso fazia parte destes conflitos. Houve sim, um aumento em suas quantidades quando, ao término da guerra fria, os Estados Unidos e a União Soviética se retiraram – não necessariamente fisicamente como no caso do Afeganistão, mas em forma de participação indireta e auxílio militar – de vários conflitos, e as populações ou milícias locais, então já muito bem armadas, continuaram lutando entre si (este foi o caso de várias ex-colônias europeias na África, por exemplo⁸⁴, ou do próprio Afeganistão).

Sublinho que tal fato não contradiz a minha hipótese de pesquisa, citada no início deste capítulo; testemunhávamos então um momento de transição, quando oscilações semânticas nos termos do debate revelavam, o tempo todo, diversos contextos de conflito e

social burocrática e privilegiada. Muitos dos seus livros tratavam este assunto. Sobre Djilas na imprensa iugoslava, ver “Imprensa da Iugoslávia entrevista o dissidente Djilas” (IMPRENSA..., 27 mar. 1987, p. A-7).

⁸³ Grifos meus. Até as repúblicas ex-iugoslavas serem reconhecidas internacionalmente, como soberanas e independentes, e a guerra ter se iniciado, o termo utilizado para definir suas populações era primeiramente o nacional – iugoslavo – e depois o étnico ou original – albanês e sérvio, por exemplo.

⁸⁴ Hobsbawn (1999) cita o caso da Unita, em Angola, que continuou combatendo as forças do governo, ou a Somália, que se viu “devastada pela fome” e pela guerra civil.

o próprio contexto inicial, e confuso ainda, das guerras que logo estourariam na ex-Iugoslávia.

Para citar um exemplo, em um artigo sobre um atentado no Sri Lanka, que causara a morte de 100 pessoas, a “minoría étnica” e “separatista” Tamis é considerada culpada pelo atentado (ATENTADO..., 22 abr. 1987, p. 1). O correspondente do *Estadão* em Paris, Gilles Lapouge, nos explica a situação. Segundo ele, os Tamis são diferentes da população do Sri Lanka *religiosamente*, pois são hinduístas ou cristãos contra a maioria budista; *eticamente*, pois são procedentes da Índia e não se relacionam com a população cingalesa (nativa); e “sobretudo”, *ideologicamente*, já que os dois principais movimentos Tamis, os “Tigres de Eelam” e os “Estudantes Revolucionários de Eelam” são de orientação “marxista” (LAPOUGE, 23 abr. 1987, p. 6)⁸⁵. Notamos neste exemplo a natureza dúbia, ou oscilações, que chamei a atenção acima, dos termos utilizados para referenciar grupos e conflitos; oscilações estas pautadas pela identificação destes termos dentro da polarização esquerda/direita, mas também, pelos seus atributos étnicos.

Neste sentido, se as guerrilhas latino-americanas, por exemplo, ditas de “orientação maoísta” ou “marxista”, como o Sendero Luminoso, do Peru, ou as Farc, da Colômbia, ou mesmo, governos instituídos, como os “sandinistas” da Nicarágua, eram caracterizados nitidamente como “de esquerda”, os Tamis do Sri Lanka, ou os “terroristas islâmicos” do Oriente Médio, em comparação, já não possuíam um lugar tão bem definido ideologicamente. Ocorria, nestes casos, a mistura semântica de termos como “terrorismo”, “esquerdismo”, “marxismo”, “separatismo”, com religiões, culturas e etnias. Arrisco ir um pouco mais longe e afirmo que, na diferenciação “essencial” entre “nós” e “eles”, “eles” estariam sempre do lado de lá das trincheiras, materiais e semânticas, enquanto terroristas, comunistas, ditadores, narcotraficantes, ou, muçulmanos, sérvios, bascos, tamis, sikhs, por que não?

Para concluir, cabe acrescentar que a União Soviética, a partir de 1988-1989, passou a ser *locus* de muitos conflitos. De início, o que mais chamou a atenção da mídia, apesar de pouco comentado posteriormente⁸⁶, foi o que ocorreu entre a Armênia e o Azerbaijão por

⁸⁵ Grifos meus.

⁸⁶ Cabe destacar que o desaparecimento de um determinado conflito da imprensa não implica a sua superação: ele pode ter sido atenuado, sufocado temporalmente ou, simplesmente, ter deixado de interessar à grande mídia, ávida por novos eventos. Para além da tensão existente ainda neste enclave, poderíamos citar inúmeros conflitos existentes no continente

Nagorno-Karabakh. Como vimos no capítulo anterior, Nagorno-Karabakh era descrito como um enclave armênio – e católico, portanto – dentro do Azerbaijão, muçulmano. Caio Blinder, jornalista da *Folha*, nos explica o *locus* do conflito: um “*caldeirão* onde se misturam nacionalismo e religiosidade”, sendo o Azerbaijão, dentre “outras” repúblicas de maioria muçulmana, “a única com uma *concentração xiita*, a *seita* mais militante do Islamismo” (26 nov. 1988, p. A-10)⁸⁷.

Um último adendo, que nos faz mudar de assunto embora não nos desinteresse de forma alguma, aponta para uma “fórmula” jornalística utilizada freqüentemente, que se revela em alguns títulos. Um exemplo: “Bascos explodem 3 carros-bomba no centro de Madrid”, é o título (BASCOS..., 18 maio 1987, p. A9*). Mas será que *bascos* explodem carros-bomba? No corpo do artigo os atentados são atribuídos ao “grupo terrorista” ETA (*Euskadi Ta Askatasuna*, ou Pátria Basca e Liberdade). Da mesma forma: “Choques entre cristãos e muçulmanos matam pelo menos vinte no Líbano” (CHOQUES..., 1 jun. 1987, p. A-10*). E no conteúdo da matéria... os choques foram na realidade entre “grupos xiitas pró-Irã e tropas cristãs ligadas ao Exército do Sul do Líbano (ESL)”. Esta fórmula de dar ênfase ao grupo como um todo – seja ele étnico, nacional, religioso – no título do artigo e especificar, ou não (como tantas vezes no caso da ex-Iugoslávia), do que se trata, no corpo da matéria, estará presente na cobertura de todas as guerras que aconteceram no território da antiga Iugoslávia. Ao fazer isso, os jornais, ao meu ver, despolitizam o conflito. Pode-se argumentar que grupos terroristas não são políticos, mas tampouco são étnicos, tampouco representam toda a população basca da Espanha, tampouco não reivindicam uma posição política dentro do Estado. Assim, por mais que o artigo especifique em suas linhas quais *bascos* explodiram o carro-bomba, o seu efeito é o contrário do esperado: ao invés de “ETA” explicar de quais *bascos* o artigo trata, são *bascos* que explicam a existência de um “grupo terrorista” tal como o ETA; o título da matéria é, portanto, sua chamada e sua explicação⁸⁸.

africano que só alcançam as páginas da grande imprensa no momento em que a violência indescritível alcança o seu auge para, logo em seguida, desaparecer.

⁸⁷ Grifos meus.

⁸⁸ O mesmo pode ser dito, hoje em dia, em relação ao Iraque, onde os termos “xiitas” e “sunitas” parecem explicar a existência de novos grupos terroristas que acabam por legitimar a própria continuidade da presença norte-americana neste país.

São nestes sentidos, aqui esboçados, que a análise da cobertura das guerras na ex-Iugoslávia pode nos ser reveladora de formas de construção da alteridade e formas, portanto, de conceber e entender o mundo e suas populações. (Como alguns dos casos aqui enumerados e diversos outros também poderiam ser).

Na Iugoslávia

Muito do que foi publicado pela imprensa, na década de 80, sobre a Iugoslávia versava sobre três assuntos principais. O primeiro, era a crise econômica, seguida de hiperinflação e acompanhada pelos inúmeros planos econômicos e seus advogados (Ministros da Fazenda e Primeiros-Ministros iugoslavos). O segundo, era o problema étnico no Kosovo, que polarizava sérvios e albaneses e pedia pela intervenção da Sérvia. E o terceiro, o desarranjo político da Iugoslávia e sua solução segundo linhas nacionais. Aponto aqui alguns episódios referentes a estes três assuntos principais, intercalados a algumas reflexões.

Em primeiro lugar, a crise econômica na Iugoslávia, acompanhada freqüentemente por greves e manifestações, não foi uma só vez divulgada sem especulações sobre o risco que tal crise poderia acarretar para o país “multiétnico”. Tal crise, diferentemente que a crise econômica no Brasil ou na Argentina ou em qualquer outro lugar, vinha sempre acompanhada por um “e agora?”, dado os “conflitos de origem étnica” já ocorridos no Kosovo em 1981 e que se repetiriam outras vezes ao longo da década, se exacerbando em meados da década de 80.

Em editorial do dia 3 de abril de 1987 (FERVE..., 3 abr. 1987, p. 3), por exemplo, o *Estadão* afirmava que os distúrbios na Iugoslávia, de ordem econômica, ameaçavam repetir nos Bálcãs o que aconteceu no início do século e que levou à Primeira Guerra Mundial⁸⁹. Segundo o editorial, a unidade do Estado iugoslavo encontrava-se “seriamente” ameaçada pelos protestos, sendo as forças armadas, as únicas, neste momento, que mantinham a federação unida, já que esta era formada por

⁸⁹ Em 28 de junho de 1914, o arquiduque Francisco Ferdinando (herdeiro do trono habsburgo) e sua esposa foram assassinados em Sarajevo pelo estudante sérvio-bósnio Gavrilo Princip, suposto militante da “Mão Preta”, “sociedade secreta” ou “grupo terrorista” “pan-sérvio” ou “grão-sérvio” (termos em debate): pretexto para a declaração de guerra da Áustria contra a Sérvia, estopim da Primeira Guerra Mundial.

seis unidades federadas (...) às quais se juntam duas regiões autônomas (Voivodina, onde vivem cerca de um milhão de húngaros, e Kosovo, de população majoritariamente albanesa), *todas separadas (...)* por *irreconciliáveis diferenças lingüísticas, sociais e religiosas (...)* *melting pot* submetido à indiscutível hegemonia sérvia, concentrada em Belgrado⁹⁰.

Desta forma, o editorial, ao definir como “irreconciliáveis” as diferenças entre as populações da então Iugoslávia, excluía qualquer possibilidade de convivência ou paz. E é, desta maneira, que o artigo, como a imprensa de modo geral, vai elaborando a identidade destes povos iugoslavos.

Na seqüência, o editorial diferenciava ainda o império multinacional e viável dos Habsburgos, de três pequenos Estados multinacionais *inviáveis*, surgidos dele: a Romênia, a Tchecoslováquia e a Iugoslávia. São nações que, apesar de “instituídas sob o princípio da autodeterminação”, ao delimitarem fronteiras de acordo “com suas razões de Estado”, acabaram por englobar outras nacionalidades, portanto, minoritárias. Logo, “qualquer crise, seja econômica, social ou religiosa, que surja nessas pequenas nações, [pode] destruir sua unidade, já de si tão precária”. Salientando o aspecto multicultural, irreconciliável e artificial da Iugoslávia, e também a sua irracionalidade e ganância (pois englobou “outras nacionalidades”, de acordo com suas “razões de Estado”), o editorial sublinhava a sua conseqüente e lógica fragilidade diante às adversidades (a crise econômica, no caso), e afirmava características extrínsecas à crise em questão e supostamente intrínsecas ao país.

Vemos também neste momento, como veremos muitas outras vezes, que era ao tentar explicar o que estava acontecendo que a imprensa acabava aderindo ao discurso “culturalista” e essencializador. Diferentemente, se o jornal se atinha ao factual, o risco de fazer interpretações equivocadas diminuía.

Conjuntamente às greves e manifestações em toda a Iugoslávia, de cunho étnico (devido ao Kosovo) e/ou econômico, passam a ser freqüentes as manifestações pelo fim do comunismo – principalmente na Eslovênia. Os artigos nos informavam o porquê: a Eslovênia, como está “próxima da Áustria e da Itália, é a mais *ocidentalizada* das

⁹⁰ Excetuando *melting pot*, os demais grifos são meus.

repúblicas da Iugoslávia, e onde são freqüentes as manifestações por mais democracia e pela liberalização da economia”⁹¹ (IUGOSLÁVIA..., 6 jun. 1988, p. A-8).

Já se explicitava portanto, em sentenças como esta, o lugar que cada república iugoslava ocupava em um sistema de representações dos povos e países da região. Tal tipo de caracterização, “mais ocidentalizada”, foi bem recorrente em relação à Eslovênia e à Croácia, sempre as conectando “culturalmente” ao ocidente, “ou seja”, à democracia, à liberdade, ao desenvolvimento, à civilização, em contraposição às demais repúblicas e províncias iugoslavas, tradicionalistas, comunistas, orientais (islâmicas, ortodoxas), e atrasadas.

Inicia-se também, na Iugoslávia, uma onda de renúncias que marcaria o desenrolar dos próximos acontecimentos. Na Voivodina, o presidente Nandor Major renuncia após 100 mil pessoas protestarem exigindo a demissão do gabinete: os “manifestantes, *de origem sérvia*, acusam o governo local de favorecer a separação da província. Os sérvios desejam que a Voivodina e outra província autônoma, Kosovo, sejam incorporadas à sua República” (RENUNCIA..., 7 out. 1988, p. 10)⁹². Em Montenegro, após onda de manifestações em Titograd (atual Podgorica) e Niksic, seguidas de forte repressão policial, o governo também renuncia (PROTESTO..., 9 out. 1988, p. 11*): os manifestantes acusam o governo montenegrino de negligência em relação à perseguição dos sérvios pelos albaneses no Kosovo (IUGOSLÁVIA..., 11 out. 1988, p. A-8*). E em Kosovo, sob forte pressão sérvia, vários dirigentes albaneses renunciam ou são afastados do governo.

Em todos estes lugares, Slobodan Milosevic (dirigente do PC sérvio⁹³) substitui os antigos dirigentes por pessoal de sua confiança e passa a ter 50% dos votos da presidência iugoslava⁹⁴; conseqüentemente, passam a ser muitas também, as manifestações contra ou a favor da política centralista sérvia.

Por fim, cabe atentar para o fato de que o socialismo ainda vigorava na Iugoslávia. Logo, as manifestações, sejam as de cunho econômico, político ou social, eram

⁹¹ Grifo meu.

⁹² Grifos meus. Ver também, anexo em cd-rom, “Direção regional do PC da Iugoslávia renuncia” (7 out. 1988, p. A-10*).

⁹³ Futuro Partido Socialista Sérvio (SPS), que viria a substituir o PC Sérvio em dezembro de 1990.

⁹⁴ A presidência da Iugoslávia funcionava de modo rotativo. Anualmente havia troca na presidência: o presidente saía e assumia o vice. Faziam parte da rotatividade membros das seis repúblicas e das duas províncias iugoslavas.

freqüentemente comparadas às manifestações que ocorriam nos países do Leste europeu, e o próprio nacionalismo, sérvio ou albanês, ainda era visto como uma ameaça ao federalismo ou internacionalismo socialista, remetendo, portanto, se não à realidade socialista do período, pelo menos à sua retórica. Por exemplo, em artigo do dia 13 de outubro de 1988, Stipe Suvar, dirigente do PC iugoslavo, ameaça afastar a cúpula do PC do Kosovo “caso não terminem os distúrbios entre a maioria albanesa e a minoria sérvia”, que, segundo ele, refletiam “a presença de inimigos do socialismo na esfera de poder” (PC..., 13 out. 1988, p. A-12). Tais interpretações, no entanto, estavam fadadas a desaparecer.

No começo de 1989, uma greve de mineiros no Kosovo é reprimida por tropas iugoslavas. A população de “origem albanesa” quer o afastamento dos dirigentes sérvios do Kosovo e, em Belgrado, sérvios manifestam-se contra a possibilidade do afastamento desses dirigentes.

O foco do confronto étnico é o fato de Kosovo ser uma província encravada na Sérvia – a maior das seis repúblicas iugoslavas –, mas ter a maioria da população de etnia albanesa. (...) Os iugoslavos de origem albanesa não aceitam viver sob controle da Sérvia e hostilizam a minoria sérvia. Nos últimos anos, (...) 35 mil sérvios deixaram Kosovo sob pressão dos separatistas albaneses⁹⁵. (...) as repúblicas do Norte do país, Eslovênia e Croácia, acusam Milosevic de estar tentando criar uma Iugoslávia centralista e dominada pelos sérvios (UM MILHÃO..., 1 mar. 1989, p. 7*).

Especulações sobre uma possível guerra civil na região começam a ser freqüentes: morrem as primeiras pessoas no conflito, uma mulher e seu filho de origens albanesas, baleados por um jovem sérvio (que é depois internado em um manicômio!), pode ser o “estopim de levante armado” (CRIME..., 3 mar. 1989, p. 8*). Muitos líderes albaneses são detidos. O governo iugoslavo proíbe o acesso de jornalistas e de estrangeiros ao Kosovo. E novas leis que retiram as autonomias – postal, legislativa e administrativa – de Kosovo e Voivodina são aprovadas. Os países muçulmanos e a Albânia criticam as novas medidas contra a população albanesa da província⁹⁶. E é assim que os jornais anunciam a retirada da autonomia das duas províncias sérvias: camuflada em mais uma onda de manifestações, seguida de repressão política e policial. As implicações reais deste ato só serão abordadas quando os olhos do mundo se voltarem para o conflito no Kosovo, a partir de 1998.

⁹⁵ Através da bibliografia ficamos sabendo que vários motivos levaram à saída dos sérvios de Kosovo, o econômico foi o principal deles, e não foram apenas os sérvios que migraram.

⁹⁶ A maioria da população albanesa do Kosovo (o mesmo vale para a Albânia) é de religião muçulmana e existem também muitos albaneses católicos nessa região.

No extremo oposto da federação, os acontecimentos na Eslovênia também são destacados pela imprensa. Ela garante a si, via emenda constitucional, o direito de secessão e marca data para o referendo, que “deverá decidir a independência” (ESLOVÊNIA..., 27 set. 1989, p. A-10) e, no começo de 1990, no 14º Congresso da Liga dos Comunistas da Iugoslávia, a Liga deixa de existir e o PC desiste do monopólio do poder.

A crise partidária é mais um ingrediente da crescente divisão entre as repúblicas iugoslavas, em que o norte – Eslovênia, Croácia e Bósnia-Herzegovina –, mais *desenvolvido* e *ocidentalizado*, se contrapõe ao sul – Sérvia, Montenegro, Macedônia e as regiões autônomas de Vojvodina e Kosovo –, mais *pobre* e *tradicionalista* (PC..., 24 jan. 1990, p. 9*)⁹⁷.

Entre janeiro e fevereiro de 1990, vários protestos ocorrem no Kosovo, a favor de democracia, pelo fim do estado de emergência (que vigorava há um ano), por autonomia, pela libertação dos presos políticos e em apoio à Eslovênia. As manifestações são então reprimidas pelas forças armadas e polícia anti-motim iugoslavas⁹⁸. Milosevic passa a ser apontado como o principal culpado da “explosão dos conflitos nacionalistas”, cujas “raízes da rivalidade (...) têm 600 anos” (SÉRVIA..., 2 fev. 1990, p. A-10*).

Neste ano ainda, ocorrem eleições gerais na Eslovênia e na Croácia⁹⁹. Na Eslovênia, as eleições livres e multipartidárias dão vitória a Milan Kucan, antigo líder do PC esloveno, agora reformista, membro da coalizão de oposição Demos; começa-se a falar em secessão na Eslovênia. Na Croácia, vence a União Democrática Croata (HDZ), de “centro-direita” e “separatista”, mas com Franjo Tudjman como presidente, que, segundo os jornais, admite a secessão em último caso apenas.

Neste ínterim, também Kosovo se proclama independente e, apesar de não reconhecido internacionalmente (apenas pela Albânia) e proibidas suas instituições pelas autoridades sérvias, começam a funcionar na província dois Estados independentes, um oficial, sérvio, outro paralelo, albanês.

⁹⁷ Grifos meus. Apesar do jornal fazer algumas confusões, já que a Voivodina é considerada também uma região rica e a Bósnia-Herzegovina nem tanto, este tipo distinção, como já salientei, é válido e será bem recorrente na caracterização das repúblicas e províncias iugoslavas.

⁹⁸ Cf. IUGOSLÁVIA..., 2 fev. 1990, p. A-10*. Zeljko Loparic (6 fev. 1990, p. A-3*) faz uma boa análise da situação iugoslava neste momento; a partir do mote “Internamente, a Iugoslávia foi construída sobre as idéias de socialismo e de fraternidade entre os povos eslavos do sul. Ambas estão em crise”, ele pensa a questão kosovar, a posição eslovena e o nacionalismo “grão-sérvio”.

⁹⁹ Cf. COMUNISTA..., 24 abr. 1990, p. 10.

Apesar do acompanhamento das crises políticas e econômicas na Iugoslávia pela imprensa, tomamos conhecimento apenas de alguns nomes e fatos. Fala-se do desemprego, da diminuição no padrão de vida, dos “conflitos étnicos” no Kosovo, das desavenças políticas, mas não vemos essas pessoas e não vemos o conflito acontecendo, apenas suas conseqüências. As notícias chegam aqui pelas agências; os comentários críticos e maiores explicações ficam a cargo dos redatores d’*O Estado de S. Paulo* e da *Folha de S. Paulo*, de alguns editoriais e poucos artigos mais analíticos.

Cabe, todavia, atentarmos para os termos do debate e observar desde já que, quando a guerra começa, a diversidade de argumentos explicativos – ideológicos, étnicos, religiosos, econômicos, políticos, etc. – até então utilizados na descrição dos acontecimentos, se dissipa, dando lugar, paulatinamente, ao argumento étnico e cultural.

A Sérvia era até então caracterizada como a maior república iugoslava, e, muitas vezes, ser a maior subentendia ser a mais importante e a mais hegemônica. Kosovo, por sua vez, era a província pobre da Iugoslávia, além de formada majoritariamente por população albanesa e muçulmana. A Eslovênia e a Croácia eram caracterizadas como as mais desenvolvidas economicamente e “culturalmente”, dado a maior “proximidade do ocidente” e de “valores ocidentais”, como a democracia.

É interessante pensar o desenvolvimento econômico da Croácia e da Eslovênia nestes moldes colocados pela imprensa, pois parece realmente que elas são mais desenvolvidas devido à posição “privilegiada” que ocupam, mais ao norte e mais próxima ao Ocidente. Todavia, de acordo com Glenny (1996, p. 64), muito do desenvolvimento econômico de ambas as repúblicas, mas particularmente da Eslovênia, era devido ao livre acesso que tinham aos grandes mercados da Sérvia, Macedônia e Bósnia-Herzegóvina. Por este motivo, tão logo a Eslovênia conseguiu sua independência, apesar das relações políticas com a Sérvia estarem congeladas, vendo-se não competitiva no mercado europeu, voltou a fazer negócios com a sua antiga parceira.

Das demais repúblicas ou províncias iugoslavas pouco se falava: às vezes Montenegro era citado, como o aliado da Sérvia, e Voivodina, como a outra província a ser reintegrada à “nação-mãe”; a Bósnia-Herzegóvina e a Macedônia, no entanto, em raríssimas ocasiões foram mencionadas.

A federação iugoslava, por sua vez, apesar de ser sempre descrita como um país “multiétnico”, como chamei a atenção anteriormente, suas “etnias” pouco apareciam enquanto tais. Para citar alguns exemplos, vemos isto tanto em um artigo sobre o poeta *iugoslavo* Vasko Popa (ASCHER, 17 abr. 1987, p. A-32), como vimos nos freqüentes conflitos entre *iugoslavos* de origem albanesa e sérvia, ou seja, a denominação que acompanhava os cidadãos da Iugoslávia era sempre *iugoslavo*, algumas vezes acrescida do complemento “nascido na Sérvia” ou “de origem albanesa”. Desta maneira, a nacionalidade iugoslava, enquanto categoria política, englobava as origens e etnias da região, e não o contrário, como veremos na década de 90, já nos primeiros confrontos na Croácia e Eslovênia.

O uso de expressões, tais como, “barril de pólvora”, “caldeirão”, “panela de pressão”, dentre outras, foram bem freqüentes, dado o risco de conflito acarretado pela crise econômica somada à crise de caráter étnico entre os “iugoslavos de origem sérvia e albanesa” em Kosovo e à crise política entre as repúblicas iugoslavas.

Por fim, foram e ainda são freqüentes as análises que enfatizavam a repetição da história, na História da ex-Iugoslávia, ou seja, a repetição das atrocidades e do antagonismo entre os povos da região e a impossibilidade de convivência.

Muitos analistas/jornalistas começam, neste momento, final da década, a jogar “lenha na fogueira”. Gilles Lapouge é um deles. À pergunta de porque tanta preocupação, recorrer ao exército, etc., se o problema iugoslavo é apenas econômico, ele responde: primeiramente, a Iugoslávia de Tito nunca se permitiu as mesmas liberdades que o Ocidente, reprimindo qualquer dissidência. Segundo, a “esses problemas ideológicos, acrescentam-se as tensões étnicas”, já que a Iugoslávia é um “caleidoscópio de etnias”; e a “impressão que se tem é que outras reivindicações se aproveitam do mal-estar, (...) os germes venenosos que atuavam na Iugoslávia de Tito não desapareceram. E, hoje, o menor deslize no campo econômico pode reanimá-los, restituir-lhes a virulência” (LAPOUGE, 29 mar. 1987, p. 20*).

O problema é portanto o “caleidoscópio de etnias”, é um problema natural, intrínseco à Iugoslávia e a sua população. Tito não curou a Iugoslávia doente e “hoje, o

menor deslize no campo econômico pode reanimá-los [os germes venenosos], restituir-lhes a virulência”.

CAPÍTULO 4. Década de 90 – as guerras

Quando tudo “começa”? Pergunto. Para alguns, começa no dia 25 de junho de 1991, quando a Croácia e a Eslovênia se declararam independentes, para outros começa no Kosovo em 1989, com a supressão de sua autonomia, para outros, começa também no Kosovo, só que em 1981, com as primeiras revoltas estudantis, violentamente reprimidas, para outros, tudo tem início com a morte de Tito em 1980, e para outros, ainda, com as mudanças constitucionais dos anos 70. Poderíamos retroceder, como a imprensa o fez tantas vezes, até a invasão eslava dos Bálcãs no século VI ou VII da era cristã.

Independente disso e de como foram explicadas, as guerras começam e passam a predominar, inúmeras vezes, na pauta jornalística internacional, tendo grande lugar de destaque na imprensa brasileira durante todos os anos de conflito.

Croácia e Eslovênia

A questão das fronteiras nacionais marcou, de algum modo, a discussão sobre os conflitos na ex-Iugoslávia e sobre o fim do comunismo no Leste europeu e na União Soviética, quando ainda se falava na necessária manutenção dos Estados nacionais tais como foram desenhados após a Primeira ou Segunda Guerra Mundial – sendo alterada, no caso da ex-Iugoslávia, com o reconhecimento internacional da Bósnia, Croácia e Eslovênia, quando não era mais importante manter as fronteiras da antiga “República Federativa Socialista Iugoslava”, mas sim, de suas repúblicas, o que excluía as províncias do Kosovo e da Voivodina¹⁰⁰.

A questão das fronteiras continuou parte da discussão, pois intrínseca aos conflitos e suas resoluções, mas logo deixou de ser seu personagem principal, personagem este, envolto, logo a seguir, em novas vestes: culturais, despolitizadas e pré-modernas.

No começo de 1991, após as declarações de soberania da Eslovênia e da Croácia, o governo iugoslavo ameaça intervir com o Exército federal, o JNA¹⁰¹, caso ambos os

¹⁰⁰ Testemunhamos este “problema” durante a guerra na Bósnia, nas tentativas de não reparti-la em três partes independentes, e deparamo-nos com ele, ainda hoje, nas controvérsias em relação ao estatuto final do Kosovo.

¹⁰¹ Exército Popular Iugoslavo (*Jugoslovenska Narodna Armija*).

governos, croata e esloveno, não depusessem as armas das milícias e polícias locais e das unidades paramilitares ilegais, que, pela imprensa, até então não sabíamos da existência. Deste modo, a existência destas milícias, somada às soberanias decretadas pelas duas repúblicas, se configura enquanto ameaça à unidade iugoslava e aparece primeiramente como atitude rebelde e secessionista. A questão, portanto, é colocada claramente nos termos da legalidade dessas forças armadas face à autoridade do Estado federal iugoslavo, este sim, legítimo¹⁰².

Logo a seguir, no entanto, são noticiados os primeiros confrontos armados entre *policiais croatas e rebeldes sérvios*, em Pakrac (Croácia), após os sérvios da região declarem-na “Região Autônoma Sérvia da Krajina”¹⁰³ (AGITAÇÃO..., 3 mar. 1991, p. 11*). Em notícia posterior, igualmente, o confronto entre ambos acontece no Parque Nacional de Plivce, região turística também na Croácia (CONFRONTO..., 1 abr. 1991, p. 2-4). Vemos então que, comparado ao momento anterior, o teor dessas notícias sofre uma alteração definitiva. Se antes a Croácia (e a Eslovênia) era claramente a república separatista e rebelde, agora, pouco tempo depois, os separatistas e rebeldes são os sérvios da Croácia. As posições se invertem, e também as legitimidades das partes em luta. Estas oscilarão por alguns meses ainda.

Desconhecemos, então, a gravidade do conflito. A cobertura está confusa, talvez não só a cobertura, mas a própria situação na Iugoslávia. Os jornais, mesmo assim, tentam nos transmitir os fatos: há um conflito ocorrendo na Croácia, em região de maioria sérvia; protestos libertários e por democracia acontecem na Sérvia; a democracia já foi (teoricamente) alcançada nos pleitos regionais multipartidários da Croácia e da Eslovênia. A questão croata e eslovena é vista em parte como libertária, devido a esse status mais democrático, e em parte como nacionalista e secessionista, por violar as fronteiras do Estado iugoslavo.

Mas a Iugoslávia ainda existe. O vice-presidente e o primeiro-ministro iugoslavos são Stipe Mesic e Ante Markovic, ambos croatas. Stipe Mesic, em maio, assumiria a presidência da Iugoslávia, no lugar do atual presidente, o sérvio Borisav Jovic. E, para além da secessão simplesmente, há ainda a discussão política entre (segundo os jornais) a

¹⁰² Sobre a cobertura deste momento, ver: “Iugoslávia ameaça intervir na Croácia” (IUGOSLÁVIA..., 24 jan. 1991, p. A-10*), anexo em cd-rom.

Eslovênia, a Croácia e a Sérvia, sobre a transformação da Iugoslávia em uma confederação de repúblicas, como desejam a Croácia e a Eslovênia, ou a sua manutenção enquanto federação, como deseja a Sérvia. (Em uma confederação, a Iugoslávia continuaria existindo, mas suas repúblicas teriam amplos poderes, autonomia e soberania. A federação, por sua vez, manteria a Iugoslávia como está, só que, com o agravante centralista sérvio, com 50% de voz na presidência colegiada e controle, além da própria Sérvia, dos governos de Montenegro, Kosovo e Voivodina.)

Não ficamos sabendo pelos jornais, no entanto, alguns dados importantes: na Croácia, por exemplo, o novo governo “democrático” de Franjo Tudjman diminuiu, de fato, os direitos da minoria sérvia. Na época de Tito, muitos sérvios ocupavam postos de trabalho na administração da república, na polícia, no Partido Comunista croata; com o governo Tudjman, muitos foram sendo afastados destes cargos, ou não mais contratados para trabalhar na administração e policiamento da república, para serem substituídos por croatas¹⁰⁴. Tudjman ordenou também, segundo Glenny (1996), a substituição dos sinais escritos com alfabeto cirílico e latino, na Krajina, por sinais escritos apenas no alfabeto latino, aumentando ainda mais a sensação dos sérvios de estarem sendo perseguidos por um governo que ambicionava a autonomia e a descentralização da Iugoslávia. Paralelamente, na Sérvia, a partir da Rádio e Televisão oficiais, uma propaganda nacionalista massiva do governo de Milosevic é posta ao ar, lembrando os massacres da Segunda Guerra Mundial, perpetrados pelos “croatas” – ou seja, pelos ustashas e o governo fantoche croata, criado pelos nazistas – e lembrando também a época de ouro da Grande Sérvia e dos mosteiros de “Kosovo-Metohija”¹⁰⁵. Também não se falou das milícias sérvias já atuantes na Krajina: os Tigres, liderados por Arkan (Zeljko Raznjatovic)¹⁰⁶, e os Chetniks, liderados por Vojislav Seselj¹⁰⁷. E nada se falou sobre a Bósnia-Herzegovina, que logo estaria em guerra e que já havia realizado eleições multipartidárias, vencendo o Partido da Ação Democrática (SDA), de Alija Izetbegovic, de maioria muçulmana e intenções anticomunistas. (Em

¹⁰³ O referendo pela autonomia da Krajina, região de maioria sérvia na Croácia, ocorreu em agosto de 1990. O governo da Croácia não o reconheceu. Na ocasião, nada foi publicado por nossos jornais.

¹⁰⁴ Segundo Despalatović (2000), muitos foram demitidos não por serem sérvios, mas por serem comunistas.

¹⁰⁵ Kosovo-Metohija, ou Kosmet, é o modo como os sérvios denominam o Kosovo. Com as mudanças constitucionais da década de 60, também os nomes oficiais da província, que era ou Kosovo ou Kosmet, passa a ser apenas Kosovo.

¹⁰⁶ Arkan foi político, ladrão, marido de uma famosa cantora pop da Iugoslávia, líder da milícia Tigres, dentre outras coisas. Foi assassinado em Belgrado em 2000.

¹⁰⁷ Seselj, antigo dissidente do regime comunista, fundou o Partido Radical Sérvio, ultranacionalista, e liderou a milícia Chetniks nas guerras da Bósnia e Croácia. Está preso no Tribunal Penal Internacional, em Haia, desde 2003.

relação à população muçulmana da Bósnia, ênfase desde já, que a imprensa utilizava o termo da mesma forma como utilizava os termos “sérvio” ou “croata”, ou seja, enquanto denominações “nativas” e nacionais, e não enquanto religião apenas, embora a população “muçulmana” da bósnia não necessitasse do adendo: de religião ortodoxa ou católica, que os sérvios e croatas geralmente recebiam. A partir de um certo momento, na guerra da Bósnia, deixou-se de falar prioritariamente dos “muçulmanos da Bósnia” para se falar apenas dos “bósnios”).

É nesta atmosfera, portanto, que a manutenção da Iugoslávia se torna difícil e que o medo vai sendo alimentado – não havia mais diálogo possível e uma vida melhor, via independência, passou a ser desejada. A imprensa decretara assim, a falência da falácia do Estado iugoslavo. Gilles Lapouge já apontara para a sua artificialidade (LAPOUGE, 12 mar. 1991, p. 7*) e o editorial do *Estadão*, certamente informado pelo seu correspondente, a confirma: “a montagem artificial de um Estado que pretendeu unir dentro de suas fronteiras *povos diferentes e inimigos* chega a seu termo, em conjunção com a versão titoísta de comunismo” (SANGUE..., 13 mar. 1991, p. 3)¹⁰⁸.

Paralelamente aos fatos, através dos jornais, acompanhamos também, a consolidação do debate sobre o fim da Iugoslávia em torno de análises dicotômicas que nos remetiam a formas tradicionais de representar o Leste europeu, e que, para além das oposições externas aos países da ex-Iugoslávia, ou seja, do Ocidente em relação aos Balcãs, tais oposições, ou formas tradicionais de representar o Leste europeu, se refletiam internamente, dentre os próprios países da ex-Iugoslávia. Deste modo, a Croácia e a Eslovênia distinguiam-se das demais repúblicas e províncias iugoslavas por meio das oposições: barbárie *versus* civilização, onde a Eslovênia (e a Croácia, na seqüência), mais do que as outras repúblicas, estaria do lado da civilização; comunismo *versus* democracia, quando as repúblicas da Eslovênia e da Croácia deixaram de ser vistas como secessionistas para serem vistas como democratas, em contraposição ao regime socialista da Sérvia, personificado na figura de Slobodan Milosevic; ocidente *versus* oriente, pois em termos históricos, tais repúblicas fariam parte muito mais de um legado habsburgo e ocidental, do que otomano e oriental.

¹⁰⁸ Grifos meus.

Pode-se argumentar, contudo, que explicar tais diferenças a partir do pertencimento otomano ou habsburgo dos territórios iugoslavos é contextualizar historicamente os “povos balcânicos”, mas na realidade, ao meu ver, faz-se sim, o uso tendencioso da história, já que tal contextualização – habsburgo ou otomano – é por si só categorizadora: uma remete a características ocidentais, católicas, a outra, a características orientais, ortodoxas ou islâmicas – e logo, a todas as implicações dessas definições que autores como Said (1990), Wolff (1994) e Todorova (1997), já apontaram – e que conotam de antemão uma cosmovisão desta parte do mundo e de sua história.

No dia 6 de abril, Timothy Heritage, correspondente da Reuter em Zagreb, em tom narrativo, confirma a situação de terror na Krajina: a minoria sérvia está se revoltando contra o governo croata, nas barricadas, jovens ameaçam quem se aproxima, bombas explodem em lojas de proprietários croatas em Knin (“capital” da Krajina), a “neve [está] manchada de sangue” (6 abr. 1991, p. 2-2*). Em seguida, ele elenca as causas do conflito:

sérvios e croatas são rivais há muito tempo, com uma longa história de conflitos sangrentos. Fascistas croatas massacraram sérvios na 2ª Guerra Mundial, mas as tensões do pós-guerra foram mantidas sob controle pelo dirigente comunista iugoslavo Josip Broz Tito até sua morte, em 1980.

Enfatizo, antes de tudo, que esta é a explicação padrão, hegemônica, dada para o conflito entre *sérvios* e *croatas* na Croácia (seria a *story line* do conflito, e acredito que, se tal “explicação” viesse sempre no início dos artigos, poderíamos nos apropriar da terminologia jornalística e chamá-la de “lide”, pelo simplismo e objetividade). Vemos nesta citação, alguns aspectos da cobertura que gostaria de chamar a atenção. Em primeiro lugar, a ênfase da frase se dá em “sérvios e croatas são rivais há muito tempo”, apesar desta “longa história” de rivalidade e “conflitos sangrentos” ser exemplificada pelo massacre perpetrado pelo governo ustasha, fascista, ocorrido na Segunda Guerra Mundial, ou seja, não há tanto tempo, mas há 50 anos. Além disso, esta rivalidade antiga foi controlada pelo governo comunista de Tito. O comunismo é portanto identificado novamente como um manto de controle, seja repressivo, seja pacificador, do que é natural – e não, político – destes povos da Iugoslávia.

Todavia, não podemos esquecer que os regimes socialistas, tanto na URSS como na ex-Iugoslávia manipularam o nacionalismo, em seu próprio proveito e do regime.

E, ao meu ver, certamente é conveniente para o Ocidente, pensando o discurso da imprensa brasileira enquanto um discurso ocidental genérico hegemônico, menosprezar o legado comunista, ao dizer que este não passou de um “manto” que encobriu a real natureza destes povos, sem deixar conseqüências maiores do que a crise econômica e meia dúzia de burocratas (ou políticos), que do Partido Comunista migraram para partidos nacionalistas. O comunismo é posto, desta maneira, como uma suspensão temporária da história e irrelevante para pensarmos os conflitos reais na ex-Iugoslávia. E neste sentido, talvez a vitória norte-americana e do capitalismo na guerra-fria tenha se dado justamente sob este aspecto, quando conseguiram transformar a realidade do comunismo em uma ilusão histórica passageira. Talvez falte um pensamento que dê conta desta nova ordem mundial, que se quer ignorante do passado recente.

O Exército iugoslavo faz então a sua primeira aparição no conflito, intervindo na Croácia “para impedir a escalada de conflitos étnicos entre sérvios e croatas” (EXÉRCITO..., 4 abr. 1991, p. 2-7).

A intervenção do Exército nas guerras da Croácia e Eslovênia é, neste início, comumente divulgada pelas mídias “para manutenção da ordem” e “restauração da paz”. Todavia, formado majoritariamente por sérvios, o JNA intervém no conflito com o propósito de manter a Iugoslávia unida, o que já significava manter a supremacia sérvia. Em artigo do dia 5 de maio de 1991 (IUGOSLÁVIA..., 5 maio 1991, p. 2-1) começa o debate na imprensa sobre a legitimidade federal das forças do Exército, formadas por 42,6% de sérvios, mas cujo corpo de oficiais era 70% sérvio e montenegrino¹⁰⁹. A Croácia e a Eslovênia reivindicam então que suas “milícias locais” sejam transformadas em Exércitos nacionais independentes.

¹⁰⁹ Tais dados não contradizem o fato de que, apesar da maioria sérvia do Exército, muitos não sérvios foram obrigados a lutar uma luta que não era mais sua: “todos os cidadãos, sérvios ou não, ou seja, independentemente da sua nacionalidade, foram chamados a defender o estado que então estava se fragmentando” (BASCH, 2003, p. 39).

Maio de 1991. Clima de guerra civil¹¹⁰. Policiais croatas são massacrados na Krajina. O Exército tenta *controlar* o conflito. Barricadas são erguidas em toda a região. Bombas e tiroteios também em Borovo Selo e Vukovar, que será um dos palcos mais sangrentos da guerra na Croácia. “A guerra civil está próxima”, dizem os artigos, só não entendendo como não começou... ela era apenas anunciada, e demoraria mais algum tempo para estourar oficialmente. Antes disso, no entanto, passaria pela Eslovênia.

Os próximos acontecimentos são divulgados exaustivamente pela imprensa, apesar de pouco citados em bibliografia. Não foi a primeira vez que nos depararemos com tal diferença. Geralmente, momentos muito citados pela imprensa e que não receberam tanta (ou a mesma) ênfase nos livros de história são aqueles que envolveram nomes de políticos específicos e negociações diplomáticas. Não que tais livros não dêem atenção a tais eventos, pelo contrário, eles atentam para mais nomes e mais fatores envolvidos, sendo que, muitos destes, passam despercebidos pelos jornalistas. Vemos a seguir um destes episódios.

Neste momento, líderes sérvios impedem a posse do “croata e não-comunista”, Stipe Mesic, na presidência iugoslava¹¹¹. Este fato causa grande repercussão na Croácia, atacada por um Exército federal, cujo comando teria que vir de um presidente que, no caso, não poderia assumir. A Croácia ameaça: se Mesic não for empossado, a secessão será definitiva, e faz plebiscito pela independência.

No dia 25 de junho de 1991, Eslovênia e Croácia proclamam suas independências. Belgrado – enquanto capital da Iugoslávia (e não, da Sérvia) – pede a intervenção das forças armadas para impedir a secessão. Os EUA e “os principais países da Europa” não reconhecem as independências; e não apenas eles, a declaração das independências, tal como seus reconhecimentos futuros, são considerados precipitados diante do clima de violência. Até mesmo Gilles Lapouge, com sua determinação em naturalizar e eternizar o conflito servo-croata, afirma:

Eles são cabeça-dura, esses eslovenos e croatas (...) não faltavam advertências. (...) por força de um plebiscito – de resto ilegal (...) as 2 repúblicas assumem a responsabilidade de implodir a Iugoslávia, fabricada pelas grandes potências em 1918 (...). A esse conflito político se somam rancores étnicos,

¹¹⁰ Ver anexo em cd-rom os artigos do mês de maio de 1991. A partir de então, algumas fotografias que saíram nos jornais estão também anexas no cd-rom em “Fotografias.pdf”.

¹¹¹ Cf. CONFLITO..., 15 maio 1991, p. 2-4; GODOY, 16 maio 1991, p. 2-4; IUGOSLAVOS..., 16 maio 1991, p. 10; IUGOSLÁVIA..., 17 maio 1991, p. 2-3; e outros.

quase tribais. As escaramuças entre os soldados sérvios e as forças eslovenas e croatas elevaram os antagonismos ao ódio (...). Há o risco de uma guerra civil envolvendo 10 etnias, 3 ou 4 religiões e 2 ideologias. A Iugoslávia pode se tornar um terrível Líbano (26 jun. 1991, p. 6*).

A comparação da Iugoslávia com o Líbano foi bem freqüente em vários momentos da cobertura. O conflito no Líbano durou aproximadamente quinze anos (a partir de 1975) e marcou a mídia pelos horrores diários, seguidos de marasmo e apatia, além de ser caracterizado como um conflito étnico-religioso envolvendo cristãos, muçulmanos e palestinos, e sem perspectiva de solução. A comparação da Iugoslávia com a URSS ou repúblicas bálticas foi assim, paulatinamente, migrando mais para o leste, para o Líbano e Oriente Médio...

Neste dia, 26 de junho, já se configura em uma página de jornal um modelo padrão de edição do noticiário durante a guerra: um primeiro artigo sobre os últimos acontecimentos, que seria o mais factual “Duas repúblicas rompem com Iugoslávia” (DUAS..., 26 jun. 1991, p. 6*); depois, alguns *sides*, como a sua primeira consequência direta, ou seja, a possibilidade de intervenção do Exército para impedir a secessão (PARLAMENTO..., 26 jun. 1991, p. 6*) e também a posição da Comunidade Européia¹¹² (WAACK, 26 jun. 1991, p. 6*); por fim, alguns artigos mais analíticos, sobre a desunião das nacionalidades e o regime de Tito (LUTARD, 26 jun. 1991, p. 6*), e o artigo citado de Lapouge que, além de analítico se enquadraria em um tipo de artigo bem comum também, os artigos proféticos, ou seja, aqueles que traziam as perspectivas futuras para a Iugoslávia.

A guerra começa no dia 27 de junho, na Eslovênia, e é anunciada em grandes manchetes pelos jornais¹¹³. Ela aparece, então, como entre o país mais ocidentalizado e democratizado da Iugoslávia e sua defesa territorial (TO), contra o Exército federal da Iugoslávia (JNA), ainda comunista, que não admitiria a secessão – cabe sublinhar que as forças armadas da Iugoslávia eram divididas em duas, o Exército Popular Iugoslavo (JNA) e a Defesa Territorial (TO, *Teritorijalna Odbrana*). A TO operava sob jurisdição das

¹¹² A Comunidade Econômica Européia, ou Comunidade Européia, seria, em 1993, rebatizada de União Européia. O *Estadão* usava a sigla CEE, a *Folha*, apenas CE. Não consegui descobrir quando o uso de CE substituiu o de CEE. Opto por usar apenas Comunidade Européia ou CE, Hobsbawn (1999) também o faz.

¹¹³ Ver anexo em cd-rom a manchete do dia 28 de junho de 1991, d’*O Estado de S. Paulo* (COMEÇAM..., 28 jun. 1991, p. 1*), e os artigos da p. 8 (CSCE..., FRACASSA..., ISOLADA..., SMALE, WAACK, 28 jun. 1991, p. 8*).

repúblicas, o JNA sob jurisdição da federação, sendo seu comandante-chefe, o presidente da Iugoslávia, antes, o presidente Tito¹¹⁴.

O Exército iugoslavo recusa qualquer trégua. Confrontos ocorrem principalmente nas fronteiras com a Áustria e com a Itália, deixando os países fronteiriços à Iugoslávia em estado de alerta.

William Waack, enviado especial do *Estadão*, é quem cobre a guerra na Eslovênia¹¹⁵. Dentre os fatos relatados, um – sobre o protesto de mães sérvias contra o Exército federal – me chamou particular atenção. Segundo Waack, em Vhrnka (*sic*), na Eslovênia, as mães sérvias, indignadas, atravessaram 700 metros de uma ponte minada para reclamar seus filhos (combatentes do JNA) de volta; lá, o “comandante da guarnição, o Coronel Milan Bobic, já estava com discurso preparado à espera das barulhentas senhoras, todas elas da Sérvia e com uma aparência física bastante diferente da população local: mais baixas, mais mal vestidas, de traços mais escuros” (WAACK, 5 jul. 1991, p. 6).

Analisando este artigo, vemos que interessava menos o motivo que levava essas senhoras à Eslovênia, do que suas características peculiares: barulhentas, baixas, mal vestidas, mais escuras (não esquecendo que tais características são colocadas em oposição às características da “população local”, eslovena e certamente mais “civilizada”). A imprensa faz muito isso, para tornar o relato atraente, ela usa e abusa de efeitos visuais e caricatos. Um destes, já citado anteriormente, é a imagem dramática da neve manchada de sangue, agora, são essas senhoras sérvias, barulhentas, reclamando seus filhos. Nessa linha também, vemos que não é somente a imprensa que faz isso, veja a declaração do presidente húngaro, Árpád Göncz (*sic*)¹¹⁶, à *Folha de S. Paulo*, sobre o conflito na Croácia:

Toda nossa simpatia aos croatas – mas temos 400 mil húngaros na Sérvia. Por 20 vezes os sérvios entraram em nosso território para bombardear Vukovar. Fizemos uma zona de segurança de 10 Km a partir da fronteira. Abrigamos 500 mil refugiados. Não temos mais onde colocá-los. Os húngaros têm que se distanciar dessa guerra, que existe há 400 anos. *Em minha opinião, as mulheres acabarão com ela batendo com as panelas na cabeça dos maridos* (LABAKI, 9 dez. 1991, p. 2-1)¹¹⁷.

¹¹⁴ Cf. BAX, 2000; MURŠIČ, 2000.

¹¹⁵ Ver artigos de William Waack na Eslovênia, anexos em cd-rom, dos dias 30 de junho e 3 e 7 de julho de 1991. Além dele, Fernando Gabeira, da *Folha*, também esteve em Liubliana para a cobertura.

¹¹⁶ A grafia correta é Árpád Göncz.

¹¹⁷ Grifos meus.

Dando continuidade a seqüência de eventos, a Comunidade Européia e os EUA pressionam a Iugoslávia suspendendo empréstimos e ajuda econômica e decretando embargo de armas, e no dia 8 de julho, dez dias após o início da guerra na Eslovênia, um acordo de paz é firmado entre o governo federal iugoslavo, a Croácia e a Eslovênia, na Ilha de Brioni (Croácia), sob mediação da CE, representada pelos chanceleres da Holanda, Luxemburgo e Portugal¹¹⁸.

Interessante nesta página do noticiário, do dia 9 de julho de 1991, é a pequena matéria, “Gaúchos dão apoio à luta separatista” (GAÚCHOS..., 9 jul. 1991, p. 6), sobre telegramas em apoio às independências da Croácia e da Eslovênia, enviados por 400 “separatistas gaúchos”. Será freqüente durante todos esses anos de cobertura de guerras, a imprensa brasileira tentar aproximar, de algum modo, o que acontece lá com o Brasil. Como exemplos, veremos isso em duas matérias da jornalista Rebeca Kritsch, quando ela cobriu as primeiras eleições livres na Bósnia, uma, sobre a cidade de Medjugorje, na Croácia, onde a Virgem Maria teria aparecido (16 set. 1996, p. A9*) – ela me disse em entrevista ter feito a matéria para o Brasil e para o *Estadão*, que, em suas palavras, “é um jornal católico, que acredita em Deus” –, e outra sobre o “Café Brazil”, em Sarajevo, e a paixão pelo Brasil do dono do café (15 set. 1996, p. A22*). O jornalista Kennedy Alencar fez a matéria sobre os brasileiros que deixaram Belgrado devido aos ataques da Otan (26 mar. 1999, p. 1-10*). Houve ainda, o artigo sobre o pedido de ajuda à Iugoslávia feito pela comunidade sérvia em São Paulo (SÉRVIOS..., 8 maio 1999, p. 1-10*). Dentre outros.

Baseado em acordo anterior, o acordo de Brioni previu imediato cessar-fogo, moratória de três meses das independências, posse de Mesic como presidente iugoslavo, recuo das forças armadas aos quartéis, negociações sobre o futuro da Iugoslávia, equipe da CE para supervisionar o cessar-fogo, libertação dos prisioneiros de guerra e controle esloveno dos postos fronteiriços, sendo que, as taxas aduaneiras seriam ainda controladas pelo governo federal.

É o reconhecimento tácito da independência eslovena. E cada vez mais, os EUA e alguns países da Europa tendem a reconhecer oficialmente as independências, especialmente a Alemanha, que, neste caso, ampliaria sua esfera de influência na Europa¹¹⁹.

¹¹⁸ Hans van den Broek, Jacques Poos e João de Deus Pinheiro, respectivamente (CEE..., 9 jul. 1991, p. 6).

¹¹⁹ Segundo Waack (10 jul. 1991, p. 7), de acordo com as imprensas francesa e iugoslava.

A possibilidade de uma guerra em larga escala já é então, por muitos, vislumbrada. Em “Risco de guerra generalizada” (13 jul. 1991, p. 2), Milovan Djilas, antigo dissidente do regime comunista iugoslavo (que chamei a atenção no capítulo anterior), remetendo ao diálogo entre o governo austríaco, já declaradamente a favor da secessão, e o governo alemão, sobre o possível reconhecimento das independências da Croácia e Eslovênia, aponta para o perigo de internacionalização da crise iugoslava e uma possível guerra. Segundo ele, o reconhecimento das independências da Croácia e da Eslovênia “pela Alemanha, pela Áustria e outros países levaria à guerra civil na Iugoslávia”, de duração imprevisível.

Para ele, nem mesmo os sérvios se oporão à secessão eslovena, que pode ser negociada,

Mas o mesmo não é válido para a Croácia (...). Os sérvios e os croatas são povos similares. Foram eles os principais criadores da Iugoslávia (...). Como consequência, estão tão misturados que separá-los sem guerra seria impossível (...). [A minoria sérvia da Croácia mantém] viva a lembrança do genocídio a que foram submetidos, juntamente com os judeus e ciganos pelas autoridades fascistas croatas durante a 2ª Guerra Mundial.

E tal ressentimento é diariamente alimentado na Croácia, pelas políticas discriminatórias e agressivas contra os sérvios, somadas aos embates entre os grupos paramilitares. Sérvios fogem em massa para a Sérvia. Outros, juntam-se a tais grupos paramilitares. “Já existem zonas sérvias na Croácia que o Estado croata tenta em vão pacificar”.

Uma revolta dos sérvios na Croácia implicaria, segundo Djilas, movimentos sérvios também na Bósnia-Herzegovina, com 1,4 milhões de sérvios, o que implicaria a entrada também dos croatas-bósnios (800 mil) e dos bósnios-muçulmanos (2 milhões). Os bósnios-muçulmanos se aliarão aos croatas-bósnios contra os sérvios-bósnios, e estes se aliarão a Sérvia e a Montenegro. Uma guerra religiosa e nacionalista na Bósnia-Herzegovina levaria a um verdadeiro massacre da população civil e conseqüentemente a uma revolta da população albanesa do Kosovo. A Albânia entraria então na guerra e, talvez, entrassem outros países muçulmanos:

Essa guerra não é apenas provável. Com profundo pesar, afirmo que será inevitável, tão logo a secessão seja sancionada e encorajada por potências estrangeiras (...). A única solução, ao meu ver, estaria em reconhecer a já estabelecida igualdade e soberania das repúblicas iugoslavas, em desarmar os vários grupos paramilitares e em pacíficas negociações, à medida que a Iugoslávia se movimentava rumo à democracia, ao Estado de direito e à economia de mercado (...) a Iugoslávia precisa é de

assistência econômica e política (...) a fim de encontrar uma solução pacífica para a crise e de construir uma “comunidade de nações” republicana dentro da Iugoslávia, tendo como fundamento o consentimento mútuo.

Não é possível saber se seus conselhos, por assistência econômica e política, teriam dado certo, mas muitas de suas drásticas previsões se confirmaram.

Enquanto isso, mais confrontos e mais mortos na Croácia.

Tudjman conclama a população a se preparar para a guerra e Milosevic ameaça: a “Iugoslávia pode ‘progredir melhor sem as repúblicas que querem deixá-la’” mas, onde a população desejar permanecer na Iugoslávia, o Exército será mantido (SÉRVIA..., 7 jul. 1991, p. 12*). Dito e feito.

Com a saída das tropas federais da Eslovênia, a guerra lá é esquecida¹²⁰ e começa a guerra em grande escala na Croácia, caracterizada definitivamente como *conflito étnico* entre sérvios e croatas.

A violência se espalhava então por várias cidades da Krajina e da Eslavônia: Vinkovci, Sarvas, Borovo Selo, Vukovar, Kostajnica, Glina; com aviões iugoslavos ajudando nos ataques. Algumas aldeias foram rapidamente tomadas pelos sérvios. Calculava-se então que 50 mil *iugoslavos*¹²¹ já teriam deixado suas casas na Croácia (CEE..., 3 ago. 1991, p. 7*). Veja o relato de Andrej Gustincic, correspondente da Reuter, em Sarvas, na Croácia (3 ago. 1991, p. 7*):

Terminou ontem a retirada dos três mil civis de Sarvas (...) depois que uma unidade de tanques iugoslavos bombardeou a vila de Dalj. Os cidadãos retirados – na maioria croatas – deixaram atrás de si um pequeno grupo [de] soldados apavorados, integrantes da Guarda Nacional incumbidos de neutralizar um eventual ataque de guerrilheiros sérvios. No mínimo 80 policiais croatas foram mortos durante o ataque a Dalj – o incidente mais sangrento já registrado na guerra não-declarada entre a Croácia e a Sérvia (...). Uma após outra, as aldeias da Croácia (com 4,5 milhões de habitantes) estão caindo em poder dos sérvios. O Exército declara-se neutro, alegando que se limita a tentar impedir o agravamento do conflito entre os dois grupos étnicos.

O conflito na Croácia, como afirmei acima, caracterizava-se pela polarização entre sérvios e croatas. Poucos artigos, no entanto, atentavam para a utilização dos termos

¹²⁰ Com exceção do artigo de Marc Epstein, da revista *L'Express*, “Eslovenos buscam identidade” (14 maio 1993, p. 8*), raríssimos foram os momentos em que se voltou a falar da Eslovênia na imprensa.

¹²¹ Grifo meu. Ainda se fala em “iugoslavos” e, certamente, houve fuga de todos os lados do conflito.

“chetniks” e “ustashas” por ambas as propagandas nacionalistas e pelos próprios “nativos”. Como vimos, “Chetnik” era o nome das milícias monarquistas que lutaram na Segunda Guerra Mundial, e “Ustasha”, o nome do partido e milícias fascistas daquela época. Ambos os nomes passaram a ser reutilizados nos conflitos da década de 90. Chetniks, além de nomear o grupo paramilitar liderado por Seselj, passou a ser associado a qualquer grupo paramilitar sérvio e utilizado por croatas, muçulmanos e “sérvios liberais”, de forma genérica, para designar qualquer nacionalista sérvio¹²². Ustasha, igualmente, embora não designasse nenhuma milícia em particular, era utilizado para designar os nacionalistas croatas, ou mesmo, os croatas de modo geral. E apenas nesse início de guerra (como no artigo acima) que se falava em uma “guerra não-declarada” entre a Sérvia e a Croácia.

Alguns fatos, no entanto, foram muito divulgados pela imprensa. Um deles, os vários cessar-fogos acertados, e logo violados, entre o governo federal, a Croácia e os milicianos sérvios (sob mediação da Comunidade Européia), chegou, inclusive, a ser mote de várias charges então publicadas¹²³.

Outro, era a possibilidade de intervenção militar internacional no conflito, seguido pelo discurso/ameaça da União Soviética, e depois da Rússia, que seria mantido em todas as guerras na ex-Iugoslávia: o de que uma intervenção militar internacional levaria ao alastramento do conflito por toda a Europa, e que, portanto, ela seria sempre contrária a qualquer intervenção deste tipo nos Bálcãs.

Muitas vezes, quando se falava das negociações e posicionamentos internacionais, acontecia uma transferência de enfoque na cobertura, do conflito em si, para as negociações e conversações internacionais e diplomáticas acerca dele. Essa mudança de enfoque atingiu o ápice em alguns momentos da guerra na Bósnia-Herzegóvina e, principalmente, no Kosovo.

Por fim, para além das negociações, era a guerra. “Os sérvios”, com apoio explícito do Exército¹²⁴ – via terra, água e ar – ocupavam cidades e aterrorizavam, expulsavam e

¹²² Cf. GLENNY, 1996, p. 295.

¹²³ Cf. charges “Unidades de tempo”, de Mike Keefe (*O Estado de S. Paulo*, 19 set. 1991, p. 10* – charge 1), ou “Cease-fire”, já sobre a Bósnia-Herzegóvina (*Folha de S. Paulo*, 19 jul. 1992, p. 3-2* – charge 4). É interessante notar que, diferentemente das guerras dos EUA, tais guerras na ex-Iugoslávia, na África, ou em outros lugares, não costumam “ganhar” charges de cartunistas brasileiros. Talvez seja porque, até para os cartunistas, tão sagazes em relação à política nacional (que supostamente deve incluir os Estados Unidos), tais conflitos não nos dizem respeito, e não há graça naquilo que mal compreendemos ou que não nos identificamos.

¹²⁴ Apesar da oposição do “presidente” iugoslavo Stipe Mesic. Mesic, com o fim da moratória de três meses acertada em Brioni, deixa definitivamente a presidência da Iugoslávia no dia 8 de outubro de 1991.

matavam a população. Em meados de agosto de 1991, declaram a autonomia da Eslavônia Ocidental (HELICÓPTERO..., 17 ago. 1991, p. 6). Depois disso, era a vez da Eslavônia Oriental: Osijek e Vukovar, a leste da Croácia, quase divisa com a Voivodina.

Vukovar, como afirmei anteriormente, foi especialmente noticiada. A cidade foi totalmente tomada pelos sérvios em novembro de 1991, após 86 dias de sítio. A população abandonara então a cidade e suspeita-se que massacres e atrocidades tenham sido cometidos. Vukovar foi o último reduto da resistência croata na Eslavônia e seria simbolicamente lembrada por isso.

Outras cidades, como Zagreb, capital da Croácia, e Split (menos), Zadar e Dubrovnik, na Dalmácia¹²⁵, embora fortemente bombardeadas, não chegaram a cair sob poder sérvio.

Milhares foram os “refugiados” que deixaram a Krajina e a Eslavônia durante a guerra na Croácia.

Para além do conflito em si, protestos também foram ouvidos, em Belgrado, Sarajevo, Zagreb e Osijek, contra a guerra e contra a atuação das forças armadas. Chamo a atenção para tal fato, não tanto pelos protestos, mas pela forma como eram noticiados. Em primeiro lugar, eram pouco noticiados, e, em segundo lugar, se na Croácia em situação de conflito, por exemplo, as pessoas imediatamente recebiam uma identidade étnica (podendo ser também religiosa, ou racial, ou mesmo nacional), no caso das manifestações por paz na Sérvia, na Croácia e na Bósnia-Herzegóvina, tal característica identitária era menos importante, e entravam no jogo outras categorias, como “estudantes”, “trabalhadores”, ou seja, a população iugoslava de modo geral.

Percebemos neste caso, como nos outros que cito na seqüência, que a imprensa utiliza categorias de análise circunstancialmente, já que, nem sempre as categorias aparentemente mais hegemônicas são também as mais cabíveis.

Assim, muitos jornalistas, ao se depararem com o fato de que, como se tratava da mesma etnia eslava, não podia ser um conflito étnico, passavam a utilizar categorias

¹²⁵ Dubrovnik é considerada patrimônio histórico da humanidade, pelos seus monumentos históricos. Dubrovnik, Zadar e Split fazem parte da Dalmácia, famosa também pelas suas praias. O intenso turismo na região foi profundamente abalado pelas guerras na ex-Iugoslávia.

religiosas e históricas enquanto demarcadores e separadores ontológicos das populações em conflito. Vemos isto no artigo explicativo de Tony Barber (13 ago. 1992, p. 2-14*), correspondente do jornal *The Independent*, em Zagreb, onde ele afirma:

A guerra civil na Ex-Iugoslávia já é o mais violento conflito na Europa desde a 2ª Guerra Mundial. Suas origens imediatas estão no colapso da ordem comunista pós-1945 e nos choques subsequentes entre uma série de nacionalismos militantes. Mas suas raízes mais profundas se encontram muito atrás na história.

Os principais rivais são os sérvios e croatas, dois povos eslavos com línguas semelhantes (...) mas cujas histórias são muito diferentes.

Os sérvios são cristãos ortodoxos, cuja religião foi crucial para manter viva sua identidade nacional durante os quase quatro séculos de ocupação pelos turcos otomanos. Os croatas passaram séculos sob o domínio do Império Austro-Húngaro e sua fé católica e visão de mundo centro-européia foram igualmente importantes na formação de sua identidade.

Notamos também, neste artigo de Barber, que ele considera a guerra na ex-Iugoslávia uma “guerra civil”. Mas, para além da explicação de que a guerra é civil porque não pode ser étnica (já que se trata da mesma “etnia eslava”), tal denominação foi freqüentemente utilizada ao longo da cobertura, servindo, ao meu ver, para circunscrever o conflito a esta região e a suas populações, para distanciá-lo de *nós* e para, ao não nos dizer respeito, internamente ser resolvido.

Elencando outros exemplos de adequação de categorias: havia a ênfase nas divisões básicas entre *sérvios* e *croatas*, *albaneses* e *sérvios*, etc., que não atentava para a heterogeneidade e para os conflitos existentes dentro dos próprios grupos citados, evitando assim, possíveis paradoxos. Ou, a relação da categoria com o lugar do qual se fala, onde o ETA, ou o IRA, não eram “guerrilhas” étnicas, mas “grupos” separatistas, terroristas (menos) ou extremistas; os Balcãs, no entanto, já possuíam etnia; e em Ruanda e no Afeganistão, por exemplo, eram tribos africanas ou árabes que guerreavam entre si. Ou, os números e os significados que de antemão eles carregavam, funcionando também como categorias, por exemplo, “o conflito entre sérvios e albaneses tem 600 anos”, “os sérvios são 600 mil ou 11% da população de 4,5 milhões na Croácia”, “os albaneses são 90% da população do Kosovo”, etc. – assim como as culturas, etnias e religiões, que eram, muitas vezes, auto-explicativas dos conflitos, tais números ilustravam, por si só, a gravidade da situação.

Tudo isso revela, portanto, modos que a imprensa encontra de dar coerência ao relato sem sair da *story line* do conflito (ou seja, que são determinados grupos que

guerreiam entre si) e revela, igualmente, como tais “modos” são congruentes a processos de categorização do outro e simplificação da narrativa jornalística.

No final de 1991, uma trégua é finalmente estabelecida (e assinada em Sarajevo no dia 2 de janeiro de 1992). As forças sérvias já possuíam, contudo, o domínio de 22% do território croata. A ONU decreta então embargo de armas a toda a Iugoslávia¹²⁶ e capacetes azuis supervisionariam o cessar-fogo nas regiões da Croácia ocupadas pelas forças sérvias.

Neste momento, a imprensa não cita, mas havia um forte clima de tensão entre a Bósnia-Herzegovina e a Sérvia (ou Iugoslávia), isto porque a Bósnia decidira manter-se neutra diante das secessões, e a neutralidade por si só, foi considerada uma afronta, apanágio de soberania.

Por fim, a Comunidade Européia, sob pressão da Alemanha, decide reconhecer as independências da Croácia e da Eslovênia no dia 15 de janeiro de 1992, ou seja, daí a um mês – apesar dos EUA e do Conselho de Segurança da ONU considerarem a medida extremamente perigosa (GABEIRA, 18 dez. 1991, p. 2-3).

E em uma pequena nota no jornal, dias depois: “Sérvios querem criar uma república na Bósnia” e marcam sua proclamação para o dia 14 de janeiro de 1992 (SÉRVIOS..., 22 dez. 1991, p. 2-2), um dia antes do reconhecimento das independências da Croácia e da Eslovênia...

Bósnia-Herzegovina

A guerra chega à Bósnia após a Krajina e a Eslavônia terem sido conquistadas pelas milícias sérvias e declaradas regiões autônomas e independentes sérvias (as SAOs). Neste ínterim, a Bósnia também havia se declarado independente e aguardava por reconhecimento internacional. A chamada “República Sérvia da Bósnia”¹²⁷ fizera o mesmo. O reconhecimento da Croácia e da Eslovênia ocorre, conforme o prometido, em janeiro de

¹²⁶ O embargo de armas foi constantemente discutido e combatido durante a guerra na Bósnia. Ele era visto como cúmplice do genocídio, já que os sérvios ficaram com as armas do Exército e as outras partes em luta se mantiveram mal armadas. Os contrabandistas de armas, com certeza, foram dos mais favorecidos pelas guerras iugoslavas.

¹²⁷ A “República Sérvia da Bósnia” foi proclamada no dia 14 de janeiro de 1992 pelos sérvios. Ela reunia os territórios já auto-proclamados “Regiões Autônomas Sérvias” (SAOs) da Bósnia, em meados de 1991. No dia 12 de agosto de 1992 (SERVA, 13 ago. 1992, p. 2-14*), ela passou a se chamar apenas República Srpska, ou República Sérvia, e mantém este nome até hoje.

1992. O reconhecimento das independências macedônia e bósnia é protelado¹²⁸. O desta última, condicionado a plebiscito.

Em plebiscito também, Montenegro vota pela sua permanência na Iugoslávia e, na sequência, Belgrado proclama a uma nova Iugoslávia, formada pela Sérvia, por Montenegro e pelas duas províncias, Kosovo e Voivodina.

Os artigos informam: durante as votações para a independência bósnia, duas pessoas foram mortas e os sérvios da Bósnia advertiram que poderá haver um “banho de sangue”, caso a Bósnia seja reconhecida (PLEBISCITO..., 1 mar. 1992, p. 9). A Bósnia-Herzegóvina já “vem sendo descrita como um barril de pólvora por sua potencialmente explosiva mistura étnica e sua delicada posição entre a Croácia e a Sérvia, ainda tecnicamente em guerra” (SEPARATISMO..., 2 mar. 1992, p. 6*).

Após o plebiscito, sérvios cercam Sarajevo (SÉRVIOS..., 3 mar. 1992, p. 6) e Radovan Karadzic, líder dos sérvios da Bósnia e presidente do Partido Democrático Sérvio da Bósnia (SDS), anuncia que haverá guerra civil, caso a Bósnia seja reconhecida e a república sérvia da Bósnia não.

A partir de então, Slobodan Milosevic vai paulatinamente se desvinculando da guerra. Em encontro “dos líderes das 3 etnias” em Portugal, ele faz “apelo pela paz” (PERALVA, 2 maio 1992, p. 2-8), e, embora o Exército iugoslavo continue atuando na Bósnia por mais alguns meses, Milosevic afirma deixar a guerra para os sérvios bósnios e não se responsabilizar mais pelos sérvios que continuarem combatendo (IUGOSLÁVIA..., 6 maio 1992, p. 2-9). A imprensa não percebe, mas com o reconhecimento da Bósnia, o envolvimento de Milosevic na guerra não é mais questionado. Inclusive, dado a sua postura sempre contrária à relutância dos sérvios bósnios em aceitar as diversas propostas de paz durante a guerra, Milosevic passa a ser considerado “interlocutor chave da comunidade internacional em busca de uma solução para a guerra civil” (28 meses..., 5 out. 1994, p. A9) e consegue que as sanções ao país sejam, aos poucos, relaxadas.

Acredito que possa parecer estranha esta minha observação a respeito de Milosevic, que está sendo devidamente julgado no Tribunal Penal Internacional (TPI), em Haia, pelos

¹²⁸ O reconhecimento da Bósnia se dá em abril, mas o da Macedônia é protelado mais uma vez. Há uma tensão entre a Grécia e a Macedônia. A Grécia não admite que a Macedônia tenha o mesmo nome que a Macedônia grega (de Alexandre o Grande), tanto que, quando a Macedônia foi finalmente reconhecida, em fevereiro de 1994, seu nome oficial permaneceu como Ex-República Iugoslava da Macedônia e o reconhecimento se fez, apesar da pressão e embargo

crimes de guerra que cometeu nos conflitos na ex-Iugoslávia, mas, pelos artigos da época, não poderia concluir outra coisa.

O reconhecimento da Bósnia é a data oficial do início da guerra, embora 60% da Bósnia já estivesse tomada por paramilitares sérvios e pelo Exército iugoslavo e, “nos últimos dois meses”, 300 pessoas já tivessem sido mortas e 500 mil desabrigadas (EUA..., 7 maio 1992, p. 2-10).

A ONU intervém então, tomando dos sérvios o aeroporto de Sarajevo, por onde começam a entrar os suprimentos de ajuda humanitária¹²⁹ e os jornalistas da guerra (alguns conseguiam entrar de carro na cidade, mas muitos chegavam com os aviões e comboios das agências humanitárias).

A guerra terminaria apenas em 1995, com a retomada da Krajina e da Eslavônia Ocidental, pelo Exército da Croácia, e de diversas cidades da Bósnia, pelos exércitos croata e muçulmano da Bósnia. As forças sérvias, apesar de terem conseguido “limpar” Srebrenica e Zepa, perderam grande parte do território adquirido durante os anos de guerra. A Bósnia foi, finalmente, assim dividida, Sarajevo (com a ajuda das forças da Otan) libertada e o acordo de paz firmado em Dayton, Ohio (EUA).

Tendo isso em vista, podemos afirmar que a guerra da Bósnia foi uma longa guerra (de 1992 a 1995¹³⁰) e que teve cobertura quase diária da imprensa brasileira. Houve momentos mais calorosos, outros menos, mas a cobertura foi constante. O número de artigos é incontável, basta um olhar naqueles que se encontram anexos nesta dissertação para se ter uma idéia de sua quantidade.

Em linhas gerais, eles eram bem factuais, reportavam basicamente acontecimentos da guerra, como a localização de combates, mortos e feridos, negociações e debates diplomáticos, cotidiano em Sarajevo, além de números, que se repetiam e referiam-se à composição étnica do país: 44% são muçulmanos (ou “muçulmanos eslavos”), 17% são croatas e 33% sérvios, em uma população total de 4,5 (ou 4,4) milhões de habitantes.

econômico gregos à Macedônia, na época. Em novembro de 2004, os Estados Unidos reconheceram o nome “Macedônia” para a Macedônia.

¹²⁹ A ajuda humanitária garantiu a subsistência da população no decorrer da guerra, a níveis miseráveis, todavia. E apesar de grande parte da população possuir pouco ou nenhum dinheiro, mantimentos, combustível, alimentos, café, bebidas e cigarros podiam ser encontrados no mercado negro.

A guerra foi colocada de antemão nos termos “guerra civil” ou “étnica”, entre sérvios de um lado, e muçulmanos e croatas de outro. Posteriormente se consolidara também enquanto guerra de todos contra todos – sérvios *versus* croatas, sérvios *versus* muçulmanos, muçulmanos *versus* croatas, muçulmanos *versus* muçulmanos.

Não se discutia muito as causas da guerra, tal debate se deu posteriormente, e rapidamente, após o acordo de paz.

E mais uma vez, cabe enfatizar, não necessariamente os fatos que a imprensa chamou mais atenção, tiveram realmente tamanha importância. Além disso, ter enfatizado um fato em um momento (que às vezes são três dias, apenas, de ampla cobertura), por exemplo, não significa que tenha sido dada a devida continuidade a ele. E como a guerra na Bósnia foi uma longa guerra na Europa, o que implicava a necessidade de cobertura constante, qualquer momento que podia ser visto como novidade era explorado, sob este aspecto, pelos jornais. Tratarei aqui de alguns destes. Primeiramente, a posse de Milan Panic como primeiro-ministro da Sérvia, depois, a reunião sérvia em Bijeljina, em 1993, quando todos achavam que a guerra iria acabar, o diário de Zlata, em 1994, a “crise dos reféns brasileiros”, em 1995, e, por fim, os momentos em que nossos enviados especiais estiveram no território da ex-Iugoslávia.

Houve, além destes, os episódios que causaram comoção internacional, como dois bombardeios ao mercado de Sarajevo, a descoberta de campos de detenção sérvios na Bósnia, os estupros em massa, o massacre de Srebrenica. E ainda, os arranjos internacionais diplomáticos, tais como, a intervenção ou não da Otan no conflito, as tentativas da ONU de amenizar os efeitos da guerra e a contra-posição da Rússia.

Chamo a atenção a seguir para os momentos citados acima, e também, como fiz até agora, para artigos específicos que remetem às minhas hipóteses iniciais de pesquisa ou que propõem outras reflexões. Começo pelos arranjos internacionais.

Para além dos embargos econômicos e de armamentos, diversos acordos foram negociados, negociadores foram nomeados e conferências foram marcadas durante a guerra na Bósnia. A cobertura nestes momentos foi exaustiva e detalhista. Nomes, “pequenos

¹³⁰ Alguns analistas datam o fim da guerra em 1996.

poréns”, datas de futuras negociações, tudo isso foi citado pelos jornais, fatos e mais fatos. É possível, contudo, enumerar algumas recorrências.

Em primeiro lugar, a possibilidade de intervenção militar da Otan ou da ONU na região e a relutância da Rússia em acatá-la.

O fato da Rússia ser a “tradicional aliada dos sérvios” se repetirá frequentemente e é justificado pelo mesmo “pertencimento étnico”: os russos e os sérvios são eslavos e de religião ortodoxa. A influência política russa sobre os conflitos na ex-Iugoslávia é assim constantemente transformada em influência cultural e pré-política; o que não impede que a imprensa sublinhe, neste e em outros momentos, a oposição dela ante às possíveis intervenções militares internacionais na ex-Iugoslávia e a sua influência nas instâncias decisórias internacionais, devido ao poder de veto que possui no Conselho de Segurança da ONU.

Tal postura da mídia nos leva a pensar em duas questões. Uma primeira, concordaria com as “afinidades eslavas”, e acredita que, por este motivo, a Rússia vai sempre defender seus irmãos eslavos. A outra, relacionada a essa primeira, mas para nós mais interessante, relativizaria o fim das zonas de influência da guerra fria e apontaria para um certo menosprezo, consciente ou inconsciente, da mídia, em relação à real importância russa frente aos conflitos nos Bálcãs; haveria neste sentido, um esforço em minimizar o papel político de mediação russa, sublinhando o caráter étnico deste alinhamento.

Talvez mais de setenta anos de comunismo, décadas de guerra fria, somados a um imaginário secular que separa o leste do oeste europeu, como vimos com Larry Wolff (1994), possa explicar tal postura, onde “The iron curtain is gone, and yet the shadow persists” (WOLFF, 1994, p. 3). E por isso esta névoa de incompreensão ou má-compreensão, e este esforço em substituir o cenário bipolar, pelo cenário das organizações supranacionais, como a Europa (a CE ou a UE) e as Nações Unidas, e pelos Estados Unidos, enquanto única potência global hegemônica, com o objetivo de, no final, poder afirmar, sem problema, que a Rússia exercera papel definitivo em muitos momentos no que tange a resolução do conflito na Bósnia e, como veremos, no Kosovo.

Em segundo lugar, muito enfatizado pela imprensa era o medo generalizado de que, em caso de intervenção militar internacional da ONU ou da Otan, a guerra se espalhasse por todo os Bálcãs, com alinhamentos do lado sérvio – búlgaro, romeno, russo – e do outro

lado, muçulmanos, albaneses, além de “toda” a comunidade internacional, podendo ser o estopim de uma terceira guerra mundial¹³¹.

Em terceiro lugar, a cobrança generalizada por parte da mídia e da “opinião pública” para que algo fosse feito: “O horror que a televisão torna disponível diariamente” torna a opinião pública favorável a uma intervenção militar na guerra da Bósnia (A ‘CONTENÇÃO’..., 26 maio 1993, p. 3). Ou, “Resta agora esperar qual vai ser a ação do Ocidente (...): se vai assistir passivamente ao genocídio de um povo ou se vai, finalmente, agir com firmeza e com determinação” (PARAR..., 7 maio 1993, p. 1-2).

Henry Kissinger, todavia, não achava a intervenção tão necessária. Para ele, os EUA não têm que participar em uma “guerra civil envolvendo 3 partes fanáticas” que em nada os afetam. Diferentemente do Holocausto, “as atrocidades cometidas na Bósnia (...) representam os métodos bárbaros das guerras civis balcânicas, que se desenrolam há séculos, com algumas interrupções”. Sérvios e croatas sempre odiaram os muçulmanos e a Bósnia-Herzegovina é uma “terra de ninguém”, onde aportavam os “deslocados” pelas guerras balcânicas (KISSINGER, 18 maio 1993, p. 2). Não só por parte dele, mas a “antigüidade” dos conflitos balcânicos deslegitimava, muitas vezes, qualquer intervenção externa que, supostamente, pouco adiantaria para conter o que já estava posto de antemão como inevitável.

Por último, ainda no campo das negociações, tínhamos a posição “inflexível” de Alija Izetbegovic, presidente da Bósnia, pela manutenção de uma Bósnia-Herzegovina multiétnica e indivisível. Esta posição, de início, recebera apoio internacional. Em outros momentos, no entanto, foi vista como prejudicial à possibilidade de algum acordo que colocasse um ponto final definitivo na guerra.

Alguns acordos e desacordos

Em 1993 é anunciado o plano Vance-Owen¹³², segundo o qual, a Bósnia seria dividida em dez províncias “étnicas” autônomas. Alija Izetbegovic e Mate Boban (líder croata da Bósnia) assinam o acordo de paz. Eles acreditavam que os sérvios não assinariam

¹³¹ Vojislav Seselj, do Partido Radical Sérvio, por exemplo, chegou a advertir que, se os sérvios fossem atacados, misseis seriam lançados contra os países vizinhos (HUNGRIA..., 14 maio 1993, p. 8*).

o acordo e que, conseqüentemente, o embargo de armas aos muçulmanos e croatas da Bósnia seria suspenso. Porém, nem os sérvios acataram o plano de paz, nem o embargo de armas foi suspenso (devido, principalmente, aos intensos combates entre croatas e muçulmanos na Bósnia Central, particularmente em Mostar¹³³). No entanto, a paz, mais do que nunca, foi vista como possível. Em reunião em Bijeljina, o parlamento da República Sérvia da Bósnia iria decidi-la.

Vários artigos confirmaram então a desvinculação dos sérvios da Iugoslávia, dos sérvios da Bósnia, já que, na reunião, uma carta de Milosevic, Dobrica Cosic (presidente da Iugoslávia) e Momir Bulatovic (presidente de Montenegro) fora lida para o parlamento e para os muitos jornalistas internacionais que acompanhavam o possível fim da guerra (incluindo o “nosso” Leão Serva¹³⁴). Ela condenava a possível oposição do parlamento sérvio bósnio ao novo plano de paz. Dias depois foi divulgado que a carta era, na realidade, uma farsa, para que novas e mais graves sanções não fossem impostas ao país, contudo, Karadzic acaba assinando o plano, que é derrubado em seguida por plebiscito popular¹³⁵.

Datam deste período também, a criação dos enclaves bósnios “protegidos” de população predominantemente muçulmana (Sarajevo, Bihac, Srebrenica, Tuzla, Zepa e Gorazde), e a proposta do secretário-geral da ONU (Boutros Boutros-Ghali) para a criação de um tribunal internacional em Haia, para julgar crimes de guerra na ex-Iugoslávia (RÚSSIA..., 6 maio 1993, p. 2-10*). No final de maio de 1993, o tribunal fora criado e Karadzic e Ratko Mladic (chefe militar dos sérvios bósnios) foram dos primeiros da lista de acusados¹³⁶. A implementação das zonas de segurança da ONU, por sua vez, se deu no dia 27 de julho de 1993, e as tropas de paz, a partir de então, poderiam usar a força em caso de ataque.

¹³² Elaborado por Cyrus Vance, diplomata americano, enviado especial da ONU, como negociador, para a ex-Iugoslávia, e por David Owen, enviado especial da Comunidade Européia – que substituíra lord Carrington. (Cyrus Vance renunciou em abril de 1993, dando lugar a Thorvald Stoltenberg, chanceler da Noruega).

¹³³ Em artigo “Incompetência do Ocidente causa conflito” (24 abr. 1993, p. 2-11*), Leão Serva discorre sobre as conseqüências funestas da assinatura do plano Vance-Owen pelos líderes croata e muçulmano da Bósnia. Segundo ele, a possibilidade da divisão da Bósnia em cantões étnicos, onde a realidade era multiétnica, como na “chamada” Bósnia central (Herzegóvina), levou as populações e milícias locais às táticas de limpeza étnica para ganho de território, acarretando assim, o fim da antiga aliança.

¹³⁴ Artigos de Leão Serva na ex-Iugoslávia, anexos em cd-rom, dos dias 24 a 28 de abril e 3 de maio de 1993 (2ª viagem). Sobre esta carta, ver: SERVA, 26 abr. 1993, p. 2-7*; 27 abr. 1993, p. 2-10*.

¹³⁵ Cf. NOVAS..., 27 abr. 1993, p. 2-10*, SERVA, 29 abr. 1993, p. 2-12, LÍDER..., 3 maio 1993, p. 2-7*.

¹³⁶ O primeiro criminoso de guerra a ser preso foi Dusan Tadic. Rod Nordland, da revista *Newsweek*, em “Sérvio vai a julgamento por atrocidades” (28 out. 1994, p. A12*), relata alguns dos assassinatos e torturas cometidos por ele: um horror.

Em julho de 1992, Mate Boban, comandante croata, proclamou a Hercegovina, região autônoma croata na Bósnia central – ou Herzegovina – daí a alguns meses (janeiro de 1993), a guerra se ampliaria e se daria também entre muçulmanos e croatas. Após um ano de confrontos, croatas e muçulmanos começaram a cogitar unirem-se em uma mesma confederação e propõem trégua definitiva nos combates (CROATAS..., 24 fev. 1994, p. 2-12). As negociações são marcadas para ocorrer no dia 26 de fevereiro de 1994. No dia 18 de março é ratificada a federação muçulmano-croata por Bill Clinton, Izetbegovic e Tudjman, em Washington (MUÇULMANOS..., 19 mar. 1994, p. A14).

Cabe chamar a atenção, por fim, que em maio de 1994, criou-se o Grupo de Contato, formado pela Inglaterra, França, Alemanha, Rússia e Estados Unidos, para negociações com as partes em luta na Bósnia. O primeiro novo plano elaborado por esse grupo levava em conta a federação muçulmano-croata, recém-criada, e consistia na divisão da Bósnia em duas metades, onde 49% do território seriam destinados aos sérvios e 51% aos croatas e muçulmanos. Este plano seria a base para o futuro acordo de Dayton – mas até lá, ele sofreria muitas oscilações, sendo legitimado, por fim, a partir da guerra.

Os últimos acordos e negociações, tratarei no tópico “1995”, tal como os fatos mais importantes ou mais noticiados que aconteceram neste último ano de guerra. Antes disso, enumero a partir daqui, alguns episódios.

Episódio 1

Milan Panic aparece no noticiário em julho de 1992, quando é nomeado primeiro-ministro da Iugoslávia por Dobrica Cosic, recentemente eleito presidente. Milan Panic, empresário, sérvio, naturalizado americano e atuante e residente nos Estados Unidos desde 1956, surge como fonte de esperança para a pacificação da ex-Iugoslávia. Seus planos incluíam paz e prosperidade a todos os países da antiga Iugoslávia. Para tanto, e para a reinclusão da Iugoslávia na comunidade internacional, Panic se dispõe a cooperar com a ONU e a acatar suas exigências e condições¹³⁷. Em artigo seu, Panic conclui com mensagem de paz entre as “etnias”:

¹³⁷ São elas (segundo artigo de Panic no *Estadão*): cumprimento da trégua, cooperação com a Comunidade Européia, impedir a alteração à força das fronteiras, promover a retirada de unidades do Exército iugoslavo da Bósnia, dissolver e desarmar forças irregulares e fim da limpeza étnica (PANIC, 4 jul. 1992, p. 2*).

Minha esperança para a Iugoslávia, e para o mundo inteiro, atualmente tão envolvido em ódios étnicos, é que todos possamos viver como os emigrantes nos EUA. Esta visão é o novo ângulo para se encarar antigas rivalidades e que, acredito, poderei plantar no país profundamente atribulado onde nasci. Trata-se de uma visão de paz que, tenho fé, meus compatriotas estão mais que dispostos a adotar (4 jul. 1992, p. 2*).

Segundo ele, neste mesmo artigo, tanto Karadzic quanto Izetbegovic “estão fartos da carnificina e dispostos a aceitar a paz”. Todavia, quanto a Milosevic: “Panic acrescentou: ‘Eu farei meu trabalho e Milosevic o dele, e Deus ajude que ele não se meta no meu caminho’” (ROSSI, 11 jul. 1992, p. 2-11*).

Não se fala mais de Milan Panic, e no final do ano, quando ele resolve disputar com Milosevic as eleições presidenciais da Sérvia, se fala pouco dele. Milosevic vence as eleições, apesar das suspeitas de fraude eleitoral, e Panic é logo em seguida deposto.

Segundo Glenn (1996), Panic deveria ter recebido maior apoio internacional nestas eleições, quando Milosevic, com o controle da grande mídia sérvia, “fez” de Panic um oportunista, a serviço dos americanos. Além disso, tais eleições causaram grandes questionamentos (não na imprensa) em relação ao boicote dos albanos-kosovares às eleições sérvias e iugoslavas, isto pois, supôs-se que, *se* os albaneses não tivessem boicotado o pleito, Panic poderia ter vencido e o rumo das guerras teria sido outro¹³⁸. No entanto, nada garante que Panic assumiria, mesmo derrotado nas eleições, ele foi logo destituído de seu cargo.

Episódio 2

Em 1992, campos de detenção sérvios viram notícia de horror no mundo inteiro, principalmente via televisão, embora nos jornais, depoimentos e fotografias tampouco deixaram de aparecer¹³⁹.

A evocação aos campos de concentração nazistas da Segunda Guerra Mundial passa a ser constante e a expulsão e o extermínio de populações passam a ser vistos a partir de então, definitivamente, como “limpeza” e “purificação” étnicas.

¹³⁸ Cf. JUDAH, 2002.

¹³⁹ Sobre campos de detenção, ver artigos anexos em cd-rom dos dias 3, 4, 7 e 8 de agosto de 1992, d’*O Estado de S. Paulo*. E do dia 11, da *Folha de S. Paulo*.

Ora chamados de “campos de detenção”, ou “campos de prisioneiros”, ou mesmo, “campos de concentração”, as notícias de maus-tratos, torturas, humilhações e execuções sumárias, de muçulmanos e croatas, homens ou mulheres, sejam eles milicianos ou não, prisioneiros nesses campos em Manjaca, Omarska, Slavonski Samac, Trnopolje, Kotor Varos, Prijedor e outros, onde “homens cadavéricos comiam grama para sobreviver”, viram notícia principal e mobilizam o debate e a opinião pública sobre a guerra neste momento.

Apesar da morosidade da comunidade internacional, ou mesmo, como se falou na época, do possível uso político dessas imagens na corrida presidencial norte-americana¹⁴⁰, a ONU, a Otan, a Comunidade Européia, a CSCE (Conferência sobre Segurança e Cooperação Européia) e vários países islâmicos finalmente se manifestaram no sentido de que alguma atitude concreta deveria ser tomada. O mundo e a opinião pública, paralelamente, se voltaram contra os sérvios, considerados ator principal dos massacres e das atrocidades¹⁴¹. E foi acertado o uso “de todos os meios necessários” para assegurar, ao menos, a entrega de alimentos e remédios às cidades sitiadas (ACERTADA..., 11 ago. 1992, p. 2-10*).

Na Bósnia, portanto, de acordo com o noticiário, imperava a repetição dos horrores da Segunda Guerra Mundial, somada a 50 anos de ressentimento e a “métodos bárbaros” (para não dizer “balcânicos”) de condução do conflito, com “campos de concentração”, cerco a cidades, “principalmente” Sarajevo, massacres, valas comuns (que começavam a ser descobertas¹⁴²), limpeza étnica, refugiados, estupro em massa, e “guerra de todos contra todos” (sérvios *versus* muçulmanos, muçulmanos *versus* croatas, croatas *versus* sérvios, e até muçulmanos *versus* muçulmanos, na região de Bihac em 1993). A impressão era a de que a guerra nunca mais acabaria. E, de fato, ela duraria mais três anos...

Episódio 3

Outro tema recorrente foi o estupro, abordado por Maggie O’Kane, correspondente do jornal *The Guardian*, em Tuzla, na Bósnia, no impressionante artigo “Estupro sérvio não poupa criança” (20 mar. 1993, p. 11*):

¹⁴⁰ Por Bill Clinton, ante a “passividade” do presidente George Bush. Cf. GOODMAN, 7 ago. 1992, p. 11*.

¹⁴¹ No capítulo seis tratarei especificamente da posição da mídia em relação aos sérvios durante a guerra.

¹⁴² Cf. HEINRICH, 31 ago. 1992, p. 2-8.

Quando a mãe de Samira a tinha encontrado, ela estava inconsciente, espumando pela boca, sem roupa e com sangue escorrendo por entre as pernas (...). “Um dos chetniks (milicianos sérvios) veio, perguntou-me se eu sabia quem tinha estuprado minha filha e disse que iria matá-lo (...)”. O nome do miliciano era Mato e foi o único “bom chetnik” que Sabrija encontrou nos seis meses em que ficou prisioneira (...). O estupro de Sabrija Gerovic e sua filha (então com 3 anos) é apenas um dos casos ocorridos com uma família numa guerra em que 130 mil pessoas já podem ter morrido, cerca de 20 mil mulheres foram estupradas (na maioria muçulmanas) e metade da população – na maioria muçulmanos – foi forçada a deixar suas casas. A política sérvia de ciscenje (“limpeza” étnica) continua, com as tropas da ONU proibidas de entrar nas áreas em que tal crime ocorre (...).

Tal tema, entretanto, foi recorrente mais no debate sobre a guerra posterior à guerra, do que em artigos; ele era noticiado, mas não possuía um lugar de destaque no jornal. Ou, quanto muito, era citado entre linhas de quaisquer outros artigos.

Em um dos poucos artigos dedicados ao estupro, Zeljko Loparic, filósofo croata radicado no Brasil, rememora os “fantasmas perversos” dos Bálcãs (20 ago. 1995, p. 5-3*), elencando atrocidades históricas e relatos de viajantes e intelectuais que, como Freud, ficavam impressionados com a volúpia sexual dos balcânicos. Ele descreve minuciosamente, baseado em um destes relatos, o horror que foi a morte do rei Alexandre (*sic*) e da rainha Draga em Belgrado, em 1903, para concluir que, apesar das atrocidades, os estupros em massa, como forma de genocídio, seriam uma inovação na história. Segundo Loparic, Radovan Karadzic, psiquiatra e líder dos sérvios da Bósnia, foi quem “concebeu a arma do estupro”. Bem informado por seus precursores, mas à frente deles, Karadzic concebera uma arma que mataria psicologicamente seus inimigos, e não fisicamente como no regicídio, transformando em adúlteras as mulheres muçulmanas e levando os muçulmanos da Bósnia à ruína, com o fim de sua coesão social.

Misha Glenny (1996) não concordaria totalmente com Loparic. Para ele, o estupro foi usado, sim, para humilhar o adversário e propagar a linhagem paterna, mas, ao contrário do que muitos pensam em relação ao estupro das muçulmanas, essas mulheres não foram banidas de suas comunidades. Além disso, há evidências de que milhares de mulheres sérvias foram também estupradas, por croatas, na região de Posavina, e por muçulmanos, em vilas próximas a Sarajevo.

Existiram campos de estupros (geralmente escolas, armazéns, ginásios) durante a guerra na Bósnia, onde as mulheres ficavam aprisionadas por semanas antes de serem trocadas como prisioneiras. Elas eram então sistematicamente estupradas, e deixavam os campos, quase todas grávidas (as que podiam ter filhos) e com doenças sexualmente

transmitidas. Segundo testemunhos de alguns estupradores, estupro era parte esperada do trabalho do soldado.

Em termos numéricos, calcula-se que cerca de vinte mil mulheres muçulmanas e croatas foram estupradas durante a guerra. Sobre o estupro de mulheres sérvias, não encontrei dados precisos.

No dia 14 de agosto de 1992, Leão Serva, enviado especial da *Folha*¹⁴³, chega à Bósnia, onde constata ser muito comum, tanto em Bihac, onde esteve primeiramente, como em Sarajevo, seu objetivo final, um determinado tipo de relato, que dizia respeito ao caráter multiétnico dos povos da região.

Em “Guerra cria novos ‘homens da caverna’” (29 ago. 1992, p. 2-13*), Serva nos traz então a opinião sobre a guerra de Azra Karabdic, que se coloca como exemplo de família bósnia – ela era *muçulmana*, casada com um *croata*, que tinha uma filha casada com um *sérvio* e outra casada com um *judeu*, e que vivia há quatro meses, devido à guerra, nas despensas subterrâneas de seu prédio, juntamente com outras famílias. Segundo Karabdic, não se tratava de uma “guerra (...) religiosa ou racial. São agressores fanáticos de um lado contra todo o resto do outro. Eles não representam todos os sérvios”. Para Leão Serva, entretanto, neste mesmo artigo, era “clichê” os bósnios apresentarem-se como “uma mistura solidária dos três povos”, usando como exemplo, suas próprias famílias mistas, e em sua análise do conflito, ele afirmava: “reunidos há milênios, suas disputas são profundas”, são “povos brigões”, diferentes apenas em termos religiosos (30 ago. 1992, p. 6-4*).

Quem tinha razão afinal, os que diziam que havia paz, mesmo sendo diferentes, ou os que diziam que eram diferentes, logo, não havia paz?

Analisando ambos os discursos citados acima, vemos que eles, do modo como são colocados, se espelham um ao outro, já que o elenco das diferenças em nenhum momento é questionado. Se estamos tratando de processos violentos ou assimilatórios, ou se estamos tratando de uma convivência saudável entre diferentes (que, contudo, não parecem ser tão diferentes), uma pesquisa teria que ser realizada neste sentido; mas a impressão que fica

¹⁴³ Veja artigos de Leão Serva como enviado especial, anexos em cd-rom, dos dias 13 a 30 de agosto de 1992 (1ª viagem).

pela leitura dos jornais é a que Leão Serva nos passa: exemplos individuais são mobilizados para negar equivocadamente que a guerra é o que ela “realmente” é, étnica, cultural e religiosa.

Outra questão que chama a atenção neste momento é que, comparando os dois artigos, vemos mais uma vez que o discurso hegemônico, “culturalista”, aparece mais claramente quando o jornalista tenta nos explicar o conflito, sendo bem menos evidente no relato humano sobre a guerra.

Episódio 4

Os combates se intensificam nas últimas semanas de agosto de 1992 em Sarajevo. O prédio do governo bósnio e dois prédios do batalhão da ONU ucraniano são atingidos. Suspeita-se que o morteiro que atingira o prédio da ONU tenha vindo de soldados *bósnios*¹⁴⁴ (SERVA, 23 ago. 1992, p. 3-1*).

Não foi a primeira e nem a última vez que exames balísticos comprovavam que os muçulmanos atiravam neles mesmos, isto porque queriam uma intervenção militar efetiva dos organismos internacionais no conflito, e para tanto, tentavam provar, ou inventar, as atrocidades dos principais suspeitos, os sérvios.

Além disso, neste caso, com a proximidade da Conferência de Paz em Londres, marcada para o dia 26 de agosto, todas as partes em luta intensificaram os combates para ganhar posição. Esta tática foi recorrente até o final da guerra e, de fato, se mostrou funcional, já que o acordo que pôs fim aos combates, em 1995, legitimara o território assim adquirido.

Episódio 5

Como combates esparsos em toda a Bósnia eram diariamente noticiados, no dia 6 de abril de 1994, falou-se, sem muito estardalhaço, de 300 pessoas mortas após uma semana de combates em Gorazde (SÉRVIOS..., 6 abr. 1994, p. 2-12). Entretanto, cinco dias depois, em manchete, era anunciado o primeiro ataque da Otan à Bósnia: com caças F16

¹⁴⁴ A partir desse momento, e até hoje, passa a ser freqüente o uso do termo “bósnio” para designar os muçulmanos bósnios.

americanos e bombardeios a alvos sérvios ao redor de Gorazde (OTAN..., 11 abr. 1994, p. 1-1).

Em editorial do *Estadão*, os sérvios são acusados de serem bárbaros, ao usarem armas químicas contra a cidade e ameaçarem fazer de reféns, membros da ONU. A própria Rússia condenara a ofensiva sérvia¹⁴⁵.

O que os sérvios da Bósnia estão fazendo em Gorazde é repugnante. Transformaram hospitais e abrigos de refugiados em alvos preferenciais de sua artilharia. Estão dizimando, sistematicamente, a população não combatente. Os mongóis faziam isso; punham uma cidade a sítio e exterminavam sua população a ferro e fogo, para que as demais não oferecessem resistência. Mas isso foi há 600 anos e de lá para cá se supunha que a civilização havia atingido os Bálcãs. Qual! (...) (A BARBÁRIE..., 22 abr. 1994, p. A3*).

Pergunto: o que os mongóis têm a ver com isso!? Vemos claramente neste editorial vários elementos do “orientalismo”. Começando pelo título “A barbárie prevalecerá?” e terminando (neste artigo não é preciso ir mais longe) nos mongóis, povo do Oriente que fazia isto, segundo o artigo, há 600 anos. Os sérvios são então considerados piores do que “os piores”, ou seja, piores do que eram os mongóis há 600 anos! Gostaria de deixar claro não a mentira das atrocidades cometidas em Gorazde, é um horror, temos que concordar, “até os russos” condenaram os ataques. Mas cabe deixar claro também como um imaginário orientalista é aqui descaradamente mobilizado para dar conta de acontecimentos contemporâneos, e como a imprensa corrobora assim para a reprodução desse imaginário, ao participar ativamente de processos de construção da alteridade, mobilizando elementos supostamente plenos em significados, tais como “os mongóis”, para “melhor” descrever os últimos acontecimentos.

Com os ataques da Otan, os sérvios concluem sua retirada de Gorazde (a 3 Km do centro da cidade, conforme acordado) em 30 de abril de 1994. A ONU e a Otan, no entanto, saem desacreditadas desse episódio, já que não impediram o massacre na cidade – com saldo de 300 mortos e 2 mil feridos em três semanas (HUGEUX, 1 maio 1994, p. A22*) – e destruição de apenas um tanque e um canhão sérvios (LAPOUGE, 1 maio 1994, p. A22*), que, aliás, logo retomam os ataques a Sarajevo e recuperam suas armas, entregues dois meses antes às forças da ONU.

¹⁴⁵ Cf. DIPLOMATA..., 19 abr. 1994, p. A14*.

Algumas cidades: Sarajevo, Srebrenica e Bihac

Sarajevo, capital da Bósnia-Herzegovina, chamou particular atenção durante a cobertura, por alguns motivos.

Um primeiro motivo diz respeito a um suposto multiculturalismo e cosmopolitismo da cidade. Os próprios jornalistas que muitas vezes sublinhavam a inimizade secular das três etnias/nacionalidades em conflito na Bósnia – muçulmanos, sérvios e croatas – chamavam a atenção, se não para o caráter multiétnico de Sarajevo, para o principal lamento de seus habitantes, o de que seus antigos vizinhos eram seus atuais inimigos (tal lamento, ouvido principalmente em Sarajevo, era ouvido também em outras cidades da Bósnia). Já citei anteriormente o relato de Leão Serva, sobre a família de Azra Karabdic (SERVA, 29 ago. 1992, p. 2-13*), cito agora um outro artigo:

Os corpos de Bosko Brckic e Admira Ismic completam o quinto dia numa zona de ninguém à margem do Rio Miljacka, em Sarajevo, enquanto forças sérvias e autoridades muçulmanas discutem de que lado enterrá-los. Ele era sérvio; ela era muçulmana. Tinham 25 anos e namoravam desde o curso colegial. Foram mortos quarta-feira por um atirador sérvio quando tentavam fugir da capital bósnia para a Sérvia. A mãe de Bosko quer que sejam enterrados juntos (AMOR..., 25 maio 1993, p. 10*).

O caso deste casal ficou bem conhecido. Ao fazer minhas entrevistas com os jornalistas, muitos deles me perguntavam: você lembra do Romeu e Julieta da Bósnia? O caso recebeu até continuidade, em 1996 saiu um artigo dizendo que finalmente foram enterrados juntos (SARAJEVO..., 10 abr. 1996, p. A10). E a memória deste caso ficou atrelada nem tanto à história destes dois, mas à imagem de seus corpos em “terra de ninguém”:



Foto 93 (*O Estado de S. Paulo*, 25 maio 1993, p. 10*)

A questão dos casais mistos foi bem dramática na guerra da Bósnia e a cobertura da guerra ganhava também em dramaticidade quando se evidenciavam tais casamentos, símbolo do amor e da união entre povos.

O outro motivo que nos chama a atenção sobre Sarajevo diz respeito, justamente, à enorme concentração de jornalistas na cidade para cobrir o conflito. Apesar dos jornalistas terem trafegado por todo o território bósnio durante os anos de guerra, ou seja, terem coberto dos demais enclaves “protegidos” da ONU, como Srebrenica, Tuzla, Zepa, Bihac e Gorazde, e de cidades “famosas” da guerra, como Mostar, Travnik, Banja Luka, Bijeljina, etc., foi em Sarajevo que se concentraram, os jornalistas, as coberturas e a ajuda humanitária. Cito mais um artigo de Leão Serva, “Bósnia vê renascer disputa étnica na Europa” (3 jan. 1993, p. 3-4*):

(...) Sarajevo é um lugar assustador. O tipo de guerreiro que melhor simboliza sua longa batalha de desgaste é o franco-atirador, sentado em algum lugar nas montanhas que dominam a cidade munido com uma mira telescópica que consegue ver o rosto da pessoa que será alvejada em segundos.

A frieza é a característica desse soldado. É ele que mira uma criança específica entre mil refugiados no comboio e consegue matá-la com precisão milimétrica diante das câmeras de todo o mundo. Ou atingir um vidro do hotel onde estão os jornalistas apenas para lembrá-los de que nessa guerra eles também são alvos. (...)

Nessa cidade em que começou a 1ª Guerra Mundial – onde um terrorista sérvio, Gravilo (*sic*) Princip, matou o herdeiro do trono austríaco, Francisco Ferdinando –, alunos de música praticam seus instrumentos ao som de bombas. Todos tentam de uma forma ou outra manter um cotidiano lógico, para fingir para si e os demais que a vida é normal, apesar da guerra. É como um hospício em que todos fingem ser normais.

Ou, para usar a expressão do porta-voz do presidente Alija Izetbegovic no início de setembro: “Todos os jornalistas vem para esta região procurando campos de concentração, quando o maior do mundo está aqui mesmo, chama-se Sarajevo”. Quase 400 mil pessoas cercadas, esfomeadas e congelando, com nacionalistas sérvios do outro lado brincando de tiro-ao-alvo.

Além de tais atiradores, o frio e a fome também matavam na guerra da Bósnia. Em Srebrenica, por exemplo, somente após longas negociações entre o comandante das forças de paz da ONU na Bósnia, o general francês Phillippe Morillon, e Ratko Mladic, é que foi finalmente liberada a entrada da equipe médica e do comboio de alimentos e remédios aos 60 mil...

...muçulmanos sitiados há 11 meses na cidade bósnia (...). Srebrenica – onde cerca de 40 pessoas morrem diariamente de fome ou frio – não recebe ajuda humanitária desde dezembro, e os pacotes de suprimentos jogados por aviões americanos são disputados à força por cada habitante (...). [Segundo o] dr. George Dallemagne, da organização humanitária Médicos Sem Fronteiras, “As cenas dantescas de

milhares de pessoas vagando pelas ruas, de garotos congelados e de pessoas mortas para pegar algo lançado pelos EUA só são comparáveis ao que ocorreu no Curdistão no inverno de 1991 (...). Segundo Dallemagne, duas pessoas morreram em Srebrenica ao ser atingidas por pacotes de ajuda pesando mais de 700 quilos (...) (SÉRVIOS..., 16 mar. 1993, p. 9*).

Duas semanas após esta notícia, a ONU retira duas mil pessoas de Srebrenica, em ação considerada ajuda na limpeza étnica sérvia por muitos soldados muçulmanos que, por este motivo, bloquearam por duas horas os comboios da ONU que deixavam a cidade¹⁴⁶. A intenção da ONU era retirar pelo menos 15 mil pessoas de Srebrenica, devido ao avanço sérvio em direção à cidade¹⁴⁷. A foto do menino correndo para alcançar o caminhão da ONU, dentre outras, marcou também este momento:



Foto 81 (Folha de S. Paulo, 1 abr. 1993, p. 1-1*)

É deste modo, portanto, que de repente lugares como Srebrenica, que até então nunca tínhamos ouvido falar, e Bihac, que cito a seguir, aparecem e viram notícia na guerra da Bósnia. Rapidamente, entretanto, também desaparecem.

Em setembro de 1993, Fikret Abdic, “muçulmano”, membro da presidência bósnia, declara a “Província Autônoma da Bósnia Ocidental” na região de Bihac, a noroeste da Bósnia (ENCLAVE..., 28 set. 1993, p. A16*). As forças de Abdic se unem então às forças

¹⁴⁶ As “retiradas” de refugiados pelos organismos internacionais foram sempre muito polêmicas, pois se, por um lado, vidas eram salvas, por outro, ajudava-se a “esvaziar” cidades e vilas, ou seja, eram freqüentemente vistas como ajuda na limpeza étnica em curso. Por outro lado, muitos criticavam Izetbegovic, por preferir matar a sua população, a perder território.

¹⁴⁷ Srebrenica se tornará zona de proteção das Nações Unidas em julho deste mesmo ano e, dois anos depois, em 1995, será palco de um dos maiores desastres humanitários – genocídio – e prova de um dos maiores fracassos dos organismos internacionais na Bósnia-Herzegovina. Sobre os últimos acontecimentos em Srebrenica, ver: “ONU salva 2 mil na

sérvias, que vinham há algum tempo atacando o enclave, e combatem, junto a elas, as “forças leais” ao presidente Izetbegovic (LUTA..., 7 out. 1993, p. 2-9). Após um ano de combates, Abdic é finalmente expulso de seu “feudo” e a região fica novamente sob ofensiva sérvia – tropas de Ratko Mladic, somadas a tropas sérvias da Krajina e a homens de Abdic que permaneceram na região. No final de 1994, essa batalha ganha destaque na imprensa: ataques aéreos sérvios, vindos da Croácia, e ataques com napalm e com *clusters* de fragmentação ao enclave são noticiados (SÉRVIOS..., 19 nov. 1994, p. 2-10*). Devido à forte ofensiva sérvia, a Otan ataca novamente, agora, os sérvios em Bihac (OTAN..., 22 nov. 1994, p. 1-1).

Neste episódio, 400 soldados da ONU, entre britânicos e holandeses, são tomados como reféns pelos sérvios, que ameaçam utilizá-los como escudos humanos. Diante dessa situação, a ONU retira outros 400 soldados bengaleses de Bihac e passa a cogitar a retirada total de suas tropas da Bósnia (ONU..., 8 dez. 1994, p. 2-9*); todavia, logo desiste da idéia. Segundo Malcolm (1994), os sérvios acabam deixando Bihac principalmente devido à ofensiva do 5º Corpo do Exército Bósnio, e não, devido aos ataques da Otan.

Uma outra explicação para a continuidade da guerra em “Bandidos promovem a guerra na ex-Iugoslávia”, de Jovan Kowacic, correspondente da Reuter, em Belgrado (31 out. 1993, p. 3-6*):

A prisão e morte de um suspeito rei do mercado negro em Sarajevo atraiu a atenção pública para o duplo papel de patriotas e especuladores desempenhado pelos chefes de grupos criminosos na guerra que se combate na antiga Iugoslávia.

Musan Topalovic, cuja 10ª Brigada das Montanhas protegia parte de Sarajevo das forças sérvias (...), foi saudado como patriota apenas algumas semanas atrás. Na terça-feira, ele caiu vítima de um ataque do governo bósnio contra líderes de quadrilhas que exploram o mercado negro (...).

Os observadores experientes desse conflito acreditam que o estado de guerra em Sarajevo está sendo perpetuado tanto pelos interesses e regras do mercado negro quanto por qualquer outro motivo possível.

Poucas noites atrás, um jornalista estrangeiro que conversava com soldados bósnios que ocupavam uma área delicada da linha de frente foi convidado a acompanhá-los até uma festa num bairro ocupado pelos sérvios. “Como vocês podem fazer isso – atravessar para o território inimigo e voltar na mesma noite – e participar de uma festa com seus inimigos? Vocês não deveriam estar defendendo a cidade?”, perguntou o repórter estarecido. Os soldados responderam: “Não estamos mais defendendo a cidade. Estamos defendendo o mercado negro”. (...)

Bósnia” (ONU..., 30 mar. 1993, p. 12), “Sérvios avançam para Srebrenica” (SÉRVIOS..., 16 abr. 1993, p. 10*) e “Falta de comida decide resultado da guerra” (NEZIROVIC, 16 abr. 1993, p. 10*).

Zeljko Razniato (*sic*) [Arkan], acusado de crimes de guerra pelo ex-secretário de Estado norte-americano Lawrence Eagleburger e que figura na lista de criminosos procurados pela Interpol, é herói para milhões de pessoas na Sérvia. (...)

Sua Brigada Tigre, considerada (...) a unidade melhor treinada na ex-Iugoslávia, fez uma passagem devastadora pela Croácia e partes da Bósnia. No início da guerra na Bósnia, os Tigres assumiram o controle da cidade bósnia de Bjeljina (*sic*) e também de seu banco, que segundo consta continha mais de US\$ 10 milhões na época. (...)

Um alto financista que exigiu manter-se anônimo disse: “Esta guerra mais ou menos se autofinanciou e milhões de dólares foram embolsados pelos líderes militares ou chefes de milícias irregulares combatendo na Bósnia ou na Croácia. Naturalmente estas pessoas não querem que a guerra termine até que tenha sido roubado todo o dinheiro que existe para ser roubado. Não querem que termine o cerco até que as pessoas não tenham mais condições de pagar a exorbitância de US\$ 5 por um ovo” (...).

Hannerz, em concordância a artigos como o de Kowacic, é otimista em relação ao modo como a imprensa vem tratando alguns conflitos. Cito uma de suas passagens:

the tribal theme may not have been taken quite so much for granted in recent reporting from Africa. It could be that newspeople have been learning a lesson here, not only in Africa but also noticeably from 1990s Balkan reporting, where a story line that began as heavily primordialist tended to shift with an increasing realization that critically important active parts were played by politician, warlord, and criminals who escalated and maintained conflicts for their own gain (2004, p. 124).

Concordo em parte com a afirmação de Hannerz. Isto porque, antes de ter havido uma mudança na abordagem dos conflitos na ex-Iugoslávia, de uma linha mais primordialista, para uma mais complexa, que atentaria para os sujeitos políticos que teriam alimentado tais guerras, ou para outros fatores envolvidos, houve sim, um acréscimo destes tipos de abordagens: como no artigo acima sobre o mercado negro em Sarajevo, como em artigos que enfatizam o papel de Milosevic na guerra, como no Kosovo, onde, veremos, as etnias em conflito, apesar de oporem-se umas às outras, são também, ambas, vítimas de uma guerra de senhores – a Otan e Milosevic.

Mas, por mais que apareçam artigos diferenciados e sofisticados e a cobertura fique mais heterogênea, na maioria das vezes, a linha hegemônica de abordagem dos conflitos se mantém. Isto por alguns motivos. Um deles é que, devido ao próprio modo de constituição do campo jornalístico, dificilmente se muda o tipo de abordagem dos conflitos em questão; existem, portanto, vários fatores que fazem com que os jornalistas escrevam mais ou menos as mesmas coisas: um primeiro, é o tempo, ou *deadline* (no jargão jornalístico), que o correspondente tem para fazer o artigo e que, na seqüência, o jornalista no Brasil tem para refazê-lo para a publicação; um segundo, é a própria possibilidade do jornalista em dar conta do universo complexo de questões envolvidas para fazer uma cobertura mais

aprofundada; um terceiro, é o próprio fato dos jornalistas lerem-se uns aos outros e, portanto, repetirem-se uns aos outros constantemente (cf. BOURDIEU, 1997, p. 34-35).

Mas claro, existem e existiram jornalistas que moraram na região, ou que são da região, ou que são estudiosos da região, no entanto, pelos nossos jornais, não sabemos quem são eles, não sabemos quais artigos escreveram e não sabemos em que medida o fato de terem maior familiaridade com o universo da notícia influenciou seu viés na cobertura. Sendo assim, as análises mais sofisticadas se somam e se fundem ao conjunto da cobertura. Ao leitor cabe descobri-las, ou não.

Episódio 6

No começo de 1994, a Bósnia ganha a sua “Anne Frank” Zlata Filipovic, que vira notícia no mundo todo, ela e o seu “O diário de Zlata: a vida de uma menina na guerra” (1994). No artigo do dia 31 de janeiro, o jornalista Rui Martins escreve: “Sai em Paris o diário da menina muçulmana Zlata Filipovic” (31 jan. 1994, p. D10). O interessante é que no livro todo, em nenhum momento, Zlata se define como “muçulmana”, ela inclusive afirma: “Entre meus colegas, entre nossos amigos, em nossa família, há sérvios, croatas e muçulmanos (...) eu jamais soube quem era sérvio, quem era croata, quem era muçulmano” (1994, p. 103)¹⁴⁸.

Comparativamente a outros momentos, entre 1994 e maio de 1995, apesar do noticiário quase diário sobre a guerra na Bósnia, “aconteceu” muito pouca coisa. Nas palavras de Rogério Simões¹⁴⁹, enviado especial da *Folha*, para a Bósnia, neste mesmo ano: “O conflito na Bósnia, de uma certa maneira, estava um pouco esquecido da imprensa brasileira. Havia virado o que a guerra civil no Líbano virou nos anos 80, apenas um conflito sem possibilidade de fim num futuro próximo”. Notamos também neste período que foram poucos os artigos com autoria, ou seja, grande parte dos artigos era factual, de

¹⁴⁸ Sobre outros aspectos do diário de Zlata, ver artigo anexo em cd-rom “O amadurecimento forçado de uma adolescente” (ITIBERÉ, 1 maio 1994, p. D5*).

¹⁴⁹ Em entrevista respondida por e-mail à autora.

agências de notícias, sem grande destaque no noticiário. Entretanto, 1995 foi um ano intenso. Dedico a ele, portanto, o último tópico sobre a guerra na Bósnia.

1995

Em maio de 1995, a Croácia lança sua primeira grande ofensiva do ano contra os sérvios na Krajina e Eslavônia Ocidental (CROATAS..., 2 maio 1995, p. A8), conseguindo rapidamente retomar a Eslavônia Ocidental. Muitos sérvios da Croácia fogem neste momento. Outros, em retaliação, acusam a ONU de cumplicidade com os croatas, tomam capacetes azuis como reféns, acirram o ataque a Dubrovnik, atacam Zagreb (REBELDES..., 3 maio 1995, p. A9) e intensificam a ofensiva na Bósnia, particularmente a Sarajevo e no corredor de Brcko¹⁵⁰ (ONU..., 13 maio 1995, p. A9; ARTILHARIA ..., 16 maio 1995, p. A12).

A ONU dá ultimato para que cessem os combates em Sarajevo, mas eles não cessam, começa então o bombardeio da Otan ao arsenal sérvio em Pale¹⁵¹ (AVIÕES..., 26 maio 1995, p. A12). E, no dia 27 de maio, em manchete, “Sérvios matam 71 em ataque [a Tuzla] e detêm brasileiro” (SÉRVIOS..., 27 maio 1995, p. A1): eles atacam Tuzla (até então porto seguro para refugiados de diversas partes da Bósnia), Sarajevo, Gorazde e Bihac; são bombardeados pela Otan em Pale; e seqüestram membros das forças de paz da ONU, incluindo os capitães brasileiros Harley Alves e João Batista Bezerra Leonel Filho.

CRISE DOS REFÊNS¹⁵²

Devido ao rapto dos dois brasileiros, este momento foi particularmente dramático para nós no Brasil, ou pelo menos, assim o supomos a partir da cobertura. Marcada por grandes manchetes nos jornais todos os dias, a cobertura contou com o acompanhamento de suas famílias no Brasil e com a presença de três enviados especiais brasileiros à ex-Iugoslávia, dois da *Folha* (Rogério Simões, em Zagreb e Split, e André Fontenelle, em Belgrado) e um do *Estadão* (Marcelo Spina, na Croácia e na Bósnia, em algumas cidades).

¹⁵⁰ O corredor de Brcko ligava as áreas controladas pelos sérvios na Bósnia, o norte, que fazia divisa com a Krajina, com o leste, que fazia divisa com a Sérvia.

¹⁵¹ Pale, durante a guerra, foi o “quartel-general” dos sérvios bósnios, presidido por Radovan Karadzic. Subúrbio de Sarajevo, era de lá, muitas vezes, que eles lançavam os ataques à capital bósnia. Após a guerra, Pale virou “reduto” sérvio apenas, diferentemente do que costumava ser até então (Cf. KRITSCH, 17 set. 1996, p. A12*).

Os artigos desses enviados especiais infelizmente se centravam apenas no desenrolar dos acontecimentos em relação aos brasileiros, pois tanto Rogério Simões, como André Fontenelle e Marcelo Spina¹⁵³, tiveram como objetivo específico da viagem à ex-Iugoslávia cobrir o desenrolar deste episódio. Digo “infelizmente” pois estes enviados especiais passaram mais tempo na ex-Iugoslávia do que qualquer outro enviado especial destes jornais antes deles, mas tendo que ficar de “plantão” à espera da libertação dos soldados, não tinham muita liberdade de movimento para a cobertura.

O número de soldados seqüestrados variou conforme o artigo, dizia-se que ao todo foram “317”, ou “370”, ou “quase 400”, ou “mais de 300”, ou “377”, os soldados da ONU seqüestrados pelos sérvios e, muitos deles, utilizados como escudos humanos em pontos estratégicos (ou seja, potenciais alvos de ataques da Otan, como depósitos de munição, por exemplo). Os sérvios ameaçavam matá-los caso a Otan não cessasse os bombardeios, e os bombardeios logo cessaram, apesar dos constantes ataques sérvios a Tuzla e a Gorazde. Com o fim dos bombardeios, os reféns foram sendo libertados.

Milosevic, neste momento, chega a intervir pela libertação dos reféns e avisa pessoalmente Jacques Chirac, presidente da França, sobre a libertação dos capacetes azuis (FONTENELLE, 3 jun. 1995, p. 2-11*). Interessante atentar neste episódio para um dado que André Fontenelle chamou atenção em entrevista¹⁵⁴. Segundo ele, era possível perceber em Belgrado a ambigüidade da relação entre a Sérvia e os sérvios da Bósnia. Em suas palavras:

Os sérvios da Iugoslávia tinham uma relação meio ambígua com os sérvios da Bósnia, eles apoiavam mas não declaradamente, o conflito da Bósnia. Por exemplo, tinha coisas meio contraditórias como você poder chegar em Pale de ônibus ou o fato dos reféns terem entrado por Belgrado, tudo isso mostra que havia uma cumplicidade entre os dois lados.

Mesmo não sendo nenhuma novidade tal afinidade, como vimos constantemente nos papéis exercidos pelos presidentes da Croácia e da Sérvia, Tudjman e Milosevic, nas diversas negociações de paz e tréguas, os exemplos que Fontenelle nos chama a atenção passaram despercebidos nos artigos deste período.

¹⁵² Artigos sobre a “crise dos reféns” no cd-rom: em *O Estado de S. Paulo*, do dia 27 de maio ao dia 19 de junho de 1995. E na *Folha de S. Paulo*, do dia 3 de junho ao dia 21 de junho de 1995.

¹⁵³ De acordo com as entrevistas realizadas por mim, com Rogério Simões, no dia 16 de novembro de 2003 (por e-mail), com André Fontenelle, no dia 15 de outubro de 2003, e com Marcelo Spina, no dia 5 de abril de 2004.

¹⁵⁴ Em entrevista à autora, *op. cit.*.

Além dos nossos soldados brasileiros, a mesma (ou maior) ênfase e importância foi dada ao Capitão Scott O’Grady, soldado norte-americano da Otan, cujo caça F16 fora abatido por forças sérvias na Bósnia (SÉRVIOS..., 3 jun. 1995, p. A18*; SILVA, 3 jun. 1995, p. 2-11*). O soldado foi resgatado seis dias depois por uma equipe de busca, e este episódio inspirou o filme “Atrás das linhas inimigas” (2001), em que o soldado desaparecido sobrevive uma semana na Bósnia e se transforma em herói nacional¹⁵⁵.

Harley Alves foi libertado com a última leva de 25 reféns, no dia 18 de junho. Suspeita-se, e os sérvios confirmam, que a libertação se fez em troca de quatro prisioneiros sérvios em poder da ONU, em Sarajevo, no entanto, isso nunca foi admitido pela ONU e outras autoridades internacionais (SPINA, 19 jun. 1995, p. A8*). É o fim da crise dos reféns e os nossos enviados especiais deixam a ex-Iugoslávia.

Cabe chamar atenção ainda que, neste ínterim, todos os enclaves protegidos da ONU foram atacados¹⁵⁶: Srebrenica estava cercada por forças sérvias, 3 mil pessoas já haviam fugido e as forças da ONU holandesas, que “protegiam” a cidade, estavam sendo atacadas. Gorazde, Sarajevo, Bihac, Tuzla e Zepa estavam cercadas e sem comida, forças sérvias impediam a entrada de mantimentos nestas cidades, onde os “próprios soldados e observadores militares das forças de paz” estavam quase sem suprimentos.

Paralelamente, líderes da Otan discutiam a criação de uma nova força militar, com uma nova estratégia, que seria a Força de Reação Rápida, formada por “10 mil homens”¹⁵⁷, que reagiria em casos de ataque e protegeria as forças da ONU (ONU..., 8 jun. 1995, p. 2-11*). Esta força, posteriormente, exerceu papel fundamental no desenrolar dos últimos confrontos e configurações territoriais na Bósnia, como veremos logo adiante.

MASSACRE EM SREBRENICA

Término da crise dos reféns. Em uma pequena nota, o jornal *O Estado de S. Paulo* anuncia o próximo episódio da guerra, que chocaria a todos, no mundo inteiro:

Separatistas sérvios da Bósnia mataram ontem duas crianças num bombardeio contra Sarajevo e travaram ferozes combates – envolvendo tanques, morteiros e artilharia – com tropas do governo que defendem o enclave muçulmano de Srebrenica (declarado “área de segurança” pela ONU). Pelo menos

¹⁵⁵ Scott O’Grady teria passado “seis dias escondido, bebendo água de chuva e comendo insetos” (HERÓI..., 13 jun. 1995, p. 2-10*). A fotografia de O’Grady com o presidente Bill Clinton está também anexa em cd-rom (fotografia 134).

¹⁵⁶ Cf. SIMÕES, 6 jun. 1995, p. 2-11*.

¹⁵⁷ Esse número variou conforme o artigo, oscilando de 2 mil a 10 mil homens.

5 pessoas ficaram feridas nos combates – os piores em 2 anos – na sitiada Srebrenica, onde 13 civis já morreram de fome nos últimos 7 dias (ENCLAVE..., 7 jul. 1995, p. A10*).

No dia 9 de julho, 32 capacetes azuis são feitos reféns por sérvios em Srebrenica (SÉRVIOS..., 10 jul. 1995, p. A8). No dia 10 de julho, ONU “abre fogo” contra o avanço sérvio na cidade e ameaça pedir ataques aéreos. No entanto, inflexível e já com os 32 reféns, “o líder local das forças sérvias deu prazo de 48 horas para que todos os 42 mil habitantes de Srebrenica, os soldados muçulmanos que defendem a cidade e as tropas de paz deponham armas e deixem o enclave” (ONU..., 11 jul. 1995, p. A9). No dia seguinte, Srebrenica já havia sido tomada (SÉRVIOS..., 12 jul. 1995, p. A12).

Ratko Mladic havia ameaçado que, se os sérvios fossem atacados, haveria um massacre de civis. Dos 40 mil habitantes de Srebrenica, 30 mil haviam fugido para o quartel-general da Forpronu (ou Unprofor, Forças de Proteção da ONU) em Potocari, próximo à cidade. Os “rebeldes” começaram então a remover a força os “refugiados” do QG; o primeiro grupo, era um “grupo de mil mulheres, velhos e crianças”, que foram levados até uma linha de frente para seguirem a pé para Kladanj e Tuzla – a Forpronu fizera a escolta do grupo; e o segundo, eram homens, com mais de 16 anos, que foram encaminhados pelos sérvios para Bratunac¹⁵⁸. No dia 15 de julho é noticiado: 6 mil homens de Srebrenica estão desaparecidos (SÉRVIOS..., 15 jul. 1995, p. A10).

Depois da guerra confirmara-se o massacre, foram todos mortos. O número de mortos durante a limpeza de Srebrenica oscila entre 6 e 8 mil, a maioria homens em idade militar.

Atrocidades terríveis foram ouvidas e noticiadas pela imprensa, dentre elas, casos de assassinatos a sangue frio e estupros de mulheres e meninas. Veja o relato abaixo de Zoran Radosavljevic, correspondente da Reuter em Tuzla, “Refugiados denunciam atrocidades” (14 jul. 1995, p. A8*)¹⁵⁹:

Tuzla, Bósnia – Refugiados muçulmanos afirmaram ontem que integrantes das forças sérvias bósnias violaram mulheres e mataram homens jovens a tiros no enclave de Srebrenica, antes de expulsar seus habitantes.

(...) “Os sérvios entraram na base holandesa da ONU em Potocari (ao lado de Srebrenica) na quarta-feira”, relatou Mirama Mujcic. “Percorreram toda a área e reuniram todos os homens – alguns soldados

¹⁵⁸ Cf. SE ATACADOS..., 13 jul. 1995, p. A10.

¹⁵⁹ Para outros relatos de atrocidades dos fúgitivos de Srebrenica, ver anexo em cd-rom, “Refugiados denunciam degola de crianças” (REFUGIADOS..., 18 jul. 1995, p. A8*).

bósnios e rapazes – atrás de um edifício”, acrescentou. “Depois ouvimos tiros, e nenhum deles voltou.” (...)

“Enquanto as câmeras de TV estavam lá os sérvios foram bons”, disse Zula Hananovic. “Depois que a mídia desapareceu, os soldados começaram a fazer as pessoas descer dos ônibus”, acrescentou. “Sabemos que eles estupraram as meninas, porque algumas voltaram e nos contaram, mas a maioria não voltou”.

Testemunhas descreveram os refugiados como pessoas cansadas, sujas, famintas e em situação miserável. (...)

“Vi dezenas de meus vizinhos dando dinheiro aos sérvios para poder embarcar no ônibus”, contou Zulfia Redzic, de 24 anos, descrevendo o desespero das pessoas ao subornar os sérvios para embarcar – temendo ser mortos se ficassem em Srebrenica. “Estávamos muito, muito amedrontados”.

“Ficamos no porão durante sete dias, e não comemos nada”, afirmou Zumreta, de 35 anos, segurando as mãos de seus filhos gêmeos de 2 anos – cujo pai desapareceu durante combates no início da guerra. (...)

EPISÓDIOS FINAIS

No dia 17 de julho é anunciada a provável queda de Zepa¹⁶⁰, onde, mais uma vez, a presença de soldados da ONU é garantia para o não ataque aéreo da Otan. Paralelamente, Estados Unidos, França e Inglaterra se reúnem em Londres para impedir que Gorazde também sucumba (SÉRVIOS..., 17 jul. 1995, p. A7).

Diante dos ataques e posterior queda dos enclaves protegidos da ONU, fica evidente a impotência e vulnerabilidade dos capacetes azuis nesta guerra, e fica a impressão de que não há mais nada a fazer para conter os combates e as atrocidades. Deste modo, os Estados Unidos propõem que os bombardeios da Otan sejam realizados, mesmo com a presença de reféns, para que se cesse a ofensiva sérvia sobre Gorazde e Sarajevo. A proposta é aceita (EUA..., 21 jul. 1995, p. A8). E, além da possibilidade dos bombardeios, a Força de Reação Rápida aparece finalmente e se dirige com 900 soldados ao Monte Igman, ao redor de Sarajevo (FORÇA..., 24 jul. 1995, p. A8).

O Exército da Croácia, paralelamente, reinicia forte ofensiva – a “Operação Tempestade” – para retomar toda a Krajina, implicando a fuga de milhares de sérvios da região, e avança também, juntamente com o Exército bósnio, para Bihac e Bósnia central. Os sérvios, por sua vez, acabam deixando Bihac para reforçar a resistência em Knin, já prestes a cair (OFENSIVA..., 31 jul. 1995, p. A10). No começo do mês de agosto, a Krajina já havia sido totalmente retomada pelos croatas, com a ajuda das tropas bósnias. Quase toda a população sérvia da região fugiu para a Sérvia e para a Bósnia, ao todo, 230 mil sérvios

¹⁶⁰ Cf. SÉRVIOS..., 17 jul. 1995, p. A7. A queda de Zepa é confirmada pelos sérvios no dia 19 de julho (SÉRVIOS..., 20 jul. 1995, p. A8), embora ocorra de fato no dia 25 de julho (MALCOLM, 1994; SÉRVIOS..., 26 jul. 1995, p. A12).

deixaram a Krajina neste momento (CROATAS..., 10 ago. 1995, p. 2-11*)¹⁶¹. Era o fim da minoria sérvia na Croácia. As notícias de atrocidades cometidas pelos croatas contra refugiados sérvios foram, entretanto, muito pouco divulgadas.

Há quem diga que, se não fosse pela limpeza dos sérvios da Krajina, e dos muçulmanos de Srebrenica, o acordo de Dayton não teria sido viabilizado¹⁶². E, de fato, eram os dois pontos que faltavam resolver para concluir a arrumação “étnica” da Bósnia, pois, nas palavras de Glenny (1996, p. 288),

There was virtually no mixed community left in Bosnia or Croatia which had not been touched by the disease of ethnic cleansing and murder. The Moslems of the Drina valley, northern Bosnia, the Lašna valley, western and eastern Hercegovina had been massacred in an unprecedented example of racist militarism in post-war Europe. The Croats of central Bosnia and large parts of the Posavina had been driven away for ever, as had the Serbs of the Krajina. The former Yugoslavia has become the arena of a vast population exchange, engineered chiefly by Milošević and Tuđman, and has been executed through a series of small, very vicious war.

Um novo plano de paz é então proposto pelos Estados Unidos e apresentado à comunidade internacional e às partes em luta pelo mediador da proposta, Richard Holbrooke (subsecretário de Estado norte-americano). Neste plano, as novas configurações territoriais da ex-Iugoslávia estavam inclusas¹⁶³: na Croácia, a Krajina e a Eslavônia Ocidental voltam para o domínio croata; na Bósnia, Srebrenica e Zepa ficam para os sérvios, e Gorazde também, pois seria negociada em troca de Sarajevo. Os sérvios bósnios, por sua vez, delegam a Milosevic¹⁶⁴ a condução das negociações de paz, melhorando assim as perspectivas de que, finalmente, a paz se consumaria.

No dia 30 de agosto, após novo atentado ao mercado em Sarajevo, a Otan e a Força de Reação Rápida começam a agir. Postos da ONU são esvaziados, a Otan inicia ataques aéreos a posições sérvias ao redor de Tuzla, Gorazde, Pale e Sarajevo, e a Força de Reação Rápida inicia ataques de artilharia. Os sérvios começam a perder posição (FREIRE, 31 ago. 1995, p. 2-12*). Dias depois, a Otan suspende o ataque a Sarajevo, marca negociação em Genebra e faz nova ameaça aos sérvios, para que eles retirem seus armamentos pesados da

¹⁶¹ Judah (1997) fala em 170 mil, o número de pessoas que, então, deixaram a Krajina.

¹⁶² Cf. CHOMSKY, 1999.

¹⁶³ Veja o mapa do dia 19 ago. 1995, d’*O Estado de S. Paulo*: “O plano dos EUA para a Bósnia” (O PLANO..., 19 ago. 1995, p. A12*).

¹⁶⁴ Cabe lembrar que os dois maiores líderes dos sérvios bósnios, Karadzic e Mladic, são acusados de crimes de guerra e contra a humanidade e podem ser presos se saírem da Bósnia, tornando necessário outro mediador para a paz.

zona de exclusão de armamentos pesados ao redor de Sarajevo (OTAN..., 2 set. 1995, p. A8; SÉRVIOS..., 5 set. 1995, p. A10*).

Na negociação em Genebra é estabelecido um acordo verbal para a divisão da Bósnia em duas partes: a federação muçulmano-croata e a república sérvia. As fronteiras anteriores à guerra são, assim, preservadas (SHERIDAN, 9 set. 1995, p. 2-10).

Os bombardeios da Otan continuam, agora também a Banja Luka e com mísseis Tomahawk – mísseis de cruzeiro lançados à longa distância. Tais bombardeios já afetavam significativamente as estações sérvias de comunicação – os “rebeldes sérvios” utilizam pombos-correio para se comunicarem (CRUISES..., 12 set. 1995, p. A12). Concomitantemente, o Exército bósnio e o Exército croata avançam, ameaçam derrubar Banja Luka (reduto sérvio desde 1991) e logo controlam metade da Bósnia¹⁶⁵.

Mladic, acuado, concorda em retirar os armamentos pesados de Sarajevo e a Otan cessa os bombardeios; o aeroporto e as estradas a Sarajevo são reabertas, é o fim do cerco à cidade e já são 90 mil os refugiados sérvios da nova ofensiva (SÉRVIOS..., 16 set. 1995, p. A10).

Mês de novembro. Mês para a paz na Bósnia. As discussões se dão em Dayton (no estado de Ohio, EUA), mediadas por Richard Holbrooke, com as presenças do Grupo de Contato e dos presidentes da Sérvia, Croácia e Bósnia: “o sérvio Slobodan Milosevic, o croata Franjo Tudjman e o muçulmano bósnio Alija Izetbegovic” (DIÁLOGO..., 2 nov. 1995, p. A12*). Sublinho este trecho, para observarmos como os adjetivos nacionais são eficazes para a legitimação do acordo de paz entre as partes. Milosevic, Tudjman e Izetbegovic não são, neste momento, apenas presidentes da Sérvia, Croácia e Bósnia: sérvio, croata e muçulmano bósnio, suas identidades “étnicas”, legitimam suas representatividades políticas.

Os pontos principais do acordo são: manutenção da Bósnia como um Estado unitário, mas dividido entre a federação muçulmano-croata (51% do território) e a República Srpska (49% do território), status especial multiétnico de Sarajevo, criação de um corredor que ligaria Gorazde a Sarajevo, mantendo a cidade na federação muçulmano-croata, respeito aos direitos humanos, julgamento dos responsáveis por atrocidades,

¹⁶⁵ Veja mapa, anexo em cd-rom, “A Bósnia é redividida pelas armas” (A BÓSNIA..., 19 set. 1995, p. A10*).

reconhecimento mútuo (Iugoslávia¹⁶⁶, Bósnia-Herzegóvina e Croácia), devolução da Eslavônia Oriental à Croácia, unificação de Mostar, retorno de refugiados, eleições bósnias para daí nove meses e exclusão dos acusados de crime de guerra, como Mladic e Karadzic, da vida política. A ONU controlaria a transição por um ano e seria o fim das sanções econômicas à Iugoslávia. O acordo é fechado no dia 21 de novembro, em Dayton (FECHADO..., 22 nov. 1995, p. A1*) e, no início de dezembro, assinado em Paris¹⁶⁷.

Baseado nos pontos enumerados acima e na presença de 60 mil soldados da Otan para a implementação da paz, o acordo, apesar de noticiado o ceticismo em relação a ele, ao meu ver, pela primeira vez, foi otimista, no sentido de que, em nenhum momento da cobertura, acreditou-se que, mais uma vez, o acordo e o cessar-fogo seriam violados.

Combates esparsos aconteceram ainda por algum tempo, os mais noticiados foram entre croatas e muçulmanos em Mostar. Deslocamentos de populações também ocorreram, principalmente de sérvios saindo de Sarajevo – apesar da cidade ter sido mantida “multiétnica”, sua administração passaria para o governo bósnio e milhares de sérvios abandonaram então a cidade¹⁶⁸. Muitos combatentes – sérvios, na maioria, mas também croatas e muçulmanos – foram indiciados por crime de guerra. E paulatinamente, a guerra foi se esvaindo...

Todavia, um ponto se manteve em aberto (e fora da imprensa) e ele já anunciava a próxima guerra... No acordo de Dayton, Ibrahim Rugova, presidente da “república autônoma do Kosovo”, adepto de uma política pacifista em relação à Sérvia e esperançoso que uma política oficial para o Kosovo pudesse ter sido estabelecida em Dayton, tenta em vão incluir tal questão na pauta de negociações. Os negociadores internacionais fazem vista grossa, precisavam de Milosevic para pôr fim à guerra na Bósnia, e precisavam, acima de tudo, pôr fim à guerra na Bósnia. Kosovo teve que ficar de fora das negociações.

De acordo com Weine (2000), o saldo final da guerra na Bósnia, pelas estimativas do governo bósnio, é de 130 mil pessoas mortas e desaparecidas, 1,25 milhão de refugiados e 1,3 milhão de deslocados. Em Sarajevo, a população pré-guerra era de 500 mil pessoas, “hoje” é de 350 mil. Destas, estima-se que 120 mil sejam “deslocadas” de outras partes da Bósnia, a maioria muçulmana, vinda de áreas rurais. Nas palavras de Weine, “As a

¹⁶⁶ Formada pelos territórios da Sérvia, de Montenegro, do Kosovo e da Voivodina.

¹⁶⁷ Veja artigos, anexos em cd-rom, dos dias 14 e 15 de dezembro de 1995, d’*O Estado de S. Paulo*.

consequence of this massive migration, you hear many people saying that Sarajevo no longer belongs to Sarajevans” (2000, p. 406).

Para concluir, Mertus (2000) compara o acordo de Dayton aos acordos pós-Primeira Guerra Mundial, pois ambos teriam recompensado os vitoriosos da guerra em um processo de paz que, paradoxalmente, proclamava a justiça e a autodeterminação dos povos; e nos mostra como o acordo cimentava definitivamente a divisão dos povos na Bósnia em três “nacionalidades” apenas, já que seus habitantes teriam que optar por serem sérvios, croatas, ou *bosniacs* (eufemismo para “muçulmanos”), deixando quatro categorias (os mistos, os albaneses e húngaros, os que querem se identificar com outra coisa, e os que não querem categorias) sem lugar na nova classificação (antes do acordo, se quisessem, podiam ser ao menos *narodnost*).

Após o acordo de paz, a Bósnia passa a ser, por algum tempo, mais analisada. Uma variedade de artigos foi então publicada pelos jornais e, diferentemente do momento anterior, priorizara menos os fatos, e mais as análises e descobertas sobre a guerra, além de ensaios fotográficos e desdobramentos políticos da região.

Em primeiro lugar, apesar de muitas vezes ter sido afirmada a antigüidade do antagonismo étnico, ou mesmo, o caráter belicista dos Bálcãs, o conflito foi caracterizado basicamente como um conflito europeu: o “mais sangrento conflito europeu desde a 2ª guerra mundial” (ACORDO..., 14 dez. 1995, p. A14*).

Além disso, apenas no pós-guerra é que aparece um novo personagem, até então desconhecido: o “Schindler” sérvio, freqüente também no Kosovo, em 1999, embora novamente noticiado apenas no final da guerra. Referenciando Oskar Schindler, o membro do Partido Nazista que salvou judeus do Holocausto, o jornal e as próprias vítimas lembravam os sérvios “exceção” que, arriscando a si próprios e a suas famílias, salvaram muitas vidas muçulmanas e albanesas durante as guerras na ex-Iugoslávia¹⁶⁹.

¹⁶⁸ Em vários momentos, os jornais falaram da retirada sérvia de seus bairros em Sarajevo como se eles tivessem sido obrigados oficialmente a deixarem suas casas. Talvez o foram, mas “oficiosamente”.

¹⁶⁹ Cf. BORGER, 16 fev. 1996, p. A10*; CULLEN, 15 jun. 1999, p. A16; SCHINDLER... 15 jun. 1999, p. 1-12.

Pudemos acompanhar, ainda, ensaios fotográficos de Sebastião Salgado¹⁷⁰, já presentes durante a guerra; artigos extensos de intelectuais, como Susan Sontag (17 mar. 1996, p. 5-7*), Richard Rorty (7 jan. 1996, p. 5-11), dentre outros; e também notícias: sobre a “caçada” a Mladic e Karadzic, que continuam foragidos até hoje, sobre os julgamentos de criminosos de guerra no Tribunal Penal Internacional em Haia, sobre as investigações de massacres e valas comuns, principalmente em Srebrenica, etc..

A própria cobertura das primeiras eleições livres na Bósnia, realizada por Rebeca Kritsch, enviada especial pelo *O Estado de S. Paulo*, mais do que uma cobertura sobre as eleições, foi de fato uma reflexão e um “passeio” pela Bósnia do pós-guerra – digo isso pois a cobertura da jornalista, ao meu ver, se baseou mais em perguntas sobre como estava a Bósnia naquele momento, ou como as pessoas com quem falava viveram a guerra, do que sobre as eleições propriamente ditas¹⁷¹. (Essas eleições foram para a escolha do parlamento nacional, das assembleias legislativas da República Srpska e da Federação croato-muçulmana, e da presidência colegiada bósnia, cujos favoritos eram, o sérvio Momcilo Krajisnic, o muçulmano Alija Izetbegovic e o croata Kresimir Zubak – Izetbegovic vencera as eleições).

Tudo isso, na leitura dos jornais, apareceu quase como um fechamento da questão já que, ao contrário da atitude comum em arquivar eventos, a Bósnia continuou em pauta por mais algum tempo.

A última cobertura “de peso” sobre a ex-Iugoslávia pós-guerra foi realizada por Lúcia Martins, enviada especial da *Folha* a Belgrado, por ocasião das eleições de novembro de 1996. Cobertura distanciada do contexto da guerra, chamou a atenção para a conturbação política do momento, acarretada por Milosevic, que, alegando irregularidades, resolvera anular as eleições municipais vencidas pela oposição¹⁷². Milosevic, por fim,

¹⁷⁰ Ensaios de Sebastião Salgado, anexos em cd-rom “Fotografias”: *Folha de S. Paulo*, 13 ago. 1995, p. 12-21 (fotografias 149 a 159); *Folha de S. Paulo*, 31 mar. 1996, p. 1-26 a 1-29 (fotografias 176 a 184); *Folha de S. Paulo*, 2 maio 1999, p. 1-24 a 1-26 (fotografias 260 a 267); e sobre a imigração albanesa para a Itália, em cd-rom “Artigos”: *Folha de S. Paulo*, 6 set. 1998, p. 1-14* e 1-15*.

¹⁷¹ Para a cobertura de Rebeca Kritsch, veja anexos em cd-rom, artigos de 13 a 22 de setembro de *O Estado de S. Paulo*.

¹⁷² A oposição se formou pela coalizão Zajedno, com líderes como Vuk Draskovic, do Movimento da Renovação Sérvia (SPO), e Zoran Djindjic, do Partido Democrático (DS). Draskovic já fazia oposição a Milosevic há algum tempo e, apesar de também nacionalista, sempre tentou uma saída pacífica para as disputas territoriais da ex-Iugoslávia. Djindjic, também antiga oposição, aparece neste momento como o vencedor da eleição para a prefeitura de Belgrado. Em janeiro de 2001, foi eleito primeiro-ministro da Sérvia e, ainda no exercício do cargo, foi assassinado pela “máfia” sérvia no dia 12 de março de 2003, por tentar combater o crime organizado. Para maiores informações sobre este episódio, ver *Le Courier des Balkans*, disponível em <<http://www.balkans.eu.org>>. Neste site temos acesso a artigos de diversos jornais dos Bálcãs, traduzidos para o francês. (Como Bálcãs é um termo em disputa, o site considera “Bálcãs” os seguintes países: Albânia,

acabou voltando atrás depois de fortes protestos e manifestações populares. Podemos considerar a cobertura distanciada do contexto da guerra, no entanto, se pensarmos que as eleições municipais não foram devidamente noticiadas, podemos concluir sim, que esta cobertura só foi possível devido à explosão de manifestações, onde a Iugoslávia, mais uma vez, foi vista num contexto de potencial violência¹⁷³.

Por fim, é interessante atentar que, algumas vezes, o governo Milosevic, principalmente neste momento de eleições, era visto ainda, pela imprensa, como uma continuidade do governo comunista anterior. Em editorial do dia 8 de janeiro de 1997 (A LUTA..., 8 jan. 1997, p. A3), por exemplo, o *Estadão* afirma que o regime iugoslavo já durava meio século. Por um lado, a ênfase em *meio século* faz parecer como se tivesse passado muito tempo, mas por outro, nos leva a crer que o regime de Milosevic em nada diferia do regime de Tito, o que é um dado equivocado, a começar pela Grande Sérvia, luta de um e de outro, mas em lados opostos: Tito fez de tudo para diminuir o poder da Sérvia, Milosevic fez de tudo para ampliá-lo.

Kosovo, apesar de pequenas notas nos jornais sobre acontecimentos isolados que já demonstravam um considerável nível de violência na província, passa a “assombrar” o mundo apenas em 1998, com os “primeiros” massacres perpetrados pela “polícia sérvia” contra “albaneses étnicos”¹⁷⁴ (segundo a polícia sérvia, contra membros do Exército de Libertação de Kosovo). Logo em seguida, começam as negociações internacionais para conter a violência e, por fim, os bombardeios da Otan, que fazem a imprensa explodir em artigos e análises sobre o conflito. (Nos conflitos que acompanhamos até agora, diferentemente, mesmo artigos da Susan Sontag, que estivera tantas vezes em Sarajevo durante o cerco à cidade, não foram divulgados pela imprensa brasileira).

Bósnia-Herzegovina, Bulgária, Croácia, Grécia, Kosovo, Macedônia, Moldávia, Montenegro, Romênia, Sérvia e Eslovênia).

¹⁷³ Ver anexos no cd-rom, artigos de Lúcia Martins dos dias 22 e 25 de dezembro de 1996, na *Folha de S. Paulo*. Sobre o reconhecimento da vitória da oposição, ver “Reconhecida vitória oposicionista em Belgrado” (RECONHECIDA..., 15 jan. 1997, p. A10*). E sobre “áreas potencialmente explosivas” nos Bálcãs, ver artigo de Roger Boyes, “Crises mostram que Bálcãs estão doentes” (15 jan. 1997, p. A10*).

¹⁷⁴ “Albaneses étnicos” foi a forma encontrada pela imprensa para distinguir a população albanesa do Kosovo, da população albanesa da Albânia. Enquanto sob Tito, eles eram *narodnost*, ou seja, nacionalidade, neste momento, eles se tornam menos que nacionais, tornam-se apenas “étnicos”, e deixam de ser uma categoria política.

Outra questão que chama a atenção quando começa a guerra no Kosovo – segundo os jornais, quando começam os bombardeios da Otan – é que há pouca referência na imprensa ao conflito imediatamente anterior, ou seja, à guerra na Bósnia. Depois de cinco anos de horrores na Bósnia e na Croácia e de acusações de indiferença do Ocidente e paralisia da ONU diante das atrocidades, a não indiferença do Ocidente, concretizada pelos ataques da Otan à Iugoslávia, foi rechaçada na maioria das vezes. Argumentava-se que a soberania iugoslava estava sendo solapada, que os bombardeios só fizeram aumentar o êxodo de refugiados e que civis estavam sendo mortos pelos ataques da Otan (o que não era nenhuma inverdade). O conflito, por sua vez, estava colocado de antemão, estruturalmente, era um conflito antigo entre duas etnias, estas sim, mais do que todas as que conhecemos até agora, “irreconciliáveis”...

Kosovo

Antes de tratar especificamente a cobertura sobre a guerra do Kosovo, inicio este tópico apontando alguns momentos da história desta região, dando maior ênfase àqueles que serão objeto de disputas mais recentemente¹⁷⁵.

O centro religioso e administrativo do antigo reino sérvio nos Bálcãs dos séculos XII ao XIV, aproximadamente, localizava-se no Kosovo, ou Kosovo-Metohija¹⁷⁶. Durante estes dois séculos, sob a dinastia Nemanjic, os sérvios tiveram seus momentos de glória.

O fim desse império, no entanto, coincide, na história mítico-nacional sérvia, com a vitória otomana contra os sérvios em Kosovo Polje, em 1389. Sua decadência, na realidade, havia se iniciado algumas décadas antes, e não foram somente eles – os sérvios – que lutaram contra os otomanos neste período; albaneses, bósnios, sérvios e outros povos dos Bálcãs se uniram nessas batalhas contra a dominação turca, embora, logo novas alianças, de todos os lados, começaram a se firmar.

Após várias batalhas e com a expansão do império otomano, muitos sérvios foram migrando para o norte, e o território do Kosovo, habitado, dentre outros povos¹⁷⁷, também

¹⁷⁵ Este pequeno histórico foi elaborado a partir de dados dos seguintes livros, principalmente: JUDAH, 1997, 2002; MALCOLM, 1998; MILOSEVICH, 2001; VICKERS, 1998.

¹⁷⁶ Do grego, *Metoh* significa estado possuído pela igreja, no caso, o lugar dos mosteiros. Kosovo-Metohija ou Kosmet é o nome utilizado pelos sérvios para o Kosovo.

por albaneses, viu então transformar a sua balança demográfica, transformação esta, causada por diversos fatores (políticos, culturais, econômicos, etc.), dentre eles, a migração: cada vez mais o número de albaneses na região tornava-se maior e menor o número de sérvios, ou eslavos. Cabe enfatizar que tais mudanças demográficas não foram imediatas, o mesmo vale para as conversões religiosas – levaram tempo, quando não, séculos (e existiram albaneses que se converteram à Igreja Ortodoxa Sérvia e sérvios que foram albanizados).

Kosovo tornou-se assim, parte fundamental da mitologia nacionalista sérvia, com seus mitos e monastérios, mas não menos, parte também da mitologia nacionalista albanesa, com histórias igualmente fundacionais, da invasão turca aos primeiros movimentos nacionalistas albaneses, além de serem 90% da população da província.

No século XIX, diante das várias reformas secularizadoras e modernizadoras realizadas pelo império, muitos albaneses, sentindo-se traídos por perderem privilégios, revoltaram-se contra os otomanos. E em 1912, durante a Primeira Guerra Balcânica, Kosovo é então conquistado por forças sérvias e montenegrinas, e o império otomano, enfraquecido pelas revoltas albanesas (apesar destes lutarem do lado otomano neste segundo momento), é finalmente expulso dos Bálcãs.

Logo a seguir, a Albânia seria reconhecida pelos grandes poderes como país independente; e, com os acordos pós-Primeira Guerra Mundial e a partição dos territórios imperiais, que ruíram definitivamente, Kosovo foi reconhecido como província da Sérvia, no Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos. Houve movimentos de resistência pela união do Kosovo com a Albânia, mas estes foram reprimidos por Belgrado e pelo futuro rei da Albânia, Ahmed Zogu, que via tais movimentos, como uma ameaça ao seu crescente poder. Após uma rápida união com a Albânia durante a Segunda Guerra Mundial, Kosovo passa a ser, desde então, território sérvio e iugoslavo. Tito chegou a cogitar uma união da Iugoslávia com a Albânia e com a Bulgária, mas Stalin racha com a Iugoslávia em 1948, não admitindo que Tito fizesse negociações políticas externas e sem consultá-lo. Enver Hoxha, presidente da Albânia comunista, preferiu então se aliar com Stalin, rompendo com a Iugoslávia e com a possibilidade de união do Kosovo com a Albânia. Contudo, as

¹⁷⁷ Por mais que todo o tempo eu lide com as “etnias”, ou “nacionalidades”, ou “povos” da ex-Iugoslávia mais citados na imprensa durante os conflitos que lá ocorreram, numerosos outros povos habitavam a região.

relações entre Iugoslávia e Albânia melhoram no final da década de 60, com a invasão da Tchecoslováquia pela URSS e possível ameaça desta aos seus territórios.

Durante este período (desde a Primeira Guerra Mundial), muitas foram as políticas sérvias de colonização da província, visando a sua desalbanização. Estas não deram certo, principalmente após meados da década de 60, com as reformas constitucionais descentralizadoras de Tito e com o afastamento de Aleksandar Rankovic do poder (Ministro do Interior iugoslavo, sérvio, anti-albanês e centralizador, responsável pelo aparato policial e acusado de cometer crueldades contra albaneses do Kosovo e húngaros da Voivodina¹⁷⁸). Tais reformas, que davam maior autonomia para os habitantes do Kosovo, culminaram na Constituição de 1974, que só não deu o estatuto de república à província em nome, pois tanto Kosovo como Voivodina, na prática, passaram a ter igual peso nas políticas decisórias da Iugoslávia. Malcolm (1998) elenca duas razões para estas não terem adquirido, neste momento, estatuto de “república”; a primeira, teórica, diz respeito à definição de *narodnost*, em oposição a *narod*, ou seja, albaneses e húngaros não eram nações, e sim, nacionalidades¹⁷⁹; a segunda razão, prática, diz respeito ao medo de que Kosovo se unisse à Albânia (já que ser república significava ter direito à autodeterminação) e ao medo do ressentimento dos sérvios por perderem, mais uma vez, Kosovo.

Com as reformas da década de 60, criou-se também, na Iugoslávia, o “Fundo Federal para o Desenvolvimento Acelerado de Regiões Subdesenvolvidas”, do qual, 40% era destinado para o Kosovo, de fato, a região mais pobre da Iugoslávia. Este passou então por rápido desenvolvimento e urbanização, que incentivou a formação de uma elite intelectual albanesa no Kosovo, favorecida pela reaproximação da Iugoslávia com a Albânia (que possibilitou a troca de livros, de professores, etc.) e pela abertura de postos de trabalho, antes ocupados basicamente por sérvios.

No começo de 1981, como vimos, protestos estudantis por melhores condições na Universidade de Pristina foram violentamente reprimidos pela polícia sérvia; as manifestações então se generalizaram, e adquiriram conotações sócio-econômicas e nacionalistas. A resposta a estas e outras manifestações que daí se seguiram veio em forma

¹⁷⁸ Cf. VICKERS, 1998.

¹⁷⁹ Húngaros e albaneses eram sim nações, mas em seus Estados nacionais, e daí a necessidade de imputar a eles uma categoria diferenciada – nacionalidade – dentro do sistema de classificação dos habitantes da Iugoslávia socialista.

de repressão, estado de emergência, prisões, violência etc., culminando na supressão da autonomia de Kosovo e Voivodina em 1989.

Na década de 80, paralelamente à crise econômica e política da Iugoslávia e à questão kosovar, várias manifestações nacionalistas começaram, também, a pipocar. Em 1986, por exemplo, Dobrica Cosic, político e intelectual (foi presidente da Sérvia em 1992) lidera a escritura do *Memorandum* da Academia Sérvia de Ciências e Artes (que tratava, dentre outros assuntos, da questão nacional sérvia na Iugoslávia e da posição desfavorável do “povo sérvio” na federação); em 1983, Izetbegovic e mais treze pessoas foram presos por serem anticomunistas e nacionalistas; etc..

Slobodan Milosevic faz sua primeira aparição pública em 1987, no Campo dos Melros (Kosovo Polje), onde se deu a lendária batalha de 1389 contra os otomanos. Lá ele fala em nome de *todos os sérvios* da Iugoslávia: nada nem ninguém colocarão a autonomia e a liberdade sérvia em risco. Centralizador, nacionalista e chauvinista, o desenrolar de suas políticas já acompanhamos no decorrer deste capítulo.

Acrescento agora alguns outros fatos referentes especificamente ao desenrolar dos acontecimentos, a partir de 1989, no Kosovo, com a supressão de sua autonomia.

Em primeiro lugar, cabe sublinhar que, em 1989, não houve apenas a supressão de uma autonomia política, mas também a supressão do direito de usar a língua albanesa nos meios de comunicação e escolas, a formação de uma polícia basicamente sérvia e uma política explícita de serbanização (língua, nomes de ruas, proibição de instituições culturais albanesas, etc.). Os albaneses foram então demitidos de quase todos os órgãos públicos – como saúde, cultura, educação e comunicação – e substituídos por empregados sérvios e montenegrinos. E, levando em consideração que muitos dos bens e direitos sociais, como saúde e moradia, estavam diretamente ligados ao emprego da pessoa, muitos perderam inclusive o direito de residir em seus apartamentos.

Frente a essa situação, os albaneses se organizaram, recusando a legitimidade e a legalidade do Estado sérvio no Kosovo e formando um Estado paralelo. Em setembro de 1991, um comitê de partidos políticos, incluindo a Liga Democrática do Kosovo (LDK), presidida por Ibrahim Rugova, elaborou a “Resolução para a Independência e Soberania do Kosovo”, submetida a referendo popular e aprovada. No dia 19 de outubro de 1991, foi declarada a independência do Kosovo – não reconhecida internacionalmente, apenas pela

Albânia. Paulatinamente a administração paralela foi se consolidando, com a fundação de universidades paralelas, sistema de saúde, escolas, sistemas político e administrativo. E se, anteriormente, movimentos autonomistas kosovares pretendiam a manutenção do Kosovo enquanto sétima república dentro da Iugoslávia, após as secessões da Eslovênia e da Croácia, esta possibilidade logo deixou de existir, o objetivo passava a ser a independência e, para muitos, a união com a Albânia. A segregação entre sérvios e albaneses, se ainda não era total, passava a ser.

Nas primeiras eleições paralelas, Ibrahim Rugova foi eleito presidente da república do Kosovo. As eleições sérvias ou iugoslavas foram, desde então, boicotadas.

Rugova, adepto de uma solução negociada, em vão participaria das diversas reuniões para a paz na ex-Iugoslávia, onde colocava na pauta a questão kosovar, tentando, de alguma forma, internacionalizá-la. Diante de seus fracassos diplomáticos, o maior deles por ocasião do acordo de Dayton, quando todos acreditavam que alguma solução para Kosovo poderia ter sido imposta a Milosevic na mesa de negociações, militantes albaneses mais radicais começaram a reunir-se em torno de uma solução militar. Dentre eles, dois grupos, em 1996, se destacaram, o Movimento Nacional de Libertação do Kosovo (*Levizja Kombetare per Clirimin e Kosoves*, LKCK) e, principalmente, o Exército de Libertação do Kosovo (ELK, ou *Ushtria Clirimitare e Kosoves*, UCK), que passam a participar e coordenar atividades terroristas contra os sérvios (instituições oficiais, policiais e dirigentes, principalmente).

Cabe acrescentar a esse quadro o fato de que, com as guerras na Croácia e na Bósnia-Herzegovina, a Sérvia acirrou ainda mais o seu controle e repressão sobre Kosovo e obrigara os albaneses que não conseguiam fugir ou se esconder a unirem-se ao JNA na guerra. Também o embargo internacional à Iugoslávia os afetou consideravelmente, piorando ainda mais a situação econômica e o nível de pobreza da província e levando à “gangsterização da economia” (MALCOLM, 1998), com o crescimento e desenvolvimento das máfias e do crime organizado. Além, é claro, do aumento do fluxo de refugiados sérvios à província, após o acordo de paz de 1995 e a reconquista da Krajina (a maioria destes, no entanto, foram para a Sérvia, particularmente, Belgrado).

Como afirmei anteriormente, se quiséssemos datar quando a pauta internacional dos jornais *Folha e Estadão* se voltou para os “confrontos entre sérvios e albaneses étnicos” no Kosovo, esta data seria março de 1998. E, de fato, antes disso, pouco ou nada se falou na imprensa.

Em março de 1998, o Exército iugoslavo e a polícia sérvia fizeram uma grande ofensiva ao Vale de Drenica, onde, supostamente, era o “quartel-general” do Exército de Libertação do Kosovo. Lá mataram aproximadamente 80 pessoas, incluindo mulheres, crianças e Adem Jashari, líder do ELK¹⁸⁰. Os relatos de refugiados à imprensa confirmavam a “limpeza étnica” (STEPHEN, 10 mar. 1998, p. A19*): matava-se alguns para, pelo terror, expulsar os demais.

Após estes primeiros ataques, paulatinamente foram chegando notícias de outros lugares e de outros massacres, perpetrados pelas forças sérvias. Em Pristina, são registrados os primeiros refugiados e ocorrem grandes manifestações contra o acirramento da repressão sérvia à província.

O conflito, neste momento, é colocado pela imprensa enquanto confronto entre a polícia sérvia, de um lado, e “separatistas” albaneses, do outro. O governo sérvio justifica as mortes dos albaneses dizendo tratar-se de “terroristas albaneses”, e não, de civis; e o governo (paralelo) albanês, por sua vez, afirma tratar-se sim de “limpeza étnica”, perpetrada pelo governo da Sérvia.

Imediatamente, os Estados Unidos (Madeleine Albright, secretária de Estado), a União Européia (Robin Cook, chanceler britânico), embaixadores do Grupo de Contato (o mesmo da guerra na Bósnia) e as Nações Unidas, horrorizados com a situação, se manifestam e se mobilizam para condenar a ofensiva. Eles pressionam a Iugoslávia com sanções (embargo de armas, moratória nos créditos para exportação, etc.) e com um primeiro ultimato de dez dias – depois ampliado – para que se cessasse a repressão e se iniciasse um diálogo sobre a autonomia kosovar entre as partes¹⁸¹. Como isto não acontece, começa-se a se falar em uma possível intervenção militar internacional.

Nos artigos mais explicativos, alguns dados são, a partir de então, sempre citados. O primeiro deles é a importância do Kosovo para a Sérvia, enquanto “berço da cultura e

¹⁸⁰ De acordo com o documentário “A normal life” (2002), grande parte das pessoas que foram mortas nesta ocasião era parente de Jashari.

história” sérvia. Outro, é a Batalha de Kosovo, quando os sérvios foram derrotados pelos turcos em 1389 – simbolizaria a luta sérvia para recuperar e libertar Kosovo e, em alguns artigos na *Folha*, o símbolo da “luta pela independência” sérvia¹⁸². Por fim, a supressão da autonomia da província por Milosevic em 1989, como estopim na luta por liberdade, independência e soberania albanesas, e o caráter pacifista de Rugova, em contraposição ao Exército de Libertação de Kosovo, cujos membros, para muitos – sérvios e imprensa internacional – são “terroristas” ou “separatistas” albaneses. Veja um exemplo (este artigo, “Saiba mais sobre ‘limpeza étnica’”, saiu na *Folha* durante toda a guerra, em 1999):

O regime do presidente iugoslavo, Slobodan Milosevic, é acusado de estar promovendo uma “limpeza étnica”, ou seja, de estar expulsando e matando kosovares de origem albanesa, majoritariamente muçulmanos. Antes do início do conflito, eles eram 90% da população de Kosovo (a Província tinha cerca de 2 milhões no total).

Kosovo é uma Província da Sérvia, República que, junto com Montenegro, compõe a Iugoslávia. Os sérvios, cristãos ortodoxos, consideram a Província como berço de sua identidade nacional. Há mosteiros ortodoxos na região e ali se deu, em 1389, uma histórica batalha perdida para os otomanos (também muçulmanos), que dominaram a região dos Bálcãs por quase 600 anos.

Até 1989, a Província usufruía de certa autonomia, com educação em língua albanesa e polícia própria. A retirada da autonomia ordenada por Milosevic estimulou o separatismo albanês na região.

Milosevic afirma estar lutando contra guerrilheiros terroristas e estar defendendo a soberania e a integridade territorial da Iugoslávia (...) (SAIBA..., 24 maio 1999, p. 1-9).

E dois contextos internacionais chamam a atenção neste momento – isso sem contar a repercussão do conflito nos cadernos de esporte por ocasião da Copa de 98, na França, quando, diariamente, nos meses de junho e julho, se falou sobre a seleção iugoslava de futebol, ora tentando excluí-la da copa do mundo, ora proibindo mensagens políticas da torcida no estádio, ora dando-se as costas à bandeira iugoslava em sinal de protesto à repressão no Kosovo. O primeiro diz respeito, novamente, ao posicionamento da Rússia, constantemente noticiado como contrário a qualquer intervenção militar na Iugoslávia. Como afirmou nesta ocasião o Ministro da Defesa russo, Igor Sergueyev, “o bombardeio da Iugoslávia será o reinício da guerra fria” (ONU..., 6 out. 1998, p. A25¹⁸³). O outro, é a freqüente relação do conflito kosovar com a Albânia, que passa por grave crise econômica

¹⁸¹ Ver artigos do dia 10 de março de 1998, d’*O Estado de S. Paulo*, no cd-rom, em especial, “Potências lançam ultimato à Iugoslávia”.

¹⁸² Ver anexo no cd-rom o quadro explicativo “Entenda a crise” (ENTENDA..., 21 fev. 1999, p. 1-17*). Este quadro, a partir de 1998, foi publicado repetidas vezes na *Folha de S. Paulo*.

¹⁸³ Nesse artigo acontece algo bem freqüente na imprensa, que chamei a atenção anteriormente, que é a diferença de ênfase no título dado à matéria, “ONU acusa sérvios de violações em Kosovo”, em relação a seu conteúdo. Neste artigo, a

e política e onde a constante violação de sua fronteira pelas forças iugoslavas – mas não pelo ELK, que também a cruza freqüentemente – e o temor de uma futura e possível “Grande Albânia”, serão sempre evocados.

Deste modo, apesar de não sabermos a possibilidade mesma de um conflito internacional, este foi o tempo todo insinuado pela imprensa. Se houvesse intervenção, o risco de uma nova “guerra fria”, ou mundial; se não houvesse, uma guerra envolvendo vários países dos Bálcãs. Me pareceu, algumas vezes, um pouco exagerada a colocação de tais hipóteses, como se fossem colocadas pela imprensa com o intuito mesmo de tornar o conflito mais interessante, mais espetacular... mas não podemos adivinhar o que poderia ter acontecido se realmente a Rússia, e Boris Yeltsin, seu presidente, tivessem resolvido fazer a guerra para defender seus “irmãos eslavos”. Especulações e mais especulações. O que não podemos negar é que elas existiram, marcaram fortemente esse período do conflito e no fim, a Rússia desempenhara, novamente, papel chave em sua resolução.

Paralelamente, as implicações, principalmente negativas, de uma suposta agressão da Otan à Iugoslávia, são também “adivinhadas”: em primeiro lugar, a Rússia vetaria a ação militar da Otan no Conselho de Segurança e a China se absteria, o que levaria a Otan a agir sozinha na Iugoslávia, ou seja, sem o aval da ONU. Em segundo lugar, diferentemente que no caso da Bósnia e da Croácia, Kosovo é parte da república sérvia, deste modo, qualquer intervenção externa nesse conflito representaria uma afronta à soberania do Estado sérvio e violação de suas fronteiras nacionais. Legalizar um ataque desse tipo só seria possível caso Kosovo fosse uma república independente, estatuto este que não interessa à comunidade internacional, que teme a criação de uma Grande Albânia, que, se criada, aticaria as ambições de significativas populações albanesas na Macedônia, principalmente, mas também na Grécia, em Montenegro e na própria Sérvia, a noroeste do Kosovo, onde a população eslava é majoritariamente muçulmana¹⁸⁴. Levando em conta que o ataque à Iugoslávia seria feito sem o aval da ONU e contra a soberania iugoslava, tal ação abriria precedentes até então inimagináveis para intervenções em “negócios alheios” ao redor do mundo e conseqüente desorganização da “ordem mundial” dos Estados nacionais¹⁸⁵. Além

ONU acusa os sérvios no título, mas no corpo da matéria, em seu conteúdo, ela acusa os sérvios e o ELK de cometerem atrocidades.

¹⁸⁴ Região de Sandzak.

¹⁸⁵ Exemplos como a Tchetchênia, o Curdistão, a Caxemira, dentre outros, foram freqüentemente citados neste sentido. Sobre essas questões ver artigos do dia 9 de outubro de 1998, d’*O Estado de S. Paulo*, anexos no cd-rom.

disso, poderia fortalecer o regime de Milosevic, unindo os sérvios, novamente, em torno de seu controverso líder¹⁸⁶. Algumas destas previsões, como veremos, foram confirmadas, outras (ainda) não foram.

Cabe acrescentar que o debate neste período “pré-guerra”¹⁸⁷ no Kosovo é bem diferente do que se inicia com os bombardeios da Otan à Iugoslávia, no sentido de que, até então, fala-se sim em não repetir os mesmos erros cometidos nas guerras da Bósnia e da Croácia, como a não intervenção militar, a passividade e a impotência diante das atrocidades. Erros estes que, como afirmei anteriormente, serão quase esquecidos quando têm início os bombardeios e o debate muda radicalmente; e isto, não porque as atrocidades cometidas contra os bósnios tivessem sido “piores” do que aquelas cometidas contra a população albanesa do Kosovo, ou porque estivéssemos realmente preocupados com a soberania do Estado iugoslavo. Simplesmente porque, ao meu ver, diferentemente que a guerra da Bósnia, esta não foi uma guerra do Kosovo, mas, em última instância, uma guerra da Otan; o debate girou em torno, portanto, não da questão nacional iugoslava ou albano-kosovar, mas sim, da legitimidade ou legalidade dos ataques, ou da suposta intervenção militar humanitária, e da relação entre os grandes poderes globais (nacionais ou supranacionais), como a Otan, os EUA, a ONU, a Rússia e a União Européia (UE) e a redefinição de seus papéis nessa nova “ordem mundial”.

No dia 15 de janeiro de 1999, “Dezenas são mortos em ataque sérvio a Kosovo” na cidade de Racak (DEZENAS..., 17 jan. 1999, p. A17), incluindo uma mulher e uma criança, e muitos moradores fugiram. Segundo observadores da OSCE (Organização sobre Segurança e Cooperação Européia, antiga CSCE), os homens não vestiam uniforme do ELK e foram mortos com balas no peito e na cabeça. Milosevic envia coluna de blindados para Racak, alegando que fora o ELK que cometera o massacre. A Otan envia navios para a costa iugoslava, no Adriático, dizendo-se pronta para atacar.

O próximo massacre seria em Rogovo, e a explicação para ele: “Kosovo, que tem 90% da população de origem albanesa, tenta se separar da Iugoslávia, cuja população é

¹⁸⁶ Cf. GLAUBER, 14 out. 1998, p. A17.

majoritariamente sérvia” (IUGOSLÁVIA..., 30 jan. 1999, p. 1-10*); ou seja, é a composição étnica do Kosovo que o predispõe ao conflito. E o separatismo ainda legitimava, por vezes, o ataque iugoslavo aos “terroristas” do ELK, sendo o ultimato da Otan para que ambos parassem o confronto; entretanto, já se noticiava na imprensa que o que ocorria no Kosovo era sim, “crime contra a humanidade”, genocídio e limpeza étnica, perpetrados pelos sérvios contra os albaneses. Em um ano de conflito, calculava-se mais de 2 mil mortos e 200 mil “desabrigados” na província (LUTA..., 23 fev. 1999, p. A14).

No dia 6 de fevereiro, começaram as novas negociações de paz na França, em Rambouillet, patrocinadas pelo Grupo de Contato, onde Rugova e aliados, representantes do ELK e Milosevic firmaram um “princípio de acordo” (PRINCÍPIO..., 8 fev. 1999, p. 1-12*) baseado em trégua imediata e autonomia de três anos para o Kosovo. Após esses três anos, seria decidido seu estatuto final, enquanto isso, permaneceria como parte da Sérvia¹⁸⁸ e, caso a trégua fosse mais uma vez violada, a Otan interviria. Todavia, Milosevic não concorda com a supervisão do acordo pela Otan. Christopher Hill, mediador norte-americano, tenta em vão convencê-lo a aceitar a presença de tropas da aliança para supervisionar *in loco* o acordo de paz¹⁸⁹.

Os confrontos no Kosovo não param em nenhum momento. São marcadas novas conversações para o dia 15 de março, e se mantém a ameaça da intervenção militar para que o cessar-fogo não fosse interrompido. A Iugoslávia, entretanto, se prepara para a ofensiva e não, para mais negociações: 4500 soldados, 60 tanques e armamento pesado sérvios são deslocados para a fronteira do Kosovo com a Sérvia (OTAN..., 26 fev. 1999, p. 1-10).

¹⁸⁷ Como afirmei anteriormente, a guerra no Kosovo estoura de fato com os bombardeios da Otan, já que é neste momento que ela passa a ser assim denominada. Antes disso não se fala em “guerra”, mas em “tensão”, “massacres”, “mortes”, “ameaças”, “confrontos”, “conflito”, “ataques”, etc..

¹⁸⁸ O acordo de paz pós-bombardeio manteve esse princípio: três anos para o estatuto final (prorrogado desde então).

¹⁸⁹ Cf. REBELDES..., 9 mar. 1999, p. A15.

Cabe aqui fazer um pequeno parêntese. Em ambos os jornais pesquisados, a ênfase durante a cobertura foi dada especificamente às “etnias” dos kosovares, ou seja, à divisão básica entre *sérvios* e *albaneses*¹⁹⁰.

Citando apenas um exemplo dessa ênfase... Na cobertura das negociações em Rambouillet, a imprensa enfatizou a recusa de Milosevic em negociar com o ELK, se negando a dialogar com “terroristas”, e salientou também o fato de que as duas “etnias” não sentaram juntas na mesa de negociações – os mediadores internacionais tinham que ir de uma sala a outra para que as “conversações” fossem possíveis. Até aí tudo bem. Mas pergunto, por que os jornais não chamaram a atenção para a heterogeneidade existente dentro dos próprios grupos étnicos – albaneses e sérvios – e seus líderes políticos? Existia uma grande dificuldade de diálogo entre eles próprios. Membros do ELK, como Adem Demaci (fundador na década de 60 do Movimento Revolucionário para a União de Todos os Albaneses, foi preso em 1964, passando 28 anos em prisões iugoslavas¹⁹¹) e Hashim Thaci (ativista político desde a década de 80 e um dos fundadores do ELK), por exemplo, não conversavam com Rugova ou com membros da LDK, de modo geral. Do lado iugoslavo idem, a heterogeneidade e a diversidade de opiniões e posicionamentos eram significativos, e não fazia nem dois anos que uma oposição forte, a Zajedno, acompanhada por manifestações populares, quase derrubaram Milosevic de seu trono presidencial: o que acontecera com essa oposição?

Além disso, Malcolm (1998) chama a atenção também para a semelhança entre sérvios e albaneses do Kosovo em termos de práticas sociais, ou mesmo, em termos de heranças do legado otomano; ele cita, neste sentido, um código de honra semelhante, o respeito ao poder militar e uma forte tradição hospitaleira. E salienta a diferença entre albaneses *tosks* e albaneses *ghegs*, com dialeto e hábitos distintos. (Enver Hoxha, presidente da Albânia comunista, foi quem standardizou, em 1976, a língua albanesa mais próxima ao *tosk*. Os albaneses do Kosovo, predominantemente *ghegs*, passaram a buscar recentemente o *tosk* como forma de se aproximar da Albânia e se distanciar da Iugoslávia).

Tais vetores, se fossem divulgados, atrapalhariam o trabalho da imprensa. Os jornais objetivam, portanto, a difusão de informação e sua organização em algumas poucas

¹⁹⁰ Digo “albaneses do Kosovo”, mas tal denominação variava bastante. O *Estadão* preferia o termo “albaneses étnicos”, e na *Folha*, este era mais diversificado, podendo ser “albaneses étnicos”, mas também, “de origem albanesa”, ou “albano-kosovares”, ou “albaneses de Kosovo”, etc..

linhas inteligíveis. Assim, o que interessava se havia conflito de interesses entre membros da mesma etnia? Ou se tais etnias não eram tão diferentes assim? O fato é que interessa à imprensa, ou seja, que houve a reunião, que estavam presentes tais pessoas, e que ficaram ou não ficaram resolvidas tais questões, e os jornais trabalham no sentido de simplificá-lo, e não, de aumentar sua complexidade.

Nas novas conversações de 15 de março, em Paris, os albaneses concordam com o acordo de paz, mas os sérvios o recusam, não admitindo uma força de paz, estrangeira, em território iugoslavo¹⁹². Isso diante dos contínuos confrontos na província e êxodo albanês. Kosovo é então evacuado de seu pessoal “internacional” (diplomatas e observadores da OSCE) e tropas da Otan se posicionam na fronteira com a Macedônia. A Otan aguarda apenas a ordem do espanhol Javier Solana, secretário-geral da aliança militar, para iniciar os ataques¹⁹³.

Denominada “Operação Força Aliada”, a intervenção foi autorizada dez dias depois e anunciada em grandes e quase idênticas manchetes, no dia 25 de março na *Folha*, “Forças da Otan atacam Iugoslávia”, e no *Estadão*, “Forças da Otan atacam a Iugoslávia”.

O início da “operação” se deu sem a aprovação ou mesmo consulta do Conselho de Segurança da ONU, dado a suspeita de que ela nunca seria aprovada por ele. A Rússia e Kofi Annan (secretário-geral da ONU) logo condenaram o uso unilateral da força. Mas Clinton (presidente dos EUA) declarou: “Estamos lutando contra uma agressão destrutiva, racial, étnica, religiosa e cultural” (FORÇAS..., 25 mar. 1999, p. A1).

A “Operação Força Aliada” caracterizou-se oficialmente pelo “novo humanitarismo”, onde a luta é por princípios e integridade moral; marco nas relações internacionais, tal operação sobrepõe direitos humanos a soberanias nacionais. Tal motivo foi mobilizado novamente nas guerras dos Estados Unidos contra o Afeganistão, em 2001, e contra o Iraque, em 2003 (juntamente à Doutrina Bush de ação preventiva), na primeira, para depor o regime fundamentalista do Taleban, e na segunda, para depor o governo ditatorial de Saddam Hussein. Entretanto, não sabemos onde acaba o humanitarismo e

¹⁹¹ Cf. MILOSEVICH, 2001.

¹⁹² Cf. ALBANESES..., 16 mar. 1999, p. A11.

¹⁹³ Cf. DIPLOMATAS..., 20 mar. 1999, p. A18.

começa o despotismo da maior potência mundial hoje, os Estados Unidos. Assim, sob este argumento, já no Kosovo, a guerra humanitária causou muita polêmica.

A *Folha*, em seu primeiro editorial (PAZ..., 26 mar. 1999, p. 1-2), se posiciona de imediato contra o ataque à Iugoslávia sem o aval da ONU e comunica a posição oficial do Brasil, também contrária ao ataque da Otan. Uma das principais críticas da *Folha* aos bombardeios, incluindo artigo de opinião de Otávio Frias Filho (diretor editorial do jornal), caracterizava-se pelo anti-americanismo, identificando a Otan com os Estados Unidos e criticando o papel dos EUA enquanto “árbitros do mundo”¹⁹⁴, ao escolherem Milosevic como alvo, sabendo que existiriam vários Milosevic pelo mundo afora.

O *Estadão*, por sua vez, no editorial “Os riscos da intervenção em Kosovo” (OS RISCOS..., 26 mar. 1999, p. A3), fala da necessidade de se opor à “limpeza étnica” da província e a Milosevic, mas afirma que bombardeios aéreos, sem forças terrestres, não imporão tratado de paz e, muito menos, farão parar o massacre. O jornal chama a atenção para a perigosa oposição russa, que além de “laços étnicos” e de “amizade”, possui objetivos geopolíticos na região e conclui afirmando que “A ação unilateral, limitada aos bombardeios, dificilmente levará a paz ao Kosovo. Pode, porém, avivar as brasas da confrontação Leste-Oeste, que estão sob as cinzas da guerra fria”.

Notamos nestes editoriais uma diferença sutil entre *Estadão* e *Folha*, que se manteve durante o conflito. Se neste momento, a oposição do *Estadão* é ponderada, no sentido de que bombardeios aéreos sem forças terrestres não adiantariam em nada, durante o conflito, este jornal abordou muito mais questões diplomáticas e estratégias de combate do que a *Folha*, que cobriu grande parte de Belgrado, com seu enviado especial, e atentou muito mais aos erros da Otan do que o seu concorrente. No que tange às explicações sobre o conflito, mais uma vez, ambos se aproximaram, e trouxeram diversos jornalistas e intelectuais para o debate sobre esta “primeira intervenção militar humanitária da história”.

Logo após os primeiros bombardeios, começam a chegar notícias sobre a intensificação da violência em Kosovo e o conseqüente aumento no fluxo de refugiados. Segundo o Coronel David Wilby (porta-voz da Força Aérea da Otan), por exemplo, os sérvios estariam “invadindo aldeias, queimando casas e seqüestrando civis, que,

¹⁹⁴ Expressão de Otávio Frias Filho, em “Pax americana” (1 abr. 1999, p. 1-2).

posteriormente, executam sumariamente” (IUGOSLÁVIA..., 27 mar. 1999, p. A18), muitos deles, intelectuais, professores, médicos, advogados e dirigentes políticos¹⁹⁵.

Rapidamente, números impressionantes de refugiados deixando o Kosovo são noticiados. No dia 29 de março, a *Folha* e o *Estadão*, em manchete, divulgam que já eram 500 mil os refugiados, ou 25% da população do Kosovo¹⁹⁶. Tais notícias reforçam o debate sobre a necessidade de envio de tropas terrestres como único modo de conter a violência. Necessidade esta, posta de lado devido aos riscos que os soldados da aliança militar poderiam correr durante a ofensiva, podendo, como tanto se falou na época, vir a ser um “novo Vietnã”.

Paralelamente ao aumento constante do fluxo de refugiados do Kosovo, é noticiada a indignação da população sérvia, principalmente de Belgrado, diante da “agressão” ocidental – manifestada nos famosos shows de rock no centro de Belgrado¹⁹⁷ e na popularização do símbolo “alvo”, ambos como formas de provocação e protesto contra os ataques da Otan¹⁹⁸ –, além de manifestações mais violentas, que ocorreram não só em Belgrado¹⁹⁹, mas também em outras partes do mundo (Skopje, Atenas, Moscou, Praga, Londres, etc.), menos noticiadas.

Kennedy Alencar, enviado especial da *Folha* à Iugoslávia, para a cobertura, aparece pela primeira vez no dia 26 de março, escrevendo sobre os brasileiros que moravam na Iugoslávia e que deixavam então o país: a maioria seguia para Budapeste, onde ficariam até a guerra acabar (26 mar. 1999, p. 1-10*) – todos acreditavam que a guerra seria rápida, uma questão de dias, no máximo, semanas.

No dia 30 de março, Kennedy Alencar começa a enviar suas matérias de Belgrado, combinando notícias factuais com relatos da vida cotidiana. Em seu primeiro dia, por exemplo, ele fala da ida do premiê russo Yevgeny Primakov a Belgrado, para tentar um primeiro acordo pós-bombardeio entre Milosevic e a Otan²⁰⁰, e fala também sobre as opiniões de jovens de classe média a respeito dos bombardeios, sobre Milosevic e sobre

¹⁹⁵ Cf. SÉRVIOS..., 30 mar. 1999, p. A15.

¹⁹⁶ Cf. REFUGIADOS..., 29 mar. 1999, p. 1-1; SUPERFORÇA..., 29 mar. 1999, p. A1.

¹⁹⁷ Alencar observa, contudo, que o público dos primeiros shows de rock era bem diferente do público três semanas depois: “Jovens de todos os tipos, ‘caretas’ ou ‘malucos’, irão sendo substituídos por claques que empunham cartazes de Milosevic e de nacionalistas radicais” (1999, p. 29).

¹⁹⁸ Cf. BELGRADO..., 29 mar. 1999, p. 1-12*.

¹⁹⁹ Cf. ERLANGER, 31 mar. 1999, p. A16*.

²⁰⁰ Primakov não chega a acordo nenhum e, logo a seguir, Boris Yeltsin o substitui por Sergei Stepashin, para o cargo de premiê, e por Viktor Chernomyrdin, como negociador russo para o Kosovo.

Kosovo²⁰¹. Em matéria do dia seguinte, Alencar conclui: “o domínio sérvio sobre o Kosovo é visto como uma questão de sobrevivência nacional. (...) Os habitantes do país acham que, se perderem a Província, outras minorias também vão querer independência e desintegrar o que resta da Iugoslávia” (31 mar. 1999, p. 1-9*).

Foram ao todo 78 dias de bombardeios aéreos da Otan, de 24 de março até o dia 9 de junho de 1999. Ao longo desses dias, alguns temas pipocaram na cobertura jornalística. Um deles, era o saldo diário de acertos e erros da Otan, mais erros que acertos normalmente, pelo menos, eram os erros que tinham mais ibope na imprensa. Outro tema dizia respeito ao êxodo constante de albaneses e ao horror nos campos de refugiados, somado aos relatos de massacres e atrocidades. E, por fim, outros dois, que se relacionavam já com o fim da guerra, eram o das negociações, que pautaram o noticiário o tempo todo e que encaminharam a guerra para a sua solução final, e o do êxodo sérvio e retorno dos refugiados, após o acordo ser consumado.

Além destes temas, muitos jornalistas, como Kennedy Alencar, cobriram a guerra de Belgrado, trazendo para o leitor as reações e opiniões dos iugoslavos sobre o Kosovo e sobre os bombardeios; outros preferiam atentar para a questão dos armamentos (como Bonalume Neto, da *Folha*, e Roberto Godoy, do *Estadão*); e diferentemente das guerras anteriores, foram publicados muitos artigos analíticos, de intelectuais e jornalistas, e muitos artigos sobre a própria cobertura jornalística dos acontecimentos.

A partir daqui, faço uma pequena síntese sobre o que se falou na imprensa a respeito destes temas acima elencados.

Bombardeios (erros /acertos)

Os alvos pretendidos ou atingidos e os armamentos empregados pela Otan (bombas de fragmentação, bombas de grafite, mísseis de longa distância...) eram diariamente noticiados durante a guerra.

Quando os alvos atingidos implicavam mortes de civis ou destruíam alvos civis, como hospitais, teatros, moradias, etc., se definia o ataque como “erro da Otan”. Tais erros, caracterizados pela Otan como “danos colaterais”, e sua cotidianidade, tornaram os

²⁰¹ Ver no cd-rom os artigos do dia 30 de março, da *Folha de S. Paulo* (ALENCAR, 30 mar. 1999, p. 1-12*). E para acompanhamento dos artigos de Alencar anexos no cd-rom, ver dias 26 de março a 25 de abril de 1999 (1ª viagem).

bombardeios “cirúrgicos” da aliança militar bastante questionáveis e criticados; sendo “cirúrgicos” mais para os atacantes do que para suas vítimas (que não foram poucas, mas também não foram muitas. Não podemos negar que, comparativamente a outras guerras do século XX, o número de baixas, de ambos os lados é bem menor nesse tipo de “combate”).

Tendo isso em vista, a Otan, na medida do possível, tentava afirmar que seus erros eram na realidade acertos. Por exemplo, no dia 31 de março, mísseis da Otan atingem fábrica de eletrodomésticos em Cacak, “deixando trabalhadores sem emprego” (FISK, 1 abr. 1999, p. 1-10*); essa informação era a que constava no título da notícia, que explicava que durante a época de Tito muitas fábricas tinham um duplo uso, o da fabricação de eletrodomésticos, como no exemplo, e o da fabricação de armas, o que justificaria a ação da Otan. No entanto, a maioria de seus erros a Otan não conseguia justificar e acabava por se desculpar, afirmando que os bombardeios não eram perfeitos e que “danos colaterais” eram passíveis de acontecer.

A Iugoslávia, por sua vez, passa a usar tais erros como propaganda política e permite, nestes casos, a presença de jornalistas no Kosovo (se acompanhados por funcionários do governo). E mesmo que tais erros não fossem utilizados para propaganda, os fatos diziam por si só, o suficiente para comover a opinião pública e revoltar os iugoslavos. Veja o artigo de Robert Fisk, correspondente do jornal *The Independent*, em Surdulica (na Sérvia), “Otan erra de novo e mata 11 crianças” (29 abr. 1999, p. 1-15*):

(...) O que sobrou do porão da casa de Vojislav Milic, 70, estava recoberto de sangue já seco e exalava um cheiro de carne em decomposição. Os funcionários do necrotério não conseguiram juntar os pedaços dos corpos de seu filho, sua nora e seus dois netos.

A bomba da Otan – uma das duas a atingir uma área residencial em Surdulica, deixando pelo menos 20 mortos, segundo Belgrado – caiu diretamente sobre sua casa, matando pelo menos nove outras crianças que estavam escondidas no porão. A menor delas tinha apenas 5 anos. (...)

Foi mais um “engano” da Otan. Quantas vezes já escrevemos essa palavra nas últimas cinco semanas? Os civis mortos em Aleksinac (17), os passageiros que morreram no trem atingido por uma bomba em Grdelica (10), os civis mortos no bombardeio no centro de Pristina, o comboio de refugiados kosovares atacado pelos americanos (75). E agora Surdulica, mais um massacre de inocentes. (...)

A casa da rua Zmaj Jove Jovanovica era a que tinha o porão mais seguro, com teto reforçado – abrigo ideal para as crianças da vizinhança. E foi lá que elas morreram.

Um rapaz sérvio que estudou nos EUA me contou: “Havia pedaços de cadáveres espalhados pela rua. Encontramos a cabeça de uma das crianças no jardim de outra casa, e muitos braços e pernas no meio da lama. Mas você não vai querer colocar isso em sua reportagem. A CNN filmou os corpos – mas não os mostrou na TV”.

O rapaz tinha razão. Nesta guerra, a história é reapresentada de maneira mais branda quase em tempo real. (...)

De agora em diante, Surdulica será conhecida como a cidade que perdeu suas crianças. E, por uma ironia terrível, a rua em que elas morreram – a rua Zmaj Jove Jovanovica – leva o nome de um médico e poeta do século 19 cuja trágica história pessoal todo sérvio conhece. Ele perdeu seus sete filhos.

Difícilmente, excetuando alguns artigos mais analíticos, tais ataques, e outros que por ventura tenham atingido alvos militares, foram bem recebidos pela imprensa e opinião pública de modo geral. Isso, somado às milhares de pessoas que saíam continuamente do Kosovo, mostrando-nos que os bombardeios, aparentemente, não estavam conseguindo conter a “limpeza étnica” na região.

Quanto ao saldo final da guerra, a Otan, apesar de ter quase atingido o seu limite militar, infringiu menos baixas do que se supunha, como foi comprovado na saída de muitos blindados durante os onze dias da retirada sérvia da província, blindados estes, que acreditava-se, tivessem sido destruídos (CASTLE, 1 jul. 1999, p. 1-14).

E no fim, nada foi publicado sobre os armamentos que utilizam urânio empobrecido, empregados pela Otan nos bombardeios à Iugoslávia e que já haviam sido utilizados na primeira Guerra do Golfo, pelos Estados Unidos, e na guerra na Bósnia, também pela Otan. Armamentos à base de urânio empobrecido são considerados armamentos convencionais, no entanto, problemas renais, dermatológicos e câncer estariam ligados ao uso destes armamentos nestas guerras. Tais malefícios são negados pela aliança atlântica e não há provas, ainda, de que essas doenças estejam relacionadas ao uso do urânio empobrecido, cuja radioatividade é irrisória, exceto se for ingerido ou inalado, o que pode acontecer quando ele explode. Não sabemos porque a imprensa, apesar de ter sido contra os bombardeios, não divulgara estes dados tão convidativos...

Refugiados

Como em cenas reminescentes da Segunda Guerra Mundial, trens cheios de refugiados entraram na Macedônia ontem pelo segundo dia. Os sérvios ficam cada vez mais perto de limpar etnicamente o Kosovo de seus 2 milhões de habitantes albaneses (TANNER, 2 abr. 1999, p. 1-10*).

Este é apenas um trecho de um dos inúmeros artigos que descreviam a chegada de milhares de refugiados, em trens ou a pé, à fronteira do Kosovo com a Macedônia e a Albânia, logo após o início dos bombardeios. Para além de artigos, fotografias

impressionantes dominaram os jornais, trazendo-nos as “cenas” de refugiados. Abaixo vemos algumas:



Foto 234 (*O Estado de S. Paulo*, 1 abr. 1999, p. A1*)



Foto 235 (*Folha de S. Paulo*, 2 abr. 1999, p. 1-10*)

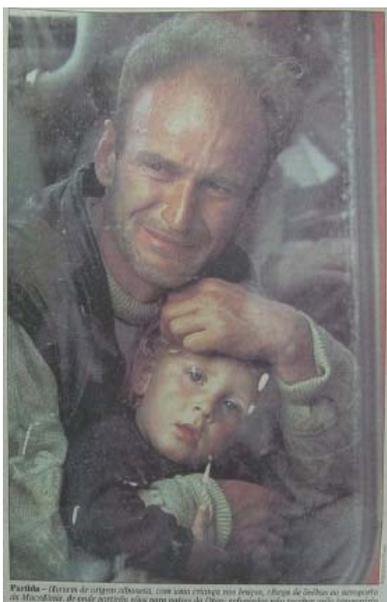


Foto 239 (*O Estado de S. Paulo*, 6 abr. 1999, p. A1*)



Foto 252 (*O Estado de S. Paulo*, 20 abr. 1999, p. A1*)

Campos de refugiados foram então abertos pela Acnur (Alto Comissariado da ONU para Refugiados), pelos governos locais e pelas organizações não governamentais; dentre eles, os que mais apareceram na imprensa foram os de Brazda, Blace e Stenkovec, na Macedônia, e a cidade fronteiriça de Kukes, na Albânia. Paralelamente, falou-se todo o

tempo na possibilidade de epidemias nos campos, decorrente da falta de saneamento e grande concentração de pessoas²⁰² – epidemias que, se aconteceram, não foram noticiadas.

A Macedônia, particularmente, era sempre citada; ao afirmar, por exemplo, que não teria mais condições de receber nenhum refugiado e os que recebesse teriam que ser imediatamente transferidos para outro lugar (NA PARTIDA..., 7 abr. 1999, p. 1-10*), ou ainda, por razão do sumiço “misterioso” de 30 mil refugiados de Blace (fato este, segundo Sylvia Colombo²⁰³, negado pelo governo macedônio), ou por quaisquer outros motivos.

Muitas vezes os jornais salientavam tais posturas da Macedônia (e nem tanto as da Albânia) devido a um temor, freqüentemente sublinhado (em números) pela imprensa, de que algo semelhante pudesse acometê-la, já que, como grande parte da população macedônia era de origem albanesa (mais ou menos 22%), o intenso fluxo de refugiados albaneses para esse território poderia acarretar um grave “desequilíbrio nas relações étnicas atuais” (SAIBA..., 9 abr. 1999, p. 1-12*).

Por fim, juntamente com os refugiados, começaram a chegar os relatos das atrocidades (torturas, campos de detenção, estupros, etc.) cometidas pelos sérvios no Kosovo:

Assassinatos e estupros pelas forças iugoslavas vêm sendo intensamente denunciados pelos refugiados de Kosovo que chegam à Macedônia. Eles relatam casos de execuções sumárias e de valas comuns ao longo do caminho pelo qual passaram. Representantes da Organização para Segurança e Cooperação na Europa (OSCE) têm entrevistado os refugiados para tentar documentar os relatos sobre as atrocidades contra os albaneses de Kosovo. Os relatos, se forem verídicos, representarão a piora na situação para os civis que estão fugindo para a Macedônia, disse um funcionário da OSCE (AUMENTO..., 21 abr. 1999, p. A17).

Segundo Erlanger (9 abr. 1999, p. A15), correspondente do *The New York Times* em Belgrado, a versão sérvia para o aumento crescente no número de refugiados era que este, relacionado apenas de início com os combates entre o Exército iugoslavo e os “terroristas” do ELK, manteve-se constante devido aos bombardeios da Otan, que expulsavam muitos, além de impedir que eles retornassem.

²⁰² Cf. FRIEDMAN, 3 abr. 1999, p. A12*.

²⁰³ Cf. COLOMBO, 9 abr. 1999, p. 1-12*. Sylvia Colombo, enviada especial da *Folha* à Macedônia, em cinco dias, mais ou menos, de “trabalho de campo” com refugiados, tentou mostrar como era o dia-a-dia nesses campos e também descrever os últimos acontecimentos relacionados a essa imensa população deslocada. Ver artigos de Colombo, anexos em cd-rom, do dia 9 a 13 de abril, como enviada especial, e do dia 2 de maio de 1999, como correspondente em Londres.

E não eram apenas os sérvios que consideravam a Otan culpada pelo êxodo. Apesar do grande número de pessoas que haviam saído do Kosovo antes dos bombardeios, como vimos anteriormente, este número cresceu estrondosamente após o início destes. E, de fato, Kosovo se transformou em “terra arrasada”, os sérvios limpavam de baixo, enquanto os aviões bombardeavam de cima, muitas vezes ajudando mais na limpeza, com seus vários erros de pontaria, do que minando a força militar “inimiga”. Deste modo, apesar da versão sérvia ser questionável, ela não estava totalmente equivocada. Kosovo não tinha mais comida, não tinha mais pasto, não tinha mais plantação, não tinha mais cidades e não tinha mais pessoas. Esta foi a impressão que os jornais nos passaram. Como a população, que ficara em suas casas, sobrevivia, não fomos informados.

A guerra (sérvios x albaneses)

Além dos bombardeios da Otan, existia um “conflito” anterior no Kosovo, entre “sérvios” e “albaneses”, que se realizava a partir de suas forças militares: o Exército de Libertação do Kosovo, de um lado, e as forças sérvias (militares, paramilitares, policiais, etc.), do outro. Durante os bombardeios, se falou bem menos sobre esse conflito do que se falava em 1998 e, menos ainda, sobre a defesa sérvia aos ataques da Otan.

O ELK apareceu algumas vezes: combatendo o Exército iugoslavo na fronteira com a Albânia (MÍSSEIS..., 13 abr. 1999, p. A14), recrutando soldados “entre refugiados” (REALI JÚNIOR, 8 abr. 1999, p. A21), recebendo ajuda de vários países, na forma de voluntários, armas, etc. (COLVIN, 13 abr. 1999, p. A14), ou, ainda, fazendo parte da rede europeia de tráfico de heroína (BOYES, 25 mar. 1999, p. A16; VIVIANO, 6 maio 1999, p. A20). (Nota-se que a maioria destes artigos é do *Estadão* e possui autoria. O *Estadão* publicou bastante este tipo de matéria, menos factual, e que ultrapassava os temas “ataques e erros da Otan” e “refugiados”, os quais, a *Folha* mais se centrou, conjuntamente ao debate intelectual, como veremos mais adiante).

As forças sérvias, por sua vez, apareceram combatendo o ELK e colocando minas nas fronteiras – para prejudicar ainda mais os refugiados e se defenderem, caso as forças da Otan resolvessem invadir o Kosovo com tropas terrestres (SUSPENSO..., 10 abr. 1999, p. A23). E, quando não estavam lutando contra o ELK ou colocando as minas, estariam

supostamente expulsando a população albanesa de suas vilas e cidades, estuprando suas mulheres e meninas, torturando ou matando, a sangue frio, os seus homens.

Ao final da guerra, começam a ser noticiadas muitas deserções no Exército iugoslavo e manifestações contra a guerra, contra Milosevic e pelo regresso de jovens reservistas. Tal insatisfação dos militares diante de uma guerra aérea em que muitos morriam sem sequer lutarem, acabou atrapalhando o moral das defesas iugoslavas e contribuindo, segundo alguns artigos, para a aceitação do plano de paz por Milosevic²⁰⁴.

Com o fim dos bombardeios e saída das tropas iugoslavas do Kosovo, o ELK assume a posição de carrasco, acusado pelos sérvios de cometer atrocidades (TROPAS..., 15 jun. 1999, p. A14), ocupar cidades e intimidar a população sérvia do Kosovo. Mas logo a guerra esfria e não ficamos sabendo mais a respeito.

Daniel Williams, correspondente do jornal *The Washington Post*, em Pristina, em “Tensões étnicas remontam à Idade Média” (21 jun. 1999, p. A11*), faz uma revisão do que foi esse conflito entre *sérvios* e *albaneses* no Kosovo:

(...) Os matadores, incendiários e saqueadores que aterrorizaram os albaneses étnicos durante as 11 semanas que durou a guerra vestiam vários uniformes e agiam de várias maneiras. O que tinham em comum era o impulso para punir os albaneses que constituem a grande maioria dos residentes de Kosovo. Os albaneses são odiados pelos sérvios por causa da recente guerra civil ocorrida aqui e por tensões étnicas que remontam à 2ª Guerra e até mesmo à Idade Média.

Agora que as forças sérvias se retiraram de Kosovo, as vítimas podem falar mais livremente sobre seus agressores. (...) No entanto, poucos indivíduos foram identificados e o quadro mostrou ter muitas facetas. (...)

Todo o pessoal uniformizado atuou sob os olhos das outras divisões. Talvez apenas as unidades especializadas, como as envolvidas na defesa aérea, que atuaram unicamente contra os jatos da Otan, possam ficar isentas de responsabilidade. Em alguns poucos casos, houve a participação de civis sérvios nos abusos, especialmente em saques.

No seu cerne, o conflito de Kosovo foi uma guerra civil. Originalmente, entre as forças do governo iugoslavo, que é dominado pelos sérvios e os rebeldes do Exército de Libertação de Kosovo (ELK). O ELK queria a independência de Kosovo. O governo de Belgrado estava determinado a reter essa província, vista pelos sérvios como o berço de sua civilização.

Como é freqüente em casos de conflitos civis, os fundamentos para uma guerra suja cheia de brutalidade e atrocidade foram bem lançados.

Ensinaam aos sérvios que os albaneses étnicos são intrusos, um povo da vizinha Albânia que se infiltrou em Kosovo sorrateiramente e não tem direitos legais de estar ali. Além disso, há 50 anos de ressentimentos.

Durante a 2ª Guerra, alguns albaneses ficaram do lado dos Exércitos de ocupação italiano e alemão na Iugoslávia como uma forma de libertar-se dos sérvios. Os alemães chacinaram dezenas de milhares de sérvios. Assim, esta guerra se tornou um tipo de vingança.

²⁰⁴ Sobre essas deserções e manifestações contra Milosevic, ver: SOLDADOS..., 20 maio 1999, p. 1-12; SÉRVIA..., 25 maio 1999, p. 1-22*.

Até mesmo os ressentimentos históricos prevalecem: alguns sérvios relacionam os albaneses étnicos aos turcos opressores que conquistaram a Sérvia no fim do século 14. A maioria dos albaneses é muçulmana, como os turcos, enquanto os sérvios são esmagadoramente cristãos ortodoxos. Além disso, albaneses e sérvios falam idiomas diferentes.

Cito este artigo pois, ao meu ver, ele é emblemático de vários artigos que tentaram encontrar motivos para o conflito entre *sérvios* e *albaneses* no Kosovo.

Em primeiro lugar, o artigo deixa bem claro que, apesar do conflito no Kosovo ser, a princípio, um combate entre exércitos, o oficial, iugoslavo, contra o não oficial, o de libertação kosovar, ele se dá basicamente entre sérvios e albaneses, e seus motivos são emocionais – “ódio” e “ressentimento” – que levam uns, a defender a terra de seus antepassados contra os invasores da nação vizinha, e outros, a almejam a independência. Além disso, diferentemente do que eu supunha em minhas hipóteses iniciais, os artigos não reproduziam chavões simplesmente, eles traíam a si mesmos para incluir tais chavões em suas linhas. Como vemos neste artigo, o seu título, “Tensões étnicas remontam à Idade Média”, não é um título necessário, e sim, um título sensacionalista, pois chama a atenção para o caráter espetacular do conflito e sua permanência ao longo do tempo, diferente inclusive do enfoque de seu próprio autor, que afirma: os sérvios aprendem desde cedo o que sofreram nas mãos de albaneses fascistas na 2ª *Guerra Mundial*, e apenas “*alguns sérvios* relacionam os albaneses étnicos aos turcos opressores” do século XIV²⁰⁵.

Este artigo, como muitos dos que saíram nos jornais, volta portanto a chavões desnecessários que colocam os sérvios e albaneses como dois povos sem contato, só conflito entre si. O legado otomano é tratado como imposição e opressão turcas e como algo exterior, relacionado unicamente com os muçulmanos que restaram na região, e não, com os próprios sérvios que, durante tanto tempo, foram parte também deste império.

Política e diplomacia

Como em todas as guerras anteriores, “política e diplomacia” é um dos temas mais abordados pelo jornalismo internacional, pelo menos, o brasileiro. A impressão que fica, e que confirma minhas “paisagens jornalísticas” tratadas em capítulo específico, é que até quando o assunto não se refere diretamente aos grandes centros mais cobertos pela mídia, os olhos se voltam para lá, com os propósitos de saber suas atitudes, pensamentos,

intervenções, deste modo, o conflito em si, apesar de motivo da cobertura, torna-se mais objeto de discussão, do que sujeito da história; sujeitos da história são, neste caso, os que discutem: os Estados Unidos, a Rússia, a União Européia, a ONU, a Otan. No Kosovo, por se tratar de uma guerra causada pelas grandes potências, a discussão diplomática foi ainda mais exaustiva, e a cobertura idem.

Um primeiro tópico que chamava a atenção das mídias, neste sentido, era o dissenso na Otan, principalmente no que tange a invasão militar por terra das forças aliadas: a Inglaterra, a favor da invasão de tropas terrestres, a Alemanha, a Itália e a França contra, e os Estados Unidos “enrolando”, preocupados com a opinião pública em seu próprio país e com as eleições presidenciais que estavam por vir²⁰⁶. Após dois meses de bombardeios, essa opção começou a se mostrar mais forte, tanto que o próprio Exército iugoslavo começara a se preparar para uma possível invasão terrestre da Otan (GORDON, 20 maio 1999, p. A18). Alguns analistas afirmaram na época que essa foi uma das razões que acelerou a aceitação da paz por Milosevic.

Outro episódio bem noticiado foi o dissenso no governo iugoslavo. Vuk Draskovic, representante da antiga oposição a Milosevic durante a guerra na Bósnia, ocupava em 1999 o cargo de vice-primeiro-ministro da Iugoslávia. Posição ocupada por ele até ser destituído de seu cargo por Milosevic, ao declarar-se publicamente a favor da autonomia da província e de um acordo de paz²⁰⁷. Outro líder político que chamou a atenção da comunidade internacional neste momento foi Milo Djukanovic, presidente de Montenegro, considerado simpático às forças ocidentais e contrário a Milosevic. Por estes motivos, falou-se muito durante os bombardeios, que o próximo país da lista de Milosevic a enfrentar sua “fúria sérvia”, seria seu aliado, Montenegro. Felizmente, isso não aconteceu.

Quanto às negociações de paz, estas começaram assim que caiu a primeira bomba da aliança militar em solo iugoslavo. Todos os acordos propostos reivindicavam, basicamente, autonomia à província e fim da repressão da Sérvia aos albaneses – não interessava à comunidade internacional que Kosovo adquirisse a independência. Com os bombardeios, se fez necessária a saída do Exército sérvio e a entrada das forças de paz na região, para o “retorno seguro dos refugiados”.

²⁰⁵ Grifos meus.

²⁰⁶ Cf. LONDRES..., 18 maio 1999, p. A17; INVASÃO..., 19 maio 1999, p. A18.

²⁰⁷ Cf. REALI JÚNIOR, 27 abr. 1999, p. A14; MILOSEVIC..., 29 abr. 1999, p. A22.

Em constante negociação com Viktor Chernomyrdin, negociador russo, Milosevic chega a aprovar uma missão humanitária da ONU de verificação da situação em Kosovo, dirigida pelo brasileiro Sérgio Vieira de Mello (BRASILEIRO..., 7 maio 1999, p. 1-15); e dias depois, já se diz disposto a debater o plano do G8²⁰⁸, que propunha, dentre outros itens, o fim da violência no Kosovo, a retirada das tropas sérvias do território, o retorno seguro dos refugiados, o ingresso seguro de organizações humanitárias, “autonomia política e administrativa substancial para os albaneses étnicos”, “desembarque de um efetivo internacional civil e de segurança, com mandato da ONU, para supervisionar o retorno dos refugiados e a aplicação dos termos do acordo” e ajuda econômica internacional para a reconstrução do país²⁰⁹ – não ficava decidida a composição da força internacional de paz, e nem quando se daria o fim dos bombardeios (G-7..., 7 maio 1999, p. A16).

O acordo de paz foi então encaminhado. Martti Ahtsaari (presidente da Finlândia e negociador da UE) entra nas negociações juntamente a Chernomyrdin e, em Belgrado, finalizam o acordo com Milosevic.

O Conselho de Segurança da ONU aprova o plano de paz – resolução 1244 – no dia 10 de junho de 1999, e as tropas iugoslavas começam então a deixar a província. A Otan suspende definitivamente os ataques e a população em Belgrado comemora²¹⁰.

Aliás, quase todos comemoram, inclusive Milosevic, que afirmou na mídia iugoslava, controlada por ele, que, como não perderam Kosovo, venceram a guerra (MILOSEVIC..., 11 jun. 1999, p. 1-15*). Os únicos que não comemoraram o acordo de paz foram os sérvios do Kosovo, que, com medo das possíveis retaliações, já falavam em abandonar a província, junto ao Exército iugoslavo (ERLANGER, 10 jun. 1999, p. A22*; FISK, 11 jun. 1999, p. 1-14*).

Ao término do conflito, a posição do *Estadão* e da *Folha* também se diferenciam. Ao meu ver, a postura do *Estadão* foi menos pessimista que a da *Folha*. Para a *Folha*, Milosevic saía ganhando com o acordo de paz, para o *Estadão*, finalmente Milosevic teve que se submeter aos acordos de Rambouillet, além de ter que enfrentar seu indiciamento no

²⁰⁸ Formado pelos membros do G7 (Alemanha, Estados Unidos, Canadá, França, Grã-Bretanha, Itália e Japão) e pela Rússia.

²⁰⁹ Após Milosevic ser acusado de crimes de guerra pelo Tribunal de Haia, apenas a reconstrução de Kosovo foi assegurada pelo acordo de paz, a reconstrução da Iugoslávia ficou condicionada à saída de Milosevic do poder (Cf. EUROPA..., 4 jun. 1999, p. 1-11).

²¹⁰ Sobre os acertos finais para a paz ver: IUGOSLÁVIA..., 10 jun. 1999, p. A20; OTAN..., 10 jun. 1999, p. 1-15; OTAN..., 11 jun. 1999, p. 1-13; OTAN..., 11 jan. 1999, p. A14.

TPI e um país arrasado pela guerra, cuja ajuda para reconstrução, estaria condicionada ao seu afastamento do poder.

Os sérvios, “mais uma vez”, perderam Kosovo. Está marcada para 2006, a resolução sobre o seu estatuto final. Uma das propostas é que Kosovo seja dividido e as partes próximas aos principais mosteiros, com enclaves de população sérvia, fique para a Sérvia. Mas não se sabe ainda.

Tropas de paz no Kosovo e êxodo sérvio

Kennedy Alencar está de volta aos Bálcãs, desta vez ele entrou pela Macedônia e fez grande parte da cobertura no Kosovo. Cobriu o retorno dos refugiados, o êxodo sérvio e o desenrolar dos acontecimentos²¹¹.

Kosovo tornara-se então um protetorado internacional, dividido em cinco regiões para cinco países, fazendo parte dessas regiões pelo menos uma grande cidade: a região de Mitrovica ficou sob comando/administração da França, a região de Pec, da Itália, a região de Prizren, da Alemanha, a região de Gnjilane, dos EUA, e a região de Pristina, do Reino Unido. O destino das tropas russas foi definido apenas no dia 18 de junho: elas teriam 3600 soldados atuando conjuntamente nas regiões dos EUA, França e Alemanha, e QG no aeroporto de Pristina; ficariam sob supervisão da Otan, mas teriam comandante próprio²¹².

Imediatamente após os acordos de paz, refugiados albaneses começam a retornar. No dia 21 de junho, já era 100 mil o número de refugiados retornados (TROPA..., 21 jun. 1999, p. A11*). No dia 22, Bill Clinton, então presidente dos Estados Unidos, em visita ao campo de refugiados de Stenkovec, se esforça “para conter as lágrimas” e pede “aos refugiados que esperem mais um pouco antes de voltar a suas casas. ‘Vocês já sofreram demais’, disse. ‘Não quero que ninguém perca braços, pernas ou filhos por causa das minas terrestres, por isso lhes peço paciência’” (SENGUPTA, 23 jun. 1999, p. 1-10). Entretanto, eles voltam, e enfrentam o perigo não só das minas terrestres, como das bombas de fragmentação da Otan que ainda não haviam explodido, além de encontrarem suas casas e vilas destruídas.

²¹¹ Ver artigos da 2ª viagem de Kennedy Alencar, como enviado especial da *Folha*, anexos em cd-rom, do dia 14 a 22 de junho de 1999.

²¹² Sobre o destino das forças russas no Kosovo, ver: RÚSSIA..., 19 jun. 1999, p. 1-10; EUA..., 19 jun. 1999, p. A20*.

Mas, independente disso, a população albanesa comemora. E comemora a entrada das forças internacionais, a saída das tropas iugoslavas e, principalmente, a saída dos milhares de sérvios, habitantes do Kosovo: é o início de mais um êxodo sérvio.

O ELK, por sua vez, adquirira uma posição ambígua. Ao mesmo tempo que passava a ser um problema, assumindo o controle de várias cidades e recusando-se, de início, a desmobilizar-se, como prometera no acordo de paz (ELK..., 19 jun. 1999, p. A21*), transformara-se em parceiro da Otan, fornecendo informações estratégicas durante os bombardeios, e exercendo então posição de destaque nas negociações pós-guerra entre os kosovares e a comunidade internacional.

O interessante disso é que durante e anteriormente aos bombardeios da Otan, o ELK apareceu diversas vezes na imprensa como um exército frágil, sem preparo e com soldados inexperientes, enquanto que, com o fim da guerra, essa situação se inverte, e ele passa a ser a principal ameaça aos sérvios do Kosovo (segundo os sérvios), além de se consolidar como porta-voz político dos albaneses²¹³ neste momento – quase não se fala mais de Rugova e da Liga Democrática do Kosovo (LDK), e os jornais não questionam isso.

Por fim, a postura do ELK e o retorno dos refugiados aumentam ainda mais o clima de violência e o ressentimento entre sérvios e albaneses. No dia 20 de junho, 100 mil sérvios já haviam deixado a província, apesar dos pedidos de Belgrado para que eles não fossem embora: antes dos bombardeios, “190 mil sérvios viviam em Kosovo” (BELGRADO..., 20 jun. 1999, p. A18).

Crimes de guerra

A comissão de investigação da ONU, dirigida por Sérgio Vieira de Mello, comprovou, de fato, crimes de guerra e contra a humanidade cometidos por forças sérvias em Kosovo (OTAN..., 26 maio 1999, p. 1-15).

Com as provas recolhidas, Milosevic é indiciado pelo Tribunal Penal Internacional (TPI), e junto com ele, vários de seus ministros e o chefe das Forças Armadas²¹⁴. Foram acusados pela promotora do TPI, a canadense Louise Arbour, por “ordenar, planificar, instigar, executar e apoiar as brutais violações de direitos humanos cometidas em Kosovo”,

²¹³ Sobre o ELK, ver artigo de John Kifner (16 jun. 1999, p. A17*) anexo em cd-rom.

²¹⁴ Ver anexo o quadro: “Os acusados de crimes de guerra” (OS ACUSADOS..., 28 maio 1999, p. 1-14*).

que culminou na deportação de 740 mil albaneses étnicos e no assassinato de 340, entre 2 e 95 anos” (TRIBUNAL..., 28 maio 1999, p. A15). Em outubro de 2000, a oposição iugoslava toma o parlamento e depõe Milosevic. Vojislav Kostunica, do Partido Democrata, o mesmo de Djindjic, assume a presidência. Em junho de 2001, Milosevic é extraditado para Haia pelas autoridades sérvias que o prenderam em abril deste mesmo ano. Seu julgamento ainda está em andamento.

Após o acordo de paz, dia após dia as tropas da Otan descobrem valas comuns, muitas delas escavadas recentemente com o propósito de esconder provas de atrocidades. As provas físicas de massacres que encontram, como restos de corpos que foram queimados vivos, se somam então aos relatos das atrocidades, contadas pelos sobreviventes que as testemunharam.

Brasil

No Brasil, ocorreram duas manifestações diretamente ligadas ao conflito e divulgadas pela imprensa, uma primeira, foi a doação de seis toneladas de suprimentos às “vítimas da guerra em Kosovo”, organizada e arrecadada pela Sociedade Beneficente Muçulmana de São Paulo (CARELLI, 19 abr. 1999, p. A12).

A outra foi o SOS Iugoslávia, pela doação de leite em pó e material de primeiros socorros, organizada pela “comunidade sérvia que vive no Brasil (...) para ajudar as vítimas dos bombardeios contra o país” (SÉRVIOS..., 8 maio 1999, p. 1-10*).

A cobertura destes eventos foi pequena, restringindo-se a notinhas de canto de página.

Debate intelectual

Chamar artigos analíticos, escritos por intelectuais (“professor”, “filósofo”, “historiador”, “antropólogo”, e outros), de “debate intelectual”, diz respeito a um termo usualmente empregado pela imprensa (mas não só) para tratar a fala destas “autoridades”, conhecedoras de determinados temas ou especialistas em determinados assuntos. Tais intelectuais, contudo, mais do que debaterem entre si, vão debater questões referentes a um assunto específico, neste sentido, o debate na imprensa, diferente que interlocução, é

opinião e exposição de pontos de vista a respeito de algo, respaldados pela área de conhecimento do autor/autoridade.

O artigo de Régis Debray endereçado ao presidente francês Jacques Chirac²¹⁵ (que tratarei mais adiante), por exemplo, poderia ter levado a alguma interlocução, mas, ao invés disso, ele causou polêmica, e a seu autor, ataques pessoais. Ou seja, não tivemos um possível debate intelectual, mas sim, um debate moral.

No Brasil, especificamente, a maioria dos intelectuais, jornais e, mesmo, opinião pública se colocou contra os bombardeios, mas também contra os sérvios, contra o êxodo de refugiados, contra Milosevic, ou, nas palavras de Susan Sontag, “A favor da paz. Contra a guerra. Quem não o é?” (2 maio 1999, p. 5-5*). Selecionei alguns artigos, que perpasso aqui, um por um, sucintamente.

Ricardo Seitenfus (1 abr. 1999, p. 1-3*), doutor em relações internacionais e professor, explicita claramente as linhas em que se configurou o debate sobre os bombardeios da Otan à Iugoslávia. Segundo ele, a Otan interveio no Kosovo influenciada mais pela última década de guerras na ex-Iugoslávia, do que pelo caso específico da província, e essa intervenção abriu alguns precedentes dificilmente contornáveis. Um primeiro diz respeito à ação da aliança militar sem consulta das Nações Unidas, ou seja, tornando “toda iniciativa no âmbito das Nações Unidas” inoperante neste sentido. O outro diz respeito aos motivos da intervenção, são motivos abstratamente humanitários, que não remetem ao princípio da autodeterminação dos povos, já que não ambicionam um Kosovo independente. Além disso, na prática, os bombardeios conseguiram somente aumentar o êxodo de refugiados e unir a população da Sérvia contra a Otan.

Robert Kurz (18 abr. 1999, p. 5-9*), sociólogo, se coloca contrário aos bombardeios e ao suposto consenso público a favor destes ataques (como já disse, acredito que no Brasil não tenha havido um consenso a favor dos bombardeios). Ele lembra que as causas da crise iugoslava são primeiramente sociais e econômicas e remeteriam a uma crise comum, presente nos modelos de Estado socialista e capitalista (não sendo, simplesmente, uma crise do “modelo marxista de socialismo de Estado”). Essa crise comum teria levado a Iugoslávia ao desemprego, à inflação e à dívida externa, e, em suas palavras,

²¹⁵ “Carta de um viajante ao presidente francês Jacques Chirac” (16 maio 1999, p. A2).

O retorno de desavenças aparentemente arcaicas, sejam étnicas ou religiosas, segue com exatidão a lógica do mercado. As “vítimas” de repentinos surtos de crise buscam refúgio social e emocional numa comunidade de preceitos irracionais, que, ao mesmo tempo, volta-se com fúria ao “exterior”. Como não há nenhuma alternativa econômica e social, tem início um processo de anarquia da consciência de massas capitalista. O atrito de identidades étnicas e religiosas muitas vezes não é mais do que o pretexto para a formação de bandos armados, que fazem as vezes de uma “empresa comercial” na economia de pilhagem reinante.

Kurz conclui voltando aos bombardeios. Neste âmbito, seus argumentos se aproximam dos de Seitenfus ao chamarem a atenção para o fato de que os bombardeios ocorrem sem o aval da ONU e abrem precedentes ao intervirem em um Estado soberano; além de distinguirem “carniceiros” bons e ruins, já que eles intervêm no Kosovo, mas não protegem a minoria curda, por exemplo, que sofre nas mãos da Turquia, país-membro da aliança militar.

Edward Said, intelectual, professor e um dos inspiradores desta dissertação, também não se distingue muito dos dois autores anteriores. Em “EUA querem mostrar quem manda” (19 abr. 1999, p. 1-14*), ele afirma: “Ninguém tem dúvidas de que coisas terríveis foram feitas aos albaneses sob domínio sérvio, mas a questão principal é: a ação dos EUA/Otan, cujo suposto objetivo seria obrigar Milosevic a abrir mão de suas políticas, aliviará a situação ou vai, na realidade, agravá-la?”.

Para Said, só é possível analisar esta intervenção militar se tivermos consciência que os Estados Unidos são uma potência mundial e que intervenções como esta são importantes para que os Estados Unidos continuem afirmando e reafirmando sua superioridade²¹⁶. Em suas palavras: “O objetivo do castigo é o próprio castigo; e o bombardeio enquanto manifestação da autoridade da Otan é um fim em si mesmo, especialmente se as chances de retaliação do inimigo são pequenas”. Outro objetivo dos bombardeios seria humilhar e acabar com Milosevic. Todavia, além de “nenhum país (...) se [aliar] aos atacantes”, com os ataques “injustos” e covardes, o regime de Milosevic está fortalecido; e no fim, os próprios kosovares foram iludidos, ao aceitarem os bombardeios com a promessa da independência que, certamente, não virá. As pretensões humanitárias são, portanto, “pura hipocrisia”.

Said conclui pedindo o fim dos bombardeios e a organização de uma conferência multipartidária reunindo todos os “povos” da ex-Iugoslávia “para resolver as divergências entre eles com base na autodeterminação para todos”.

²¹⁶ Cabe lembrar que a Otan só tem capacidade militar devido aos Estados Unidos, isto porque a maioria dos armamentos e veículos militares utilizados pela aliança, em Kosovo inclusive, é norte-americano.

Paralelamente, inúmeros artigos analisavam o papel do presidente Slobodan Milosevic nessa história, em como ele se aproveitara da crise econômica na Iugoslávia e foi ocupando espaços de poder e instigando o nacionalismo desde o final da década de 80. Muitas dessas análises vinham acompanhadas da biografia de Milosevic, que sempre sublinhava o fato de seus pais terem, ambos, se suicidado²¹⁷. Outros artigos, não apenas “de intelectuais”, nos contavam a história da secular inimizade entre sérvios e albaneses na província desde a invasão otomana, salientando o lugar de Kosovo no imaginário nacionalista sérvio²¹⁸.

Em “Kosovo, Europa” (2 maio 1999, p. 5-4 e 5-5*), Susan Sontag, intelectual, escritora, esteve em Sarajevo várias vezes durante a guerra na Bósnia, critica a Europa por não ter feito nada desde Dubrovnik, em 1991, e defende os bombardeios no sentido de que algo, realmente, deveria ser feito para parar Milosevic.

Sontag responde ainda às duas questões frequentemente colocadas pelos críticos da intervenção militar: “Por que Bósnia e Kosovo, e não Curdistão, Ruanda ou Tibete?”, e a outra sobre a violação das fronteiras de um Estado soberano pela Otan, logo, a ilegalidade da guerra. Ela defende desta maneira os ataques, alegando que não há mal nenhum em tratar a “defesa” da população do Kosovo como eurocentrismo, e que o genocídio justificaria sim, a intervenção ocidental, pois um outro “Holocausto” jamais poderia ser tolerado.

Por fim, Jacques Rancière, filósofo, em “A guerra sem nome” (16 maio 1999, p. 5-3*), afirma que a guerra humanitária converge com a purificação étnica, no sentido de que ambas abolem a política para se efetivarem e transformam pessoas em uma massa indiferenciada seja de “etnias” a serem eliminadas, seja de “vítimas” a serem protegidas.

Quanto à carta de Régis Debray, filósofo, ao presidente da França, Jacques Chirac (16 maio 1999, p. A2), vou me ater um pouco mais a ela.

Debray foi à Iugoslávia e após visitar os campos de refugiados na Macedônia resolveu ver o “outro lado” da guerra: “Não me julgue parcial. Estive na Macedônia, assisti à chegada dos refugiados, ouvi seus testemunhos. Comoveram-me, como a muitos outros.

²¹⁷ Cf. DEMETZ, 25 abr. 1999, p. A21*.

Quis a todo custo ir ver ‘do outro lado’, como tal crime era possível”. Tal como os jornalistas, ele legitima, portanto, o seu relato, não em uma suposta filosofia ou conhecimento acadêmico, mas em seu testemunho: “ver do outro lado”, “me ater (...) aos fatos (...) que pude observar in loco, em curta permanência – uma semana na Sérvia (Belgrado, Novi Sad, Nis, Vramje)”.

E deste modo ele reúne seus argumentos para rebater Jacques Chirac em cada ponto de sua justificativa para os bombardeios, são eles (nas palavras de Chirac):

“Não movemos uma guerra contra o povo sérvio, mas contra um ditador, Milosevic, que, recusando qualquer negociação, programou a sangue-frio o genocídio dos kosovares. Limitamo-nos a destruir seu aparato de repressão, destruição já bastante adiantada. E, se continuamos a atacar, apesar dos erros lamentáveis de alvo e de involuntários danos colaterais, é porque as forças sérvias continuam suas operações de limpeza étnica em Kosovo.”

Após enumerar diversos locais bombardeados pela Otan, como teatros, escolas e fábricas, Debray conclui que a principal vítima dos bombardeios é o povo sim, e não, os militares. Povo este que se une cada vez mais em torno de Milosevic, que, por sua vez, pode até ser um “Autocrata, fraudulento, manipulador e populista”, mas não pode ser um ditador, já que fora eleito três vezes, respeita a constituição e permite oposição política.

Sobre o genocídio dos kosovares, Debray vai basear sua argumentação no testemunho de dois “experientes” jornalistas que cobrem a guerra da e na província, a despeito da proibição iugoslava: Aleksander Mitic, “de origem sérvia (...) correspondente da *APF (sic)*²¹⁹ em Pristina”, e “Paul Watson, canadense anglófono, correspondente do *Los Angeles Times* na Europa Central”. Segundo eles, os piores momentos foram logo após os primeiros bombardeios, nos primeiros dias, quando ocorreram pilhagens, incêndios e assassinatos, “[Watson] me garantiu não ter encontrado, desde então, vestígios de crime lesa-humanidade”.

Com o início dos bombardeios, “Os sérvios, julgando que não poderiam lutar em duas frentes, teriam então decidido evacuar manu militari a ‘quinta-coluna’ da Otan, sua ‘força terrestre’, ou seja, a UCK [Exército de Libertação do Kosovo], sobretudo das aldeias onde ela se confundia e fundia com os civis”, implicando a primeira leva de refugiados.

²¹⁸ Cf. HUGEUX, 25 abr. 1999, p. A22*.

²¹⁹ Agence France Presse (AFP).

Segundo o correspondente da AFP (...) “Foi o ataque da Otan que realmente desencadeou e exacerbou a catástrofe humanitária. De fato, não eram necessários, até então, campos nas fronteiras para acolher os refugiados”. (...) Depois, o êxodo continuou, mas em menor escala. Por ordem da UCK, desejosa de recuperar os seus (...), por medo dos bombardeios (...), para juntar-se aos primos que já haviam partido, porque o gado morreu, [porque] os EUA vão vencer, e [porque] era hora de emigrar para a Suíça, a Alemanha ou outros países.

Quanto à destruição das forças sérvias, Debray chama a atenção que pouco ou nada é destruído pelos mísseis da Otan:

Lembre-se de que a defesa iugoslava, formada por Tito e seus guerrilheiros, não tem nada de exército regular: disseminado e onipresente, com seus PCs [postos de comando] subterrâneos, preparado para as ameaças convencionais – outrora soviéticas. Chega a usar bois para puxar canhões, evitando a detecção pelo calor.

Para concluir, Debray sublinha que em Pristina ainda vivem dezenas de milhares de kosovares e “pode-se comer nas pizzarias albanesas, em companhia de albaneses”.

É complicado para o leitor de jornais contrariar testemunhos como o de Debray, mas o que fazer quando um relato contradiz totalmente todos os demais relatos sobre o Kosovo? Alencar, por exemplo, descrevendo a sua ida a Pristina, um mês antes, afirma: “É impossível confirmar, mas saio da cidade com a impressão de que, se ainda há albaneses ali, estão escondidos ou mortos” (1999, p. 80). Tais relatos, portanto, não são diversos pontos de vista em relação a determinado evento, e sim, diversos pontos de vista em relação a eventos diversos, embora estejam ambos ancorados no testemunho, no fato de ter *estado lá*, comum ao correspondente e, neste caso (como em outros), ao intelectual. Tanto Régis Debray, como Susan Sontag²²⁰, por exemplo, legitimaram sua análise do conflito, em grande medida, porque *estiveram lá*, Debray, no Kosovo, Sontag, em Sarajevo. Deste modo, por mais que não possamos confundir os campos jornalístico e acadêmico, suas instâncias de legitimidade, nestes casos, se confundem. E é por este motivo que a legitimidade ou veracidade dos fatos devem ser buscadas em outros lugares, não apenas no testemunho, mas no pensamento crítico sobre o discurso e sobre o discurso do testemunho, que, acredito, é o que fazemos quando nos propomos analisar a imprensa.

²²⁰ Susan Sontag, como afirmei, esteve em Sarajevo várias vezes. Lá, ela montou a peça “Esperando Godot”, de Samuel Beckett, com mutilados da guerra, e pediu pela intervenção militar na Bósnia. Sobre a peça, ver: CARVALHO, 5 jun. 1993, p. 4-1.

Para concluir, cabe sublinhar que há um espaço na mídia cada vez maior nos últimos anos de guerras na ex-Iugoslávia para estes tipos de análises, mais aprofundadas. Todavia, como percebemos no decorrer deste capítulo e do anterior, não eram estes artigos, especificamente, que nos contavam e nos explicavam a história das guerras, mas sim, o intenso noticiário diário, que, no intuito de nos transmitir uma pluralidade de pontos de vista sobre a guerra, não nos trazia uma única história ou uma única explicação sobre o que acontecia, mas uma profusão delas. Ao discurso hegemônico, que eu apontei como hipótese, se somavam então tantos fatos e análises, que este se dissipava algumas vezes, para ser enfatizado novamente, logo adiante.

PARTE 3. A PROPÓSITO DE FECHAMENTO

Nesta parte, abordo algumas questões concernentes à cobertura que não foram tratadas na parte 2 por dizerem respeito a vários momentos das guerras na ex-Iugoslávia, trabalhados individualmente nos capítulos anteriores.

Primeiramente, faço uma rápida análise das fotografias, em seguida, trato da postura da imprensa diante dos sérvios, e por último, dos enviados especiais. Esta parte, para além destas pendências, tem também o propósito de fechamento, ao retornarmos ao fazer jornalístico, recuperando a discussão iniciada na parte 1 da dissertação.

CAPÍTULO 5. A guerra em imagens: fotografias

Neste pequeno capítulo, mais indexador do que analítico, aponto algumas recorrências em termos de imagem durante as guerras e pontuo algumas questões. Apenas isso.

Em primeiro lugar, é importante sublinharmos que a fotografia no jornal, do modo que a conhecemos hoje, é algo recente. As fotografias acompanharam as melhorias gráficas dos jornais, mas tiveram que esperar, particularmente o noticiário internacional, pelas melhorias tecnológicas de transmissão da notícia, de meados da década de 90, com o advento da internet e das câmeras digitais, para então, poderem ser exaustivamente publicadas, como são hoje, e como foram no Kosovo.

Deste modo, houve uma diferença considerável no que víamos nos jornais no início da década de 80 para o que vemos agora. Naquela época, vinte anos atrás, as fotos eram poucas, menos no *Estadão* que na *Folha*, e menos ainda na seção de internacional. Talvez houvesse ainda a noção de que um jornal sério o é pelo seu conteúdo e não pelas imagens que publica, noção esta que foi perdendo o sentido. Usando a expressão de Taylor, “Photographies deepen the authenticity of the press written accounts” (1998, p. 4), além de ajudarem a vender jornal e tornarem o relato mais atraente.

Em relação ao noticiário internacional especificamente, até a guerra na Bósnia, as fotografias eram a maioria em preto e branco, já havia fotos coloridas nos jornais, mas raras vezes eram de internacional, e quando eram, vinham geralmente na primeira página, em manchete. Além disso, se no início da década de 80, elas eram predominantemente de ambientes fechados, e de presidentes e líderes, nas guerras na ex-Iugoslávia, elas já haviam descoberto o infinito.

Sendo assim, nas guerras na Croácia e na Eslovênia, em 1991, eram freqüentes as fotografias de soldados – “milicianos”, “policiais”, os termos mais diversos – com seus canhões, fuzis e metralhadoras, muito parecidas com as fotos tradicionais de guerras anteriores – comparação esta, que os próprios jornais nos induziam a fazer ao colocarem fotos da Segunda Guerra Mundial, por exemplo, ao lado de artigos sobre a Croácia. Veja abaixo a foto que “ilustrou” o artigo analítico sobre a Croácia, do escritor Ivan Ivanji (18 ago. 1991, p. 13*):



Foto 16 (*O Estado de S. Paulo*, 18 ago. 1991, p. 13*)

O sofrimento, por sua vez, era então simbolizado menos em cenas de sangue do que nas cenas de destruição. Aos poucos, civis começaram a aparecer, principalmente mulheres, crianças, velhos, mortos e feridos, principalmente na guerra na Bósnia.

Algumas recorrências fotográficas nesta guerra podem ser apontadas: a primeira é a foto de alguém chorando a morte de algum parente, ao lado de um túmulo; outra, são as fotos de crianças, mortas, feridas, brincando, atrás de alguma coisa (arame farpado, janela quebrada, janela de ônibus); fotos da fumaça de bombardeios e casas destruídas, tal como nas guerras anteriores, também são comuns; e fotos de refugiados idem; além de imagens chocantes, tristes e sangrentas, como vimos anteriormente, a foto do “Romeu e Julieta da Bósnia”, mortos quando tentavam fugir de Sarajevo. Sobre eles e o contexto da guerra de modo geral, Costa Netto nos conta²²¹:

o resto do mundo se colocou numa situação de espectador, a ONU estava lá contabilizando a guerra, fazendo estatísticas e tal, o resto do mundo olhando o que estava acontecendo, ninguém curtiria massacres daquele de 6 mil mortos encontrados numa vala, sabe... ou aquele casal, não sei se você lembra dessa cena, o casal, ele era sérvio e ela era bósnia, tentaram cruzar... para ir embora, foram mortos no meio da zona neutra, e ficaram lá dias, os dois caídos, e... a imagem que foi para o mundo inteiro, aquelas imagens incríveis, que a imprensa mostrava, e ninguém fazia nada.

O interessante dessa foto, ou de outra que citei no início da dissertação, do homem sendo baleado na cabeça em Brcko (foto 35, de Bojan Stojanovic), é que foram fotografias

²²¹ Fernando Costa Netto é jornalista e esteve duas vezes em Sarajevo durante a guerra na Bósnia. Esta citação é um trecho de entrevista por mim realizada, no dia 6 de novembro de 2003.

que impressionaram a todos, e não apenas a mim, que, quando escolhi anexá-las aqui, não sabia que elas haviam sido tão marcantes.

Entretanto, apesar de fotos como essas, a guerra na Bósnia chamou ainda mais atenção pelas imagens da televisão. Os próprios jornais as traziam em suas linhas. Carlos Lins da Silva, por exemplo, então correspondente da *Folha* em Washington, em um de seus artigos, afirma: “as imagens de crianças da Bósnia feridas e famintas continuam a aparecer todas as noites nos telejornais e mobilizam a opinião pública nos EUA” (27 abr. 1993, p. 2-10*). Leão Serva, por sua vez, chega a dizer, “a guerra pela TV é às vezes mais chocante que ao vivo” (20 maio 1993, p. 3-5). Rebeca Kritsch afirma que foi Christiane Amanpour, correspondente da CNN na Bósnia, quem colocou a guerra da Bósnia na mídia (informação verbal)²²². Veja ainda o relato de Glenny (1996, p. 210), em Londres:

I observed how entire rooms stopped what they were doing and stared in deep shock at the pictures coming over the satellite feed. (...) this war has confirmed that the influence of print or radio journalism is negligible when compared with the impact that a few minutes of video can have.

E talvez por isso, como veremos no capítulo sobre os enviados especiais, as narrativas dos correspondentes internacionais sejam, quando não factuais, marcadamente descritivas e imagéticas.

Embora uma análise comparativa dos dois meios fosse bem interessante, não trabalhei aqui com as imagens de televisão. Para o que nos compete, ou seja, para a análise do que foi dito sobre as guerras na ex-Iugoslávia, o texto ainda é a fonte mais completa, a mais heterogênea e a mais influente no que tange a elaboração de um discurso sobre o conflito, até mesmo, do discurso da televisão.

Um parêntese. Arbex Jr. comentando palestras que dava sobre política internacional, nos diz que sempre perguntava ao auditório se lembravam da queda do Muro de Berlim, ou da guerra do Golfo, ou da invasão da Somália, as pessoas falavam de cenas que lembravam, como as picaretas derrubando o Muro, a “sensação de vídeo-game” no Golfo, a fome “na África”: “Eles se lembravam das imagens relativas ao evento, mas não conseguiam explicá-

²²² Em entrevista à autora, realizada no dia 25 de outubro de 2003.

las (...) foram incapazes de criar uma narrativa sobre um acontecimento que, no entanto, fazia parte de sua memória” (2000, p. 36).

Nesta linha também, Sontag afirma: “o problema não é que as pessoas se lembrem por meio das fotos, mas que só se lembrem das fotos”, o que ofusca outras formas de compreender e de recordar (2003, p. 75).

A guerra no Kosovo, diferentemente da guerra na Bósnia, chamou a atenção pela televisão, mas também pelas fotografias.

Foi a única cobertura das guerras na ex-Iugoslávia beneficiada pelo advento da internet e, além disso, foi a estréia das câmeras fotográficas digitais, quando, segundo Kennedy Alencar²²³, o tempo de transmissão de uma foto passou de três fotos a cada hora para vinte fotos a cada hora. Tivemos, portanto, um aumento estrondoso no número de fotografias no jornal, que se mostrou quase mais abundante do que em todos os anos anteriores de cobertura de guerra²²⁴, e quase todas as fotografias passaram a ser coloridas – hoje, se alguma foto em preto e branco é publicada, é por uma questão de estilo, e não por necessidade.

A beleza dessas fotos também surpreende. No Kosovo, acredito que, pela primeira vez, uma suposta beleza balcânica (mulheres com lenços na cabeça, tez muito claras, paisagens deslumbrantes, etc.) se confundiu com o sofrimento e com a morte, extraiu-se o belo da guerra, nas cenas de enterros, de mulheres chorando, das multidões de refugiados, do retrato com foco muito próximo aos rostos das pessoas, e características muitas vezes pictóricas.

Repare na fotografia abaixo, do enterro de Miriqi, os rostos das mulheres, extremamente expressivos. Além disso, se nas fotografias das guerras anteriores, em enterros, por exemplo, aparecia o parente da vítima, mas também o contexto a sua volta, como uma paisagem ao fundo ou o próprio túmulo ao lado da pessoa, como vemos na primeira fotografia abaixo, no Kosovo, só sabemos que é um enterro pela legenda que a

²²³ Em entrevista à autora, realizada no dia 24 de outubro de 2003.

²²⁴ No cd-rom podemos observar quase a mesma quantidade de fotografias de Kosovo que das guerras na Eslovênia, Croácia e Bósnia e eleição na Bósnia, juntas. Fui eu quem fiz a seleção das fotos, mas procurei fazê-la de acordo com a quantidade de fotos publicadas.

acompanha. A terceira foto é um retrato de uma mulher e sua criança, atrás de um vidro, são refugiados.



Foto 48 (*O Estado de S. Paulo*, 5 jul. 1992, p. 11*)



Foto 196 (*O Estado de S. Paulo*, 20 mar. 1998, p. A16*)



Foto 254 (*Folha de S. Paulo*, 25 abr. 1999, p. 1-17*)

Durante todas as guerras, uma outra imagem freqüente e “nativa” que vimos nos jornais era de pichações, que relacionavam a Otan (ou Clinton), ou Milosevic – conforme o lado em que estavam os pichadores –, à suástica de Hitler.



Foto 12 (*O Estado de S. Paulo*, 9 jul. 1991, p. 6*)



Foto 282 (*Folha de S. Paulo*, 4 jun. 1999, p. 1-1*)

Em ambas as fotos, a suástica se relaciona com o invasor, com o de fora. Na primeira, com o JNA, na Eslovênia, na segunda, com a Otan, nos bombardeios à Iugoslávia (repare o símbolo sérvio nesta segunda fotografia, abaixo de “1999”, como uma assinatura da pichação). Neste sentido, é interessante sublinhar novamente a forte presença de símbolos da Segunda Guerra Mundial nos conflitos da década de 90 na ex-Iugoslávia, seja o próprio nazismo, por estas fotografias, seja os termos “ustashas” e “chetniks” para designar os inimigos croatas e sérvios, seja o paralelo dos campos de prisioneiros na Bósnia com os campos de concentração nazistas. No entanto, mais uma vez percebemos que a imprensa não matiza a fala dos “nativos” sobre si próprios, ela a reproduz enquanto fato, e não enquanto representação. Os jornais podiam dizer, por exemplo, que eles estavam vingando seus parentes mortos pelos ustashas na Segunda Guerra Mundial. Podia até ser, mas não era isso que explicava o conflito da década de 90.

Cabe sublinhar ainda, que as fotografias nos jornais podiam aparecer ou não como ilustração da notícia, muitas vezes eram complementares a ela, ou mesmo, notícia à parte. Assim, em uma mesma página o jornal podia publicar uma matéria sobre Bihac, por

exemplo, com uma fotografia de Sarajevo ao lado, isso foi muito comum durante a guerra na Bósnia, quando a maioria dos jornalistas estava em Sarajevo. Havia também as fotografias que eram elas próprias a notícia, como a do “Romeu e Julieta”, que citei acima, ou a da menina “Irma”, abaixo:



Foto 95 (Folha de S. Paulo, 9 ago. 1993, p. 2-7*)

Ou seja, eram fotos que falavam por elas mesmas, dispensavam o artigo e o substituíam de modo mais enfático e dramático.

Quanto às fotografias de mulheres, crianças e velhos, privilegiadas durante as guerras, acredito que elas mobilizavam (e mobilizam) maior perplexidade por serem parte de um domínio humanitário universal, que deve ser privado de tais violências, seja por estarem mais próximos de uma esfera doméstica das relações sociais, seja por serem supostamente mais frágeis, em contraposição aos homens, seja por remeterem a uma suposta inocência, uma inculpabilidade natural, relacionada a essa “fragilidade”.

Liisa Malkki, por sua vez, em seu estudo sobre refugiados Hutu na Tanzânia, afirma que a recorrência de imagens de mulheres e crianças na guerra, ou como refugiadas, são bastante comuns pois representariam a humanidade mais elementar, “this is not just any woman, she is composed as an almost madonnalike figure” (1995, p. 11). Segundo ela, o refugiado de modo geral, seria igualmente representado desta maneira, como a humanidade mais nua e elementar. O que se fotografa então seria o sofrimento mais universal, mas também, o sofrimento despolitizado e desistoricizado, o sofrimento sem nome – e por isso as fotos de refugiados comendo, descansando, sendo seres humanos simplesmente, massa amorfa sem identidade, necessitada de ajuda.

Emblemáticas de fotos de refugiados deste tipo, são as fotografias de Sebastião Salgado. Talvez quando publicadas pelos jornais, sejam um pouco menos, já que estes tentavam contextualizá-las minimamente, mas em um livro de Salgado, como “Êxodos” (2000), por exemplo, não há nem legenda, nas palavras de Sontag, é “uma multidão de causas e modalidades de infortúnio diversas”, reunidas sob um único título (2003, p. 68). As pessoas do êxodo são, portanto, todas iguais.

As fotografias de guerra ou de infortúnios diversos possuem, portanto, um duplo sentido, por um lado, elas causam perplexidade, comoção, compaixão, por outro lado, elas anestesiavam e, ou paramos de sentir qualquer coisa e nos acostumamos com as imagens terríveis, ou, ao sentirmos qualquer coisa, já cumprimos nossa ação humanitária.

CAPÍTULO 6. Os sérvios na cobertura

Por mais que a imprensa brasileira tenha se assumido neutra durante a cobertura, muito do que foi divulgado por ela (particularmente pelos dois jornais aqui analisados) atribuía, aparentemente, uma culpa maior aos sérvios pelas guerras na ex-Iugoslávia. Acredito, entretanto, que esta parcialidade tenha sido menor do que muitos jornalistas ou analistas da imprensa nos levaram a crer, dentre estes, Kennedy Alencar e Leão Serva, que freqüentemente, em seus livros²²⁵ e coberturas, criticavam essa tendência generalizada das mídias, e José Arbex Jr., que analisou tal postura “maniqueísta” em sua tese de doutorado (2000) e em seu livro “O poder da TV” (1995).

Leão Serva, logo em seu primeiro artigo sobre o conflito na Bósnia, se dispõe a acabar com o “maniqueísmo simplista” que faz dos sérvios os únicos “bandidos” nessa história; para ele, não eram só os sérvios que cometiam atrocidades, em “Agressores e vítimas se confundem na guerra” (11 ago. 1992, p. 2-10*), por exemplo, ele afirma:

O dirigente do partido fascista da Croácia (...) foi morto ontem por croatas da Bósnia, durante um tiroteio numa estrada próxima de Mostar (...).

O novo episódio violento parece confuso para quem nos últimos meses se acostumou a ver os sérvios como agressores sanguinários de frágeis vítimas croatas e muçulmanas. Mas a confusão é uma imagem mais verdadeira da realidade dos Bálcãs do que o maniqueísmo simplista. (...)

“Na Iugoslávia havia seis repúblicas, cinco povos, quatro línguas, três religiões, dois alfabetos e um partido – o comunista”, a frase do professor de história moderna Norman Stone (...) resume a confusão.

Kennedy Alencar, por sua vez, relatando a forma como abordava seus interlocutores na guerra do Kosovo, afirma:

a imprensa estrangeira já era vista como pró-Otan, pró-Estados Unidos, contra os sérvios. Então eu ia falar com o soldado sérvio, eu tomava todo o cuidado, eu deixava claro, “olha, eu não estou aqui só para fazer o lado da Otan, eu quero ouvir o que vocês têm a dizer a respeito, me conta então o que está acontecendo”. Mas isso era de fato, também, uma das preocupações, porque um enviado especial ele tem que buscar ter um olhar brasileiro, diferenciado do material que as agências fazem né, o material das agências é muito pasteurizado, muito informativo, muito factual. Desde o começo, era importante pensar: por que esses sérvios são esses demônios mesmo que a imprensa mundial às vezes pinta? Eles são os maiores culpados pelo que está acontecendo aqui? Eu ainda acho que Milosevic é sim, de longe, o maior culpado individual pelo que aconteceu, mas tem que se fazer uma diferenciação, o que é Milosevic, o governo dele, e o que era o povo sérvio, que é um povo muito legal, enfim, que sofria com ele também, e que sofria as agruras daquela economia que estava caindo aos pedaços (informação verbal)²²⁶.

²²⁵ De Leão Serva, “A batalha de Sarajevo” (1994), e de Kennedy Alencar, “Kosovo: a guerra dos covardes” (1999).

²²⁶ Em entrevista à autora, *op. cit.*.

Por fim, José Arbex Jr., em “O poder da TV” (1995), em capítulo específico sobre a guerra na Bósnia, afirma que os meios de comunicação teriam criado uma fábula política na Bósnia, onde o lado “Mal” foi representado pelos sérvios e que, apenas eles, teriam cometido atrocidades. Para ele, este tipo de abordagem se baseava em dados equivocados, pois todas as partes envolvidas, “sérvios, muçulmanos e croatas”, teriam cometido atrocidades na guerra da Bósnia. A partir de dados não-equivocados, Arbex Jr. desmente então o monopólio sérvio dos campos de detenção na Bósnia, argumentando que muitos dos homens cadavéricos divulgados pela mídia como muçulmanos eram, na realidade, sérvios ou sérvios bósnios. E faz o mesmo em relação aos estupros. Dados da ONU e de outras organizações de defesa dos direitos humanos comprovaram que todas as partes do conflito teriam cometido estupros, e não somente os sérvios. Arbex Jr., por fim, atribui o viés equivocado da cobertura, em parte por um erro de fonte, os jornalistas atentariam muito pouco para fontes de informação como as da ONU e de ONGs humanitárias e, em parte, por eles serem realmente anti-sérvios.

Ele tenta então explicar o porquê deles serem realmente anti-sérvios. Em primeiro lugar, os jornalistas seriam anti-sérvios pois a maioria deles cobria a guerra de Sarajevo, diariamente bombardeada por sérvios. O outro motivo, que ele desenvolve melhor em sua tese de doutorado, está ligado ao fato dos jornalistas realmente não gostarem dos sérvios, por estes serem identificados com o oriente e com a Rússia (pela religião, o cristianismo ortodoxo, e pelo alfabeto cirílico). Não que Arbex Jr. concorde com estas afirmações, ele, sim, aponta tais fatores como determinantes da atitude anti-sérvia dos meios de comunicação ocidentais.

Em “Telejornalismo: mídia e história no contexto da Guerra do Golfo” (2000), sua tese de doutorado em história, Arbex Jr. aprofunda a análise da atitude anti-sérvia das mídias ocidentais (agora pensando nas guerras da Bósnia e do Kosovo) retomando o fato da Sérvia ser “aliada tradicional” da Rússia e esta ser vista, ainda, como “rival” dos Estados Unidos²²⁷ (e por isso, os bombardeios da Otan à Iugoslávia em 1999), neste ponto, ele justifica o “ser anti-sérvio” como um resquício da guerra fria, e conclui: “os sérvios, como

²²⁷ Segundo documento confidencial do Pentágono, de 1992. Cf. ARBEX JR., 2000, p. 88.

nação, reuniram condições culturais (além, é claro, da conveniência geopolítica) mais propícias do que croatas e muçulmanos para ocupar o lugar do Mal” (2000, p. 90).

Fiz este breve percurso pela análise de Arbex Jr. e pelas afirmações de Alencar e Serva, por considerá-las exemplares do tipo de crítica freqüente à cobertura das guerras na ex-Iugoslávia, crítica esta que, ao meu ver, relaciona-se especificamente com a preocupação jornalística em preservar uma certa independência e imparcialidade diante dos fatos²²⁸. E que se distingue, portanto, das críticas à cobertura que elenquei na parte 1 da dissertação, em “A Iugoslávia e a imprensa”, que se aproximariam mais de minha própria análise da cobertura, ao atentarem para o modo como a imprensa classifica o conflito e constrói a alteridade, de modo geral.

Além disso, analisar a cobertura das guerras na ex-Iugoslávia afirmando que os “mocinhos” também são “bandidos”, não torna a análise menos maniqueísta que a cobertura em si, acusada de maniqueísmo. Isto porque continua pautando o conflito a partir de ditames culturais, além de aumentar, ainda mais, a distância entre *nós aqui e todos eles*, que fazem guerras, que cometem atrocidades e que, por isso, se aproximam uns dos outros de modo exemplar: são todos povos do mesmo Balcãs.

Por fim, este tipo de análise também não dá conta do papel político fundamental das elites políticas e militares da Sérvia principalmente, mas também da Croácia e da Eslovênia num primeiro momento, em catalisar o conflito pela via nacionalista.

Porém, para além da culpa ou não dos sérvios pelas guerras, de fato, eles raramente apareceram como “pessoas comuns” na imprensa, o que, sob este aspecto, pode ser visto como uma atitude anti-sérvia da imprensa brasileira. Exceto talvez, na guerra do Kosovo, onde os sérvios apareceram como vítimas dos bombardeios aéreos da Otan ou como jovens revoltados em Belgrado. Antes dos bombardeios, contudo, tal como nas guerras anteriores, os sérvios apareciam geralmente bem armados e fardados.

²²⁸ E não só jornalística, a intervenção da Otan na guerra na Bósnia foi protelada ano após ano, apesar das reivindicações generalizadas da opinião pública mundial para que se fizesse alguma coisa para parar a guerra, pois, para intervir, as organizações internacionais, ou particularmente a ONU, teriam que escolher “o lado mau” do conflito para atacar, o que só o fizeram no final de 1995, após os seqüestros de observadores militares da ONU e o massacre de Srebrenica, seguido por ataques sérvios a todas as zonas de proteção das Nações Unidas.

Tal fato, ao meu ver, quando se deu, se deu por alguns motivos, que variaram, primeiramente, de acordo com a guerra em questão.

A guerra na Eslovênia foi uma guerra basicamente entre a polícia local e o Exército nacional iugoslavo. Não foi vista, portanto, como uma guerra civil ou étnica “entre sérvios e eslovenos”, e teve, de fato, poucas baixas civis, que envolveram poucos (ou nenhum) sérvios, pois, excetuando os soldados, quase não havia sérvios na Eslovênia. Não podemos esquecer, contudo, que foi por “ter população etnicamente homogênea”, como tanto se falou na época, que a guerra foi rápida e que não se falou mais nela durante os próximos conflitos.

Já a guerra na Croácia, pela Krajina e pelas Eslavônias, foi uma guerra bem sangrenta, polarizada entre “sérvios e croatas”, mas que, de 1992 a 1995, se manteve “vencida” pelos sérvios, que “acabaram” com Dubrovnik, “destruíram” Vukovar, e “dominaram” a Krajina e as duas Eslavônias. Suas vítimas, vemos nas fotografias, foram croatas, a maioria.

Em 1995, a Croácia fez grande ofensiva, bem-sucedida, para recuperar os territórios perdidos – com apoio implícito da Otan que então bombardeava áreas estratégicas sérvias na Bósnia-Herzegóvina – os sérvios deixaram então a região, que habitavam “há séculos”. Apesar de serem vistos igualmente como “refugiados”, pouco se falou da “limpeza étnica” perpetrada pelos croatas neste momento.

Na guerra na Bósnia-Herzegóvina, polarizada entre “sérvios, croatas e muçulmanos”, a situação foi semelhante à da Croácia, com o agravante que foram quase quatro anos de guerra e que, como afirmou Arbex Jr. (1995), a maioria dos jornalistas cobriu o conflito de Sarajevo ou (em menor quantidade) dos enclaves muçulmanos protegidos da ONU, ou seja, lugares de população predominantemente muçulmana e constantemente focos de bombardeios ou de franco-atiradores sérvios. Marcelo Spina, sobre essa situação, exemplifica o que estou querendo dizer:

via-se os croatas e os bósnios como simplesmente vítimas dos sérvios, o que eu acho que também não é totalmente assim. (...) Mas o fato é que você vivendo dentro de uma comunidade cercado por uma facção, sofrendo o drama de outra, é muito difícil manter a objetividade. Tentei ao máximo, como jornalista, mostrar a guerra como um todo, e tal, mostrar os dramas, mas eu só pude mostrar os dramas dos bósnios, eu não tinha acesso aos dramas dos sérvios, então claro que acaba até ficando, de certa forma, mesmo que inconscientemente ou involuntariamente, fica tendenciosa a coisa, e é o que você tem que evitar ao máximo. Que nem agora na invasão do Iraque, ninguém podia ouvir, diretamente,

entrevistar o Saddam Hussein, e ninguém pode, consegue entrevistar o Osama Bin Laden para saber porque ele fez isso... Então eles acabam sendo os vilões da história (informação verbal)²²⁹.

Por fim, quem “começou” tudo no Kosovo foram também “os sérvios”. Milosevic primeiramente anulou a autonomia da província e depois iniciou a campanha de “limpeza étnica” ou, do seu ponto de vista, de combate ao terrorismo (perpetrado pelo Exército de Libertação do Kosovo). Mesmo os ataques da Otan à então Iugoslávia (Sérvia e Montenegro) iniciaram-se após os sérvios recusarem-se a acatar os pontos propostos nas negociações de paz em Rambouillet, na França.

Os sérvios voltam então a aparecer no noticiário, embora mais em nome que em imagem – apesar dos erros cotidianos da Otan e dos relatos dramáticos dos jornalistas que descreviam suas vítimas, poucas fotografias mostravam essas vítimas, predominando as fotos de refugiados. Sobre os ataques, apenas cenas panorâmicas de cidades esfumaçadas pelas bombas da Otan ou cenas dos destroços da destruição.

Mais uma vez, acredito que esta ênfase desigual às partes em conflito se deu, em parte, devido ao posicionamento dos jornalistas durante a guerra. No Kosovo, como foi dito, estes não podiam entrar na província, então, parte deles ficou na Sérvia, cobrindo as vítimas dos bombardeios e, em maior quantidade, a revolta da população diante da agressão exterior; e parte deles ficou nos campos de refugiados, cobrindo o drama destes albaneses do Kosovo que foram obrigados a deixar suas casas. Mas, mesmo assim, isso não explica onde estavam as vítimas iugoslavas dos bombardeios. Parece que neste momento caímos naquele ponto que já havíamos chamado a atenção no capítulo um desta dissertação: quando o poderio militar norte-americano entra em ação, os corpos (ou cadáveres, para ser mais precisa) saem de cena, ficam apenas, quando ficam, suas descrições.

Por fim, a saída sérvia do Kosovo se deu mais em termos de êxodo, do que em termos de “violência logo êxodo”, sendo a denominação destes enquanto “refugiados”, pouco unânime. Digo isto não porque ache o termo plenamente adequado, ao contrário, ser refugiado é por si só uma categoria com muitas implicações subjacentes, decorrentes do seu caráter genérico e massificante²³⁰. No entanto, ser refugiado é também ser uma vítima, o que, em relação aos sérvios, pode ter deixado dúvidas.

²²⁹ Em entrevista à autora, realizada no dia 5 de abril de 2004.

²³⁰ Cf. MALKKI, 1995.

Ao final das guerras, outros dados começaram a aparecer. Tais dados não negavam as atrocidades sérvias, mas confirmavam, como vimos, que todas as partes envolvidas no conflito cometeram, igualmente, suas atrocidades.

Feita esta rápida exposição, tentarei localizar agora, em meu material de campo, a ênfase “anti-sérvia” na cobertura do conflito.

A encontramos, primeiramente, em artigos mais factuais, onde, apesar dos personagens serem menos “étnicos”, pois a ênfase maior destes artigos se dá em relação a números, negociações e personalidades da guerra, percebemos que há uma certa recorrência em ter “os sérvios” (ou, nas primeiras guerras, “a Iugoslávia”) como sujeito das sentenças e dos títulos dos artigos, bem mais do que as outras denominações, como croatas, bósnios, muçulmanos, kosovares, ou albaneses (para notar isso basta ver em “Artigos citados” as palavras iniciais de cada um deles, geralmente tais títulos começavam com: “sérvios matam”, “sérvios ocupam”, etc.). Quando, por ocasião dos bombardeios da Otan à Iugoslávia, esta passa a ocupar a posição de “carrasco” da guerra, juntamente com os sérvios, esta posição de sujeito privilegiado das sentenças passa a ser ocupada também por ela.

Em segundo lugar, a encontramos aparentemente nas notícias que enfocavam o “lado mais humano” da guerra, ou seja, o dia-a-dia das pessoas, que sofreram perdas, ou que tiveram as suas vidas ameaçadas pela guerra; notamos que estas são, em sua maioria, não-sérvias.

Por fim, nas fotografias e charges, acredito que esse “maniqueísmo” foi um pouco mais evidente ou explícito. Começo pelas charges²³¹, exemplificando:

²³¹ Para uma análise aprofundada de charges relacionadas à ex-Iugoslávia, antes e durante as guerras, ver Jovanović (2000).



Charge 2 (Folha de S. Paulo, 22 out. 1991, p. 2-2*)

Na charge acima (Charge 2), por ocasião da guerra na Croácia, pós-primeira guerra do Golfo, em 1991, a Croácia pergunta: será que há algum modo de convencer George Bush que Saddam Hussein é sérvio?



Charge 4 (Folha de S. Paulo, 19 jul. 1992, p. 3-2*)

Nesta charge (Charge 4), temos o cessar-fogo sérvio, mais fogo do que "cessar-fogo".

Em várias das charges percebemos ainda que o soldado com cara “de mau” é sempre um sérvio, geralmente grande e feio, identificado muitas vezes pela estrela vermelha da Iugoslávia comunista em seu quepe militar.

Por outro lado, muitas das charges apontavam para outros aspectos do conflito, sendo mais críticas em relação à postura do “ocidente” ante o conflito do que em relação aos sérvios, particularmente.

Vemos, por exemplo, na charge “Banquete macabro” (Charge 7), que tanto a Sérvia como a Croácia são responsáveis pela divisão da Bósnia. Nesta, especificamente, Sérvia e Croácia repartem a Bósnia (tal como fariam com um prato de comida a ser devorado) no “Restaurante da Nova Ordem Mundial”, onde o garçom vira o rosto, fingindo que não vê o que está acontecendo. Na explicação do jornal, o garçom representaria “o mundo” desta nova ordem:



Charge 7 (Folha de S. Paulo, 16 dez. 1992. p. 2-9*)

Deste modo, existe, não somente neste momento, mas ao longo dos conflitos, além da divisão da responsabilidade pela guerra entre os países da ex-Iugoslávia, a separação desta e dos Balcãs, como um todo, do resto do mundo; assim, de acordo com as charges, enquanto os primeiros “pegam fogo”, o mundo discute e não faz nada:



Charge 10 (Folha de S. Paulo, 20 fev. 1994. p. 3-1*)

Os carrascos, nesta charge (Charge 10), são mais uma vez os sérvios (veja a estrela no quepe), e Boris Yeltsin, seu advogado. A ONU e a Otan, por sua vez, “intervêm” no conflito: “Vocês poderiam fazer isso um pouco mais longe?”.



Charge 6 (Folha de S. Paulo, 2 set. 1992. p. 2-10*)

E nesta charge (Charge 6), enquanto os Balcãs são destruídos, a Europa intacta manda chamar os americanos para saber o que eles pretendem fazer a respeito.



Charge 13 (Folha de S. Paulo, 30 jul. 1995. p. 1-24*)

Por fim, esta charge (Charge 13) ironiza a criação de uma nova língua pelos organismos internacionais, onde as zonas de segurança pegam fogo, pessoas são massacradas e a força de reação rápida não parece tão rápida assim.

Já na guerra do Kosovo, a Otan é o tempo todo ridicularizada. Se nas guerras da Bósnia e da Croácia, a ONU era ridicularizada por não fazer nada, na guerra do Kosovo, a Otan o é por não fazer direito. Neste momento, os sérvios não aparecem mais como o lado “mau”, e sim, Milosevic que, devido aos ataques, é transformado em herói nacional²³².

²³² Para outras charges do ano de 1999 – e dos anos anteriores – ver cd-rom, arquivo Charges.pdf.



Charge 20 (*Folha de S. Paulo*, 20 abr. 1999, p. 1-11*)

Mais uma vez, no entanto, uma imagem se mantém:



Charge 22 (*Veja*, 21 abr. 1999, p. 35*)

Paralelamente, em relação às fotografias, como já afirmei no capítulo dois, as que aqui chegavam provinham, em sua grande maioria, das agências de notícias France Presse, Associated Press e Reuters (ou Reuter). Comparando tais fotografias, pude constatar que, realmente, não havia entre elas diferenças significativas de ênfase, em relação aos sérvios, nas primeiras guerras (Eslovênia, Croácia e Bósnia-Herzegovina), e em relação aos sérvios e à Otan, na última (Kosovo), as três agências tiravam fotos dos mesmos temas, independentemente das “simpatias” nacionais a elas comumente atribuídas (a da França

pelos sérvios, a da Inglaterra e dos Estados Unidos pelos não-sérvios)²³³ ou, pelo menos as que aqui chegavam, nos faziam concluir isso. O mesmo vale para os jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo* em relação às fotografias que publicavam. Sendo assim, é possível tratá-las como um conjunto de fotografias de guerra, sem ter que atentar para quem as tirou ou para quem as publicou.

Posto isso, em relação à temática anti-sérvia que, por ventura, tal como vimos nas charges, pode ter ou não predominado nas fotografias, notamos primeiramente que os sérvios pouco apareciam nas fotografias. Já os supostos não-sérvios, que deveriam predominar, apareciam geralmente sob a rubrica genérica de “habitantes de Sarajevo”, por exemplo, deste modo, não sabemos se estes eram muçulmanos, apenas o supomos. Quando não eram “habitantes de Sarajevo”, geralmente eram “refugiados” de alguma “etnia” mais precisa, como albaneses do Kosovo ou muçulmanos da Bósnia. Veja as fotos 121 (onde, “mulher chora...”) e 136 (onde, “refugiados muçulmanos”...), dentre outras:



Foto 121 (*Folha de S. Paulo*, 28 nov. 1994, p. 2-8*)



Foto 136 (*O Estado de S. Paulo*, 14 jul. 1995, p. A8*)

²³³ A simpatia da França e da Rússia pela Sérvia remete aos alinhamentos destes países na Primeira Guerra Mundial, e a da Rússia, particularmente, a um suposto filo-eslavismo. Muito citada também, na imprensa estrangeira, foi a simpatia da Alemanha em relação à Croácia e à Eslovênia, explicada em termos históricos, pois relacionada à Áustria-Hungria. Podemos pensar também essa simpatia em termos um pouco menos nostálgicos. Se pensarmos no início do conflito, quando os países identificavam-no à luta da democracia contra o comunismo sérvio, muitas das simpatias, neste momento, foram norteadas por este viés ideológico, político. Outra simpatia, baseada no apoio ou não à divisão do Estado iugoslavo, pesava no sentido de não abrir precedentes em outros países onde a questão secessionista poderia ser igualmente colocada. Com isso, explicamos as simpatias do início do conflito; início este concomitante ao momento de consolidação da Comunidade Européia, fato que acabou sobrepujando outras possíveis posições da Europa, em nome desta nova união – importava o consenso europeu e, por isso, tiveram que acatar a posição inflexível da Alemanha, anticomunista e interessada em ampliar sua esfera de influência econômica e diplomática na Europa, e daí o interesse nestes dois novos e “simpáticos” países. Enfim, não encontrei nenhuma explicação inequívoca para tais simpatias, que podem ser boatos,

Podemos constatar, ainda, uma mudança do tipo de fotografias do início das guerras na Croácia e Eslovênia, para “logo depois” deste início. No início da guerra na Croácia, por exemplo, apareciam muitos soldados croatas, que confirmavam um momento em que a Croácia era vista ainda como república separatista, mas, paulatinamente, mais e mais fotografias de mortos croatas e destruição na Croácia foram aparecendo; em contrapartida, tanques e soldados iugoslavos (JNA), já identificados como sérvios, passam a predominar, mostrando a sua força bélica e os seus soldados, “fazendo cara feia”, lendo ou fumando um cigarro, enquanto pessoas morriam. Compare algumas fotos: logo no início da guerra, o soldado croata (foto 1) e o soldado esloveno (foto 8), logo a seguir, a força agressora sérvia ou iugoslava (fotos 23, 49, 71 e 105) e os destroços na Croácia (foto 24).



Foto 1 (*Folha de S. Paulo*, 5 maio 1991, p. 2-1*)



Foto 8 (*O Estado de S. Paulo*, 2 jul. 1991, p. 8*)

nostalgias, chavões, ou “coisa do momento”. O que importa é que não chegaram nos jornais brasileiros e, se chegaram, não foi de modo evidente ou significativo.



Foto 23 (*O Estado de S. Paulo*, 20 set. 1991, p. 7*)



Foto 49 (*O Estado de S. Paulo*, 6 jul. 1992, p. 10*)



Foto 24 (*O Estado de S. Paulo*, 27 set. 1991, p. 9*)



Olhos em ação
Miliciano sérvio na Bósnia: ONU não tem como controlar todas as armas pesadas

Foto 71 (*O Estado de S. Paulo*, 14 set. 1992, p. 9*)



Soldado sérvio com um javali, símbolo do Exército bósnio, fuma num tanque em Lukavica

Foto 105 (*Folha de S. Paulo*, 19 fev. 1994, p. 2-10*)

Com o início da guerra na Bósnia, os soldados vão saindo de cena, dando lugar a mortes, cemitérios e destruição. Porém, quase não há vítimas sérvias nas fotografias. Estas aparecem somente no final das guerras quando viram “refugiadas”, por culpa de seus próprios líderes e de sua própria guerra.



Caravana de refugiados rumo à Sérvia congestionava estrada perto de Banja Luka, Bósnia

Foto 144 (*Folha de S. Paulo*, 9 ago. 1995, p. 2-12*)



Foto 294 (Folha de S. Paulo, 19 jun. 1999, p. 1-10*)

Aliás, como já afirmei, fala-se muito do êxodo sérvio, mas a sua identificação e contextualização como refugiados era menos imediata que a dos muçulmanos da Bósnia ou a dos albaneses do Kosovo, apesar de nas fotografias, ambos aparecerem igualmente. Vemos isso em relato de Kennedy Alencar sobre a saída dos sérvios do Kosovo após o “acordo de paz”: “Eu acompanhei a saída dos sérvios e me pareceu muito como a saída dos refugiados, você vê os caras, com filhos pequenos, casais de idosos” (informação verbal)²³⁴. Notamos que eles não recebem imediatamente a identidade de refugiado, eles mais se *parecem* com refugiados, mas será que são?

Levando em conta estes dados elencados acima, fica difícil discordar das análises que criticavam a cobertura pelo fato desta ter sido maniqueísta simplesmente, mas espero ter ficado claro, ao longo dos capítulos anteriores, que este não é o tipo de análise que soluciona o problema teórico aqui colocado, pois tal análise é ela própria nosso objeto de análise, é ela própria parte do universo de questões que nortearam a construção de um discurso hegemônico sobre as guerras na ex-Iugoslávia.

E, para além da culpabilidade ou não dos povos envolvidos, grande parte do que foi dito durante essas guerras resvalava para uma moral universalista, que tem nos Direitos Humanos a sua norma, e na proteção aos civis, quaisquer que sejam eles, o seu objetivo. Neste sentido, se houve um culpado, houve também, muitos inocentes.

²³⁴ Em entrevista à autora, *op. cit.*.

Assim, analisar o papel dos sérvios nos conflitos na ex-Iugoslávia é, antes de tudo, analisar o papel das populações e lideranças sérvias em conflitos motivados, em grande medida, por uma questão nacional sérvia não resolvida politicamente. Categorizá-los como o lado mau da história, nada mais é que reificar o seu papel político, essencializando-o culturalmente. No entanto, as críticas que apontam essa característica da cobertura não superam este equívoco fundamental, muito menos, se afirmam superá-lo através da generalização da culpa e da universalização do “mal”.

CAPÍTULO 7. Enviado especial à...: o jornalista como autor



Foto 285 (*O Estado de S. Paulo*, 6 jun. 1999, p. A20*)

Como vimos ao longo da dissertação, grande parte do noticiário internacional caracteriza-se pelo anonimato. Em primeiro lugar, se tratando de artigos não assinados, as agências internacionais enviam notícias e desde então, desconhecemos seus jornalistas. A partir destes despachos e dos despachos dos jornais internacionais, a matéria é em seguida escrita aqui, por um outro jornalista. Assim, quando lemos a matéria no jornal, a única informação que temos a respeito de sua autoria é a citação de meia dúzia de agências, ou simplesmente, “das agências internacionais”. O que temos neste momento é, portanto, uma múltipla autoria e um distanciamento maior do contexto de elaboração do artigo.

Paralelamente, se tratando de artigos assinados, sobre a ex-Iugoslávia especificamente, estes não diferiam muito uns dos outros em termos de tipo de cobertura, fossem feitos por correspondentes brasileiros ou enviados especiais, fossem feitos por outros correspondentes de diversos jornais e agências estrangeiros. Ambos cobriam mais ou menos os mesmos assuntos, alguns temas eram recorrentes e a forma de narrá-los muito parecida, com descrição minuciosa, depoimentos diversos, dramaticidade, uso de figuras de linguagem, etc.. Além disso, dificilmente poderíamos acompanhar, dia-a-dia, a cobertura de algum correspondente estrangeiro pelos nossos jornais, que publicavam um material variado, de diversos autores, e descontínuo neste sentido.

Concluimos então que muito da maneira como funciona a imprensa concorre para a anulação desse sujeito. Já chamei a atenção, no capítulo dois, para as paisagens onde se

produzem e se procuram as notícias internacionais e para o modo como é elaborado o noticiário internacional da *Folha* e do *Estadão*. Bourdieu, por sua vez, analisando o campo jornalístico e as concorrências dentro do campo, também chamou a atenção para o tipo de concorrência perversa entre os jornalistas que, ao invés de diferenciá-los uns dos outros, os aproximam centrifugamente, em suas palavras:

o fato de os jornalistas, que, de resto, têm muitas propriedades comuns, de condição, mas também de origem e de formação, lerem-se uns aos outros, verem-se uns aos outros, encontrarem-se constantemente uns com os outros nos debates em que se revêem sempre os mesmos, tem efeitos de fechamento e, não se deve hesitar em dizê-lo, de censura tão eficazes – mais eficazes mesmo, porque seu princípio é mais invisível – quanto os de uma burocracia central, de uma intervenção política expressa (1997, p. 34-35).

Por fim, acredito que todos estes elementos talvez sejam, de certo modo, “bem vindos” para o jornal, na medida em que este, no Brasil pelo menos, prega como valor a neutralidade e a objetividade (em contraposição à subjetividade) diante dos fatos. Por mais que todos saibamos (inclusive os jornalistas) que a objetividade seja impossível de ser atingida, tais elementos fazem, ao menos, com que ela apareça como possível.

Frente a tudo isso, pergunto, qual é então o sentido de refletirmos sobre os enviados especiais brasileiros?

Para responder a esta pergunta temos que, primeiramente, relativizarmos o que citei acima e analisarmos a ambigüidade da autoria no noticiário internacional brasileiro, ao invés de sua anulação, simplesmente.

Existe sim, uma proximidade em termos de conteúdo e em termos escrita entre os jornalistas, existe também uma dependência, não só dos jornais brasileiros, como dos jornais do mundo todo, das agências de notícias internacionais, européias e norte-americanas principalmente, que, como já afirmei, tentam produzir a notícia da forma menos comprometida possível, para servir igualmente a diversos países (mas nem por isso deixam de ser europeus e norte-americanos, muitos de seus jornalistas²³⁵); ou seja, existem tendências de “fechamento”, como chama Bourdieu, no jornalismo e no que é publicado.

Mas dentro deste contexto, pensando os jornais brasileiros, existe também uma certa tensão, ou ambigüidade, entre a mera importação da notícia e a tentativa de produção do próprio noticiário, e existem instâncias de consagração e prestígio dentro do campo

jornalístico que valorizam a cobertura internacional própria e o seu jornalista. Tendo isto em vista, a figura do jornalista e do correspondente internacional, enquanto indivíduo, dono de uma escrita e de uma experiência de vida, convertido em testemunha de um acontecimento histórico, vai constituir o diferencial do jornal e, aparentemente, da cobertura.

Para tanto, este jornalista deve ser, entre outras coisas, o cronista da guerra, seu narrador, e possuir assim a habilidade, como sujeito locutor da história, de convencer o leitor através de sua escrita que, por ter *estado lá*, o seu relato é o mais verdadeiro, pois o mais próximo de *nós aqui* e dos *outros lá* ao mesmo tempo, é ele quem faz esta conexão. Neste capítulo, tratarei um pouco desta conexão, tendo em vista o prestígio do correspondente e a produção do próprio noticiário.

Antes, contudo, não podemos esquecer que o enviado especial, diferentemente dos correspondentes estrangeiros, escreve para um público determinado, que somos nós, leitores de jornais brasileiros, e por isso são freqüentes as matérias destes jornalistas sobre, por exemplo, música e futebol brasileiros na Iugoslávia. Tais tipos de matéria supostamente interessariam a nós, pois aproximariam o *lá* com o *cá*, criando identificação. Entretanto, este é o argumento dos correspondentes, que seria o argumento mais ingênuo em relação a tal fato. Podemos pensar também, como hipótese, que tais ênfases ao Brasil no exterior ajudam o jornal, particularmente a seção de internacional, a atrair mais leitores. Ou podemos nos perguntar, ainda como hipótese, até que ponto o fato de não sermos tão diferentes em alguns aspectos, não tem o efeito contrário, de mostrar como somos diferentes em todos os demais aspectos e, deste modo, ao invés de criarmos uma identificação, estaríamos criando uma desidentificação. Um exemplo recente deste mecanismo ambíguo, embora, ao meu ver, não intencional, pôde ser observado na cobertura do tsunami que atingiu a Ásia em dezembro de 2004; por maior que tenha sido a cobertura, a comoção mundial e a ajuda humanitária, o espaço ocupado na imprensa brasileira pelos “turistas ocidentais”, ou pelos dois brasileiros mortos na catástrofe, ultrapassou enormemente o lugar nela ocupado pelos “nativos”²³⁶; desta maneira, ao falarmos de nós mesmos, nós deixamos de falar dos outros o tanto quanto deveríamos ou de assuntos mais

²³⁵ Mesmo que existam repórteres ou *stringers* locais que trabalhem nestes escritórios, geralmente, quem os coordena é um europeu ou norte-americano. Cf. HANNERZ, 2004, p. 42.

²³⁶ Sobre a diferença entre “brancos” e “nativos” no tsunami, ver: MAGNOLI, 9 jan. 2005, p. Especial 3.

pertinentes à situação, e assim, por um simples ato de vaidade identitária, que pretende a aproximação, cria-se o distanciamento, e a cobertura torna-se, por fim, parcial e desidentificadora. Seria, portanto, pior enviar correspondentes do que deixar de enviá-los? Não acredito. Pois, além deles não fazerem apenas este tipo de matéria, não são eles responsáveis diretos pelo modo como se faz jornalismo; eles fazem parte deste meio, e, como tal, devem fazer seu trabalho, que é aproximar o *lá* com o *cá*, por meio de seus relatos.

Trato neste capítulo, fundamentalmente, dos jornalistas com os quais conversei durante a pesquisa e que estiveram na ex-Iugoslávia na década de 90. Não trato portanto, nem de Fernando Gabeira, que não consegui entrevistar, nem de Lúcia Martins, que cobriu as eleições sérvias de final de 1996, nem de Celso Fioravante, que cobriu a situação das artes em Sarajevo, em 1998, nem de Ricardo Setyon, que fez uma reportagem sobre o futebol durante a guerra e os jovens que nela lutavam, em 1995, e que, certamente, deve ter coberto para outros jornais ou outros meios de comunicação²³⁷. E nem de algum outro jornalista que tenha ido para lá e eu, por quaisquer motivos, não tomei conhecimento.

Atentei, basicamente, para os jornalistas que foram cobrir as guerras para os dois jornais que me interessavam, ou seja, para a *Folha* e para o *Estadão* (exceto Fernando Costa Netto). Sendo assim, os enviados especiais que eu tive a oportunidade de conversar foram (em ordem cronológica de cobertura): William Waack, que cobriu as guerras na Eslovênia e na Croácia pelo *Estadão*, e a guerra do Kosovo, para a revista *Época* e para o canal *GloboNews* de televisão a cabo; Leão Serva, André Fontenelle e Rogério Simões, que cobriram a guerra na Bósnia para a *Folha*; Fernando Costa Netto, que cobriu a guerra na Bósnia para as revistas *Trip* e *Boom*; Marcelo Spina, que cobriu a guerra na Bósnia para o *Estadão*; Rebeca Kritsch, que cobriu as eleições pós-guerra na Bósnia para o *Estadão*; e Kennedy Alencar e Sylvia Colombo, que cobriram a guerra do Kosovo para a *Folha*.

Meu objetivo era pensar o lugar desses enviados especiais no noticiário internacional e os contextos de produção do noticiário por eles realizado, sendo assim, minhas entrevistas versaram sobre as mesmas questões: formação, trajetória profissional, o

²³⁷ Todos estes jornalistas tiveram artigos publicados pela *Folha*.

porquê foi escolhido para a cobertura, como foi a cobertura (onde ficou hospedado, que língua falou, se trabalhou com tradutores, as dificuldades que tiveram), impressões gerais sobre a cidade em que ficou e sobre as pessoas com as quais conversou, preparo para a cobertura, relação com outros jornalistas, sobre o que considera uma boa cobertura, e outros assuntos que foram surgindo no decorrer da conversa. Quanto à língua utilizada, adianto que todos eles falavam inglês com seus interlocutores, fossem eles intérpretes contratados ou não, exceto William Waack, que na Eslovênia falava alemão, principalmente.

Confesso que eles me surpreenderam. Se por um lado, eu costumava questionar como os jornalistas conseguiam cobrir tantos assuntos diferentes – Sylvia Colombo, por exemplo, escreveu um dia sobre Augusto Pinochet (27 mar. 1999, p. 1-11), poucos dias depois sobre a guerra no Kosovo (no dia 9 de abril, quando ela já estava na Macedônia) e daí a um mês já era editora do caderno de cultura da *Folha*, a Ilustrada – para eles, tal “dinamismo” é parte do trabalho. Neste sentido, todos eles reclamaram da falta de uma maior especialização dos jornalistas no Brasil, mas sublinharam que o jornalista, independente disso, deve ser culto, curioso, interessado. E, de fato, todos os jornalistas com os quais conversei, apesar de não possuírem nenhuma especialização temática, são muito bem informados, tratavam com naturalidade e autoconfiança a questão das guerras e da cobertura, além de possuírem, ao meu ver, a versatilidade de um antropólogo em campo, com os “benefícios” de não precisarem pensar duas vezes na hora de escrever um artigo (pois devem respeitar o *deadline* de algumas horas para enviar a notícia), de não precisarem pedir autorizações para tirar fotos, de não precisarem se auto-policiar em relação a suas inferências interpretativas e nem poupar metáforas, metonímias, advérbios e adjetivos nas descrições que costumam fazer.

Antes de abordar cada um de nossos enviados especiais, cabe sublinhar primeiramente o que ambos os jornais, *Folha* e *Estadão*, esperavam deles.

É possível notar, pelo menos durante as guerras na ex-Iugoslávia, que a *Folha* e o *Estadão* tinham expectativas distintas em relação às matérias de seus correspondentes – no que tange os tipos de notícia por eles escrita e a sua hierarquização no noticiário²³⁸.

²³⁸ Hoje acredito que ambos os jornais se aproximam mais um do outro, neste sentido.

O enviado especial, de modo geral, buscava em sua cobertura testemunhar ele próprio o conflito, indo para frentes de combate, entrevistando senhores ou soldados da guerra, entrando em contato com as pessoas que vivenciavam o conflito e retratando seus cotidianos. Mas, para além deste enfoque menos factual da cobertura, muitas vezes ele tinha que escrever sobre todo o contexto à sua volta, cobrindo negociações diplomáticas e eventos que aconteciam longe de onde ele estava, tendo que dar as notícias quentes do dia e, ainda, explicar o conflito. E é neste aspecto que as coberturas para a *Folha de S. Paulo* foram diferentes das feitas para *O Estado de S. Paulo* durante as guerras na ex-Iugoslávia, o jornalista da *Folha*, ao meu ver, tinha um compromisso maior com a “grande cobertura”, a factual e a não-factual. E não somente *ao meu ver*, nas palavras de Leão Serva, correspondente da *Folha* na guerra na Bósnia, “eu, como correspondente, eu era uma espécie de editor do material composto pelas agências” que o jornal enviava, deste modo, “Normalmente ia para a primeira página um texto assinado meu, na verdade, uma espécie de um resumo dos fatos mais importantes descritos pelas agências noticiosas e aí, embaixo, um texto mais pessoal” (informação verbal)²³⁹. Ou, nas palavras de Rebeca Kritsch, correspondente do *Estadão* para a cobertura da primeira eleição pós-guerra na Bósnia:

o enviado especial da Folha tem que dar manchete, então ele tem que pegar a notícia principal do dia e ele tem que assinar, ainda que ele use, na hora da edição no Brasil, “entre agências internacionais” (...). Vamos supor que a notícia principal daquele dia era “o general tal decidiu tal coisa ali numa frente”. Eu ia na coletiva principal, mas eu não tinha obrigação de dar... de escrever, ao contrário, a idéia do Estadão, quando ele manda, é você dar o *feeling* sobre, pelo olhar brasileiro, costurando pelo olhar brasileiro (...). Esse é o raciocínio do Estadão, as agências estão cobrindo muito melhor, muito melhor, porque tem duas, três pessoas lá, cobrindo tudo. O enviado especial, é mais interessante que ele dê o colorido da cobertura (...) (informação verbal)²⁴⁰.

Deste modo, o enviado especial da *Folha* dava também o factual, o que, para muitos jornalistas que eu conversei (exceto Leão Serva, que abordou essa questão com extrema naturalidade), não era tão necessário, já que as agências faziam bem este tipo de cobertura. Cito abaixo um exemplo concreto.

Analisando as matérias de Fernando Gabeira, enviado especial da *Folha* a Liubliana, sobre a guerra na Eslovênia, do dia 5 de julho de 1991, na primeira página do

²³⁹ Em entrevista à autora, realizada nos dias 5 e 11 de novembro de 2003.

²⁴⁰ Em entrevista à autora, *op. cit.*.

caderno Mundo, temos, “Eslovênia rejeita ultimato; Ocidente teme nova escalada militar” (5 jul. 1991, p. 2-1*). No artigo, Gabeira discorre sobre o desenrolar do conflito:

Os movimentos militares do Exército iugoslavo, até onde foram inteligíveis, visavam basicamente o controle das fronteiras após a declaração de independência da Eslovênia.

Isto não foi possível porque os tanques ficaram presos no caminho, cercados por barricadas e fustigados pelo fogo das forças eslovenas. Para realizar este objetivo estratégico a Iugoslávia teria de mobilizar maciçamente seu Exército. As divergências internas, uma força composta por sete povos diferentes e os choques no interior do próprio comando não permitiram que o movimento fosse concluído com êxito.

Um porta-voz do Ministério da Defesa, coronel Milan Gvero, acusou a Eslovênia de violar ontem o cessar-fogo (...).

Neste mesmo dia, mas na terceira página do caderno, Gabeira escreve a matéria “Mães e pais viajam para ver filhos soldados e tentar levá-los para casa” (5 jul. 1991, p. 2-3*). Neste artigo, em um relato emocionado do que foi um evento de imprensa (com vários fotógrafos, jornalistas e cinegrafistas e o próprio William Waack²⁴¹, observando o encontro), Gabeira enfatiza a possibilidade da paz:

“Meu problema é igual ao delas”, dizia Dragoga com lágrima nos olhos. “Meu único problema é ver meu filho que está na Sérvia. O delas é ver seus filhos que servem aqui na Eslovênia.”

Quando os ônibus chegaram, acompanhei Dragoga até a porta de um deles. No momento em que uma das mães sérvias desceu e uma intérprete explicou a ela do que se tratava, as duas – a eslovena e a sérvia – se abraçaram chorando, sem dizer nada.

O choro foi uma mensagem de paz que a maioria das pessoas que se concentravam na praça queria transmitir (...).

Nestes dois trechos citados podemos perceber dois estilos diferentes de narrativa, o primeiro é o que eu chamo de mais factual, e o segundo, apesar de ter sido um “evento de imprensa”, relaciona-se mais com o “lado humano” e dramático da cobertura, do cotidiano das pessoas, dos medos, das emoções.

Além disso, podemos perceber também dois modos bem frequentes de abordar o conflito. No primeiro, um diálogo entre “sete povos diferentes” impossibilitaria qualquer acordo entre as partes, no segundo, dois destes povos se abraçam chorando e, segundo Gabeira, se depender destas lágrimas a Iugoslávia “acorda desse pesadelo que começou na manhã do dia 27, depois de proclamadas as independências da Eslovênia e da Croácia”. Ou seja, como vimos ao longo da dissertação e vemos novamente agora, a diferença entre os

²⁴¹ Cf. WAACK, 5 jul. 1991, p. 6. Artigo citado anteriormente na página 95 desta dissertação.

povos da ex-Iugoslávia é mobilizada seja para apontar para a possibilidade de paz, seja para fazer a guerra, sem que isso seja contraditório, já que, além das diferenças explicarem a guerra e apontarem para a paz, as vítimas da guerra se igualam no sofrimento – o jornalista não está mais escrevendo só sobre conflito, mas sobre o drama destas pessoas, inocentes, e aí a dramaticidade do artigo e o seu apelo para com o público leitor.

Paralelamente, podemos reparar, nesta mesma época, que apesar de algumas vezes os artigos de William Waack, como enviado especial, serem também factuais, o *Estadão* preferia dar esta parte do noticiário usando o material das agências, inclusive, destinando a ele um lugar de maior destaque na página do que à matéria de seu correspondente.

Tal atitude não é um menosprezo ao correspondente, lendo jornais percebemos rapidamente que o lugar principal da página é para a matéria principal, que geralmente é a notícia quente do dia, que é factual (seja ela assinada ou não), abaixo ou ao lado desta é que vêm seus desdobramentos, o lado mais humano da cobertura, e mesmo, a análise. Tal tipo de organização é o que chamei de hierarquização por tipo de artigo, e neste ponto, tanto a *Folha* como o *Estadão*, os hierarquizam da mesma forma. Observando os artigos do dia 3 de julho de 1991 do *Estadão*, por exemplo, percebemos claramente isso. A página 6 possui duas grandes matérias, uma no alto da página e outra, abaixo desta primeira, que engloba uma de menor destaque, e mais duas matérias pequenas, de uma coluna cada, uma sobre a outra à direita²⁴². A primeira matéria, do alto da página, “Exército rejeita trégua na Eslovênia”, é uma matéria factual, feita pela redação do *Estadão* em São Paulo, a partir do material das agências e jornais internacionais (não sabemos quais, o artigo cita apenas a Reuter), ela trata dos combates na Eslovênia, das discussões entre militares e representantes do governo iugoslavo e um parágrafo sobre um protesto em Belgrado contra o envio de soldados para a guerra na Eslovênia. Já o artigo abaixo, “A fumaça era o melhor aviso da batalha”, de William Waack, é bem diferente do anterior, e começa assim:

Havia elegância na maneira como o Mig 21 sobrevoou a baixa altitude a estradinha ao final do lugarejo esloveno de Dvorce, ontem cedo. O piloto do aparelho pintado de prateado, um antigo jato de combate soviético, quase colocava o dorso para ver o que acontecia a menos de 100 metros lá embaixo. Como que para se convencer, ele fez uma segunda passagem, rugindo a enorme velocidade, o avião acompanhando graciosamente o relevo do terreno (...) (3 jul. 1991a, p. 6*).

²⁴² A página está anexa em cd-rom.

Vemos, portanto, a característica marcadamente descritiva de seu relato: o jornalista nos possibilita testemunhar, junto a ele, o vôo deste avião.

Já o terceiro artigo da página, também de William Waack (3 jul. 1991b, p. 6*), fala sobre os combates do dia, é menos testemunhal que o anterior e descreve o cotidiano da guerra, o que aconteceu e quais combates ocorreram.

Quanto às duas colunas à direita, a primeira é sobre a posição dos Estados Unidos em relação à guerra (EUA..., 3 jul. 1991, p.6*) e a segunda, de Reali Júnior, correspondente do *Estadão* em Paris, é sobre a reação na Comunidade Européia face à “crise iugoslava”. (Obviamente, o artigo sobre a potência norte-americana não poderia vir embaixo do artigo sobre a Europa, mesmo este segundo, sendo assinado).

É interessante notar que até quando os campos de detenção (supostamente) sérvios na Bósnia são descobertos e viram notícia de horror no mundo todo, como vimos anteriormente em tópico específico, as notícias de principal destaque no jornal continuavam sendo as referentes às reações da ONU, dos Estados Unidos, da Comunidade Européia, ou seja, dos considerados atores políticos em questão²⁴³.

Tendo em vista o que já foi dito aqui sobre o fazer jornalístico de modo geral, trato agora, especificamente, cada um de nossos enviados especiais, daquilo que os singulariza e a suas coberturas. Começo por William Waack (conforme a ordem cronológica de coberturas).

William Waack era correspondente do *Estadão* em Berlim quando foi chamado para cobrir a guerra na Eslovênia. Na Eslovênia, cobriu a capital e arredores, passando ao todo uns dez dias lá, ou seja, quase toda a guerra. Seus artigos relatavam combates e situações que havia testemunhado e as discussões políticas.

Após esta guerra, Waack retorna a Berlim, onde fica até o fim da moratória de três meses das independências da Croácia e da Eslovênia, em outubro de 1991, quando a guerra recomeça, oficialmente, na Croácia. Waack é então enviado para lá novamente, onde faz a sua cobertura a partir de Zagreb, ficando uma semana na região. Cobre os acordos políticos,

²⁴³ Veja como exemplo os artigos dos dias 7 e 8 de agosto de 1992 do *Estadão* anexos em cd-rom (OTAN..., ROWE, 7 ago. 1992, p. 11; FRANÇA..., VULLIAMY, 8 ago. 1992, p. 10), e os da *Folha* do dia 11 de agosto (ACERTADA..., EX-PRESOS..., 11 ago. 1992, p. 2-10).

o rompimento oficial da Croácia com Belgrado e o “lado humano” da guerra, como a fuga de Tina Perenkovic de Sisak (também na Croácia), que teve a sua casa queimada e o seu marido morto por uma granada (5 out. 1991, p. 8*)²⁴⁴.

Apesar de cobrir o lado factual do conflito, percebemos que ele *esteve lá* pela forma como ele escreve e descreve as situações, articulando as últimas decisões do parlamento croata com a refinaria de petróleo que visitara na véspera (WAACK, 9 out. 1991, p. 8*), por exemplo, ou em tiradas irônicas, como quando ele fala da entrevista coletiva à imprensa solicitada por Milan Kucan, presidente da Eslovênia, na qual Kucan, apesar de ter solicitado a coletiva, “tentou não responder concretamente a qualquer pergunta” (30 jun. 1991, p. 16*).

William Waack, pessoalmente, considera-se um grande interessado em assuntos internacionais e buscou, muitas vezes, durante a sua cobertura, contextualizar o conflito e levar o leitor a compreendê-lo minimamente, o que poucos enviados especiais ousaram fazer. Em “Velho ódio governa os iugoslavos” (6 out. 1991, p. 10*), Waack mostra seus dotes analíticos; neste artigo, ele aborda os ressentimentos mútuos entre sérvios e croatas desde a Segunda Guerra Mundial, quando fascistas croatas massacraram sérvios e depois foram massacrados²⁴⁵, ele afirma ainda que as rixas étnicas e religiosas se encontram principalmente em áreas rurais, onde “velhas tradições e a força de religiões continuam vivas”²⁴⁶, e conclui:

Somadas ao ódio de várias gerações, as mortes (cerca de mil, desde junho) ocorridas na Iugoslávia durante a guerra civil praticamente fecharam o caminho para uma futura convivência de sérvios e croatas.

É um intrincado complexo de fatores políticos, religiosos e culturais que faz evidentemente lembrar o emaranhado do Líbano (...).

Dois mundos ou não, dois sistemas antagônicos ou não, dois princípios étnicos ou não, Sérvia e Croácia estão entregues, aparentemente sem controle, a seu velho ódio (...).

²⁴⁴ *Op. cit.*, página 50 da dissertação.

²⁴⁵ Quando acabou a Segunda Guerra Mundial, o governo comunista recém-instaurado perseguiu e matou supostos colaboracionistas dos fascistas (os ustashas) e dos chetniks, matando, portanto, muitos croatas dentre estes.

²⁴⁶ Misha Glenny (1996), jornalista da BBC (*British Broadcasting Corporation*), que escreveu alguns livros sobre a ex-Iugoslávia e a guerra, afirma que a maioria dos sérvios da Croácia vivia nas cidades e era bem integrada à população croata. Os que habitavam a região de Knin, na Krajina, faziam parte da população rural sérvia e eram desconhecidos, pobres e primitivos, e foram os que começaram a controlar a Krajina no início da guerra, em 1991. Entretanto, acredito que para confirmar a ruralidade ou não daqueles que começaram a guerra em 1991, uma pesquisa aprofundada neste sentido teria que ser realizada, não tenho condições de esclarecer o leitor sobre este ponto.

Em vários momentos de seu relato pessoal²⁴⁷, Waack se auto-distinguiu dos demais jornalistas, enfatizando se não a sua formação oficial, a sua formação de vida e a sua experiência como jornalista. Em suas próprias palavras:

São quase 34 anos de carreira e eu cobri alguns dos principais acontecimentos internacionais das últimas três décadas, com destaque para as questões religiosas envolvendo o Papa e a queda do comunismo na Europa Oriental; surgimento e articulação das sociedades civis nos ex-países comunistas, o que abrange um período de mais de vinte anos; a evolução do terrorismo na Europa Oriental; a crise do endividamento dos países latino-americanos; vários conflitos como a Revolução no Irã, a guerra Irã-Iraque, a guerra civil do Líbano, momentos das guerras nos Balcãs, guerra do Golfo, a situação no Oriente Médio cobri muitas vezes, o desaparecimento da União Soviética, a queda do Muro de Berlim (informação verbal).

Para tanto, foi fundamental, “a experiência, a vivência e a formação”, pois um bom repórter não se faz na véspera, em suas palavras, um bom repórter deve ter “uma formação cultural ampla e sólida” e ser “capaz de traduzir o que ele viu às dez horas da manhã com aquilo que ele aprendeu na formação profissional dele, fornecendo algo que vai mais além do imediatismo e do impressionismo pessoal” (informação verbal).

Cabe sublinhar que William Waack cobriu também a guerra do Kosovo, em 1999. Tal como Kennedy Alencar, ele cobriu boa parte da guerra de Belgrado, indo para o Kosovo somente quando entraram as tropas de paz na província. Não acompanhei sistematicamente a sua cobertura para a revista *Época*, nem para o canal de televisão a cabo *GloboNews*, mas na entrevista ele me contou da diferença em ser correspondente para cada tipo de mídia, em suas palavras,

O jornalista de televisão depende muito, em primeiro lugar, da luz, em segundo lugar, a função principal dele é conseguir imagens, e a da imprensa escrita é muito mais conseguir informação, então isso condiciona muito o trabalho. Se você é jornalista de imprensa escrita, você articula melhor o seu dia, quanto ao que você quer fazer, com quem você quer falar, o que você quer ver; o jornalista de televisão está condenado a estar sempre em busca daquilo que tem mais imagem, mais apelo. E nem sempre aquilo que tem mais imagem e mais apelo tem mais relevância, mas para televisão sim (informação verbal).

Interessante pensar também a questão do respeito dos jornalistas mais novos pelos mais velhos. Neste sentido, a naturalidade com que Kennedy Alencar fala da segunda parte de sua cobertura em seu livro e em entrevista²⁴⁸, quando passou quase todo o tempo com

²⁴⁷ A entrevista com William Waack foi realizada no dia 8 de outubro de 2003, na sede da Rede Globo, em São Paulo (SP). Na ocasião, tinha 51 anos e trabalhava como repórter especial da TV Globo.

²⁴⁸ Entrevista à autora, *op. cit.*.

William Waack e com Juancarlos Gumicio, do *El País*, contrasta com o relato de William Waack, que quase não fala do Kennedy Alencar. Nas palavras de Alencar, sobre Waack,

no Kosovo a gente fez muita coisa junto, a gente dividiu carros, ficamos juntos no mesmo lugar, na mesma casa, comemos juntos várias vezes, fizemos algumas viagens juntos, a gente meio que dividiu uma infra-estrutura no Kosovo quando a gente esteve lá junto, no finalzinho (informação verbal).

Como eu havia conversado com Waack antes de conversar com Alencar, não imaginei que eles haviam passado todo esse tempo juntos. Perguntei de Alencar para Waack, ele respondeu somente que conhecera Alencar lá e que tinham “uma relação boa”, e à minha pergunta de como era o trabalho com os outros jornalistas, ele falou da divisão da infraestrutura entre os jornalistas de forma genérica e impessoal.

Para finalizar, William Waack é formado em jornalismo pela Universidade de São Paulo (USP) e é mestre em Ciência Política, Sociologia e Comunicação por uma faculdade da Alemanha. Domina várias línguas e tem “berço intelectual”: a mãe é socióloga e o padrasto, cientista político (informação verbal).

Sobre o conflito, considera os Bálcãs exemplo de convivência entre etnias e lugar onde, durante muito tempo, foi possível viver em harmonia; até que alguns grupos começaram a agir de acordo com os seus próprios interesses políticos, com intuito de se impor, ou dominar os outros (informação verbal).

Passo agora para o segundo jornalista, Leão Serva, dando continuidade a nossa ordem cronológica de enviados especiais que cobriram as guerras na ex-Iugoslávia.

Leão Serva era correspondente da *Folha* em Londres, quando foi enviado para cobrir a guerra na Bósnia. Esteve a partir de então, três vezes na ex-Iugoslávia. Duas vezes pela *Folha* e uma vez por conta própria, quando sobrevoou a Bósnia em um avião de ajuda humanitária norte-americano, vindo de Frankfurt, na Alemanha. Na primeira vez, em 1992, ficou duas semanas na ex-Iugoslávia, entre Croácia e Bósnia-Herzegovina, passando por Zagreb e Split, na Croácia, e Sarajevo e Bihac, na Bósnia. Na segunda vez, em 1993, ficou uns cinco dias na ex-Iugoslávia, entre Belgrado, na Sérvia, e Bijeljina, na Bósnia.

A primeira viagem de Leão Serva foi divulgada com grande destaque pela *Folha*, inclusive, foi a única notícia que dividiu a manchete do jornal com o impeachment do ex-presidente do Brasil, Fernando Collor de Mello, isto porque, ter um enviado seu a um lugar de conflito é sinal de prestígio e deve ser divulgado pelo jornal. Esta propaganda de si

mesmo foi freqüente, embora discreta, em todos os momentos em que o jornal enviou alguém à ex-Iugoslávia.

Apesar dos sete dias que passou entre a Croácia e a Bósnia, Sarajevo era seu objetivo final e simbolizou, de fato, o estar na guerra. Veja como a *Folha* anunciou (em letras grandes) a chegada de seu enviado especial à capital bósnia – sem antes, em manchete, se auto-elogiar: “A *Folha* é o primeiro jornal brasileiro a colocar um jornalista em Sarajevo” (SARAJEVO..., 22 ago. 1992, p. 1-1*)²⁴⁹,

O enviado especial da *Folha* à Ex-Iugoslávia, Leão Serva, chegou a Sarajevo, a capital da Bósnia-Herzegóvina. A cidade está cercada por milícias e é diariamente bombardeada há quatro meses. “Estou em Sarajevo desde ontem (anteontem, quando começou a pior onda de ataques em um mês). Estou no escritório da ‘Associated Press’, mas não consigo transmitir a matéria. Acho que há uma incompatibilidade entre o programa do meu computador e o satélite deles (as linhas telefônicas foram cortadas e não há energia elétrica; a única ligação da cidade com o mundo são os satélites das agências de notícias)”, disse Serva em um rápido telefonema à redação, no início da tarde (SARAJEVO..., 22 ago. 1992, p. 2-11*).

Leão Serva ficou cinco dias (contando o dia que chegou e o dia que partiu) na capital bósnia. Teve que ir embora pois tinha que estar em Londres para cobrir uma conferência de paz que poderia pôr fim à guerra. Seus artigos sobre Sarajevo versaram sobre alguns tópicos, dentre eles, o fato de estar lá, a sua viagem, o perigo pelo qual passara e a devastação da cidade com suas contradições, como crianças jogando basquete (23 ago. 1992, p. 3-1*), músicos tocando na Academia de Música de Sarajevo, semi-destruída (29 ago. 1992, p. 2-12*), pessoas afirmando sua identidade multiétnica (29 ago. 1992, p. 2-13*)²⁵⁰.

Considerando-se, tal como Waack, um interessado em questões internacionais, grande parte de sua cobertura e dos livros posteriormente por ele escritos, visavam analisar o conflito e contextualizá-lo para o leitor. Já vimos no capítulo anterior sua crítica ao “maniqueísmo simplista” dos meios de comunicação, ao considerar os sérvios os únicos culpados pela guerra. A partir daqui, abordo outros aspectos de sua análise sobre o conflito, a começar por um especial do jornal sobre a Bósnia, “A barbárie nos Bálcãs: a guerra entre sérvios e croatas ameaça o projeto de uma Europa unificada e democrática”, publicado dia 30 de agosto de 1992, no caderno Mais!, de cultura, da *Folha de S. Paulo*. Nele, Serva

²⁴⁹ Leão Serva viajava neste momento em companhia de Flávio Altman, enviado especial da revista *Veja*.

²⁵⁰ Cf. artigo *op. cit.* na página 113 da dissertação.

escreve um longo artigo analisando o conflito na ex-Iugoslávia. Além de Serva, Nelson Ascher, José Geraldo Couto (“jornalistas-intelectuais”²⁵¹ do jornal) e o filósofo Renato Janine Ribeiro (professor da Universidade de São Paulo), também escreveram neste dia sobre as guerras na ex-Iugoslávia.

Em seu artigo, “O vulcão do Leste” (30 ago. 1992, p. 6-4*), Serva divide (tal como Euclides da Cunha²⁵²) a sua análise da guerra em: “A terra”, “A gente” e “A guerra”.

Em “A terra”, Serva descreve rapidamente a geografia e história locais. Afirma que a ex-Iugoslávia era região de fronteira entre o cristianismo católico e o cristianismo ortodoxo (ou oriental), e que, com a invasão “turca”, grande parte da população se convertera para o islamismo. Afirma também que na Croácia é onde se localizam as maiores riquezas da antiga Iugoslávia, desde as praias, famosas pelo turismo, até o petróleo da região, o que seria uma das razões para a Sérvia entrar em guerra com a Croácia. Por fim, ele fala do “relevo opressor”, onde quem domina as montanhas, vence também a guerra.

Em “A gente”, Serva sublinha que, nos Bálcãs, o que temos são povos eslavos – e “brigões” – diferentes apenas em termos religiosos. Mas, “reunidos há milênios, suas disputas são profundas para povos de nacionalismo extremado”. Não eslavas seriam apenas as também reprimidas e problemáticas minorias albanesas e húngaras, no Kosovo e na Voivodina.

Em “A guerra”, Serva afirma que esta não é nem a primeira e nem a última das guerras de um conflito maior, que pode se alastrar e englobar outros países, levando a sua definitiva “balcanização”. Sobre Sarajevo, para concluir, ele afirma:

²⁵¹ Segundo Bourdieu (1994, 1997), os intelectuais-jornalistas são produtores culturais situados entre os intelectuais e os jornalistas, estariam assim, entre o esoterismo universitário e a vulgaridade jornalística e, se esquivando das exigências dos dois universos, apareceriam nos jornais como autoridades intelectuais. Pensando a imprensa brasileira particularmente, há a tendência em usar velhos jornalistas, ou jornalistas “consagrados”, como analistas ou comentaristas; temos assim, vários exemplos deste tipo de jornalista, Paulo Francis talvez tenha sido o mais famoso destes, hoje quem se destaca é o Arnaldo Jabor, que tem uma coluna no *Estadão* e no Jornal Nacional (TV Globo), onde faz comentários sarcásticos sobre temas variados; temos também o menos “pop” e menos sarcástico, mas muito respeitado, Alberto Dines, com vários livros sobre jornalismo publicados e apresentador do programa o “Observatório da Imprensa”, da TV Cultura; e temos o próprio Gilles Lapouge, com seus polêmicos artigos, que acompanhamos, sobre a ex-Iugoslávia, no *Estadão*. Nelson Ascher e José Geraldo Couto são de uma segunda (ou terceira) geração de jornalistas, mais novos que os “consagrados” (Ascher e Couto – e Serva também – nasceram no final da década de 50), mas que possuem “ampla” formação cultural e acadêmica. Couto é formado em história e jornalismo pela USP e é crítico de cinema e literatura, e Ascher é poeta, formado em administração de empresas pela Faculdade Getúlio Vargas e crítico literário. Seriam, em minha leitura, os jornalistas-intelectuais – ou intelectuais-jornalistas – que Bourdieu nos fala.

²⁵² No artigo ele não cita sua inspiração, mas em entrevista ele revela a sua admiração pelo *Os sertões* e pelo “primeiro correspondente de guerra brasileiro”.

Local onde toda a agressividade e horror dessa guerra se concentram. Várias pessoas morrem por dia numa rotina hedionda que mistura as armas modernas à antiguidade e a lentidão dos cercos como o descrito na “Ilíada”, do grego Homero, ou o dos judeus à cidade de Jericó (...).

Quanto aos outros artigos do caderno Mais!, Ascher e Couto tendem também para a linha hegemônica de análise, que acredita na hipótese de que são etnias, com uma tradição de conflito entre si, apenas temporariamente sufocada pelo regime comunista. Cito dois trechos “elucidadores”:

Diz-se que uma nação se fundamenta sobre um erro comum a respeito de suas origens e um ódio comum aos seus vizinhos. Nem um nem outro, embora ambos existisse, foi suficiente para manter unidos os iugoslavos. A desunião é tão ou mais antiga que qualquer idéia de união e explodiu cruelmente entre 1941 e 1945 (...). As feridas desse período continuaram abertas e a questão nacional da Iugoslávia, um fantasma não exorcizado (ASCHER, 30 ago. 1992, p. 6-6*).

Apesar de Ascher datar as “feridas” ou o “fantasma” da questão nacional na Segunda Guerra Mundial, o que tivemos entre 1941 e 1945, foi, segundo o artigo, a explosão da desunião dos iugoslavos, pois o conflito é tão ou mais antigo “que qualquer idéia de união”. Couto talvez aponte mais claramente esta “antigüidade”:

Desde os séculos 5 e 6 d.C., quando os croatas e sérvios – dois povos de origem eslava vindos da Ásia – começaram a ocupar a península, enfrentando ilírios e gregos romanizados, os Balcãs conheceram poucos períodos tranquilos em sua história.

O território foi palco de rivalidades geopolíticas “externas” – entre romanos e bizantinos, bizantinos e búlgaros, turcos e austríacos, alemães e russos – e conflitos étnico-religiosos “internos”: eslavos contra francos e contra gregos, cristãos contra muçulmanos, católicos contra ortodoxos, cristãos contra judeus etc. (COUTO, 30 ago. 1992, p. 6-7*).

Ribeiro é o único que se desvia dessa linha comum “geo-culturalista”, aventando como hipótese que “o acirramento das diferenças locais, até se converterem em ódio implacável, como na ex-Iugoslávia (ou em certas partes da ex-URSS), deve-se às reações emocionais que uma situação-limite desperta nos homens”. Esta situação-limite teria se dado com o fracasso político e humano do comunismo na ex-Iugoslávia e na ex-URSS (RIBEIRO, 30 ago. 1992, p. 6-5*).

Menos de um ano depois, Serva retorna à ex-Iugoslávia, uma primeira vez, com o avião norte-americano de ajuda humanitária (quando somente sobrevoara a região), e uma segunda, para cobrir um outro possível acordo de paz em Bijeljina, quando, segundo ele mesmo, foi possível cobrir “o lado sérvio do conflito”. Em um pequeno artigo deste

período, é muito interessante como ele inverte a ordem dos fatos: ao selar o destino do povo sérvio nas inscrições de seu “brasão tradicional”, ou insígnia sérvia, ele toma a mitologia nacional como causa e efeito dos acontecimentos históricos atuais (as duas fotos, na seqüência, trazem este “brasão” em dois momentos distintos, o primeiro, no começo do conflito na Croácia, e o segundo, no conflito no Kosovo, onde ele cobre a insígnia tradicional albanesa).

O brasão tradicional da Sérvia é a expressão de seu eterno destino: uma águia com duas cabeças, uma voltada para cada lado. Os sérvios entram para a história divididos pelas fronteiras dos Impérios do Ocidente e do Oriente.

Essa separação milenar impôs a divisão também dos habitantes da área: os do Oriente, os sérvios, adotaram a religião ortodoxa e o alfabeto cirílico, os do Ocidente, os croatas, adotaram o alfabeto latino e a religião romana. Desde então mantêm-se divididos. Os sérvios sempre se ligaram à Europa Oriental e à Rússia. Os croatas, aos germânicos e austríacos.

A águia sérvia, no brasão, tem no peito um escudo com quatro letras “ce”. É a abreviação de um slogan que diz: “Só a união pode salvar os sérvios”²⁵³. Mais do que uma palavra de ordem, trata-se de um sonho jamais realizado por completo (SERVA, 28 abr. 1993, p. 2-14*).



Foto 5 (Folha de S. Paulo, 17 maio 1991, p. 2-3*)



Foto 195 (O Estado de S. Paulo, 20 mar. 1998, p. A16*)

Para além de suas explicações para o conflito, a cobertura de Leão Serva também caracterizou-se por uma escrita dinâmica e agradável, como vemos na seção de pequenas notas e curiosidades sobre a ex-Iugoslávia, intitulada “Morteiros”, e em outros artigos, com muitos personagens e descrições do dia-a-dia na guerra. Relatos “bem humorados” também não poderiam deixar de existir:

Estranho o gosto da torta típica servida pela mãe da família que me hospeda em Bijeljina. Pergunto o que é aquele sabor entre doce e amargo: “Urtiga”, me diz placidamente. Sim, ela mesma, a planta que

²⁵³ Samo Sloga Srbina Spašava. O “C”, em cirílico, é a nossa letra “S”.

queima a mão dos desavisados aqui se torna uma exótica iguaria. Não se quebra fácil o espírito de um povo que come urtiga. (...)

O Brasil tem uma imagem simpática em todos os cantos do mundo e por vezes essa imagem abre portas. A velha e feia funcionária do “Ministério da Informação” dos bósnios sérvios sorri enrubecida (*sic*) com os galanteios do repórter sedento por um visto. O visto sai em uma hora (SERVA, 28 abr. 1993, p. 2-14*).

Além da cobertura, Leão Serva escreveu também um livro sobre a guerra na Bósnia, “A batalha de Sarajevo” (1994) e alguns livros sobre jornalismo (1997, 2001), ou melhor, sobre o poder de desinformação da imprensa, tema também de sua tese de mestrado em comunicação e semiótica, “Tempo de guerra, tempo de jornal: estudo sobre procedimentos jornalísticos a partir de coberturas de conflitos na Iugoslávia” (1998).

Em “A batalha de Sarajevo” (1994), temos basicamente o seu relato pessoal, ou seja, os lugares onde esteve, as pessoas com quem falou e dados das suas viagens à ex-Iugoslávia que não necessariamente foram publicados pela *Folha*.

Ele conta, por exemplo, da sua ida da Krajina a Bihac, com o “bem-humorado” jornalista norte-americano Carl Schoettler (correspondente em Berlim do jornal *Baltimore Sun*), e todo o seu percurso até lá, incluindo os encontros com soldados sérvios e as piadinhas constantes entre os dois jornalistas, terminando com uma cerveja “bem gelada” com os soldados holandeses da ONU, que os acompanharam até Bihac.

Em Bihac, ainda com o seu bom humor, ele descreve “uma das coisas mais engraçadas” que testemunhara na guerra na Bósnia: “é esse hábito de pôr sobre a cabeça qualquer coisa, para se proteger das bombas ou tiros de fuzil, como se chapeuzinhos de papel pudessem ser capacetes por alguns minutos. Uma reação instintiva do ser humano, engraçada se não fosse trágica” (1994, p. 36-37).

Paralelamente, este livro, além de relatos, traz também a tentativa de nos explicar o conflito. Tentativa esta que se repete nos outros livros de Serva e que vai de encontro com o discurso hegemônico a respeito das guerras na ex-Iugoslávia.

Serva introduz “A batalha de Sarajevo” com o argumento de que a guerra fria congelara os verdadeiros conflitos por várias décadas, e cita como exemplo destes, os conflitos ocorridos na ex-Iugoslávia e na África na década de 90; em suas palavras, “Os que acreditaram que a história acabara em novembro de 1989²⁵⁴ foram surpreendidos poucos meses depois. A história recomeçou e deu boas vindas na Iugoslávia” (1994, p. XVIII). Ele

crítica então, além da postura predominantemente maniqueísta dos jornais, o seu poder de desinformação. Segundo ele, os jornais, no intuito de apresentar a notícia como algo novo e surpreendente, nos desinformaram em relação às guerras na ex-Iugoslávia, a começar pelo “as guerras”, já que, o que testemunhamos na década de 90, seriam sim, os desdobramentos de uma mesma e única guerra, que já dura décadas e que faz parte da tradição bélica dos povos dos Bálcãs e da posição geográfica e política da região, ou seja, região de e na fronteira entre povos e mundos distintos. As “raízes do conflito iugoslavo” remontariam assim, mudando de livro, ao século XIV, quando os turcos invadiram os Bálcãs e “destruíram o equilíbrio” que então se desenhava; durante todo este tempo, os Bálcãs tiveram poucos períodos de paz (2001, p. 23).

Para legitimar sua tese de que “o sistema das notícias encobre a lógica profunda que está por traz da cortina de novidades” (SERVA, 2001, p. 48), encobrendo as verdadeiras raízes do conflito iugoslavo, Serva recorre a artigos do *Estadão* sobre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, e do *Estadão* e da *Folha* (e alguns poucos do *Jornal da Tarde* e do *Jornal do Brasil*) sobre as guerras da década de 90 na ex-Iugoslávia, e, a partir de trechos de artigos destes períodos, ele comprova a repetição (ou manutenção) das mesmas atrocidades e das mesmas distinções étnicas nestes três (ou dois) momentos, ou seja, ele comprova que há um mesmo modo de fazer guerra, que se repete entre os povos dos Bálcãs, ao longo de sua história, com estupros, pilhagens, massacres, campos de extermínio, propaganda de guerra, etc..

Sabemos, no entanto, de acordo com diversos livros da bibliografia aqui apresentada, desde Knightley (1978) até Maria Todorova (1997), que tal “modo de fazer guerra” existe ou existiu em várias partes do mundo, inclusive na “civilizada” Europa e nos Estados Unidos. Assim, repito mais uma vez, não pertence aos Bálcãs o monopólio das atrocidades do mundo, e não houve guerra em que elas não tenham sido perpetradas, em graus diversos, obviamente. Talvez a única recorrência que temos aqui, seja o gosto jornalístico em relatá-las.

Para concluir, Serva, ao meu ver, apenas explicita o que está em inúmeros artigos sobre a ex-Iugoslávia, muitas vezes implicitamente, ou seja, ele explicita um determinado discurso hegemônico, “culturalista”, este sim, recorrente ao longo do tempo.

²⁵⁴ Com a queda do Muro de Berlim.

Muitos jornalistas podem argumentar que o que fazem é “entender o que se passa pela cabeça das pessoas, não em julgar” o que se passa em suas cabeças (WAACK, informação verbal)²⁵⁵, deste modo, podemos nos questionar em que medida tal discurso (hegemônico) faz parte, igualmente, de uma fala “nativa” sobre si próprio. Todorova (1997) diz que sim, existe a internalização do estereótipo pelos próprios estereotipados, e ela analisa este processo que, sob muitos aspectos, concordaria com um suposto discurso hegemônico em relação às guerras. No caso de Serva, entretanto, percebemos que ele confunde o seu conhecimento sobre a região com o que as pessoas estão falando sobre si mesmas e, muitas vezes, quando não interessa ao seu “conhecimento” o que as pessoas estão falando sobre si mesmas, ele passa por cima delas, qualificando de “clichê”, como vimos, a fala que enfatiza a “mistura étnica” entre os povos dos Bálcãs.

Para finalizar, cabe salientar que Leão Serva, antes de ir à Bósnia, apesar de seu interesse em cobrir guerras e grandes eventos internacionais, trabalhara primordialmente no Brasil como repórter e editor. Mesmo assim, sua cobertura da guerra foi muito prestigiada no meio jornalístico e seu livro, “A batalha de Sarajevo” (1994), lido por muitos dos jornalistas que, depois dele, foram para a ex-Iugoslávia.

Após cobrir a guerra na Bósnia, em 1992, no prazo de um ano aproximadamente, Serva foi enviado especial à Angola (Luanda), onde havia implodido uma “batalha”, à Somália (Mogadíço), onde os Estados Unidos iriam fazer uma “intervenção” para distribuir ajuda humanitária, à Moçambique, para cobrir o acordo de paz entre a Renamo e a Frelimo, à Tcheco-Eslováquia, para cobrir a divisão do país, ao Kuwait, para cobrir o bombardeio dos EUA ao Iraque, e à Irlanda, para cobrir a “guerra civil” (informação verbal)²⁵⁶.

Serva atribui o seu interesse pelo jornalismo, e especificamente pelo jornalismo de guerra, ao seu “berço jornalístico”, em suas palavras:

²⁵⁵ Em entrevista à autora, *op. cit.*

²⁵⁶ A entrevista com Leão Serva foi realizada na sede do portal IG de internet, em São Paulo (SP), nos dias 5 e 11 de novembro de 2003. Leão Serva nasceu em dezembro de 1959, estava então com 43 anos.

eu sempre fui um leitor de história e de jornalismo internacional, na minha casa... quer dizer, cada família tem uma cultura, um jeito de ser, algumas, sei lá, gostam de religião, outras gostam disso, daquilo, a minha casa era uma casa que discutia jornalismo o tempo todo, eu sou de uma família de jornalistas, o primeiro jornal lançado no Brasil foi lançado por um tataravô meu, em 1811 (...) o meu pai, em casa, eu era pequenininho ele me dava um pedaço de jornal, lia jornal, discutia jornal, então eu, quando eu era pequenininho, eu discutia, sei lá, a guerra de Israel com o meu pai, então eu vivi, eu nasci num ambiente que discutia política internacional o tempo todo, fatos do jornalismo e política internacional. E... como tal, eu sempre tinha muita curiosidade de cobrir uma guerra, eu visualizei sempre o jornalismo como um jornalismo de guerra, e portanto, quando eu fui para a Europa, eu pensava em cobrir uma guerra, tinha muita curiosidade (informação verbal).

Leão Serva é formado em jornalismo e comunicação pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) e mestre em comunicação e semiótica também pela PUC. Chegou a cursar, mas não concluiu, as faculdades de administração de empresas e de ciências sociais. No momento da elaboração desta, trabalhava no portal IG de internet, na área administrativa, e fazia doutorado na Escola de Comunicação e Artes da USP.

Fernando Costa Netto, nosso próximo jornalista, teve apenas um artigo seu publicado na *Folha de S. Paulo*, no dia 23 agosto de 1993, foi um artigo avulso. Ele não foi a Sarajevo pela *Folha* mas, como estava lá, a *Folha* publicou um artigo seu. Segundo Costa Netto, o custo de 25 dólares o fax, o impossibilitou de enviar mais artigos para o Brasil.

Costa Netto foi a Sarajevo duas vezes, em 1993 e em 1994, e fez duas grandes reportagens, uma para a revista *Trip*, da qual é um dos co-fundadores, outra para a revista *Boom*, da qual era o editor – ambas revistas de comportamento e assuntos variados, destinadas ao público jovem. Deste modo, apesar de não se enquadrar nos moldes dos “nossos” enviados especiais estudados, tanto Marcelo Spina, como Leão Serva me indicaram Costa Netto, para uma “visão diferenciada” da cobertura, Rebeca Kritsch também o citou, como “o cara que foi pela *Trip*”. Entrei em contato e fui muito bem recebida. De algum modo, Costa Netto chamou a atenção de outros jornalistas para si. Não sei se é porque ele é amigo de Serva e Spina, ou se, de fato, as suas matérias para a *Trip* e para a *Boom* se destacaram das demais. Certamente, como ele não tinha que enviar matéria todos os dias, o que ele fez para essas duas revistas foram duas grandes reportagens, emblemáticas do que costumamos chamar de “cobertura humana” da guerra, que mostra como as pessoas (sobre)viviam, o que elas comiam, como se ajudavam umas as outras, e até, como se distraíam.

Sobre sua opção de ir a Sarajevo, e não a alguma outra cidade, ele afirma: “É a capital do país, era o lugar onde estavam acontecendo mais coisas, era o lugar onde eu ia

encontrar mais elementos para fazer a minha matéria, era o lugar mais fotogênico também, capital da Europa” (informação verbal)²⁵⁷. Após um ano, quando retornou novamente à cidade, encontrou as pessoas que havia conhecido na primeira vez, bem mais abatidas e bem mais magras, e disse que um “amigo” seu tinha enlouquecido.

Sobre como fazer uma boa cobertura, Costa Netto enfatiza: “não adianta estar lá e ficar dentro do hotel como boa parte dos jornalistas faz”, o jornalista deve “fazer rua” e não “ficar monitorando converseiro, para saber onde seria a reunião com o general” (informação verbal).

Ele não é formado. Trabalhava, no momento da elaboração desta, como diretor da revista *Venice* de surf, música e comportamento, na ProEditora. Diz que até tentou se formar em jornalismo, cursou a faculdade por três anos e meio, mas teve que largá-la para fazer uma cobertura para a *Trip*. Nessa altura ele já era editor da revista e, em suas palavras, “os professores queriam trabalhar comigo, não queriam dar aula (...) fiz três anos e meio e não me acrescentou nada, realmente, não me acrescentou nada” (informação verbal).

Por fim, Fernando Costa Netto, tal como William Waack (e muitos dos outros jornalistas que conversei), não acredita que a guerra tenha sido motivada por questões étnicas apenas, mas que estas foram manipuladas pelos poderes de Zagreb e Belgrado, que não queriam perder território.

Marcelo Spina, passando para o próximo jornalista, também concorda com esta afirmação:

era a primeira coisa que eu perguntava, eu queria que as pessoas me dissessem, não era eu que ia decidir porque elas estavam lutando... e elas não sabiam! “É loucura, não sei, nós somos irmãos”. Olha, a coisa que eu mais ouvia lá era: “nós estávamos vivendo, até recentemente, lado a lado, nós éramos vizinhos” (informação verbal)²⁵⁸.

Marcelo Spina foi o enviado especial do *Estadão* para cobrir a crise dos refêns brasileiros em 1995. Como não era repórter do jornal, ele se ofereceu a Leão Serva para fazer a cobertura. Leão Serva era então diretor-executivo de redação do *Jornal da Tarde*, também do Grupo Estado, e concordou em enviá-lo como correspondente; eles já se conheciam, e Serva sabia que Spina havia estado na Bósnia anteriormente.

²⁵⁷ A entrevista com Fernando Costa Netto foi realizada na ProEditora, em São Paulo (SP), no dia 6 de novembro de 2003. Ele tinha 43 anos na ocasião.

Spina ficou uns quinze dias na ex-Iugoslávia, principalmente em Zagreb. Fez uma viagem à Bósnia central, na cidade de Vitez, onde conversou com o observador militar da ONU Jefferson Lucena, um brasileiro que havia chegado na Bósnia há um mês junto com Leonel Filho, um dos refêns brasileiros²⁵⁹; e foi também a Okucani, uma cidade na Eslavônia Ocidental, recém retomada dos sérvios, pelos croatas. Lá ele conheceu Anka, uma senhora sérvia que vivia só, em seu vilarejo, há quatro anos e era ajudada por soldados que passavam por lá e lhe davam algo para comer (14 jun. 1995, p. A8*). Enquanto esteve em Zagreb, Spina cobriu, tal como os outros dois jornalistas da *Folha*, o “drama dos soldados brasileiros seqüestrados”.

Apesar de eu ter ido procurá-lo devido à cobertura para o *Estadão*, Spina, quando fala da Bósnia, fala basicamente de sua primeira viagem, em 1993, quando passou um mês entre Croácia e Bósnia – dez dias dos quais, em Sarajevo – para fazer um documentário, “Iugoslávia: Olimpíadas da Sobrevivência”²⁶⁰, para a *Brazilian Television Network*, um canal de televisão a cabo, brasileiro, nos Estados Unidos.

Para ele, o que mais lhe marcou durante a guerra foi a solidariedade entre as pessoas, “a vida que há na guerra”. Ele conta como um osso, tipo T-Bone, com bem pouca carne, rodou todas as panelas de arroz do prédio da família onde estava hospedado, “para dar um sabor e um pouquinho de proteína” à comida (informação verbal). Segundo Spina, o alimento que se costuma dar às pessoas em situações como essa é basicamente arroz, sal, óleo e açúcar, e às vezes, uma mistura de soja enriquecida para crianças má nutridas (no caso de Angola, onde trabalha).

Formado em jornalismo e em relações internacionais nos Estados Unidos (não perguntei qual faculdade), trabalhava, no momento da elaboração desta, para o Programa Alimentar Mundial das Nações Unidas, em Luanda.

Tanto Marcelo Spina, como Fernando Costa Netto (como muitos correspondentes internacionais que cobrem situações de conflito, geralmente como frilas) foram para a Bósnia com muito pouco dinheiro. Marcelo Spina, na primeira vez que foi para lá diz que

²⁵⁸ Entrevista realizada no dia 5 de abril de 2004, em um café em São Paulo (SP). Nasceu em abril de 1967, tinha, no momento da conclusão desta, 38 anos.

²⁵⁹ Cf. SPINA, 6 jun. 1995, p. A12*.

viajara com menos de mil dólares no bolso, “que é o que uma rede de televisão gasta por dia, por pessoa, normalmente, numa cobertura, entre alugar carro, motorista, segurança, tradutor, bons hotéis, e tudo. Eu tive mil dólares para ficar trinta dias lá” (informação verbal). Costa Netto, por sua vez, as duas vezes em que foi, foi na “loucura”: “fui totalmente na raça, sem *background*, cheguei em Sarajevo com 350 dólares, sem saber o que eu ia encontrar pela frente” (informação verbal). Ambos acabaram ficando em casas de família, com “amigos” que fizeram em Sarajevo, e suas coberturas foram em alguns momentos prejudicadas por isso, pois tudo custa muito caro em uma situação de guerra, desde as necessidades básicas, como comida, banho e algum lugar para dormir, até entrevistas, fotografias, locomoção, ou seja, a própria viabilidade da cobertura.

Rogério Simões e André Fontenelle foram os dois jornalistas enviados pela *Folha* para cobrir a crise dos reféns brasileiros.

Simões, correspondente bolsista em Londres, foi para a Croácia pois seu visto saiu primeiro que o de Fontenelle, correspondente em Paris²⁶¹, que acabou indo para Belgrado. Ambos tinham como objetivo específico cobrir a crise dos observadores militares da ONU, seqüestrados pelos sérvios e, se possível, entrevistar os dois brasileiros cativos na Bósnia. Este segundo objetivo foi logo descartado, pois não seria possível entrar na Bósnia e entrevistá-los ao mesmo tempo, e a *Folha* optou por entrevistá-los depois de libertos.

Rogério Simões passou três semanas em Zagreb, na Croácia, exceto uns três dias, quando foi a Split para tentar entrar na Bósnia e então, chegar a Sarajevo, em suas palavras,

Eu cheguei a me preparar para ir à Bósnia, mas chegando a Split (Croácia), já tentando entrar em território bósnio, percebi que para entrevistar os brasileiros eu precisaria estar em Zagreb. Estava claro que era praticamente impossível conversar com eles enquanto estavam sob o poder dos sérvios, no lado leste da Bósnia. Então eu precisaria esperar pela libertação dos dois, o que, segundo informações do comando da ONU em Split, ocorreria através da capital croata.

(...) A única forma de ir a Sarajevo naquela época era por terra, numa estrada que ligava Mostar a Sarajevo (o aeroporto estava fechado). E essa viagem era bastante perigosa, sendo impossível saber quando exatamente eu chegaria a Sarajevo e, se quisesse sair da cidade, quando eu poderia fazer isso.

²⁶⁰ Não foi possível assistir ao documentário, nem encontrá-lo.

²⁶¹ Sylvia Colombo alega o mesmo motivo dela ter ido à Macedônia e não o seu colega, correspondente em Paris. Segundo Colombo, como a burocracia de Londres era menor que a de Paris, o visto em Londres costumava sair primeiro.

Coloquei essa situação para o jornal, e a Folha definiu que a minha prioridade era mesmo falar com os brasileiros (informação por e-mail)²⁶².

Tal como Leão Serva, Rogério Simões e André Fontenelle tomaram conta de toda a cobertura sobre a guerra na Bósnia, deste modo, eram deles muitos dos artigos sobre Srebrenica, Sarajevo, Tuzla, etc. então publicados. (Como chamei a atenção em capítulo anterior, o seqüestro dos observadores militares da ONU serviu para que a Otan suspendesse os bombardeios aos sérvios na Bósnia e que estes acirrassem a ofensiva contra os enclaves muçulmanos protegidos – findo este episódio, Srebrenica e Zepa foram totalmente tomadas pelos sérvios). Simões acredita, no entanto, que muito do que escreveu na cobertura poderia ter sido escrito na redação, em São Paulo: “A redação em São Paulo poderia registrar o ocorrido, e eu poderia fazer um texto sobre como aquele acontecimento afetava os esforços diplomáticos da ONU em Zagreb, por exemplo”. Segundo ele, o jornalismo da *Folha*, na época, baseava-se muito em fatos, hoje “o jornal investe mais em reportagens analíticas de enviados especiais” (informação por e-mail).

Sobre a guerra, Simões acredita que “as declarações de independência que levaram à divisão do país foram parte de um processo até certo ponto natural, de desejo de independência e autodeterminação de cada nação iugoslava de se desligar do domínio de Belgrado”, e que “não havia muita discussão sobre as razões que levaram a Bósnia à guerra, mas sim sobre como acabar com o conflito. Há 500 anos de ódio entre os povos dos Bálcãs, e isso não se acaba com um acordo de paz, como o de Dayton” (informação por e-mail).

Cabe aqui fazer um parêntese. Nas entrevistas, eu não perguntei para nenhum dos jornalistas sobre as causas da guerra, por uma questão de bom senso, não acreditava que alguém pudesse me dar uma resposta em alguns minutos e em poucas palavras. Mas perguntei a todos eles sobre o que as pessoas *lá* achavam da guerra, quais motivos elas davam para guerra, e não eles; acabei ouvindo de todos eles, o que eles próprios achavam do conflito. Além disso, como eu própria, ao falar de minha pesquisa para os jornalistas,

²⁶² Diferentemente dos demais jornalistas com os quais conversei, Rogério Simões, residente em Londres, me enviou por e-mail as respostas ao meu questionário. Deste modo, tudo que for relato pessoal dele, foi por ele escrito. Ele me respondeu em novembro de 2003. Tinha 35 anos na ocasião.

acabava remetendo à questão do antagonismo étnico, da antiguidade do conflito, do estereótipo, dentre outras, me pareceu algumas vezes que eles acabavam respondendo a estas questões, e não à pergunta da entrevista; criticavam assim a imprensa e ponderavam a historicidade do conflito.

Simões é formado em jornalismo pela USP e trabalhava, no momento da elaboração desta dissertação, na BBC Brasil, como editor-chefe, em Londres. Antes de ser correspondente da *Folha* em Londres, já havia morado sete meses na Europa para melhorar o inglês. Não considera que sua cobertura tenha sido uma “cobertura de guerra”.

André Fontenelle, por sua vez, chegou a Belgrado no dia em que Leonel Filho, um dos dois reféns brasileiros, foi libertado. Ficou lá duas semanas, do dia 8 a 21 de junho de 1995, exceto dia 19, quando foi a Novi Sad, capital da Voivodina, atrás do Capitão Harley Alves, recém libertado.

Fontenelle tinha um pouco mais de mobilidade que Rogério Simões na cobertura, desta maneira acabou fazendo algumas matérias não diretamente relacionadas à crise dos reféns. Entrevistou Zoran Djindjic, um dos líderes da oposição iugoslava, depois primeiro-ministro, recentemente assassinado, e também Vargas Llosa, que estava lá para promover o livro de Mark Thompson, “A fabricação da guerra”²⁶³.

Fontenelle, em entrevista, apontou algumas contradições que testemunhara em Belgrado, como a relação ambígua da Sérvia com o conflito e a relação da oposição política com a “situação” política no país, já que muito do que conseguiu cobrir, incluindo a entrevista com Djindjic, foi com a ajuda da Tanjug, agência de notícias oficial da Iugoslávia. Além disso, pela nossa conversa, foi possível perceber muito da própria situação do país após quase quatro anos de embargo econômico, o que, por seus artigos, não ficamos sabendo. Aliás, por um dos seus artigos ficamos sabendo justamente o contrário. Em “Sérvia barganha a libertação dos reféns” (8 jun. 1995, p. 2-11*), ele afirma: “O embargo parece afetar menos o país. O movimento nas lojas e nos restaurantes (ou, por exemplo, na lanchonete McDonald’s) e os engarrafamentos de trânsito mostram que os sérvios superaram o problema”; no entanto, em seu relato pessoal: “o país estava

²⁶³ Cf. FONTENELLE, 11 jun. 1995, p. 1-28*, 13 jun. 1995, p. 2-10*.

praticamente parado, não se via carro na estrada porque tinha embargo de petróleo. Os jornais circulavam com papéis de segunda porque tinha embargo no papel. A economia em geral estava parada” (informação verbal)²⁶⁴. Certamente as duas informações estavam corretas: apesar do embargo a vida continua, mesmo em Sarajevo a vida continuava, não foi isso que ficamos sabendo?

Por fim, Fontenelle foi bem crítico em relação a sua própria cobertura, limitada e factual, e também em relação ao preparo dos enviados especiais brasileiros para este tipo de cobertura. Para ele, não há interesse da redação em fazer uma cobertura mais profunda e a questão do tempo de permanência em um lugar não é levada em conta. Ele cita como exemplo o Sérgio Dávila, que cobriu recentemente a guerra dos EUA contra o Iraque, “ele teve que sair no meio da guerra porque acabou o dinheiro”; além disso, muitas vezes, “o cara chega lá e não tem conhecimento profundo da situação, e nisso, eu me incluo, eu entendi muito melhor as coisas chegando lá, do que antes de ir para lá” (informação verbal). E quanto ao conflito:

se você perguntasse a minha interpretação disso tudo, eu acho que muito se deve a situação econômica. Enquanto a Iugoslávia estava sob o regime comunista, esses ódios todos estavam amortecidos não só por causa do totalitarismo comunista, mas também porque tem uma Iugoslávia que vivia economicamente estável.

O separatismo se espalhou como incêndio na floresta no bloco comunista e, no entanto, tem movimentos separatistas na França, dos corsos, na Espanha, dos bascos, na Inglaterra, na Irlanda do Norte, que são países que têm uma boa situação econômica, então eu acho que isso refreia muito o sentimento separatista, eu não duvido, se um dia esses países passarem por uma crise econômica muito grave, o separatismo ganha força, porque os demagogos tomam conta. Na Iugoslávia era muito o que acontecia, na Croácia também, o Tudjman, o Milosevic, o Karadzic, não passavam de demagogos (informação verbal).

Fontenelle é formado em comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, morou um ano na França antes de ser correspondente. No momento da elaboração desta, trabalhava como editor da revista *Veja*.

Rebeca Kritsch foi a próxima jornalista a ser enviada para a ex-Iugoslávia. Ela era repórter especial²⁶⁵ do *Estadão* quando foi à Bósnia cobrir as primeiras eleições livres após a guerra, e possíveis episódios de violência, mas, segundo ela, as pessoas estavam tão

²⁶⁴ A entrevista com André Fontenelle foi realizada no prédio da Editora Abril, em São Paulo (SP), no dia 15 de outubro de 2003. Ele estava então com 32 anos.

²⁶⁵ Nas palavras de Kritsch, o repórter especial “é o repórter que faz só matérias especiais, não faz dia-a-dia, faz só coberturas especiais, matérias de final de semana”. Cf. entrevista à autora realizada no dia 25 de outubro de 2003, em um restaurante, em Brasília (DF). Ela estava então com 34 anos.

cansadas de guerra, tão assustadas e vivendo como se a guerra não houvesse ainda acabado, que as eleições ocorreram sem violência (informação verbal).

Kritsch já havia feito coberturas famosas, como a que se disfarçou de moradora de rua e assim viveu por uma semana, ganhou o Prêmio Esso de Jornalismo pela reportagem. Outra, foi a seqüência de matérias que fez, também para o *Estadão*, quando viajou o Brasil inteiro de carro, durante um ano e meio, escrevendo reportagens sobre as mais variadas cidades do país²⁶⁶. Na Bósnia, foi sua primeira cobertura internacional, mas não foi a última. Após esta cobertura,

fiz muita coisa na Ásia. Viajei muito, fiz várias viagens para fazer matéria de turismo, para fazer matéria de política, para várias coisas. Daí eu cobri o retorno de Hong Kong à China, em 97, e depois eu fui para o Timor Leste. O Ramos Horta tinha ganho o Prêmio Nobel da Paz, tava aquela... estava se falando muito daquilo e fazia pelo menos vinte anos que um jornalista brasileiro não pisava no Timor. Mas foi a maior guerra porque o Estadão não queria que eu fosse e eu fui pagando (informação verbal).

Kritsch teve que ir por conta própria para o Timor porque não conseguira convencer o *Estadão* de que ela, como mulher, poderia ir, e não o Moisés Rabinovici ou o Zeca Santana, os outros dois repórteres especiais do jornal (que nem por isso, foram). Neste sentido, o que mais me chamou a atenção em nossa conversa foi o fato de que Kritsch se revelara, em muitos momentos, uma ardorosa defensora das mulheres em coberturas internacionais. Para ela, a mulher tem outra sensibilidade diante de situações de conflito, e por isso a competência de Christiane Amanpour, correspondente da CNN na guerra na Bósnia e jornalista famosa mundialmente. Em suas palavras: “a Christiana foi a estrela dessa guerra, foi ela que realmente colocou a guerra da Bósnia na mídia. E eu acompanhava muito o trabalho dela, para mim, ela é uma puta repórter, uma pessoa fantástica, eu acho que ela fez história no jornalismo, e sendo mulher também”. Mais adiante, ela critica o excesso de glamourismo *do* correspondente de guerra, e não, *da* correspondente de guerra:

você tem que ir lá pelo jornalismo, para mostrar a verdade, para ir atrás da notícia, mas tem uma motivação pessoal muito grande. Muitas vezes, em algumas pessoas, vira uma coisa do tipo querer ser o herói, sabe, porque o correspondente de guerra tem esse glamour, tem essa “olha como o cara é... como ele é destemido, como ele é corajoso, como ele é bravo e coisa e tal”. Eu acho isso um perigo, e às vezes o cara acaba virando notícia, acaba morrendo numa dessas, que é uma outra coisa terrível. Você perde tanto a noção, a capacidade de avaliar o perigo, porque entra nesse *drive*, nessa pegada, que às vezes acaba se dando mal e é terrível. Tem gente, eu acho, que quase glamouriza a guerra sabe, eu acho horrível isso, e eu vou te falar, é uma coisa muito do mundo dos homens, dos homens, que

²⁶⁶ Essa série de reportagens deu origem ao seu livro, “Redescobrimo o Brasil” (2002).

dominam a cobertura de guerra em alguns lugares do mundo, em vários países, eu diria (informação verbal).

Certamente, uma análise desse “gênero” seria bem interessante...

Kritsch ficou na Bósnia uns dez dias, principalmente em Sarajevo, e fez algumas viagens a outras cidades, como Pale e Mostar, que ficaram marcadas pela guerra, e Medjugorje, que, segundo ela, não fora atingida pelo conflito²⁶⁷. Em sua cobertura tentou por diversas vezes, como vimos, aproximar a Bósnia do Brasil, falando de música brasileira em Sarajevo e da cidade católica de Medjugorje. Tratou pouco da eleição e priorizou a descrição das paisagens e novos contextos pós-guerra. Veja seu relato sobre Mostar:

“Mostar dividida não pode existir”, diz ao Estado, Sanja, estudante muçulmana de 19 anos que mora na zona oeste, sob domínio croata. Quando a guerra começou, seu pai foi preso, como quase todos os muçulmanos da área. Sanja, suas duas irmãs e a mãe só não foram expulsas porque um amigo católico as protegeu. “A gente nunca imaginou que isso ia acontecer”, lamenta.

A guerra também traçou uma linha divisória entre Sanja e o namorado, muçulmano. Ele foi obrigado a lutar, foi ferido por uma granada e quase morreu. “Foram os piores dias de minha vida”, conta ela. Eles se conhecem há quatro anos. Hoje, quando saem, permanecem na margem direita do rio. É lá também que Sanja encontra em toda esquina o bom cafezinho turco, quase banido do oeste. “Se eu pudesse me mudava para qualquer parte do mundo”.

Os croatas, pelo menos em teoria, agora só tomam café expresso. Os dois lados se esforçam para aprofundar as diferenças. O leste usa marco alemão e dinar, como Sarajevo. O oeste, o kuna croata. Também é croata o código de acesso internacional - 99. Em Sarajevo é 00. As escolas também foram separadas, apesar dos 18 meses de apelos da UE para que fossem instituídos colégios interétnicos. Agora, cada um ensina estudos sociais, história e música à sua maneira, usando instrumentos mais poderosos para cimentar a divisão étnica (14 set. 1996, p. A13).

Kritsch acredita que o que levou a ex-Iugoslávia à guerra foi a falta de um Estado forte, somada a uma situação de penúria econômica.

No momento da elaboração desta, Kritsch trabalhava na WWF (*Worldwide Fund for Nature*), organização não-governamental para preservação do meio-ambiente, em Brasília, onde fazia documentários sócio-ambientais, dentre outras coisas. É formada em jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero, em São Paulo, fez mestrado profissionalizante também em jornalismo, na Universidade de Columbia, em Nova York, e especialização em Filosofia Política na Oxford, em Londres, com bolsa de estudos da Reuters.

Kosovo, por sua vez, foi uma guerra relativamente curta e com intensa cobertura, deste modo, o que era ou não era factual ficava pouco evidente. Como vimos, notícias sobre

²⁶⁷ Mart Bax, antropólogo, em “Barbarization in a Bosnian pilgrimage center” (2000) demonstra que, ao contrário, o conflito na Bósnia reavivou “feudos locais” em Medjugorje.

os bombardeios, os refugiados, os erros da Otan, somadas a uma avalanche de artigos analíticos de intelectuais e de jornalistas (diferentemente que nas guerras anteriores, onde predominavam os artigos analíticos de jornalistas) saíam dia após dia nos jornais, ocupando de duas a três páginas do caderno de internacional e, muitas vezes, também outras seções, como editorial, opinião e cultura.

Ao mesmo tempo, contudo, os enviados especiais da *Folha*, Kennedy Alencar e Sylvia Colombo, e os vários correspondentes de jornais internacionais publicados pelo *Estadão* que lá estavam, encontravam-se em uma situação relativamente segura. Estavam em Belgrado ou nos campos de refugiados principalmente, algumas vezes em outras cidades da então Iugoslávia, e menos vezes no Kosovo. O maior risco que corriam era de que uma bomba da Otan errasse a pontaria e acertasse suas cabeças. Deste modo, a cobertura foi bem ampla e a notícia principal do dia, excetuando as negociações de paz, o bombardeio da embaixada chinesa em Belgrado e a chegada inesperada das tropas russas a Pristina, variava bastante. E variava também a cobertura de Alencar. (A cobertura de Sylvia Colombo foi mais pontual, ela foi enviada especial para cobrir um campo de refugiados e conversar com essas pessoas, apenas isso).

Kennedy Alencar cobriu os bombardeios, as negociações diplomáticas, entrevistou pessoas desconhecidas e conhecidas, como Arkan (antigo líder dos Tigres, milícia que atuou nas guerras da Bósnia e da Croácia, indiciado por crimes de guerra pelo Tribunal Penal Internacional, assassinado recentemente), fez “amigos”, como Mirko Bozic, seu motorista (convocado para manobrar uma bateria antiaérea que, segundo Mirko, não servia para nada) e, no final da guerra, como não poderia deixar de ser, cobriu o retorno dos refugiados, o êxodo sérvio e a entrada das tropas de paz da Otan no Kosovo. Alencar diz que tinha que dar também o factual, e suas fontes de informação eram, a televisão, o centro de imprensa iugoslavo, a internet, entrevistas com autoridades e a redação, em São Paulo, via telefone. Preferia entretanto fazer “matérias exclusivas” (informação verbal)²⁶⁸.

E foi uma cobertura simples. Uma reunião de fatos e relatos. Assim como seu livro “Kosovo: a guerra dos covardes” (1999), que repete, de certa forma, a sua cobertura, sem grandes ambições teóricas e pouca dramaticidade, excetuando, é claro, a matéria em que fala de um ataque “por engano” da Otan a um comboio de refugiados no Kosovo:

Os mortos por esse míssil estão numa sala fria do hospital de Prizren. Há dois homens, um deles sem cabeça, três mulheres e uma menina de 7 anos. A garota tinha pequenos olhos negros, que ainda estavam abertos. Deitada ao lado da mãe, virara parte do que a Otan classifica cinicamente de “dano colateral” (18 abr. 1999, p. 1-18*).

Esta era Bersade Sumajli. Neste ponto, como em seu livro, sua posição, apesar do pragmatismo, tornava-se bem clara, foi uma guerra entre covardes: Milosevic, que acelerou a limpeza étnica do Kosovo durante os bombardeios, a Otan, cujos soldados não poderiam correr risco de vida, e o ELK, que matara sérvios inocentes. As maiores vítimas foram os civis, simbolizados na morte da menina Bersade. Nas palavras de Alencar,

Usar imagens de crianças para sensibilizar leitores e telespectadores é clichê de todas as guerras e de todas as catástrofes. Mas ver o clichê de perto assusta, entristece, revolta. Eu pensava no absurdo da morte de Bersade. (...) Aquela menina foi duplamente vítima: da insensatez da intolerância étnica e do erro da maior força militar do planeta. Expulsa de casa pela violência sérvia, foi massacrada por seus pretensos salvadores (1999, p. 117-118).

Ele, enquanto Kennedy Alencar, no entanto, pouco apareceu durante sua cobertura. Apesar da *Folha*, por exemplo, desenhar “A viagem de Belgrado a Pristina” (9 abr. 1999, p. 1-14*) e neste dia colocar uma chamada “Testemunho” ao lado da matéria de Alencar, o testemunho é da “reportagem da *Folha*”, tal como as entrevistas, quem faz é a *Folha*. Segundo Alencar, em nossa conversa, isso está no manual, é como se deve escrever. Todavia, em nenhum momento tal norma me chamou tanta a atenção, não que na crise dos refêns, por exemplo, isso não tenha ocorrido igualmente, ou na matéria de Kritsch sobre Mostar, que vimos acima, e em outros momentos. O problema é que Alencar ficou muito tempo na Iugoslávia, conheceu pessoas, fez amizades, e soou contraditória a sua anulação enquanto sujeito ao mesmo tempo em que ele se mostrava o tempo todo como sujeito²⁶⁹.

Tal fato aponta, portanto, para a relação ambígua entre o jornalista, de modo geral, e o seu jornal, entre a produção da notícia e a sua divulgação. Por mais que o repórter ganhe em consagração e respeito dentro do campo jornalístico ou, simplesmente, ganhe em autoestima ao cobrir guerras e grandes acontecimentos, e por mais que exista este lugar para o repórter ou enviado especial, o jornal é que deve vir antes, e esta sim é a norma. Ou seja, é

²⁶⁸ Em entrevista à autora, realizada na Sucursal da *Folha*, em Brasília (DF), no dia 24 de outubro de 2003 (na ocasião, ele estava com 36 anos).

sobre o jornal que recai principalmente o prestígio pela cobertura. Em minha conversa com Rebeca Kritsch, um trecho de sua fala foi, neste sentido, revelador; estávamos conversando sobre coberturas internacionais e ela começou a falar espontaneamente da cobertura da *Folha* da última guerra no Iraque, em nenhum momento ela citou Sérgio Dávila, que foi o enviado especial do jornal, mas afirmou, “na Guerra do Golfo, nessa recente, pô, a Folha arrasou” (informação verbal).

Voltando a Kennedy Alencar, para ele, o ingrediente étnico foi apenas um dos ingredientes do conflito,

muito motivado também pela decadência da Sérvia, decadência econômica, pela desintegração da Iugoslávia, pela... a baixa auto-estima do povo sérvio, aquele sofrimento, a economia piorando, uma forma de culpar o mundo, o Milosevic querendo evitar a independência do Kosovo, precisando fazer política interna, a Grande Sérvia, devendo isso, já tinha dançado na guerra da Croácia... No fundo as raízes disso, elas estão no artificialismo multicultural que foram os anos Tito, a ditadura do Tito. O Tito manteve aquilo ali na base da pancadaria mesmo, da porrada, mão de ferro na ditadura; hoje se fala, “ah, a Iugoslávia do Tito”, até hoje você vai na Iugoslávia, tem uma visão idílica, “ah, nós éramos unidos, nós éramos mais...”, mas aquilo à custa de repressão, prisão, de um líder muito forte, que quando se foi, começou a pipocar problema daqui, problema dali, a Eslovênia ficou independente, a Croácia ficou independente, a Bósnia foi embora, a Macedônia também, aí ficou a Sérvia ali, que era a república dominante, eles eram o centro daquele país e que viu reduzida a sua influência, a sua importância, isso teve efeito na economia, a vida começou a piorar, a inflação aumentou, o Milosevic começou a ser questionado (informação verbal).

Alencar ficou um mês em Belgrado, logo que a guerra começou. Neste período, conseguiu ir duas vezes ao Kosovo, no ônibus do Exército iugoslavo; na primeira, foi a Pristina, na segunda, a Prizren, ambas para cobrir os erros da Otan. Retornou à ex-Iugoslávia após a assinatura do acordo de paz, ficando entre Kosovo e Belgrado mais uns dez dias.

Antes de ser enviado especial, ele foi repórter e editor da seção Painel da *Folha*, coluna sobre política nacional. E após cobrir a guerra no Kosovo, foi enviado especial novamente em 2001, desta vez ao Afeganistão, ao Tadjiquistão e ao Paquistão. No momento da elaboração desta, continuava como repórter da *Folha*, em Brasília, onde cobria o “bastidor de política nacional” (informação verbal).

É formado em jornalismo pela Universidade Metodista, em São Bernardo do Campo (SP), e chegou a morar um ano em Londres, para estudar inglês.

²⁶⁹ Eu mesma me vejo, aparentemente, envolvida neste problema, pois, ao mesmo tempo em que me coloco como sujeito ao longo de toda a dissertação, as entrevistas são “à autora”. Me justificando, acredito que o meu problema é um problema lexical, o dos jornalistas no jornal, por sua vez, é um problema epistemológico.

Além de Alencar, Sylvia Colombo também participou da cobertura da *Folha* sobre a guerra do Kosovo. Ela foi enviada especial à Macedônia, onde ficou cinco dias: do dia 9 ao 12 de abril de 1999, em Skopje, e no dia 13, em Ohrid. Seu objetivo eram os campos de refugiados. Segundo ela, Alencar estaria cobrindo muito “hard news” e a *Folha* achava que faltava o lado humano da cobertura e por este motivo, ela foi enviada, para fazer uma “cobertura mais próxima às pessoas” (informação verbal)²⁷⁰, particularmente no campo de Brazda.

Cobriu então o dia-a-dia nos campos, em uma cobertura, que, em suas palavras “não teve nenhuma preocupação em ser profunda, era para trazer relatos, ouvir relatos e passar relatos” (informação verbal); cobriu a hora de comer, as famílias que se separaram (sendo enviadas para campos diferentes), a procura por celulares (para tentar localizar familiares), a fila da água, a busca por fraldas, a brincadeira das crianças.

O interessante destes artigos é que eles tratavam mesmo do cotidiano nos campos, pois não ficamos sabendo nem de onde vieram essas pessoas, e nem porque vieram – se foi devido aos bombardeios ou pela “limpeza étnica” perpetrada pelos sérvios – nos foi contada apenas a situação, e não, o contexto de ser refugiado; deste modo, os refugiados apareceram, não só na cobertura de Colombo, mas de modo geral, mais em termos de imagens e números, do que em termos de relatos e história.

Para concluir, Colombo sublinha na entrevista que, apesar de ter se informado (“em jornais e revistas”) sobre o que estava acontecendo antes de ir para a Macedônia, chegando lá, ela se impressionou com “a coisa da religião, você perceber que as pessoas se odeiam por causa da religião”. E daí ela discorda de outros enviados especiais, afirmando:

todo aquele papo que a gente é acostumado a ouvir aqui, “não, na verdade foram interesses econômicos, políticos, fantasiados de problemas religiosos”, não, é problema religioso mesmo, sobretudo de fanatismo mesmo, de um não deixar o outro atravessar a rua porque o outro é muçulmano, enfim... É pela religião, não tenho a menor dúvida, o problema é religioso e cultural por causa disso, mas enraizado, assim, conversei com crianças ali... você perguntava, “o que você acha dele?”, “ah, ele fede, ele cheira mal, ali no campo de ciganos eles são assim...”. Quer dizer, eles têm a sensação do outro ser diferente, do outro ser ruim e ele bom, sabe... (informação verbal).

Sylvia Colombo, por fim, conclui seu relato de um modo bem interessante para nós do lado de cá da dissertação:

²⁷⁰ A entrevista com Sylvia Colombo foi realizada no dia 13 de outubro de 2003, na sede da *Folha de S. Paulo*, em São Paulo (SP). Na ocasião, ela era editora-adjunta de *Ilustrada* e estava com 31 anos.

you can read a lot about it and when you get there and talk to the person the thing changes, you yourself in your research can perceive this, you can read the newspaper articles and find that the journalists were cold, that was it, that was it, until you talk to the journalist you will see that it is different. I think it is the same thing in war. You will talk to the actors there, the thing changes a lot, I think that this enriches the journalistic coverage (verbal information).

She was formed in history at USP and journalism at PUC, and, at the moment of elaboration of this, she was editor of Folhateen (weekly supplement of *Folha* directed to the young public).

In general, as we saw, the majority of these special envoys was very young still. They were in the range of twenty and a few years when they were sent to ex-Yugoslavia²⁷¹, they were, therefore, at the beginning of their careers, and some, in fact, had only a few years of journalism, at least at *Folha*, where the selection process for correspondents and journalists was more democratic (type "contest").

Thinking one by one, Marcelo Spina studied abroad, decided to go to Bosnia, and from there to here, he could go to Bosnia one more time. He then studied international relations, worked at the Brazilian embassy in Washington and stayed in that field more than in journalism. Fontenelle started working as a journalist in 1990, in 1994 he passed the contest at *Folha* and then took the exam for a scholarship in France, where he had already lived for a year. After that, he worked mainly in the sports section of *Folha* and then in newspapers and sports magazines, until he was invited to work at *Veja*. Simões started working as a journalist in 1990, at *Gazeta Mercantil*, soon after he went to *Estadão*, after that he lived for seven months abroad, in London, when he made several trips to the Middle East. He started working at *Folha* in 1994, where he was reporter, copywriter and head of the sports section, until he was chosen to be a correspondent in London. After that, he was editor and special reporter, he left *Folha* to work at the magazine *Veja* as sub-editor, he left *Veja* to work at BBC, in London. Kritsch studied in 1990, but started working at *Folha* in 1988. He went to *Estadão* in 1990, where he did various activities as reporter and editor until he was special reporter and special envoy to Bosnia,

continuou no *Estadão* até 2001, quando resolveu sair; no momento da elaboração desta, trabalhava na WWF. Colombo entrou na *Folha* em 1993 pelo programa de “Treinamento”²⁷² e passou na prova para ser correspondente em Londres; no momento da elaboração desta, era editora de Folhateen. Alencar começou a trabalhar na *Folha* em 1990, como redator de política. Morou um ano em Londres, para melhorar o inglês. Voltou para *Folha*, onde trabalhou como repórter, depois fez assessoria de imprensa para o Lula e voltou para a *Folha*, para o Painei. Quando voltou do Kosovo, fez mais uma cobertura internacional e foi trabalhar como repórter especial de política para a *Folha*, em Brasília.

Vemos, portanto, que a ascensão no campo jornalístico não é evidente no caso dos jornalistas que foram enviados especiais, mas que, certamente, estes, apesar de novos, não eram quaisquer jornalistas – deviam ser considerados “bons jornalistas”, caso contrário, suponho, não teriam passado no concurso para a bolsa da *Folha* para serem correspondentes em Londres ou em Paris, ou não seriam repórteres especiais; tinham fluência no inglês e, muitas vezes, também no francês, tinham boa formação acadêmica, e a maioria já havia morado no exterior. No entanto, analisando seus percursos jornalísticos profissionais pós-cobertura na ex-Iugoslávia, vemos que o caminho para a consagração leva tempo e seus critérios não perpassam os tópicos desta dissertação.

Concluimos também, a respeito deles, que não existe uma “experiência em cobertura internacional no Brasil”, mas sim uma maleabilidade e versatilidade dentro do próprio campo que permite que esta não seja pré-requisito para uma cobertura deste tipo. A cobertura internacional brasileira, no entanto (ou talvez, portanto), é apenas um quase-estar lá, são fracas realmente, os jornalistas fazem o que podem, mas muitas vezes não podem muito.

Há, contudo, um lugar para o correspondente internacional no conflito, qualquer que seja o seu país de origem (mas claro, países mais centrais têm mais dinheiro, possuem jornalistas famosos e outras qualidades que abrem mais e mais facilmente as portas para a cobertura). Isto porque o correspondente internacional em uma guerra é algo quase

²⁷¹ Exceto William Waack (que já tinha uma larga experiência como jornalista), Leão Serva (que, apesar de não ter sido correspondente no exterior, tinha grande experiência como repórter, chefe de reportagem e editor) e Fernando Costa Netto (autônomo, sem vínculo com jornais, mas com larga experiência jornalística).

²⁷² O programa de Treinamento da *Folha* é um curso intensivo de jornalismo que dura três meses. Para ingressar no programa não é necessário ser jornalista, basta se inscrever e ser selecionado, primeiramente pela ficha de inscrição, em seguida, por uma bateria de testes de conhecimentos gerais (Cf. “O que é o programa de treinamento da Folha?”, disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/trinamento/>>).

institucionalizado, a guerra mal começa, nenhum “civil” entra ou sai da cidade ou do país, mas o jornalista sim. Neste sentido, sobre Sarajevo, Costa Netto afirma: “Sarajevo estava cercada, sitiada, como o Gueto de Varsóvia, ninguém entrava, ninguém saía, só a imprensa, com a ONU e uns outros casos muito especiais” (informação verbal).

São criados, assim, esquemas burocráticos de controle e credenciamento desse pessoal internacional. No caso da ex-Iugoslávia, o credenciamento dos jornalistas era feito junto ao ministério ou centro de informação local e junto ao comando das Forças de Paz da ONU (no caso da Bósnia e da Croácia). Esse credenciamento, além de vital para os jornalistas não serem confundidos com espões ou mercenários, era fundamental para o acesso destes aos meios que possibilitariam suas entradas nas zonas de conflito, particularmente Sarajevo, onde um acento nos vôos, carros ou comboios humanitários era o único modo de entrar na cidade em relativa segurança.

Em relação ao Kosovo, Alencar (1999) nos conta que os jornalistas se cadastravam no centro de imprensa do Exército iugoslavo e então se inscreviam para uma futura viagem para a província. Segundo ele, havia uns 800 jornalistas inscritos, entre estrangeiros e locais, e não era possível saber quando sairia o próximo ônibus do Exército para o Kosovo (o que ocorria, geralmente, quando a Otan cometia algum “dano colateral”). Desta maneira, ia quem tivesse a sorte de estar na hora certa no centro de imprensa ou fosse de grandes redes de TV norte-americanas e européias, que, segundo Alencar, tinham assento garantido: aos sérvios interessava “sensibilizar a opinião pública dos EUA e da Europa” contra os ataques da Otan (1999, p. 51). Alencar, entretanto, afirma ter tido a sorte de ser brasileiro: os “assessores de imprensa simpatizam com o país” (1999, p. 51), e isto o ajudou a ir duas vezes ao Kosovo, durante os bombardeios.

Não apenas Alencar, mas todos os enviados especiais, sem exceção, salientaram o fato de que ser brasileiro na ex-Iugoslávia, como em muitos lugares do mundo, ajuda muito, pela simpatia que as pessoas têm pelo Brasil e pelo fato do jornalista brasileiro geralmente ser um não-concorrente dos demais jornais que cobriam o conflito. Tal fato muitas vezes contrabalançava o fato deste ter bem menos dinheiro para a cobertura do que as grandes empresas jornalísticas européias e norte-americanas. Muitas vezes o jornalista brasileiro conseguia, inclusive, se aproveitar da maior infra-estrutura destes outros meios de comunicação; Leão Serva, por exemplo, usava o escritório da Associated Press em Sarajevo

e usou o carro de um jornalista do *Baltimore Sun*, que não queria dirigir (informação verbal); Kennedy Alencar conseguiu uma carona em Pristina com uns suecos que lhe perguntaram, antes, a sua nacionalidade, pois “Russos, turcos e, às vezes, italianos” podem causar problemas (ALENCAR, 1999, p. 170).

Por fim, o credenciamento e controle dos jornalistas em um conflito, relacionavam-se também com os cuidados mínimos e obrigatórios que eles tinham que tomar antes de irem à zona de conflito, tais como, o uso do capacete e do colete à prova de balas. Tais cuidados eram enumerados para mim, durante as entrevistas, como itens do preparo do jornalista para a guerra. Existem, inclusive, vários livros sobre este assunto, um destes, “Guia de Sobrevivência dos Jornalistas na ex-Iugoslávia”, do Comitê para Proteção dos Jornalistas, virou artigo de jornal, de Daniela Rocha (4 jun. 1995, p. 1-27*), durante a guerra na Bósnia. Rogério Simões, em entrevista, cita também, a importância de se fazer um curso de “ambiente hostil”, para jornalistas, como o que fez na Inglaterra.

Deste modo, nem sempre, como ingenuamente eu supunha, o preparo do jornalista dizia respeito apenas ao preparo intelectual; conhecimentos técnicos, militares e logísticos, além de um certo condicionamento físico, são parte fundamental do preparo do correspondente para a guerra.

É interessante notar também, em relação ao conflito, que muitos dos nossos enviados especiais fizeram amigos (ex)iugoslavos, que os ajudaram na cobertura. Tais “amigos” apareceram em seus artigos, mas apareceram principalmente nos relatos pessoais de cada um deles. Marcelo Spina teve um *fixer* de graça na Croácia, o nome dele era Marinko, já havia vindo para o Brasil para participar de um campeonato de xadrez. E, segundo ele, como Marinko, conheceu outras pessoas que o ajudaram em Sarajevo: “graças a ter conhecido pessoas, ter feito amigos, eu pude viver durante dez dias lá, fazer o trabalho que eu fiz, a fundo mesmo, conhecendo a vida das pessoas, eu vivi na casa delas, ou seja, sem água, sem luz...” (informação verbal). Costa Netto tinha a amiga Mirna e as famílias onde ficara hospedado. Rebeca Kritsch tinha a sua tradutora, guia e amiga, a Maja, que ganhou fotografia e matéria no jornal²⁷³, além de lugar de destaque em seu relato pessoal; Kritsch falava dela com carinho e admiração, contou que Maja “não tinha nada”, e mesmo

²⁷³ Maja era de família mista, de pai sérvio, falecido antes da guerra, mãe muçulmana e ex-marido muçulmano. Deste modo, segundo Kritsch, ela usava o nome de solteira, sérvio, ou o nome de casada, muçulmano, conforme a situação. E

assim lhe deu um broche para guardar de lembrança, contou da calça jeans que deu a ela e contou como ela chorava em alguns momentos da cobertura, como sentia medo, como se sentia parte de algo que ainda não havia acabado. Kennedy Alencar também fez alguns amigos em Belgrado, como a família Jovanovic, que o hospedou no primeiro dia, e o taxista Mirko Bozic, que trabalhou como motorista para Alencar na primeira parte de sua cobertura, ainda durante os bombardeios²⁷⁴.

Por fim, pude perceber o orgulho com que cada um deles falava de sua cobertura e de como isso marcou suas vidas. As guerras na ex-Iugoslávia foram, para a mídia, as grandes guerras da década de 90, e a guerra na Bósnia, particularmente, foi a guerra *par excellence*, com cerco a cidades, expulsão de população, massacres, valas comuns, estupros em massa, campos de detenção, fome e sofrimento, aliás, anos e anos de sofrimento. Nenhuma guerra, exceto a do Golfo talvez, teve tantos holofotes como estas na ex-Iugoslávia, e por isso a sua simbologia quase poética, para não dizer trágica, das guerras que começaram e terminaram o século XX. Não foram muitos os jornalistas que puderam testemunhá-las, sobretudo brasileiros. Estes jornalistas puderam.

Para além da cobertura em si, e para além da carreira de “nossos” enviados especiais, cabe enfatizar o lugar dos livros escritos por esses profissionais.

Os jornalistas são os grandes viajantes de nossa época, a partir de suas experiências, eles nos contam histórias de pessoas, de lugares, de grandes acontecimentos, que ele vivenciou, que ele testemunhou. Deste modo, cada dia mais, o mercado editorial se abre para este tipo de relatos. No Brasil, na última década de 90, livros de correspondentes internacionais brasileiros proliferaram nas estantes de nossas livrarias, isto para não falar dos livros escritos por jornalistas sobre história do Brasil e grandes personalidades. Para se ter uma idéia, foram publicados recentemente: “Kosovo: a guerra dos covardes” (1999), de Kennedy Alencar; “A batalha de Sarajevo” (1994), de Leão Serva; “Mister, you Bagdad: dois repórteres na Guerra do Golfo” (1991), de William Waack e Hélio Campos Mello; “Nova York: antes e depois do atentado” (2002), de Sérgio Dávila; “Diário de Bagdá: a

foi utilizando o nome sérvio que conseguiu tirar a sua mãe de Banja Luka, durante a guerra, quando a cidade foi dominada pelos sérvios. Cf. KRITSCH, 22 set. 1996, p. A22* e fotografia 188 (anexa em Fotografias.pdf).

²⁷⁴ Artigos sobre Mirko, no dia 25 de abril e 21 de junho de 1999, e sobre os Jovanovic, no dia 31 de março de 1999.

guerra segundo os bombardeados” (2003), de Sérgio Dávila e Juca Varella; “Enviado especial: 25 anos ao redor do mundo” (1999), de Clóvis Rossi, e outros.

Beirando geralmente a autobiografia, mas com pretensões intelectuais, estes livros oferecem ao leitor uma narrativa ágil, dinâmica e fluida sobre um assunto muitas vezes complexo – algo supostamente difícil de encontrar nos livros acadêmicos.

Fora do Brasil, nos grandes centros da Europa e dos Estados Unidos principalmente, onde os correspondentes são, de fato, correspondentes internacionais, com especialização em determinadas regiões do globo, os seus livros chegam muitas vezes a substituir os acadêmicos, como vemos em minha própria bibliografia, nomes como o de Judah (1997, 2002), por exemplo, utilizado aqui, não como objeto de análise, mas como fonte de informação para a análise. Poderia citar também Misha Glenny (1996) ou Chuck Sudetic (1998), mas estes se colocam claramente como jornalistas, embora especialistas na região; mesclando em sua narrativa, o testemunho e a história, sem tratar de uma cobertura específica apenas, como os nossos correspondentes citados acima, mas de todo um contexto, onde se incluem várias idas a região.

Talvez, neste sentido, a autobiografia seja um bom medidor para pensarmos o lugar que ocupam estes livros no campo de produção intelectual. E juntamente a ela, um modo de narrar romanceado, que tem foco nos próprios autores-jornalistas, transformados em protagonistas de aventuras e experiências, e contadores de grandes e emocionantes momentos da história. Sendo assim, estes livros podem ser lidos desta maneira também, trivialmente, como se fossem um relato ficcional genérico, e são bem vendáveis, o que incentiva a manutenção de sua produção.

Tais tendências do mercado de produção e difusão do conhecimento (ou da história, ou da cultura...) estão relacionadas (ainda) mais com o mercado editorial, do que com o futuro das ciências sociais. Não devemos, portanto, temer por isso; embora elas contribuam para o círculo do senso comum, para a manutenção de *story lines*, e para a permanência de discursos hegemônicos e modos de lidar com a alteridade, e influam desta maneira em nossa reflexão, ao nos colocar um fato, para ser pensado, analisado e criticado. Espero ter conseguido fazer isso nesta dissertação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As hipóteses que nortearam a elaboração desta dissertação eram bem precisas. A primeira, referia-se à mudança do vocabulário utilizado para dar conta dos conflitos contemporâneos à guerra fria, para o utilizado para dar conta dos conflitos da década de 90, assim, no primeiro momento teríamos o uso de um vocabulário estrategista, e no segundo, o uso de um vocabulário culturalista e despolitizado, que tomei como o hegemônico da cobertura da imprensa brasileira das guerras na ex-Iugoslávia; a segunda hipótese apontava para a constatação de uma diferença ontológica entre *nós* e *eles*, que a mídia corroboraria a partir do uso estereotipado de conceitos antropológicos, e a conseqüente naturalização e apolitização do conflito; por fim, a terceira hipótese apontava para a reedição de uma tradição discursiva de representação dos Bálcãs, que informaria a elaboração do discurso da imprensa sobre as guerras na ex-Iugoslávia.

Apesar da precisão das hipóteses, foi necessário para a sua confirmação, trilhar um longo caminho por entre as datas, da década de 80 e da década de 90, e evitar ao máximo deixar lacunas, quero dizer, períodos de tempo não pesquisados, jornais sem serem lidos. Isto porque, ao meu ver, a crítica às mídias de modo geral é um assunto corrente dentro do próprio jornalismo e nas ciências humanas, neste sentido, todos reclamam das mídias, e muitos apontam como certezas, o que coloquei aqui como hipóteses.

Além de analisar o texto dos jornais, procurei também entender como funciona a imprensa, particularmente a imprensa escrita, como se dá a produção das notícias pelos correspondentes internacionais, nacionais ou estrangeiros, e como se dá a elaboração deste noticiário pelas nossas editorias. Este caminho me fez chegar então a várias conclusões e indagações que, se não fosse pela leitura exaustiva de jornais, entrariam também como hipóteses ou citações bibliográficas, dentre elas, a existência de uma paisagem jornalística onde as notícias acontecem, e as tendências de fechamento (como diz Bourdieu) no jornalismo, que lê a si próprio e que busca modos de escrita simples, dinâmicos e agradáveis.

No momento seguinte, busquei contextualizar historicamente a região da ex-Iugoslávia e contar como foi a cobertura das guerras. Constatei que, para falar da ex-Iugoslávia, tanto a imprensa, como nós, por conseqüência, temos que retroceder no tempo,

pois é em torno deste que se dá a disputa por representações sobre os Bálcãs e que se deu, particularmente, a elaboração da fala sobre o fim da ex-Iugoslávia.

Confesso. Em muitos momentos, me dei por desacreditada, dado a heterogeneidade do noticiário e dado a honestidade do trabalho dos editores e jornalistas com os quais conversei. Mesmo assim, foi possível demonstrar como algumas informações foram recorrentes na explicação dos conflitos e nos modos de abordá-los, e como estas informações remetiam às minhas hipóteses iniciais de pesquisa e a um modo de escrita próprio ao jornalismo. As informações que se distinguiam destas recorrências, fossem elas fatos ou narrativas ou explicações isoladas, formavam discursos heterodoxos paralelos, mas dificilmente sobrepujavam a fala hegemônica.

Posto isso, elenco aqui duas de minhas principais conclusões (muitas outras, encontram-se ao longo do texto, não convém aqui repeti-las). A primeira, é que a imprensa, ao afirmar constantemente que a Iugoslávia foi um país criado artificialmente, uma associação de várias línguas, etnias e religiões, e que por isso, obviamente, não poderia ter dado certo, acabava sendo, ela mesma, porta voz de discursos nacionalistas e de suas mitologias nacionais, inclusive das nossas, que acredita só ser possível o Estado nacional, se há homogeneidade populacional étnico-linguística. Não que as guerras na ex-Iugoslávia não tenham sido, em última instância, nacionalistas ou étnicas, mas a imprensa ao se prender meramente a estas categorias, enquanto categorias estanques, ela imputava ao “problema iugoslavo”, características intrínsecas, onde os sujeitos políticos não eram todos os sujeitos e onde se fixava visões e divisões do mundo. Desta maneira, no intuito de explicar o conflito a partir da história e da cultura, a imprensa (ou os jornalistas e seus jornais ou agências de notícias) anulava, muitas vezes, histórias e culturas, ao transformarem-nas em características naturais e imutáveis dos povos dos Bálcãs.

Minha segunda conclusão é que, deste modo, o jornalismo internacional acabava sendo muito pouco internacional, pois, ao se constituir a partir de um senso comum que buscava linhas prontas de história para falar do outro, ele acabava (ao falar para nós) falando de nós o tempo todo, e muito pouco do outro.

Precisamos, contudo, da imprensa, e que ela seja livre e até mais livre do que ela é hoje, pois livre de suas paisagens informativas e informacionais. Enquanto isso, temos que

ter uma clareza apenas, que jornalismo é índice antes de ser conhecimento, é evento, antes de ser história. O que não é ruim, o que não é desnecessário, pelo contrário.

O problema é quando não mais discernimos índice de conhecimento, evento de história. Que foi o que aconteceu nas guerras na ex-Iugoslávia. Que é o que acontece muito freqüentemente quando lemos jornais.

BIBLIOGRAFIA

ALENCAR, Kennedy. *Kosovo: a guerra dos covardes*. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 1999.

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.

ARBEX JUNIOR, José. *O poder da TV*. São Paulo: Scipioni, 1995.

_____. *Telejornalismo: mídia e história no contexto da Guerra do Golfo*. 2000, 195 p. Tese (Doutorado em História)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo*. Tradução Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 6023: informação e documentação: referências: elaboração*. Rio de Janeiro: 2002.

_____. *NBR 10520: informação e documentação: citações em documentos: apresentação*. Rio de Janeiro: 2002.

BAHIA, Juarez. 3 fases do jornalismo brasileiro. In: CASTELO BRANCO, Renato (Coord.). *História da propaganda no Brasil*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1990. p. 208-215.

BASCH, Gábor. *Assentados, estrangeiros e nativos: conflitos sobre nacionalidade e cidadania na Hungria e na Voivodina*. 2003, 170 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Unicamp, Campinas, 2003.

BAX, Mart. Barbarization in a Bosnian pilgrimage center. In: HALPERN, J.; KIDECKEL, D. (Ed.). *Neighbors at war: anthropological perspectives on Yugoslav ethnicity, culture, and history*. University Park: Pennsylvania University Press, 2000. p. 187-202.

BÉRENGER, Jean. O império austro-húngaro e a geopolítica balcânica. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 47, p. 19-38, mar. 1997.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Tradução Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BIAGI, Orivaldo Leme. *O imaginário e a guerra da imprensa: estudo sobre a cobertura realizada pela imprensa brasileira da Guerra do Vietnã na sua chamada "fase americana" (1964-1973)*. 1996, 219 f. Dissertação (Mestrado em História). Unicamp, Campinas, 1996.

_____. *O imaginário e as guerras da imprensa: estudo das coberturas realizadas pela imprensa brasileira da Guerra da Coréia (1950-1953) e da Guerra do Vietnã na sua chamada "fase americana" (1964-1973)*. 2001, 286 p. Tese (Doutorado em História). Unicamp, Campinas, 2001.

BLACKBURN, Robin. O esfacelamento da Iugoslávia e o destino da Bósnia. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 47, p. 62-83, mar. 1997.

BOTEV, Nicolai. Seeing past the barricades: ethnic intermarriage in former Yugoslavia. In: HALPERN, J.; KIDECKEL, D. (Ed.). *Neighbors at war: anthropological perspectives on Yugoslav ethnicity, culture, and history*. University Park: Pennsylvania University Press, 2000. p. 219-233.

BOUGAREL, Xavier. *Bosnie: anatomie d'un conflit*. Paris: La Découverte, 1996.

BOURDIEU, Pierre. L'emprise du journalisme. *Actes de la Recherche in Sciences Sociales*, Paris, n. 101/102, p. 3-9, mar. 1994.

_____. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *Sobre a televisão*. Tradução Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. Seguido de A influência do jornalismo e Os jogos Olímpicos.

_____. *O poder simbólico*. Tradução Fernando Tomaz. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1998.

BRIOSCHI, Lucila; FUKUI, Lia; SAMPAIO, Efigênia. *A desescolarização, o trabalho infantil e a questão do menor: uma análise da temática na grande imprensa paulista na década de 70*. São Paulo: Inep, 1984.

CHOMSKI, Noam. *The new military humanism: lessons from Kosovo*. London: Pluto, 1999.

COMAROFF, John L., STERN, Paul C. New perspectives on nationalism and war. In: COMAROFF, John L.; STERN, Paul C. (Edit.). *Perspectives on nationalism and war*. Amsterdam: Gordon and Breach Science Publishers, 2000. p. 1-13.

COSTA NETTO, Fernando. Enjoy Sarajevo. *Revista Boom*, São Paulo, p. 14-27, 1994.

LE COURRIER des Balkans. Arcueil (França). Disponível em:
<<http://www.balkans.eu.org>>. Acesso em: 6 set. 2004. Desde 1999.

DENICH, Bette. Unmaking multiethnicity in Yugoslavia: media and metamorphosis. In: HALPERN, J.; KIDECKEL, D. (Ed.). *Neighbors at war: anthropological perspectives on Yugoslav ethnicity, culture, and history*. University Park: Pennsylvania University Press, 2000. p. 39-55.

DESPALATOVIĆ, Elinor M. The roots of the war in Croatia. In: HALPERN, J.; KIDECKEL, D. (Ed.). *Neighbors at war: anthropological perspectives on Yugoslav ethnicity, culture, and history*. University Park: Pennsylvania University Press, 2000. p. 81-102.

DINES, Alberto. *O papel do jornal: uma releitura*. 4 ed. ampl. e atual. São Paulo: Summus, 1986.

DOR e sangue na cidade destrocada. *Veja*, São Paulo, p. 30-33, 16 fev. 1994.

ERBOLATO, Mário L. *Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário*. Petrópolis: Vozes, 1978.

FERRARA, Miriam Nicolau. *A imprensa negra paulista (1915-1963)*. São Paulo: USP: FFLCH, 1986. (Antropologia, 13)

FILIPOVIĆ, Zlata. *O diário de Zlata: a vida de uma menina na guerra*. Tradução Antonio de Macedo Soares e Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FOLHA de S. Paulo. 29 abr. 1992. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/almanaque/mundo90.htm>. Acesso em: 10 fev. 2005.

_____. O jornal mais influente do país. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/conheca/>>. Acesso em: 7 ago. 2004.

_____. O que é o programa de treinamento da Folha?. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/treinamento/>>. Acesso em: 25 jan. 2005.

FREYRE, Gilberto. *A imprensa como objeto de estudo da sociologia e da antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1970.

GARDE, Paul. *Vie et mort de la Yougoslavie*. éd. augmentée. Paris: Fayard, 1994.

GEERTZ, Clifford. *Obras e vidas: o antropólogo como autor*. Tradução Vera Ribeiro. Editora UFRJ: 2002.

GELLNER, Ernest. *Nações e nacionalismo*. Tradução Ines Vaz Pinto. Lisboa: Gradiva, 1993.

GIANUCA, Renato. Mídia e a crise de credibilidade. *Observatório da Imprensa*, São Paulo, 1 fev. 2005. Disponível em:

<<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=314IPB004>>. Acesso em: 14 fev. 2005.

GLENNY, Misha. *The fall of Yugoslavia: the third Balkan war*. London: Penguin, 1996.

HABERMAS, J. O estado-nação europeu frente aos desafios da globalização. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 43, p. 87-101, nov. 1995.

_____. Inclusão: integrar ou incorporar? *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 52, p. 99-120, nov. 1998.

_____. Bestialidade e humanidade. Uma guerra no limite entre direito e moral. *Cadernos de Filosofia Alemã*, São Paulo, n. 5, 1999. Tradução Luiz Repa.

HALPERN, J.; KIDECKEL, D. (Ed.). *Neighbors at war: anthropological perspectives on Yugoslav ethnicity, culture, and history*. University Park: Pennsylvania University Press, 2000.

HAMMEL, E. A. Lessons from the Yugoslav labyrinth. In: HALPERN, J.; KIDECKEL, D. (Ed.). *Neighbors at war: anthropological perspectives on Yugoslav ethnicity, culture, and history*. University Park: Pennsylvania University Press, 2000. p. 19-38.

HANNERZ, Ulf. *Transnational connections: culture, people, places*. London: Routledge, 2000.

_____. *Foreign news: exploring the world of foreign correspondents*. Chicago: The University of Chicago Press, 2004.

HOBBSBAWM, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Tradução Maria Celia Paoli e Anna Maria Quirino. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

- _____. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Tradução Marcos Santarrita. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- HOBBSAWM, Eric; RANGER Terence (Org.). *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1984.
- HUNTINGTON, Samuel. Choque das civilizações? *Política externa*, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 120-141, mar. 1994.
- IVEKOVIC, Ivan. O drama iugoslavo. Identidade: idéias preconcebidas, manipulações políticas e falsificações históricas. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 47, p. 39-61, mar. 1997.
- JOVANOVIC, Aleksandar. Iugoslávia, uma constelação cultural. *Revista USP*, São Paulo, n. 6, p. 49-64, jun./jul./ago. 1990.
- JOVANOVIĆ, Goran. The Yugoslav war through cartoons. In: HALPERN, J.; KIDECKEL, D. (Ed.). *Neighbors at war: anthropological perspectives on Yugoslav ethnicity, culture, and history*. University Park: Pennsylvania University Press, 2000. p. 255-288.
- JUARISTI, Jon. *El bosque originario: genealogías míticas de los pueblos de Europa*. Madrid: Taurus, 2000.
- JUDAH, Tim. *The Serbs: history, myth and the destruction of Yugoslavia*. New Haven: Yale University Press, 1997.
- _____. *Kosovo: war and revenge*. 2. ed. ampl. New Haven: Yale University Press, 2002.
- KNIGHTLEY, Phillip. *A primeira vítima: o correspondente de guerra como herói, propagandista e fabricante de mitos, da Criméia ao Vietnã*. Tradução Sônia Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.
- KRITSCH, Rebeca. *Redescobrimo o Brasil*. São Paulo: Panda Books, 2002.
- KUCINSKI, Bernardo. *A síndrome da antena parabólica: ética no jornalismo brasileiro*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.
- LAGE, Nilson. *Ideologia e técnica da notícia*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- _____. *Linguagem jornalística*. São Paulo: Ática, 1985.
- LAGO, Cláudia. Reflexões sobre Antropologia e Comunicação: o *ethos* romântico do jornalismo enquanto um estudo de caso. In: TRAVANCAS, I.; FARIAS, P. (Org.). *Antropologia e comunicação*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003. p. 25-46.
- LEITURAS da imprensa. Fotografia Sebastião Salgado; texto Camilo Vannuchi, Geni Rosa Duarte, Maria Helena Simões Paes. São Paulo: BEI Comunicação, 2000. (Exôdos: Programa Educacional, 2)
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Tradução Tânia Pellegrini. Campinas: Papyrus, 2002.
- LÉVY, Bernard-Henri. Idéias e armas de um filósofo pró-Otan. *República*, São Paulo, n. 32, p. 80-84, jun. 1999. Entrevista concedida a Jó Carvalho.

- LOMNITZ, Claudio. O nacionalismo como um sistema prático: a teoria de Benedict Anderson da perspectiva da América Hispânica. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 59, p. 37-61, mar. 2001.
- MALCOLM, Noel. *Bosnia: a short history*. New York: New York University Press, 1994.
- _____. *Kosovo: a short history*. New York: New York University Press, 1998.
- MALKKI, Liisa. *Purity and exile: violence, memory, and national cosmology among Hutu refugees in Tanzania*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- MANUAL geral da redação: Folha de S. Paulo. 2 ed. rev. ampl. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1987.
- MANUAL geral da redação: Folha de S. Paulo. 2 ed. rev. ampl. São Paulo: Publifolha, 2001.
- MARCUS, George. Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 34, p. 197-221, 1991.
- MATTOS, Sérgio. *Censura de guerra: da Criméia ao Golfo Pérsico*. Salvador: Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado da Bahia, 1991.
- MEIER, Viktor. *Yugoslavia: a history of its demise*. Translated by Sabrina P. Ramet. London, New York: Routledge, 1999.
- MERTUS, Julie. National minorities under the Dayton accord. In: HALPERN, J.; KIDECKEL, D. (Ed.). *Neighbors at war: anthropological perspectives on Yugoslav ethnicity, culture, and history*. University Park: Pennsylvania University Press, 2000. p. 234-254.
- MESQUITA, Fernão Lara. O perigo da concentração da mídia. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 16 jan. 2005. Vida&, p. A16.
- MESQUITA, Ruy. Esses 130 anos são a vitória de um ideal em defesa da democracia. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 4 jan. 2005. Vida&, p. A13. Entrevista concedida a José Maria Mayrink.
- MESQUITA NETO, Júlio de. Um dos 20 melhores jornais do mundo. Disponível em: <<http://txt.estado.com.br/inst/inst.html>>. Acesso em: 10 ago. 2004.
- MILOSEVICH, Mira. *Los tristes y los héroes: historias de nacionalistas serbios*. Madri: Espasa Calpe, 2000.
- _____. *El trigo de la guerra*. Madri: Espasa Calpe, 2001.
- MONTENEGRO, Silvia M. Discursos e contradiscursos: o olhar da mídia sobre o Islã no Brasil. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 63-91, abr. 2002.
- MOREIRA, Sônia Virgínia. O mundo pelas agências de notícias. *Comunicação & Educação*, São Paulo, n. 5, p. 23-26, jan./abr. 1996.
- MORIN, Edgar. *Os fratricidas: Jugoslávia-Bósnia 1991-1995*. Lisboa: Relógio D'Água, 1996.

MURŠIČ, Rajko. The Yugoslav dark side of humanity: a view from a Slovene blind spot. In: HALPERN, J.; KIDECKEL, D. (Ed.). *Neighbors at war: anthropological perspectives on Yugoslav ethnicity, culture, and history*. University Park: Pennsylvania University Press, 2000. p. 56-77.

NATALI, João Batista. *Jornalismo internacional*. São Paulo: Contexto, 2004.

NEIBURG, Federico. O naciocentrismo das Ciências Sociais e as formas de conceituar a violência política e os processos de politização da vida social. In: WAIZBORT, L. (Org.) *Dossiê Norbert Elias*. São Paulo: Edusp, 1999. p. 37-62.

PETROVIĆ, Edit. Ethnonationalism and the dissolution of Yugoslavia. In: HALPERN, J.; KIDECKEL, D. (Ed.). *Neighbors at war: anthropological perspectives on Yugoslav ethnicity, culture, and history*. University Park: Pennsylvania University Press, 2000. p. 164-176.

PIERRÉ-CAPS, Stéphane. *A multinação: o futuro das minorias na Europa Central e Oriental*. Lisboa: Instituto Piaget, [1995?].

ROSSI, Clóvis. *Enviado especial: 25 anos ao redor do mundo*. São Paulo: Senac, 1999.

SACCO, Joe. *Área de segurança Gorazde: a guerra na Bósnia Oriental, 1992-1995*. Tradução Sérgio Augusto Miranda. São Paulo: Conrad, 2001.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. Tradução Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. *Covering Islam: how the media and the experts determine how we see the rest of the world*. New York: Vintage, 1997.

SALGADO, Sebastião. *Êxodos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SERVA, Leão. *A batalha de Sarajevo*. São Paulo: Scritta, 1994.

_____. *Babel: a mídia antes do dilúvio e nos primeiros tempos*. São Paulo: Mandarim, 1997.

_____. *Tempo de guerra, tempo de jornal: estudo sobre procedimentos jornalísticos a partir de coberturas de conflitos na Iugoslávia*. 1998, 190 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1998.

_____. *Jornalismo e desinformação*. São Paulo: Senac, 2001.

SIMIĆ, Andrei. Nationalism as a folk ideology: the case of former Yugoslavia. In: HALPERN, J.; KIDECKEL, D. (Ed.). *Neighbors at war: anthropological perspectives on Yugoslav ethnicity, culture, and history*. University Park: Pennsylvania University Press, 2000. p. 103-115.

SMITH, Anthony D. *La identidad nacional*. [Madri]: Trama, 1997.

_____. O nacionalismo e os historiadores. In: BALAKRISHNAN, Gopal (Org.). *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. p. 185-208.

- SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. Tradução Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- STROZENBERG, Ilana. Antropologia e comunicação: que conversa é essa? In: TRAVANCAS, I.; FARIAS, P. (Org.). *Antropologia e comunicação*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003. p. 15-24.
- SUDETIC, Chuck. *Blood and vengeance: one family's story of the war in Bosnia*. New York: W. W. Norton & Company, 1998.
- TAYLOR, John. *Body horror: photojournalism, catastrophe and war*. Manchester: Manchester University Press, 1998.
- THOMAZ, Omar Ribeiro. Bósnia-Herzegovina: a vitória da política do medo. *Novos Estudos CEBPAP*, São Paulo, n. 47, p. 3-18, mar. 1997.
- TODOROVA, Maria. *Imaging the Balkans*. New York: Oxford University Press, 1997.
- TORRES, João Batista de Miranda. *As folhas do mal?: espectros da antropologia na imprensa*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). 1994, 321 f. Universidade de Brasília, Brasília, 1994.
- TRAVANCAS, Isabel Siqueira. *O mundo dos jornalistas*. São Paulo: Summus, 1992.
- VICKERS, Miranda. *Between Serb and Albanian: a history of Kosovo*. New York: Columbia University Press, 1998.
- VIRILIO, Paul. *Estratégia da decepção*. Tradução Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.
- WAACK, William, MELLO, Hélio Campos. *Mister, you Bagdad: dois repórteres na Guerra do Golfo*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1991.
- WEBER, Max. Comunidades étnicas. In: *Economia y sociedad: esbozo de sociología comprensiva*. México: Fondo de Cultura Económica, 1969. p. 315-327.
- WEINE, Stevan. Redefining *merhamet* after a historical nightmare. In: HALPERN, J.; KIDECKEL, D. (Ed.). *Neighbors at war: anthropological perspectives on Yugoslav ethnicity, culture, and history*. University Park: Pennsylvania University Press, 2000. p. 401-412.
- WOLFF, Larry. *Inventing Eastern Europe: the map of civilization on the mind of Enlightenment*. Stanford: Stanford University Press, 1994.
- ZIZEK, Slavoj. Iraque: pró e contra. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 30 mar. 2003. Mais!, p. 12-15.

ARTIGOS CITADOS

(em ordem alfabética, separados por capítulo)

Os artigos assinalados com asterisco “*” encontram-se anexos no cd-rom, no arquivo “Artigos.pdf”.

INTRODUÇÃO (p. 3-12)

BLAIR, Tony. Só paramos se Milosevic aceitar nossas condições. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 19 abr. 1999. Mundo, p. 1-13.*

COSTA NETTO, Fernando. Cenas de um front line. *Revista Boom*, São Paulo, p. 26-27, 1994.

GANIC, Ejup. ONU nada faz pela Bósnia. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 31 jan. 1993. Internacional, p. 12. Entrevista concedida a Sônia Nolasco.*

KISSINGER, Henry. Problema iugoslavo exige estratégia coerente. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 22 set. 1992. Espaço Aberto, p. 2.*

LAFFERTY, Elaine. Kosovo em ruínas. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 3 jun. 1999. Time Magazine, p. 10.

RORTY, Richard. Meio milhão de capacetes azuis. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 7 jan. 1996. Mais!, p. 5-11.

SERVA, Leão. Morteiros. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 26 abr. 1993. Mundo, p. 2-7. Enviado especial à Bósnia.*

CAPÍTULO 1. História da imprensa de guerra (p. 15-29)

CLÓVIS Rossi recebe homenagem de fundação criada por García Márquez. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 12 ago. 2004. Brasil, p. A6. Da Reportagem Local.

CAPÍTULO 2. Notas sobre imprensa e jornalismo internacional no Brasil (p. 31-55)

20 mil sérvios fogem da Croácia em 1 dia. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 6 mar. 1991. Internacional, p. 10. De Belgrado.

MAIS 8 mil albaneses buscam refúgio na Itália. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 7 mar. 1991. Internacional, p. 7. De Dures, Albânia.

MESQUITA, Fernão Lara. O perigo da concentração da mídia. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 16 jan. 2005. Vida&, p. A16.

MESQUITA, Ruy. Esses 130 anos são a vitória de um ideal em defesa da democracia. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 4 jan. 2005. Vida&, p. A13. Entrevista concedida a José Maria Mayrink.

WAACK, William. População tenta fugir da guerra. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 5 out. 1991. Internacional, p. 8. Enviado especial a Sisak, Croácia.*

CAPÍTULO 3. Década de 80 (p. 73-78)

ATENTADO mata 150 em Sri Lanka. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 22 abr. 1987. Manchete, p. 1.

BASCOS explodem 3 carros-bomba no centro de Madrid. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 18 maio de 1987. Exterior, p. A9. Das agências internacionais.*

BLINDER, Caio. Crescimento xiita preocupa Kremlin. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 26 nov. 1988. Exterior, p. A-10. Da equipe de articulistas.

CHOQUES entre cristãos e muçulmanos matam pelo menos vinte no Líbano. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 1 jun. 1987. Exterior, p. A-10. Das agências internacionais.*

DIFERENÇAS nacionais. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 22 out. 1988. Opinião, p. A-2.*

IMPrensa da Iugoslávia entrevista o dissidente Djilas. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 27 mar. 1987. Exterior, p. A-7. Das agências internacionais.

LAPOUGE, Gilles. Olho por olho, dente por dente. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 23 abr. 1987. Exterior, p. 6. Correspondente, de Paris.

Na Iugoslávia (p. 78-85)

ASCHER, Nelson. Poeta iugoslavo canta o oxigênio. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 17 abr. 1987. Ilustrada, p. A-32. Crítico da Folha.

COMUNISTA vence a eleição da Eslovênia. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 24 abr. 1990. Internacional, p. 10. De Belgrado.

CRIME leva Iugoslávia a temer guerra civil. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 mar. 1989. Internacional, p. 8. De Belgrado.*

DIREÇÃO regional do PC da Iugoslávia renuncia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 7 out. 1988. Exterior, p. A-10. Das agências internacionais.*

ESLOVÊNIA quer independência do Estado iugoslavo. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 27 set. 1989. Exterior, p. A-10. Das agências internacionais.

FERVE o caldeirão iugoslavo. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 abr. 1987. Notas e Informações, p. 3.

IUGOSLÁVIA amplia repressão a opositoristas. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 6 jun. 1988. Exterior, p. A-8. Da agência Reuter.

IUGOSLÁVIA envia tropas para conter manifestações. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 11 out. 1988. Exterior, p. A-8. Das agências internacionais.*

IUGOSLÁVIA usa tanques para reprimir conflito no sul. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 2 fev. 1990. Exterior, p. A-10. Das agências internacionais.*

LAPOUGE, Gilles. Iugoslávia enfrenta sua mais grave crise. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 29 mar. 1987. Exterior, p. 20. Correspondente, de Paris.*

LOPARIC, Zeljko. A crise iugoslava. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 6 fev. 1990. Tendências e Debates, p. A-3.*

UM MILHÃO de sérvios protestam em Belgrado. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 1 mar. 1989. Internacional, p. 7. De Belgrado.*

PC iugoslavo denuncia “inimigos do socialismo”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 13 out. 1988. Exterior, p. A-12. Das agências internacionais.

PC perde o rumo na Iugoslávia. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 24 jan. 1990. Internacional, p. 9. De Belgrado.*

PROTESTO iugoslavo chega a Montenegro. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 9 out. 1988. Internacional, p. 11. De Belgrado.*

RENUNCIA o presidente da Voivodina. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 7 out. 1988. Internacional, p. 10. De Belgrado.

SÉRVIA quer controle total sobre a região. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 2 fev. 1990. Exterior, p. A-10. Da Redação.*

CAPÍTULO 4. Década de 90 – as guerras

Croácia e Eslovênia (p. 87-102)

AGITAÇÃO na Croácia causa seis mortos. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 mar. 1991. Internacional, p. 11. De Belgrado.*

ALENCAR, Kennedy. Brasileiros abandonam Belgrado após ataque. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 26 mar. 1999. Mundo, p. 1-10. Editor do Painel.*

BARBER, Tony. Entenda a guerra nas ex-repúblicas iugoslavas. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 13 ago. 1992. Mundo, p. 2-14. Do *The Independent*, de Zagreb.*

CEE obtém acordo de paz na Iugoslávia. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 9 jul. 1991. Internacional, p. 6. De Brioni, Croácia.

CEE tentará evitar a guerra na Iugoslávia. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 ago. 1991. Internacional, p. 7. De Bruxelas.*

COMEÇAM combates na Iugoslávia. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 28 jun. 1991. Manchete, p. 1.*

CONFLITO étnico ameaça posse de novo presidente da Iugoslávia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 15 maio 1991. Mundo, p. 2-4. Das agências internacionais.

CONFRONTO com a polícia mata 2 na Croácia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 1 abr. 1991. Mundo, p. 2-4. Das agências internacionais.

CSCE ativa mecanismos de segurança. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 28 jun. 1991. Internacional, p. 8. De Viena.*

DJILAS, Milovan. Risco de guerra generalizada. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 13 jul. 1991. Espaço Aberto, p. 2.

DUAS repúblicas rompem com Iugoslávia. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 26 jun. 1991. Internacional, p. 6. De Belgrado.*

EPSTEIN, Marc. Eslovenos buscam identidade. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 14 maio 1993. Internacional, p. 8. Da *L'Express*.*

EXÉRCITO intervém em cidades da Iugoslávia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 4 abr. 1991. Mundo, p. 2-7. Das agências internacionais.

FRACASSA tentativa de solução pacífica. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 28 jun. 1991. Internacional, p. 8. De Belgrado.*

GABEIRA, Fernando. Sérvia acusa Croácia de assassinar crianças. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 21 nov. 1991. Mundo, p. 2-3. Correspondente, de Berlim.

_____. CE decide reconhecer Croácia e Eslovênia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 18 dez. 1991. Mundo, p. 2-3. Correspondente, de Berlim.

GAÚCHOS dão apoio à luta separatista. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 9 jul. 1991. Internacional, p. 6. De Porto Alegre.

GODOY, Norton. Sérvios impedem posse do 1º presidente iugoslavo não-comunista. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 16 maio 1991. Mundo, p. 2-4. Da redação. Com agências internacionais.

GUSTINCIC, Andrej. Sarvas é hoje cidade fantasma. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 ago. 1991. Internacional, p. 7. Da agência Reuter, de Sarvas, Iugoslávia.*

HELICÓPTERO da CEE é atingido na Croácia. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 17 ago. 1991. Internacional, p. 6. De Belgrado.

HERITAGE, Timothy. Sérvios erguem barricadas em república iugoslava. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 6 abr. 1991. Mundo, p. 2-2. Da agência Reuter, de Zagreb.*

ISOLADA, Eslovênia se declara em guerra. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 28 jun. 1991. Internacional, p. 8. De Liubliana, Iugoslávia.*

IUGOSLÁVIA adia voto sobre vazio na Presidência. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 17 maio 1991. Mundo, p. 2-3. Das agências internacionais.

IUGOSLÁVIA ameaça intervir na Croácia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 24 jan. 1991. Exterior, p. A-10. Das agências internacionais.*

IUGOSLÁVIA se prepara para guerra civil. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 5 maio 1991. Mundo, p. 2-1. Das agências internacionais.

IUGOSLAVOS estão sem presidente. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 16 maio 1991. Internacional, p. 10. De Belgrado.

KRITSCH, Rebeca. Café Brazil é destaque na noite. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 15 set. 1996. Internacional, p. A22. Enviada especial a Sarajevo.*

_____. Cidade santa da Croácia escapou da fúria da guerra. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 16 set. 1996. Internacional, p. A9. Enviada especial a Medjugorje, Croácia.*

LABAKI, Amir. Budapeste refaz economia capitalista e quer “salvar” minorias húngaras. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 9 dez. 1991. Mundo, p. 2-1. Da equipe de articulistas.

LAPOUGE, Gilles. Movimentos libertários estremecem os Bálcãs. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 12 mar. 1991. Internacional, p. 7. Correspondente, de Paris.*

_____. País pode se tornar um terrível Líbano. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 26 jun. 1991. Internacional, p. 6. Correspondente, de Paris.*

LUTARD, Catherine. Desunião de nacionalidades é histórica. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 26 jun. 1991. Internacional, p. 6. Do *Le Monde Diplomatique*, de Paris.*

_____. Tito combinou repressão com autonomia. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 26 jun. 1991. Internacional, p. 6. Do *Le Monde Diplomatique*, de Paris.*

MILHARES vão às ruas pedir paz na Bósnia. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 6 mar. 1992. Internacional, p. 8. De Sarajevo.

PARLAMENTO pede intervenção do Exército. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 26 jun. 1991. Internacional, p. 6. De Belgrado.*

SANGUE em Belgrado. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 13 mar. 1991. Notas e Informações, p. 3.

SÉRVIA quer o povo pronto para guerra. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 7 jul. 1991. Internacional, p. 12. De Belgrado.*

SÉRVIOS fazem SOS Iugoslávia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 8 maio 1999. Mundo, p. 1-10. Da Redação.*

SÉRVIOS querem criar uma república na Bósnia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 22 dez. 1991. Mundo, p. 2-2.

SMALE, Alison. Croatas enfrentarão mais obstáculos. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 28 jun. 1991. Internacional, p. 8. Da agência Associated Press, Zagreb.*

WAACK, William. Secessão preocupa CEE. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 26 jun. 1991. Internacional, p. 6. Correspondente, de Berlim.*

_____. Em Sarajevo, o estopim da 1ª guerra. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 28 jun. 1991. Internacional, p. 8. Correspondente, de Berlim.*

_____. Mães sérvias tentam tirar filhos da guerra. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 5 jul. 1991. Internacional, p. 6. Enviado especial a Liubliana.

_____. CEE vê crise nos Bálcãs como laboratório. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 10 jul. 1991. Internacional, p. 7. Correspondente, de Berlim.

Bósnia-Herzegóvina (p. 102-133)

28 meses depois, termina o isolamento da Sérvia. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 5 out. 1994. Internacional, p. A9. De Belgrado.

ACERTADA a intervenção da ONU na ex-Iugoslávia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 11 ago. 1992. Mundo, p. 2-10. Das agências internacionais.*

ACORDO histórico sela hoje o fim da guerra. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 14 dez. 1995. Internacional, p. A14. De Paris.*

AMOR e guerra. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 25 maio 1993. Internacional, p. 10.*

ARTILHARIA pesada castiga corredor sérvio. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 16 maio 1995. Internacional, A12. De Sarajevo.

SE ATACADOS, sérvios ameaçam massacrar civis. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 13 jul. 1995. Internacional, p. A10. De Sarajevo.

AVIÕES da Otan atacam arsenal de sérvios. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 26 maio 1995. Internacional, p. A12. De Sarajevo.

A BARBÁRIE prevalecerá? *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 22 abr. 1994. Notas e Informações, p. A3.*

BEATTIE, Meriel. Milícia sérvia instala campos de prisioneiros. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 ago. 1992. Internacional, p. 7. Da agência Reuter, de Manjaca, Bósnia.*

BORGER, Julian. “Schindler” sérvio salvou dezenas de muçulmanos. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 16 fev. 1996. Internacional, p. A10. Do *The Guardian*, de Prijedor, Bósnia.*

A BÓSNIA é redividida pelas armas. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 19 set. 1995. Internacional, p. A10. ArtEstado.*

BÓSNIOS presos são mortos. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 ago. 1992. Internacional, p. 7. De Nova York.*

BOYES, Roger. Crises mostram que Balcãs estão doentes. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 15 jan. 1997. Internacional, p. A10. Do *The Times*, de Londres.*

CAPITÃO telefona para a família no Brasil. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 8 jun. 1995. Mundo, p. 2-12. Da Redação e da Agência Folha.*

A “CONTENÇÃO” dos sérvios. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 26 maio 1993. Notas e Informações, p. 3.

CROATAS criam Estado na Bósnia. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 6 jul. 1992. Internacional, p. 10. De Belgrado.

CROATAS lançam maior ofensiva contra sérvios. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 2 maio 1995. Internacional, p. A8. De Zagreb.

CROATAS matam refugiados sérvios. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 10 ago. 1995. Mundo, p. 2-11. Das agências internacionais.*

CROATAS sugerem união com muçulmanos. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 24 fev. 1994. Mundo, p. 2-12. Das agências internacionais.

CRUISES da Otan não destroem defesa sérvia. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 12 set. 1995. Internacional, p. A12. De Nápoles, Itália.

CULLEN, Kevin. Policial sérvio salva vida de irmãs albanesas. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 15 jun. 1999. Internacional, p. A16. Do *The Boston Globe*, de Urosevac, Iugoslávia.

DÍALOGO para a paz na Bósnia começa em Ohio. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 2 nov. 1995. Internacional, p. A12. De Dayton, EUA.*

DIPLOMATA russo perde a paciência com sérvios. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 19 abr. 1994. Internacional, p. A14. De Moscou.*

ENCLAVE bósnio declara autonomia. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 28 set. 1993. Internacional, p. A16. De Zagreb.*

ENCLAVE bósnio sofre o pior ataque em 2 anos. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 7 jul. 1995. Internacional, p. A10. De Sarajevo.*

EUA condenam campos de detenção sérvios. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 4 ago. 1992. Internacional, p. 10. De Washington.*

EUA propõem ataques mesmo havendo reféns. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 21 jul. 1995. Internacional, p. A8. De Londres.

EUA querem suspender a Iugoslávia da CSCE. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 7 maio 1992. Mundo, p. 2-10. Das agências internacionais.

EX-PRESOS falam do horror nos campos sérvios. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 11 ago. 1992. Mundo, p. 2-10. Das agências internacionais.*

FECHADO acordo de paz da Bósnia sob pressão dos EUA. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 22 nov. 1995. Manchete, p. A1.*

FONTENELLE, André. Milosevic informa libertação a Chirac. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 3 jun. 1995. Mundo, p. 2-11. Correspondente, de Paris.*

_____. Sérvia barganha a libertação dos reféns. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 8 jun. 1995. Mundo, p. 2-11. Enviado especial a Belgrado.*

_____. Bósnios avançam ao redor de Sarajevo. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 17 jun. 1995. Mundo, p. 2-10. Enviado especial a Belgrado.*

FORÇA de Reação Rápida atacará sérvios em Sarajevo. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 24 jul. 1995. Internacional, p. A8. De Sarajevo.

FOTÓGRAFO retrata êxodo para a Itália. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 6 set. 1998. Mundo, p. 1-14 e 1-15. Da Redação.*

FREIRE, Vinicius Torres. Otan mantém ataque aos sérvios, que abatem avião. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 31 ago. 1995. Mundo, p. 2-12. Correspondente, de Paris.*

FRIAMENTE acordo de paz na Bósnia é assinado. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 15 dez. 1995. Internacional, p. A10. De Paris.*

GOODMAN, Walter. Pressão das imagens incita Bush a reagir. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 7 ago. 1992. Internacional, p. 11. Do *The New York Times*, de Washington.*

GUTMAN, Roy. Sobrevivente relata dias de horror. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 4 ago. 1992. Internacional, p. 10. Do *Newsday*, de Slavonski Samac, Bósnia.*

HEINRICH, Mark. Descobertas valas comuns com 200 corpos. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 31 ago. 1992. Mundo, p. 2-8. Da agência Reuter, de Mostar, Bósnia.

HERÓI nacional. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 13 jun. 1995. Mundo, p. 2-10.*

HUGEUX, Vincent. “ONU morreu em Gorazde”, desabafa oficial. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 1 maio 1994. Internacional, p. A22. Da *L’Express*.*

HUNGRIA pede à Otan garantias de segurança após ameaça de sérvio. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 14 maio 1993. Internacional, p. 8. De Belgrado.*

INFERNO no mercado de Sarajevo deixa 37 mortos. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 29 ago. 1995. Internacional, p. A8. De Sarajevo.*

ITIBERÊ, Suzana Uchôa. O amadurecimento forçado de uma adolescente. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 1 maio 1994. Caderno 2, p. D5.*

IUGOSLÁVIA libera suas tropas na Bósnia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 6 maio 1992. Mundo, p. 2-9. Das agências internacionais.

KISSINGER, Henry. Clinton diante da opção de Hobson na Bósnia. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 18 maio 1993. Espaço Aberto, p. 2.

KOWACIC, Jovan. Bandidos promovem a guerra na ex-Iugoslávia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 31 out. 1993. Mundo, p. 3-6. Da agência Reuter, de Belgrado.*

KRITSCH, Rebeca. Cidade rebelde de Pale não gosta de forasteiros. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 17 set. 1996. Internacional, p. A12. Enviada especial a Pale, Bósnia.*

LAPOUGE, Gilles. Vários motivos explicam fracasso. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 1 maio 1994. Internacional, p. A22. Correspondente, de Paris.*

_____. Ambigüidades do texto podem ser desastrosas. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 14 dez. 1995. Internacional, p. A14. Correspondente, de Paris.*

_____. Divisão do país confirma sucesso das armas. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 15 dez. 1995. Internacional, p. A11. Correspondente, de Paris.*

LÍDER muçulmano foge de tropas bósnias. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 22 ago. 1994. Mundo, p. 2-7.

LÍDER sérvio assina plano de paz. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 3 maio 1993. Mundo, p. 2-7. Das agências internacionais.*

LOPARIC, Zeljko. Aliança entre croatas e muçulmanos. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 4 abr. 1995. Tendências e Debates, p. 1-3.

_____. Fantasmas perversos nos Bálcãs. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 20 ago. 1995. Mais!, p. 5-3. Especial para a Folha.*

LUTA em Bihac faz 50 mortos. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 7 out. 1993. Mundo, p. 2-9.

A LUTA pela democracia na Sérvia. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 8 jan. 1997. Notas e Informações, p. A3.

MAASS, Peter. Soldado era a lei e estuprava meninas. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 31 mar. 1996. Mundo, p. 1-27.*

MARTINS, Lúcia. “Milosevic nos põe máscaras de assassinos”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 22 dez. 1996a. Mundo, p. 1-24. Enviada especial a Belgrado.*

_____. Alunos têm “polícia” própria para evitar violência. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 22 dez. 1996b. Mundo, p. 1-24. Enviada especial a Belgrado.*

_____. Draskovic divide as opiniões. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 22 dez. 1996c. Mundo, p. 1-24. Enviada especial a Belgrado.*

_____. Manifestantes se enfrentam em Belgrado. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 25 dez. 1996. Mundo, p. 1-9. Correspondente, de Londres.*

MARTINS, Rui. Nova Anne Frank surge na Bósnia. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 31 jan. 1994. Caderno 2, p. D10. Correspondente, de Genebra.

MUÇULMANOS e croatas criam federação. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 19 mar. 1994. Internacional, p. A14. De Washington.

MUÇULMANOS e croatas firmam plano de paz. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 26 mar. 1993. Internacional, p. 9. De Nova York.

NEZIROVIC, Haris. Falta de comida decide resultado da guerra. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 16 abr. 1993. Internacional, p. 10. Do *The Guardian*, de Srebrenica, Bósnia.*

NORDLAND, Rod. Sérvio vai a julgamento por atrocidades. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 28 out. 1994. Internacional, p. A12. Da *Newsweek*.*

NOVAS sanções da ONU contra a Iugoslávia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 27 abr. 1993. Mundo, p. 2-10. Editoria de Arte / Folha Imagem.*

OFENSIVA croata força sérvios a deixar Bihac. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 31 jul. 1995. Internacional, p. A10. De Sarajevo.

O’KANE, Maggie. Estupro sérvio não poupa criança. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 20 mar. 1993. Internacional, p. 11. Do *The Guardian*, de Tuzla, Bósnia.*

ONU abre fogo contra avanço sérvio. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 11 jul. 1995. Internacional, p. A9. De Sarajevo.

ONU discute nova força. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 8 jun. 1995. Mundo, p. 2-11. Das agências internacionais.*

ONU reformulará “totalmente” ação na Bósnia. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 13 maio 1995. Internacional, p. A9. De Paris.

ONU retira soldados da Bósnia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 8 dez. 1994. Mundo, p. 2-9. Das agências internacionais.*

ONU salva 2 mil na Bósnia. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 30 mar. 1993. Internacional, p. 12. De Sarajevo.

OTAN ataca sérvios em represália na Bósnia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 11 abr. 1994. Mundo, p. 1-1.

OTAN faz seu maior ataque contra sérvios. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 22 nov. 1994. Mundo, p. 1-1.

OTAN suspende ataque e negociação é marcada. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 2 set. 1995. Internacional, p. A8.

PACTO prevê eleições em até 9 meses. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 14 dez. 1995. Internacional, p. A14.*

PANIC, Milan. Sérvia obedecerá a ONU. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 4 jul. 1992. Espaço Aberto, p. 2.*

PARAR a carnificina. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 7 maio 1993. Opinião, p. 1-2.

PERALVA, Osvaldo. Ataque sérvio na Bósnia faz mais 25 mortos. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 2 maio 1992. Mundo, p. 2-8. Correspondente, de Praga.

O PLANO dos EUA para a Bósnia. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 19 ago. 1995. Internacional, p. A12. Da agência Associated Press.*

PLEBISCITO na Bósnia começa com 2 mortos. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 1 mar. 1992. Internacional, p. 9. De Sarajevo.

RADOSAVLJEVIC, Zoran. Refugiados denunciam atrocidades. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 14 jul. 1995. Internacional, p. A8. Da agência Reuter, de Tuzla, Bósnia.*

REBELDES atacam Zagreb com mísseis. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 maio 1995. Internacional, p. A9. De Zagreb.

RECONHECIDA vitória oposicionista em Belgrado. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 15 jan. 1997. Internacional, p. A10. De Belgrado.*

REFUGIADOS denunciam degola de crianças. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 18 jul. 1995. Internacional, p. A8. De Tuzla, Bósnia.*

RORTY, Richard. Meio milhão de capacetes azuis. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 7 jan. 1996. Mais!, p. 5-11. Especial para a Folha.

ROSSI, Clóvis. ONU tenta reabrir aeroporto de Sarajevo. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 11 jun. 1992. Mundo, p. 2-11. Correspondente, de Madri.

_____. Comboio da ONU chega a Sarajevo após ataque sérvio. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 12 jun. 1992. Mundo, p. 2-10. Correspondente, de Madri.

_____. Tropa da ONU reabre aeroporto de Sarajevo. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 30 jun. 1992. Mundo, p. 2-11. Correspondente, de Madri.*

_____. Europa decide bloqueio naval contra Sérvia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 11 jul. 1992. Mundo, p. 2-11. Correspondente, de Madri. Com agências internacionais.*

ROWE, Trevor. Há um mês a ONU sabia dos campos de detenção. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 7 ago. 1992. Internacional, p. 11. Do *The Washington Post*, de Nova York.*

RÚSSIA oferece enviar tropas de paz à Bósnia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 6 maio 1993. Mundo, p. 2-10. Das agências internacionais.*

SARAJEVO enterra hoje “Romeu e Julieta”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 10 abr. 1996. Internacional, p. A10.

SARAJEVO vive bombardeio intensivo. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 22 ago. 1992. Manchete, p. 1-1.*

“SCHINDLER de Kosovo” ajuda a esconder albaneses. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 15 jun. 1999. Mundo, p. 1-12. Do *El País*, de Madri.

SEPARATISMO vence na Bósnia. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 2 mar. 1992. Internacional, p. 6. De Sarajevo.*

SERVA, Leão. Croácia nega asilo a 28 mil refugiados da Bósnia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 13 ago. 1992. Mundo, p. 2-14. Enviado especial à Croácia.*

_____. Guerra ameaça forças da ONU. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 23 ago. 1992. Mundo, p. 3-1. Enviado especial a Sarajevo.*

_____. Guerra cria novos “homens das cavernas”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 29 ago. 1992. Mundo, p. 2-13. Enviado especial a Sarajevo.*

_____. O vulcão do Leste. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 30 ago. 1992. Mais!, p. 6-4. Enviado especial a Sarajevo.*

_____. Bósnia vê renascer disputa étnica na Europa. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 3 jan. 1993. Mundo, p. 3-4. Enviado especial.*

_____. Incompetência do Ocidente causa conflito. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 24 abr. 1993. Mundo, p. 2-11. Enviado especial a Belgrado.*

_____. Milosevic agora tenta conter seus aliados. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 26 abr. 1993. Mundo, p. 2-7. Enviado especial à Bósnia.*

_____. Sérvios da Bósnia dizem “não” ao plano de paz. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 27 abr. 1993. Mundo, p. 2-10. Enviado especial à Bósnia.*

_____. Carta da Iugoslávia aos sérvios bósnios era farsa. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 29 abr. 1993. Mundo, p. 2-12. Enviado especial a Belgrado.

SÉRVIOS anunciam que capturaram Zepa. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 20 jul. 1995. Internacional, p. A8.

SÉRVIOS atacam “área de proteção”; guerra da Bósnia faz dois anos. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 6 abr. 1994. Mundo, p. 2-12. Das agências internacionais.

SÉRVIOS atacam Bihac com napalm. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 19 nov. 1994. Mundo, p. 2-10. Das agências internacionais.*

SÉRVIOS avançam para Srebrenica. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 16 abr. 1993. Internacional, p. 10. De Sarajevo.*

SÉRVIOS derrubam caça americano na Bósnia. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 jun. 1995. Internacional, p. A18. De Washington.*

SÉRVIOS lutam contra independência da Bósnia. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 mar. 1992. Internacional, p. 6.

SÉRVIOS matam 71 em ataque e detêm brasileiro. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 27 maio 1995. Manchete, p. A1.

SÉRVIOS ocupam “área de segurança” da ONU. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 12 jul. 1995. Internacional, p. A12. De Sarajevo.

SÉRVIOS ocupam mais uma “área de segurança”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 26 jul. 1995. Internacional, p. A12. De Sarajevo.

SÉRVIOS permitem que ONU ajude civis. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 16 mar. 1993. Internacional, p. 9. De Sarajevo.*

SÉRVIOS preparam o assalto final a Zepa. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 17 jul. 1995. Internacional, p. A7. De Moscou.

SÉRVIOS promovem a maior “limpeza étnica”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 14 jul. 1995. Internacional, p. A8. De Sarajevo.*

SÉRVIOS reabrem aeroporto e estrada de Sarajevo. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 16 set. 1995. Internacional, p. A10. De Sarajevo.

SÉRVIOS recuam sob ameaça de ataque da Otan. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 5 set. 1995. Internacional, p. A10. De Sarajevo.*

SÉRVIOS voltam a capturar soldados da ONU. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 10 jul. 1995. Internacional, p. A8. De Sarajevo.

SÉRVIOS voltam a desafiar ONU e atacam Zepa. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 15 jul. 1995. Internacional, p. A10. De Zagreb.

SHERIDAN, Michael. Acordo divide a Bósnia e pode acabar com a guerra. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 9 set. 1995. Mundo, p. 2-10. Do *The Independent*, de Genebra.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. Avião dos EUA é derrubado na Bósnia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 3 jun. 1995. Mundo, p. 2-11. Correspondente, de Washington.*

SIMÕES, Rogério. Forças sérvias isolam cidades da Bósnia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 6 jun. 1995. Mundo, p. 2-11. Enviado especial a Zagreb.*

_____. Brasileiro é libertado pelos sérvios da Bósnia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 8 jun. 1995. Mundo, p. 2-12. Enviado especial a Zagreb.*

SONTAG, Susan. A indiferença aqui e os pesadelos lá. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 17 mar. 1996. Mais!, p. 5-7.*

SPINA, Marcelo. Sérvios libertam brasileiro depois de 23 dias. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 19 jun. 1995. Internacional, p. A8. Especial para o Estado, de Zagreb.*

SUSPENSAS negociações de paz para a Bósnia. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 2 set. 1993. Internacional, p. 14. De Genebra.*

VULLIAMY, Ed. Uma visita ao campo de homens cadavéricos. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 8 ago. 1992. Internacional, p. 10. Do *The Guardian*, de Omarska, Bósnia.*

Kosovo (p. 133-165)

OS ACUSADOS de crimes de guerra. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 28 maio 1999. Mundo, p. 1-14. Editoria de Arte / Folha Imagem.*

ALBANESES aceitam acordo de paz e sérvios recusam. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 16 mar. 1999. Internacional, p. A11. Das agências Reuters, EFE, Ansa e France Presse, de Paris.

ALENCAR, Kennedy. Brasileiros abandonam Belgrado após ataque. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 26 mar. 1999. Mundo, p. 1-10. Editor do Painel.*

_____. Premiê russo tenta acordo com Iugoslávia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 30 mar. 1999a. Mundo, p. 1-12. Enviado especial a Belgrado.*

_____. Show e café: Belgrado tenta mostrar calma. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 30 mar. 1999b. Mundo, p. 1-12. Enviado especial a Belgrado.*

_____. Ocidente rejeita proposta iugoslava. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 31 mar. 1999. Mundo, p. 1-9. Enviado especial a Belgrado.*

_____. Mortos pela Otan viram arma de propaganda. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 18 abr. 1999. Mundo, p. 1-18. Enviado especial a Prizren, Kosovo.*

_____. Sérvios fogem e criticam Milosevic. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 19 jun. 1999. Mundo, p. 1-10. Enviado especial a Kosovo.

_____. Mina mata 2 soldados da Otan em Kosovo. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 22 jun. 1999. Mundo, p. 1-10. Enviado especial a Belgrado.*

AUMENTO de execuções. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, São Paulo, 21 abr. 1999. Internacional, p. A17. Do *The New York Times*.

BELGRADO desafia bombas com show de rock. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 29 mar. 1999. Mundo, p. 1-12. Das agências internacionais.*

BELGRADO pede que sérvios não fujam de Kosovo. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 20 jun. 1999. Internacional, p. A18. Das agências Reuters, France Presse, EFE e Ansa, de Belgrado.

BOYES, Roger. Polícia européia suspeita que narcotráfico financie rebeldes. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 25 mar. 1999. Internacional, p. A16. Do *The Times*, de Londres.

BRASILEIRO vai chefiar missão da ONU. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 7 maio 1999. Mundo, p. 1-15. Das agências internacionais.

CARELLI, Gabriela. Brasileiros doam 6 t de suprimentos. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 19 abr. 1999. Internacional, p. A12.

CARVALHO, Bernardo. Sontag vai montar Beckett em Sarajevo. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 5 jun. 1993. Ilustrada, p. 4-1. Enviado especial à Nova York.*

CASTLE, Stephen. Otan revê eficácia do ataque à Iugoslávia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 1 jul. 1999. Mundo, p. 1-14. Do *The Independent*, de Bruxelas.

COLOMBO, Sylvia. Campos de refugiados separam famílias. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 9 abr. 1999. Mundo, p. 1-12. Enviada especial a Skopje.*

COLVIN, Marie. Voluntários de vários países reforçam guerrilha do ELK. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 13 abr. 1999. Internacional, p. A14. Do *The Sunday Times*.

DEBRAY, Régis. Carta de um viajante ao presidente francês Jacques Chirac. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 16 maio 1999. Espaço Aberto, p. A2.

DEMETZ, Jean-Michel. Milosevic, o responsável pela tragédia sérvia. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 25 abr. 1999. Internacional, p. A20-21. Da *L'Express*, de Paris.*

DEZENAS são mortos em ataque sérvio a Kosovo. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 17 jan. 1999. Internacional, p. A17. Das agências Reuters, EFE, Ansa, DPA, Associated Press e France Presse, de Pristina.

DIPLOMATAS abandonam Iugoslávia. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 20 mar. 1999. Internacional, p. A18. Das agências Reuters, EFE e France Presse, de Paris.

ELK desafia pacto e tenta controlar província. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 19 jun. 1999. Internacional, p. A21. Das agências Reuters, EFE, Ansa, DPA e France Presse, de Pristina.*

ENTENDA a crise. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 21 fev. 1999. Mundo, p. 1-17. Editoria de Arte / Folha Imagem.*

ERLANGER, Steven. Jovens apedrejam centros europeus em Belgrado. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 31 mar. 1999. Internacional, p. A16. Do *The New York Times*, de Belgrado.*

_____. Belgrado cria versão própria para a realidade em Kosovo. *O Estado de S. Paulo*, 9 abr. 1999. Internacional, p. A15. Do *The New York Times*, de Belgrado.

_____. Sérvios agora temem vingança de albaneses. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 10 jun. 1999. Internacional, p. A22. Do *The New York Times*, de Kosovo Polje, Iugoslávia.*

EUA e Rússia assinam pacto sobre Kosovo. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 19 jun. 1999. Internacional, p. A20. Das agências Reuters, EFE, Ansa, Associated Press, France Presse e DPA, de Helsinque.*

EUROPA condiciona ajuda a saída de Milosevic. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 4 jun. 1999. Mundo, p. 1-11. Das agências internacionais.

FISK, Robert. Mísseis destroem fábrica e empregos. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 1 abr. 1999. Mundo, p. 1-10. Do *The Independent*, de Cacak.*

_____. Otan erra de novo e mata 11 crianças. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 29 abr. 1999. Mundo, p. 1-15. Do *The Independent*, de Surdulica.*

_____. Sérvios acompanham Exército na retirada. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 11 jun. 1999. Mundo, p. 1-14. Do *The Independent*, de Podujevo.*

FORÇAS da Otan atacam a Iugoslávia. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 25 mar. 1999. Manchete, p. A1.

FORÇAS da Otan atacam Iugoslávia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 25 mar. 1999. Manchete, p. 1-1.*

FRIAS FILHO, Otávio. Pax americana. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 1 abr. 1999. Opinião, p. 1-2.

FRIEDMAN, Josh. Risco de epidemia é nova ameaça para refugiados. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 abr. 1999. Internacional, p. A12. Da *Newsday*, de Kukes, Albânia.*

G-7 e Rússia chegam a acordo sobre força militar. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 7 maio 1999. Internacional, p. A16. Das agências Reuters, EFE, France Presse e Associated Press, de Bonn, Alemanha.

GLAUBER, Bill. Milosevic é exímio sobrevivente. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 14 out. 1998. Internacional, p. A17. Do *The Baltimore Sun*, de Belgrado.

GORDON, Michael. Exército iugoslavo prepara-se para enfrentar ação terrestre. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 20 maio 1999. Internacional, p. A18. Do *The New York Times*, de Bruxelas.

HUGEUX, Vincent. Conflito tem origem em luta por sobrevivência. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 25 abr. 1999. Internacional, p. A22. Da *L'Express*.*

INVASÃO de Kosovo divide líderes ocidentais. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 19 maio 1999. Internacional, p. A18. Das agências Reuters, EFE, France Presse e Ansa, de Berlim.

IUGOSLÁVIA aceita retirar tropas de Kosovo. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 10 jun. 1999. Internacional, p. A20. Das agências Reuters, Ansa, DPA, Associated Press e France Presse, de Kumanovo, Macedônia.

IUGOSLÁVIA e Kosovo recebem ultimato. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 30 jan. 1999. Mundo. p. 1-10. Das agências internacionais.*

IUGOSLÁVIA faz de Kosovo “terra arrasada”. *O Estado de S. Paulo*, 29 mar. 1999. Internacional, p. A11. De Bruxelas.

IUGOSLÁVIA tenta atacar forças da Otan na Bósnia. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 27 mar. 1999. Internacional, p. A18. Das agências Reuters, Associated Press, Ansa, EFE e DPA, de Bruxelas.

KIFNER, John. Aos poucos, ELK ocupa espaços de poder. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 16 jun. 1999. Internacional, p. A17. Do *The New York Times*, de Prizren, Iugoslávia.*

_____. Valas comuns são mapas de chacinas. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 19 jun. 1999. Internacional, p. A21. Do *The New York Times*, de Qyshk, Iugoslávia.*

KURZ, Robert. A ideologia do sangue. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 18 abr. 1999. Mais!, p. 5-9. Especial para a Folha.*

LLOSA, Mario Vargas. Ardores pacifistas. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 23 maio 1999. Espaço Aberto, p. A2.*

LONDRES pressiona Otan para invadir Kosovo. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 18 maio 1999. Internacional, p. A17. Das agências Reuters, EFE, Ansa e DPA, de Bruxelas.

LUTA recomeça em Kosovo e população foge. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 23 fev. 1999. Internacional, p. A14. Das agências Reuters, EFE, Associated Press, France Presse, DPA e Ansa, de Belgrado.

MILOSEVIC aceita debater plano do G-8 sob ONU. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 20 maio 1999. Internacional, p. A18. Das agências Reuters, Ansa, EFE e DPA, de Belgrado.

MILOSEVIC destitui ministro que defende acordo. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 29 abr. 1999. Internacional, p. A22. Das agências Reuters, EFE, Ansa, Associated Press, France Presse e DPA, de Belgrado.

MILOSEVIC fala em vitória e pede união. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 11 jun. 1999. Mundo, p. 1-15. Das agências internacionais.*

MÍSSEIS da Otan atingem trem na Iugoslávia. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 13 abr. 1999. Internacional, p. A14.

ONU acusa sérvios de violações em Kosovo. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 6 out. 1998. Internacional, p. A25.

OTAN diz ter provas contra forças sérvias. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 26 maio 1999. Mundo, p. 1-15. Das agências internacionais.

OTAN prepara suspensão de bombardeios. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 10 jun. 1999. Mundo, p. 1-15. Das agências internacionais.

OTAN reúne mais indícios de massacres em Kosovo. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 16 jun. 1999. Internacional, p. A16. Das agências Reuters, Ansa, EFE, Associated Press, France Presse e DPA, de Pristina.

OTAN suspende ataques e entra hoje em Kosovo. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 11 jun. 1999. Internacional, p. A14. Das agências Reuters, Ansa, France Presse, Associated Press e DPA.

OTAN termina ofensiva contra Iugoslávia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 11 jun. 1999. Mundo, p. 1-13. Das agências internacionais.

OTAN volta a ameaçar ataque a Iugoslávia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 26 fev. 1999. Mundo, p. 1-10. Das agências internacionais.

NA PARTIDA, refugiado enfrenta mentira. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 7 abr. 1999. Mundo, p. 1-10. Do *The Independent*, de Skopje.*

PAZ esfarrapada. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 26 mar. 1999. Opinião, p. 1-2.

POTÊNCIAS lançam ultimato à Iugoslávia. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 10 mar. 1998. Internacional, p. A19. Das agências Reuters e EFE, de Londres.*

PRINCÍPIO de acordo é firmado. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 8 fev. 1999. Mundo, p. 1-12. Das agências internacionais.*

RANCIÈRE, Jacques. A guerra sem nome. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 16 maio 1999. Mais!, p. 5-3. Especial para a Folha.*

REALI JÚNIOR. ELK recruta combatentes entre refugiados. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 8 abr. 1999. Internacional, p. A21. Correspondente, de Paris.

_____. Dirigente sérvio admite negociar acordo com Otan. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 27 abr. 1999. Internacional, p. A14. Correspondente, de Paris.

REBELDES kosovares aceitam acordo de paz. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 9 mar. 1999. Internacional, p. A15. Da agência EFE, de Belgrado.

REFUGIADOS de Kosovo são 500 mil, diz Otan. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 29 mar. 1999. Manchete, p. 1-1.

OS RISCOS da intervenção em Kosovo. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 26 mar. 1999. Notas e Informações, p. A3.

RÚSSIA não terá setor próprio. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 19 jun. 1999. Mundo, p. 1-10. Das agências internacionais.

SAIBA a história da Macedônia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 9 abr. 1999. Mundo, p. 1-12. Da Redação.*

SAIBA mais sobre “limpeza étnica”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 24 maio 1999. Mundo, p. 1-9. Da Redação.

SAID, Edward W. EUA querem mostrar quem manda. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 19 abr. 1999. Mundo, p. 1-14.*

SEITENFUS, Ricardo. A encruzilhada do século. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 1 abr. 1999. Tendências e Debates, p. 1-3.*

SENGUPTA, Kim. Clinton celebra vitória com refugiados. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 23 jun. 1999. Mundo, p. 1-10. Do *The Independent*, de Skopje.

SÉRVIA tem mais atos por paz. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 25 maio 1999. Mundo, p. 1-22. Do *Vijesti*, de Podgorica.*

SÉRVIOS estão assassinando dirigentes étnicos. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 30 mar. 1999. Internacional, p. A15. De Bruxelas.

SÉRVIOS fazem SOS Iugoslávia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 8 maio 1999. Mundo, p. 1-10. Da Redação.*

SOLDADOS iugoslavos desertam, diz TV. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 20 maio 1999. Mundo, p. 1-12. Das agências internacionais.

SONTAG, Susan. Kosovo, Europa. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 2 maio 1999. Mais!, p. 5-4 e 5-5.*

STEPHEN, Chris. Policiais da Sérvia matam a queima roupa, diz jovem. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 10 mar. 1998. Internacional, p. A19. Do *The Sunday Times*, de Prekaz, Kosovo.*

SUPERFORÇA faz resgate na Iugoslávia. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 29 mar. 1999. Manchete, p. A1.

SUSPENSO envio de albaneses a Guantánamo. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 10 abr. 1999. Internacional, p. A23. De Washington.

TANNER, Marcus. Trens de refugiados lembram 2ª guerra. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 2 abr. 1999. Mundo, p. 1-10. Do *The Independent*.*

TRIBUNAL da ONU indícia cúpula da Iugoslávia. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 28 maio 1999. Internacional, p. A15. Das agências Reuters e EFE, de Haia.

TROPA sérvia parte e Otan declara fim da guerra. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 21 jun. 1999. Internacional, p. A11. Das agências Associated Press, Reuters e France Presse, de Pristina.*

TROPAS da Otan encontram indícios de massacres. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 15 jun. 1999. Internacional, p. A14. Das agências Reuters, Ansa, EFE, DPA e Associated Press, de Bruxelas.

VIVIANO, Frank. Guerrilha é financiada pelo narcotráfico. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 6 maio 1999. Internacional, p. A20. Do *San Francisco Chronicle*.

WILLIAMS, Daniel. Tensões étnicas remontam à Idade Média. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 21 jun. 1999. Internacional, p. A11. Do *The Washington Post*, de Pristina.*

CAPÍTULO 5. A guerra em imagens: fotografias (169-176)

IVANJI, Ivan. Guerra étnica iugoslava pode incendiar a Europa. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 18 ago. 1991. Internacional, p. 13. Da *Der Spiegel*.*

SERVA., Leão. Morteiros. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 20 maio 1993. Mundo, p. 3-5. Correspondente, de Londres.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. Clinton vai endurecer posição com sérvios. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 27 abr. 1993. Mundo, p. 2-10. Correspondente, de Washington.*

CAPÍTULO 6. Os sérvios na cobertura (p. 177-193)

SERVA, Leão. Agressores e vítimas se confundem na guerra. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 11 ago. 1992. Mundo, p. 2-10. Correspondente, de Londres.*

CAPÍTULO 7. Enviado especial à...: o jornalista como autor (p. 195-232)

ACERTADA a intervenção da ONU na Ex-Iugoslávia. *Folha de S. Paulo*, 11 ago. 1992. Mundo, p. 2-10. Das agências internacionais.*

ALENCAR, Kennedy. Crianças dormem em subsolo em Belgrado. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 31 mar. 1999. Mundo, p. 1-10. Enviado especial a Belgrado.

_____. Jogador brasileiro chama torcida de “louca”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 5 abr. 1999. Mundo, p. 1-12. Enviado especial a Belgrado.

_____. Poucos sinais de vida restam em Pristina. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 9 abr. 1999. Mundo, p. 1-14. Enviado especial a Pristina.*

_____. Extremista sérvio ameaça “Vietnã na Europa”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 13 abr. 1999. Mundo, p. 1-14. Enviado especial a Belgrado.*

_____. Mortos pela Otan viram armas de propaganda. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 18 abr. 1999. Mundo, p. 1-18. Enviado especial a Prizren.*

_____. Taxista se despede da família e vai à guerra. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 25 abr. 1999. Mundo, p. 1-17. Enviado especial a Belgrado.

_____. Rússia entra em Kosovo e assusta Otan. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 12 jun. 1999. Mundo, p. 1-15. Enviado especial a Skopje.

_____. A volta do soldado: por que fomos à guerra. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 21 jun. 1999. Mundo, p. 1-12. Enviado especial a Belgrado.

ASCHER, Nelson. Feridas e fantasmas mantêm a desunião. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 30 ago. 1992. Mais!, p. 6-6. Da Equipe de Articulistas.*

ATAQUE em embaixada da China deixa 1 morto. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 8 maio 1999, Internacional, p. A22. Das agências Reuters, EFE, Associated Press e Ansa, de Bruxelas.

COLOMBO, Sylvia. Thatcher se encontra com Pinochet. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 27 mar. 1999. Mundo, p. 1-11. Correspondente, de Londres.

_____. Campos de refugiados separam famílias. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 9 abr. 1999. Mundo, p. 1-12. Enviada especial a Skopje.*

_____. Hora de comer marca o dia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 11 abr. 1999a. Mundo, p. 1-17. Enviada especial a Skopje.*

_____. Crise de pânico persegue criança refugiada. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 11 abr. 1999b. Mundo, p. 1-17. Enviada especial a Skopje.*

_____. Refugiados tentam reconstruir relações. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 2 maio 1999. Mundo, p. 1-26. Correspondente, de Londres.*

COSTA NETTO, Fernando. Atmosfera de angústia pesa sobre Sarajevo. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 23 ago. 1993. Mundo, p. 2-10. Especial para a Folha.

COUTO, José Geraldo. Região vive guerras há 15 séculos. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 30 ago. 1992. Mais!, p. 6-7. Da Reportagem Local.*

EUA apóiam independência se for pacífica. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 jul. 1991. Internacional, p. 6. De Washington.*

EXÉRCITO rejeita trégua na Eslovênia. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 jul. 1991. Internacional, p. 6. De Belgrado.*

EX-PRESOS falam do horror dos campos sérvios. *Folha de S. Paulo*, 11 ago. 1992. Mundo, p. 2-10. Das agências internacionais.*

FIORAVANTE, Celso. Cinema sobrevive com um sanduíche ao dia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 27 fev. 1998. Ilustrada, p. 4-12. Enviado especial a Sarajevo.

_____. E a arte foi para a guerra. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 6 mar. 1998. Ilustrada, p. 4-13. Enviado especial a Sarajevo.

FONTENELLE, André. Sérvia barganha a libertação dos reféns. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 8 jun. 1995. Mundo, p. 2-11. Enviado especial a Belgrado.*

_____. Para Vargas Llosa, Sérvia busca paz. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 11 jun. 1995. Mundo, p. 1-28. Enviado especial a Belgrado.*

_____. Líder da oposição na Sérvia quer liberdade. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 13 jun. 1995. Mundo, p. 2-10. Enviado especial a Belgrado.*

_____. Brasileiro é libertado pelos sérvios da Bósnia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 19 jun. 1995. Mundo, p. 2-8. Enviado especial a Novi Sad, Sérvia.

FRANÇA quer força da ONU na ofensiva. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 8 ago. 1992. Internacional, p. 10. De Paris.*

GABEIRA, Fernando. Eslovênia rejeita ultimato; Ocidente teme nova escalada militar. *Folha de S. Paulo*, 5 jul. 1991. Mundo, p. 2-1. Enviado especial a Liubliana.*

_____. Mães e pais viajam para ver filhos soldados e tentar levá-los para casa. *Folha de S. Paulo*, 5 jul. 1991. Mundo, p. 2-3. Enviado especial a Liubliana.*

KRITSCH, Rebeca. Mostar demonstra precariedade da paz. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 14 set. 1996. Internacional, p. A13. Enviada especial a Mostar, Bósnia.

_____. Café Brazil é destaque na noite. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 15 set. 1996. Internacional, p. A22. Enviada especial a Sarajevo.*

_____. Cidade santa da Croácia escapou da fúria da guerra. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 16 set. 1996. Internacional, p. A9. Enviada especial a Medjugorje, Croácia.*

_____. Família multiétnica sofre discriminação. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 22 set. 1996. Internacional, p. A22. Enviada especial a Sarajevo.*

MAGNOLI, Demétrio. Pobreza é fundamental para explicar tragédia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 9 jan. 2005. Tsunami, p. Especial 3. Colunista da Folha.

MÍSSIL da Otan atinge embaixada chinesa. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 8 maio 1999. Mundo, p.1-10. Das agências internacionais.*

OTAN inicia planos para intervenção militar. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 7 ago. 1992. Internacional, p. 11. De Bruxelas.*

REALI JÚNIOR. Europa passa do otimismo à inquietação. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 jul. 1991. Internacional, p. 6. Correspondente, de Paris.*

RIBEIRO, Renato Janine. Xenofobia é refúgio para a crise. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 30 ago. 1992. Mais!, p. 6-5. Especial para a Folha.*

ROCHA, Daniela. Guia ensina repórteres a cobrirem a guerra. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 4 jun. 1995. Mundo, p. 1-27. Correspondente, de Nova York.*

ROWE, Trevor. Há um mês a ONU sabia dos campos de detenção. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 7 ago. 1992. Internacional, p. 11. Do *The Washington Post*, de Nova York.*

RÚSSIA ignora Otan e entra antes em Kosovo. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 12 jun. 1999. Internacional, p. A20. Das agências Reuters, EFE, Ansa, Associated Press, France Presse e DPA, de Belgrado.

SARAJEVO vive 2º dia de superbombardeio. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 22 ago. 1992. Mundo, p. 2-11. Da Redação.*

SARAJEVO vive bombardeio intensivo. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 22 ago. 1992. Manchete, p. 1-1.*

SERVA, Leão. Chuva de bombas destrói Sarajevo. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 23 ago. 1992. Mundo, p. 3-1. Enviado especial a Sarajevo.*

_____. Academia de Música ignora bombardeios. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 29 ago. 1992. Mundo, p. 2-12. Enviado especial a Sarajevo.*

_____. Guerra cria novos “homens das cavernas”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 29 ago. 1992. Mundo, p. 2-13. Enviado especial a Sarajevo.*

_____. O vulcão do Leste. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 30 ago. 1992. Mais!, p. 6-4. Enviado especial a Sarajevo.*

_____. Morteiros. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 28 abr. 1993. Mundo, p. 2-14. Enviado especial à Bósnia.*

SETYON, Ricardo. Programa antitrauma ajuda teens na Bósnia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 18 set. 1995. Folhateen, p. 6-1. Free-lance para a Folha, da Bósnia.

_____. “Tenho de lutar nesta guerra estúpida”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 18 set. 1995. Folhateen, p. 6-1. Free-lance para a Folha, da Bósnia.

_____. “Vi o corpo do amigo de escola”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 18 set. 1995. Folhateen, p. 6-1. Free-lance para a Folha, da Bósnia.

_____. Estádios de futebol viram cemitérios na ex-Iugoslávia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 15 out. 1995. Esporte, p. 4-8. Especial para a Folha, de Sarajevo.

_____. “Diáspora” já dura 20 anos. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 15 out. 1995. Esporte, p. 4-8. Especial para a Folha, de Sarajevo.

_____. Violência é tradição nas torcidas da Croácia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 15 out. 1995. Esporte, p. 4-8. Especial para a Folha, de Sarajevo.

SPINA, Marcelo. A 12 Km de militar brasileiro, a guerra. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 6 jun. 1995. Internacional, p. A12. Especial para o Estado, de Vitez, Bósnia.*

_____. Anciã sérvia vive só e abandonada há 4 anos. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 14 jun. 1995. Internacional, p. A8. Especial para o Estado, de Okucani, Eslavônia Ocidental.*

A VIAGEM de Belgrado a Pristina. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 9 abr. 1999. Mundo, p. 1-14. Editoria de Arte / Folha Imagem.*

VULLIAMY, Ed. Uma visita ao campo de homens cadavéricos. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 8 ago. 1992. Internacional, p. 10. Do *The Guardian*, de Omarska, Bósnia.*

WAACK, William. Ninguém controla partes em luta. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 30 jun. 1991. Internacional, p. 16. Enviado especial a Liubliana.*

_____. Mães sérvias tentam tirar filhos da guerra. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 5 jul. 1991. Internacional, p. 6. Enviado especial a Liubliana.

_____. “A fumaça era o melhor aviso da batalha”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 jul. 1991a. Internacional, p. 6. Enviado especial a Dvorce, Eslovênia.*

_____. Dia começou com combates violentos. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 jul. 1991b. Internacional, p. 6. Enviado especial a Liubliana.*

_____. População tenta fugir da guerra. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 5 out. 1991. Internacional, p. 8. Enviado especial a Sisak, Croácia.*

_____. Velho ódio governa os iugoslavos. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 6 out. 1991. Internacional, p. 10. Enviado especial a Zagreb.*

_____. Parlamentares croatas confirmam secessão. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 9 out. 1991. Internacional, p. 8. Enviado especial a Zagreb.*

FILMES CITADOS

Atrás das Linhas Inimigas (Behind Enemy Lines). EUA, 2001. Direção de John Moore. 105 min.

A Normal Life (A Normal Life). EUA, 2002. Direção de Hugo Berkeley. 65 min.

JORNAIS PESQUISADOS

1973:

Folha de S. Paulo: suplemento “As imagens mais brutais de uma guerra sem quartel” (21 out. 1973).

1980:

O Estado de S. Paulo: Suplemento Cultura – 29 jun., 13 e 27 jul., 26 out.

Folha de S. Paulo: Suplemento Folhetim – 6 jan., 16 mar., 13 e 27 jul., 17 ago., 7 e 14 set., out., nov., 21 dez.

1981:

O Estado de S. Paulo: Suplemento Cultura (11 jan. a 20 dez.)

Folha de S. Paulo: Suplemento Folhetim (jan. a maio, 7, 21 e 28 jun., jul. a ago., 13, 20 e 27 set., 11, 18 e 25 out., nov. e dez.)

1982:

Folha de S. Paulo: Suplemento Folhetim (jan. a out., 7, 14 e 28 nov. e dez.)

1983:

O Estado de S. Paulo: 16 a 31 dez.

Folha de S. Paulo: 1 jan. a 15 fev., 1 abr. a 15 maio

1984:

O Estado de S. Paulo: Suplemento Cultura (1 jan. a 23 dez.)

1985:

Folha de S. Paulo: fev.

1986:

O Estado de S. Paulo: set. e out. / Suplemento Cultura (5 jan. a 13 dez. (incompleto))

Folha de S. Paulo: 1 a 15 set.

1987:

O Estado de S. Paulo: 5 mar. a 31 maio / Suplemento Cultura (3 jan. a 12 dez. (incompleto))

Folha de S. Paulo: 17 mar. a 15 jun.

1988:

O Estado de S. Paulo: 21 jun. a 10 ago., 11 set. a 9 out., 11 a 31 dez. / Suplemento Cultura (9 jan. a 31 dez.)

Folha de S. Paulo: 17 a 30 abr., 1 a 30 jun., 1 ago. a 10 set., 1 out. a 10 dez.

1989:

Folha de S. Paulo: 1 fev., 11 a 31 maio, 11 jun. a 10 jul., 23 ago. a 11 out., 12 a 31 dez.

O Estado de S. Paulo: 1 jan. a 10 maio, 1 nov. a 10 dez. / Suplemento Cultura (7 jan. a 30 dez.)

1990:

Folha de S. Paulo: 1 a 28 fev., 4 ago. a 30 set., 14 a 31 dez. / suplemento World Media (19 a 21 dez.)

O Estado de S. Paulo: 2 a 31 jan., 13 mar. a 11 maio, 6 jun. a 21 jul., 21 nov. a 13 dez. / Suplemento Cultura (jan. a dez.)

1991:

Folha de S. Paulo: 1 jan. a 20 fev., 1 a 9 mar., 1 abr. a 23 maio, 5 e 8 jul., 5, 12, 19 e 20 ago., 1 a 10 out., 21 out. a 31 dez.

O Estado de S. Paulo: 1-31 mar., 1 maio a 15 out., 11-21 nov. / Suplemento Cultura (jan. a dez. (incompleto))

1992:

Folha de S. Paulo: 2 a 10 jan., 1 abr. a 21 jul., 11 ago. a 10 set., 19 nov. a 31 dez. / Suplemento World Media (20 dez.)

O Estado de S. Paulo: 11 jan. a 31 mar., 1 a 10 maio, 21 a 31 maio, 1 jul. a 20 ago., 1 set. a 10 nov., 11 a 31 dez.

1993:

Folha de S. Paulo: 1 jan. a 2 fev. (incompleto), 2 a 11 mar., 1 a 13 abr., 21 abr. a 16 maio, 1 a 12 jun., 21 jun. a 15 jul., 1 ago. a 10 set., 1 a 31 out., 1 a 31 dez. / Suplemento World Media (6 jun. e 12 dez.)

O Estado de S. Paulo: 11 jan. a 28 fev., 11 a 31 mar., 14 abr. a 31 maio, 13 a 30 jun., 11 a 31 jul., 1 a 30 set., 1 a 30 nov. / Suplemento Cultura (mar. a jun., set. e nov. – incompletos)

1994:

Folha de S. Paulo: 1 a 28 fev., 1 a 30 abr., 1 a 10 jun., 15 jul. a 30 ago., 1 nov. a 31 dez.

O Estado de S. Paulo: 1 jan. a 31 mar., 11 abr. a 10 jul., 1 set. a 31 out., 11 a 30 nov.

1995:

Folha de S. Paulo: 1 a 28 fev., 7 mar., 1 abr. a 31 ago., 9 set., 12 a 21 set., 12 out. a 25 nov., 13 a 31 dez. / Jornal de Resenhas (2 out.)

O Estado de S. Paulo: 1 a 31 jan., 1 a 31 mar., 1 maio a 11 out., 1 nov. a 17 dez.

1996:

Folha de S. Paulo: 1 a 22 jan., 1 a 31 mar., 1 a 31 maio, 1 a 18 set., 26 set., 2 a 10 out., 1 a 31 dez.

O Estado de S. Paulo: 1 a 29 fev., 1 a 30 abr., 1 a 31 jul., 1 a 30 set., 1 a 30 nov.

1997:

Folha de S. Paulo: 11 a 31 mar., 11 a 20 jun., 1 jul. a 31 ago.

O Estado de S. Paulo: 1 a 31 jan., 1 fev. a 31 maio, 1 a 31 jul., 1 a 8 set., 20 set. a 31 out.

1998:

Folha de S. Paulo: 1 a 30 mar., 22 a 30 abr., 1 maio a 7 set., 22 set. a 31 out., 1 a 31 dez.

O Estado de S. Paulo: 1 fev. a 30 abr., 1 a 31 jul., 8 set. a 31 dez.

1999:

Folha de S. Paulo: 8 a 19 jan., 26 jan. a 8 mar., 18 mar. a 17 jul., 25 jul. a 10 ago.

O Estado de S. Paulo: 1 jan. a 11 jul., 17 jul., 31 jul., 11 ago.

ANEXOS

1. CD-ROM

Informações gerais

O cd-rom é composto por três arquivos, um de charges, um de fotografias, e um de mapas e artigos, sobre as guerras na ex-Iugoslávia. A seleção do material deste anexo se deu independentemente da análise da cobertura, e a dissertação, portanto, não se baseou nestes artigos, mas na totalidade (ou quase) dos artigos publicados pelos jornais. Deste modo, o cd-rom é um complemento da dissertação, e os critérios por mim utilizados para esta seleção objetivou, simplesmente, a reunião de uma diversidade de tipos de artigos e imagens.

É importante salientar também que, em momentos “quentes” da cobertura, quando duas ou três páginas do jornal eram dedicadas à guerra, não necessariamente todo o noticiário do dia foi digitalizado, posso ter selecionado apenas uma ou duas páginas.

Instruções

Os arquivos de Anexo 1 estão na pasta “Arquivos” e o programa de instalação do Adobe Reader, na pasta “Adobe”.

Ao abrir o Adobe Reader (pode ser também o Adobe Acrobat), o índice com a data e jornal, dos artigos, charges e fotografias, está em “Bookmarks” ou “Marcadores”.

Infelizmente, muitos artigos deste cd-rom estão com a qualidade ruim. Ler de longe pode ajudar. Alguns deles, fotografei com a câmera digital, na tentativa de melhorar a imagem: estão com a marcação “+” ao lado da página no “bookmark” (ou “marcador”). Resolvi manter todos os artigos, mesmo os ilegíveis, a título de índice, valendo como referência, para quem se interessar.

2. ABREVIACÕES UTILIZADAS

Acnur: Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (UNHCR, em inglês)

BBC: *British Broadcasting Corporation*

CE: Comunidade Européia

CEE: Comunidade Económica Européia

CNN: *Cable News Network*

CSCE: Conferência sobre Segurança e Cooperação Européia

DS: Partido Democrático / *Demokratska Stranka*

ELK: Exército de Libertação do Kosovo / *Ushtria Clirimtare e Kosoves* (UCK)

ETA: Pátria Basca e Liberdade / *Euskadi Ta Askatasuna*

FORPRONU: Forças de Proteção da ONU

HDZ: União Democrática Croata / *Hrvatska Demokratska Zajednica*

JNA: Exército Popular Iugoslavo / *Jugoslovenska Narodna Armija*

LDK: Liga Democrática do Kosovo

NDH: Estado Independente da Croácia / *Nezavisna Država Hrvatska*

ONU: Organização das Nações Unidas

OSCE: Organização sobre Segurança e Cooperação Européia (anterior CSCE)

Otan: Organização do Tratado do Atlântico Norte

PC: Partido Comunista

PUC: Pontifícia Universidade Católica

SAO: Região Autônoma Sérvia / *Srpska Autonomna Oblast*

SDA: Partido da Ação Democrática / *Stranka Demokratske Akcije*

SDS: Partido Democrático Sérvio / *Srpska Demokratska Stranka*

SPO: Movimento da Renovação Sérvio / *Srpski Pokret Obnova*

SPS: Partido Socialista da Sérvia / *Socialistička Partija Srbije*

TPI: Tribunal Penal Internacional

TO: Defesa Territorial / *Teritorijalna Odbrana*

UE: União Européia

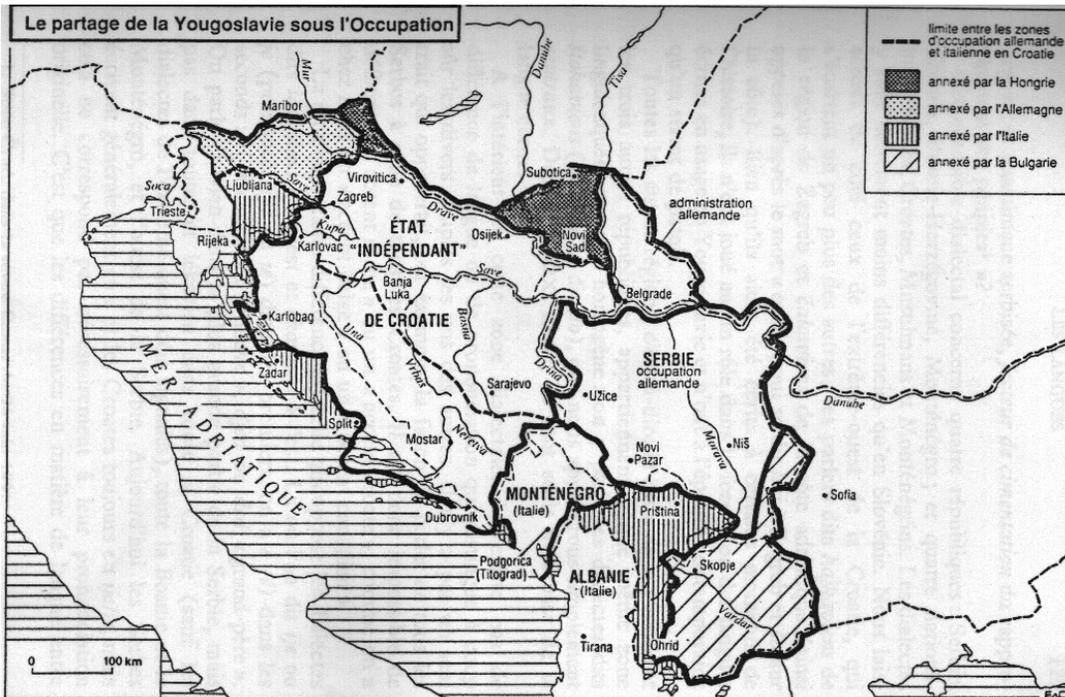
USP: Universidade de São Paulo

3. MAPAS

1. Fronteira dos impérios – séc. XVII-XVIII (GARDE, 1994, p. 30)
2. Território da ex-Iugoslávia – 1870 e 1878 (BOUGAREL, 1996, p. 30)
3. Iugoslávia sob ocupação – Segunda Guerra Mundial (GARDE, 1994, p. 63)
4. Ex-Iugoslávia – 1945-1991 (GARDE, 1994, p. 12)
5. Eslovênia (GARDE, 1994, p. 151)
6. Croácia (GARDE, 1994, p. 164)
7. Macedônia (GARDE, 1994, p. 239)
8. Bósnia-Herzegóvina (MALCOLM, 1994, p. XIV)
9. Bósnia-Herzegóvina (GARDE, 1994, p. 184)
10. Sérvia (sem províncias) (GARDE, 1994, p. 205)
11. Kosovo (VICKERS, 1998, p. XIX)
12. Kosovo (GARDE, 1994, p. 224)
13. Voivodina (GARDE, 1994, p. 198)
14. Montenegro (GARDE, 1994, p. 217)
15. Krajina – 1991-1995 (HALPERN, J.; KIDECKEL, D., 2000, p. 138)
16. Krajina e República Srpska – 1992-1995 (JUDAH, 1997, p. 289)
17. Plano Vance-Owen – 1993 (GLENNY, 1996, p. XIV-XV)
18. Bósnia-Herzegóvina pós-Dayton (HALPERN, J.; KIDECKEL, D., 2000, p. 252)
19. Bósnia-Herzegóvina pós-Dayton / fluxo de refugiados sérvios – 1996 (JUDAH, 1997, p. 303)
20. Kosovo – protetorado internacional (ALENCAR, 1999, p. 13)



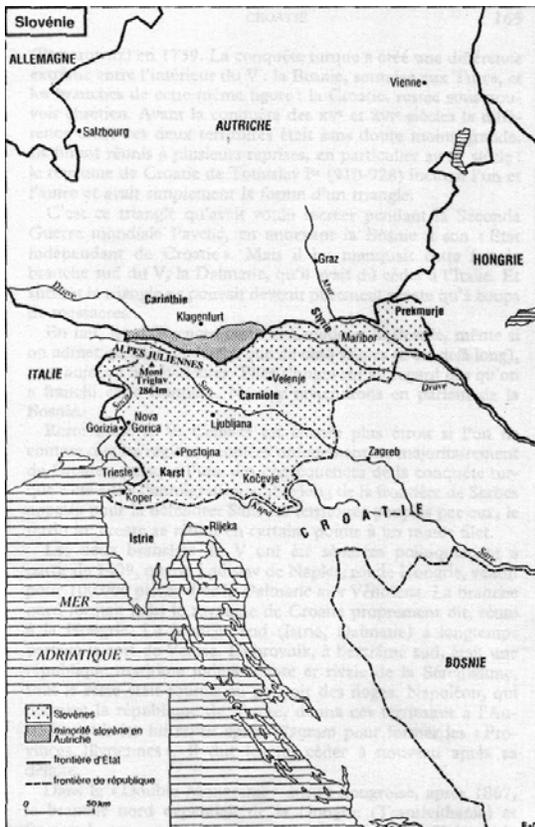
MAPA 3



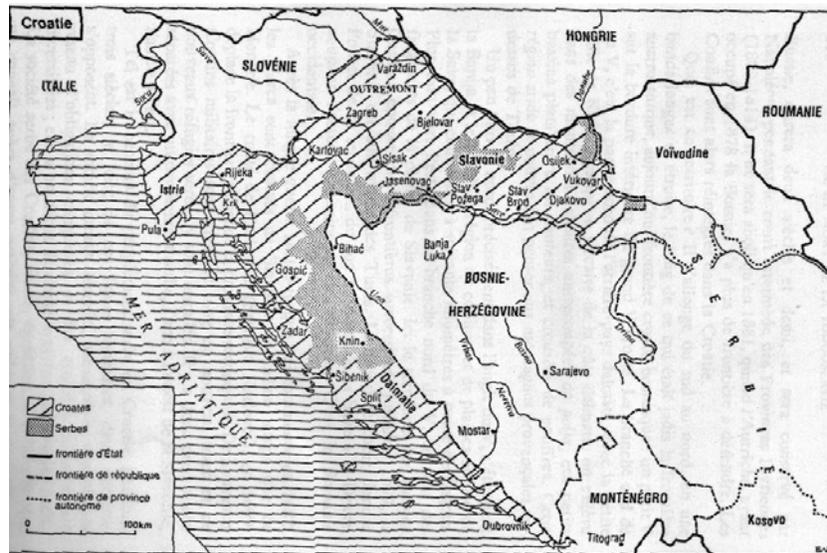
MAPA 4



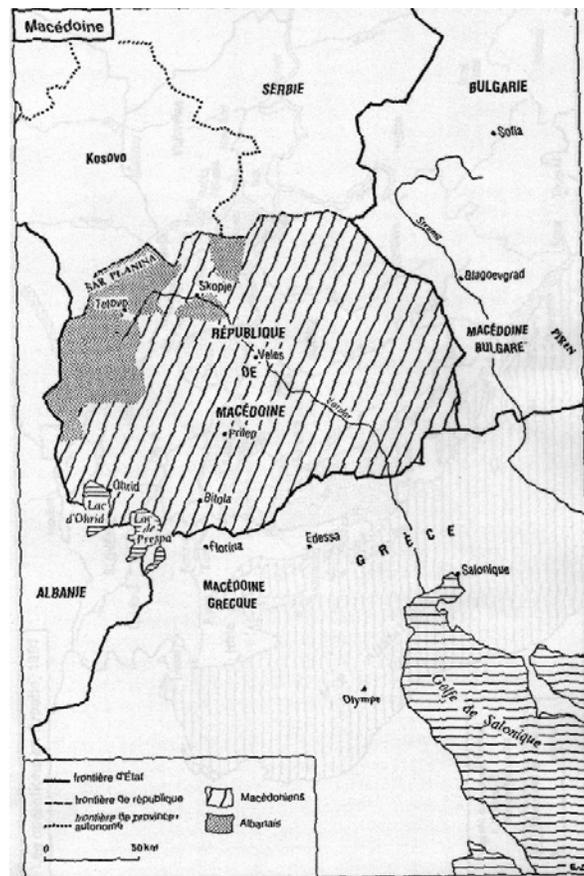
MAPA 5



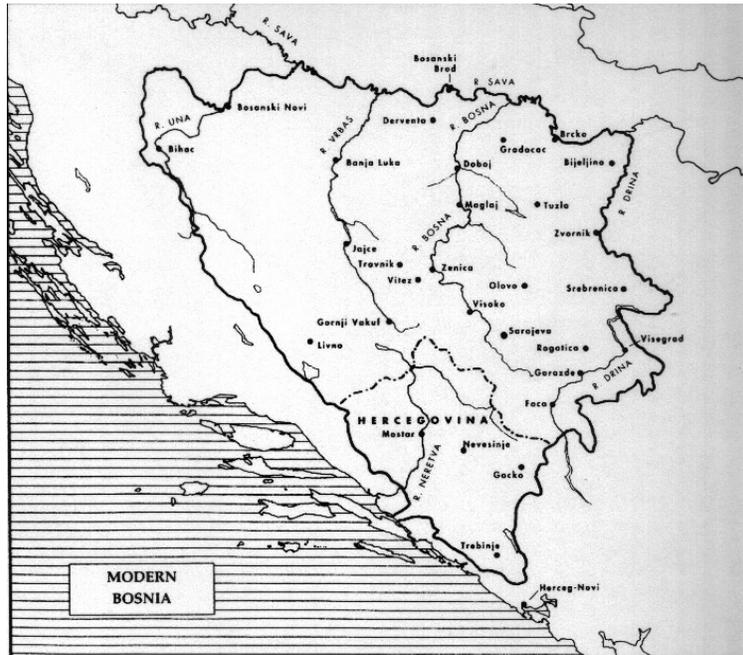
MAPA 6



MAPA 7



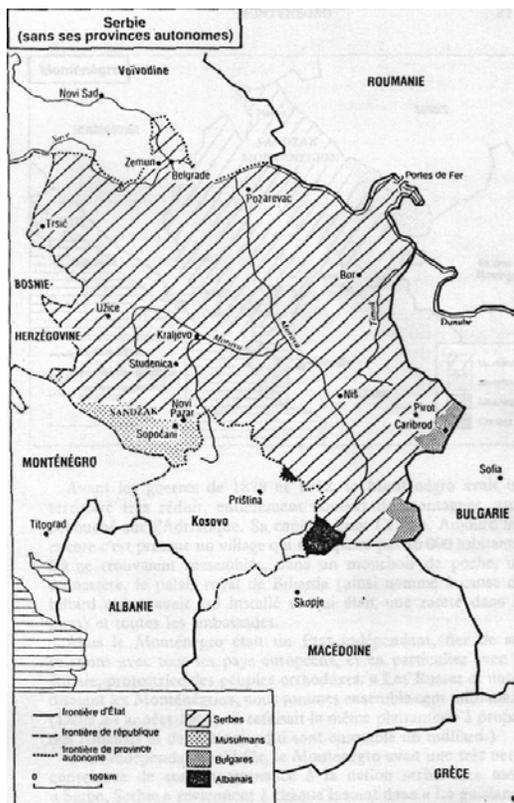
MAPA 8



MAPA 9



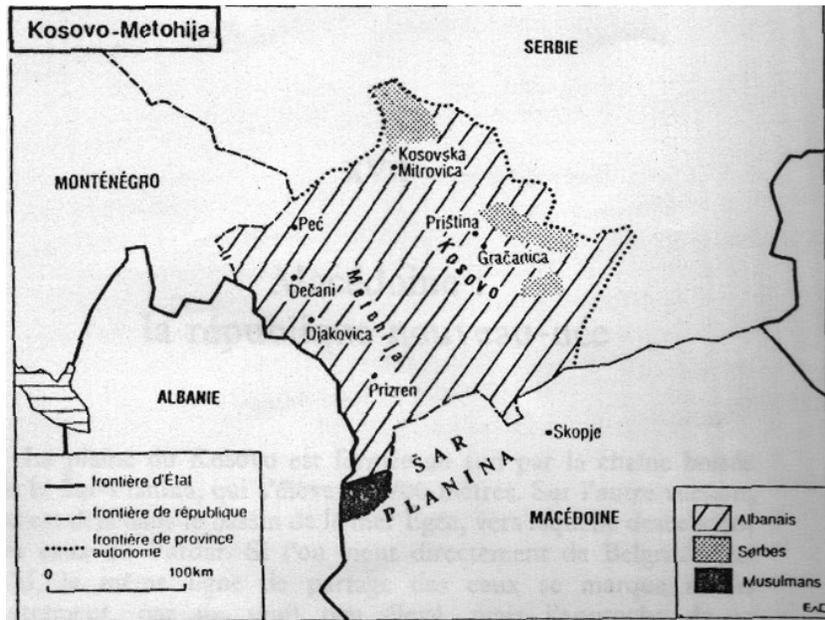
MAPA 10



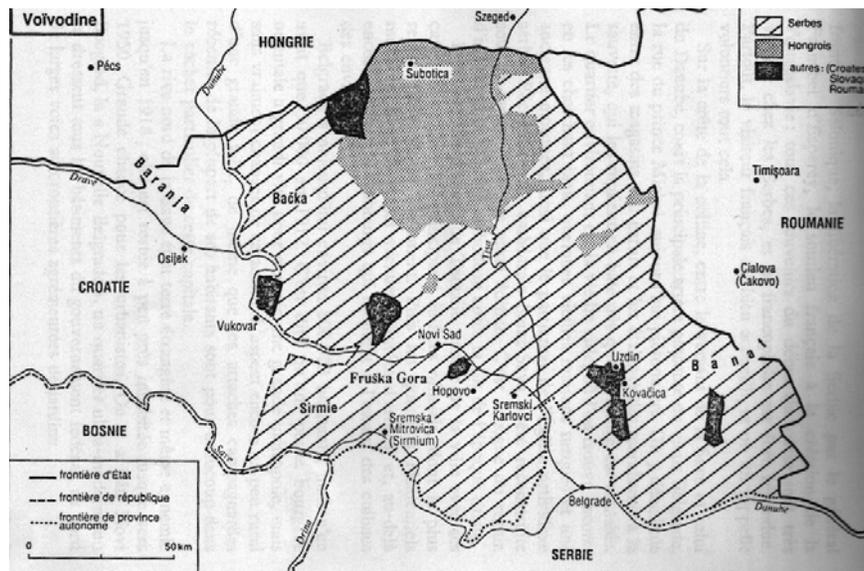
MAPA 11



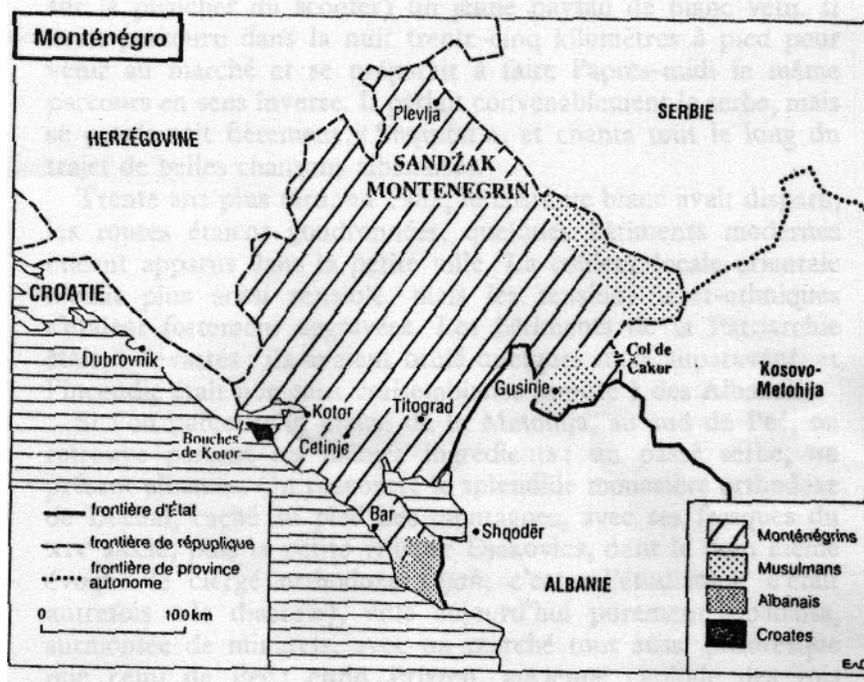
MAPA 12



MAPA 13



MAPA 14

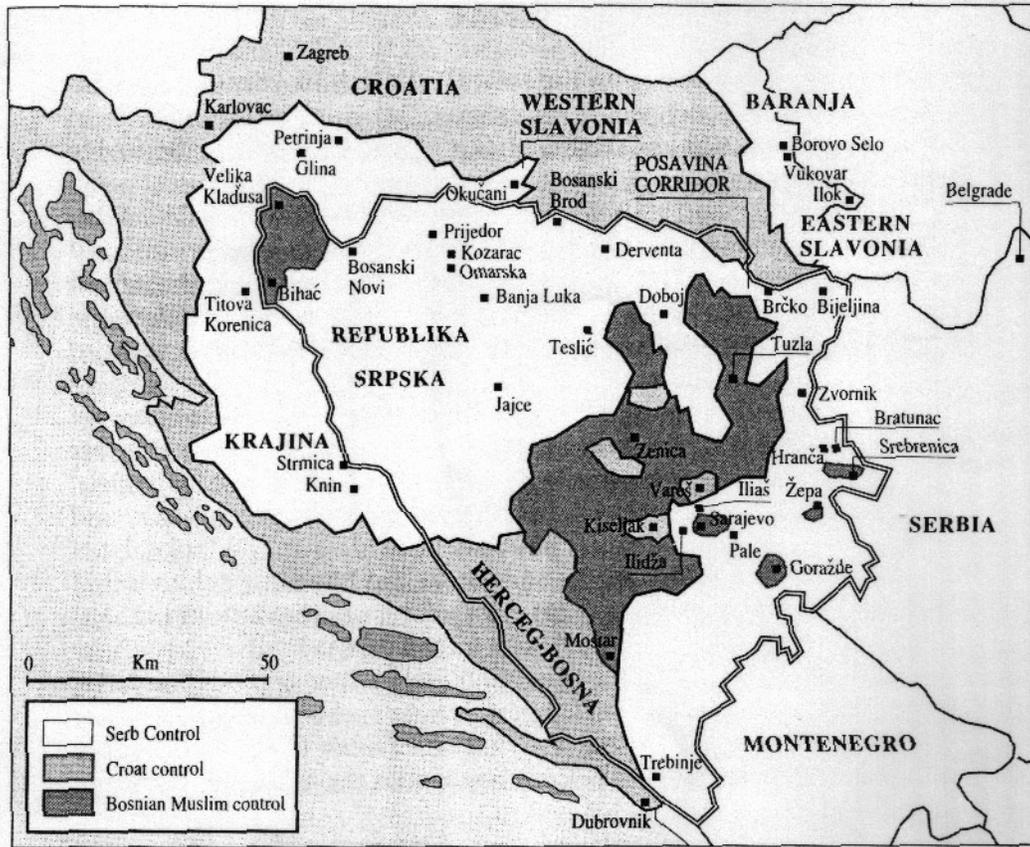


MAPA 15



Map 2 The Republic of Serbian Krajina, 1991-95.

MAPA 16



1992-1995: Krajina and Republika Srpska



KEY

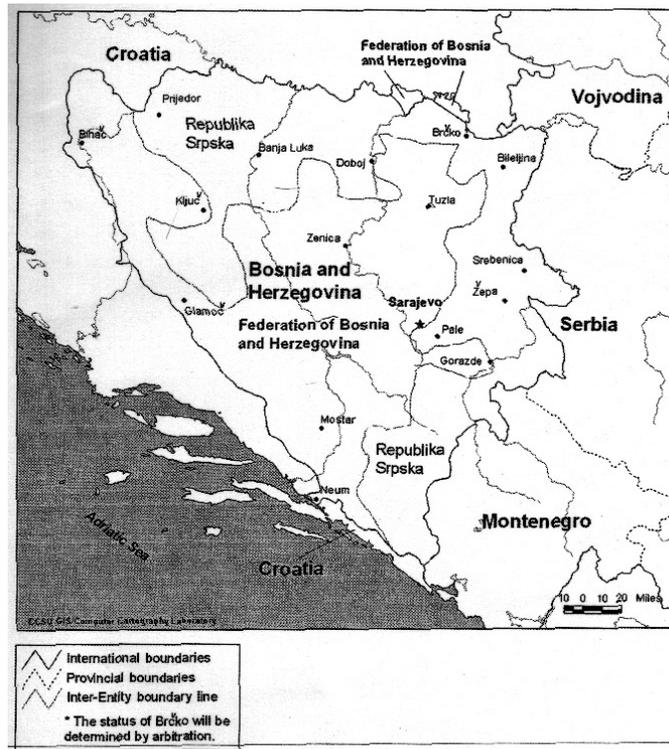
- State borders and Vance-Owen borders
- Pre-war district borders (*općine*)

The Ten Vance-Owen Provinces

- | | |
|---|---|
| 1. Predominantly Moslem (Bihać-Cazin) | 6. Predominantly Serb (Šekovići-Pale-Eastern Hercegovina) |
| 2. Predominantly Serb (Bosanska Krajina-Banja Luka) | 7. Tri-partite control (Sarajevo Open City) |
| 3. Predominantly Croat (Posavina) | 8. Predominantly Croat (Mostar-Western Hercegovina) |
| 4. Predominantly Serb (Bijeljina) | 9. Predominantly Moslem (Zenica-Maglaj) |
| 5. Predominantly Moslem (Tuzla-Srebrenica-Višegrad) | 10. Predominantly Croat (Central Bosnia-Tomislavgrad) |

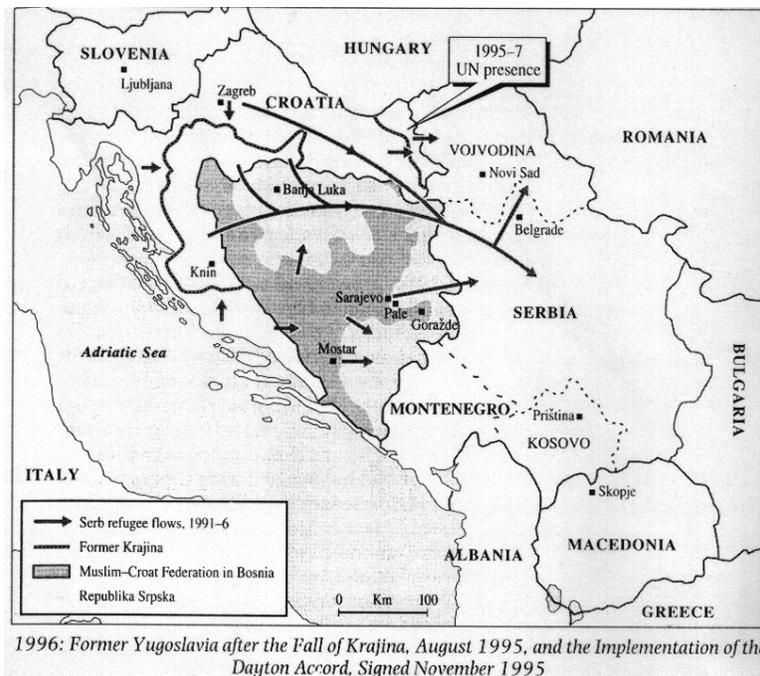
Map of Bosnia-Herzegovina

MAPA 18



Map 5 Post-Dayton Bosnia and Herzegovina

MAPA 19



1996: Former Yugoslavia after the Fall of Krajina, August 1995, and the Implementation of the Dayton Accord, Signed November 1995

MAPA 20

